

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

DANIELA DE PAULA

**USOS E DESUSOS DE PARQUES URBANOS CONTEMPORÂNEOS:
ESTUDO DE CASO PARQUE DA CIDADE – SERRA/ ES.**

VITÓRIA
2017

DANIELA DE PAULA

**USOS E DESUSOS DE PARQUES URBANOS CONTEMPORÂNEOS:
ESTUDO DE CASO PARQUE DA CIDADE – SERRA/ ES.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, área de concentração Cidade e Impactos no Território.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Karla do Carmo Caser

VITÓRIA
2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Setorial do Centro de Artes da Universidade Federal do
Espírito Santo, ES, Brasil)

Cynthia de Andrade Bachir – CRB-6 ES-000485/O

Paula, Daniela de, 1975-
P324u Usos e desusos de parques urbanos contemporâneos :
estudo de caso Parque da Cidade–Serra/ES / Daniela de Paula.
– 2017.

277 f. : il.

Orientador: Karla do Carmo Caser.
Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) –
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes.

1. Espaços públicos – Serra (ES). 2. Parques urbanos. 3.
Avaliação de comportamento. 4. Percepção. I. Caser, Karla do
Carmo. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de
Artes. III. Título.

CDU: 72

DANIELA DE PAULA

**"USOS E DESUSOS DE PARQUES URBANOS
CONTEMPORÂNEOS: ESTUDO DE CASO PARQUE DA CIDADE –
SERRA/ES"**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito
Santo, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em
Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada em 29 de agosto de 2017.

Comissão Examinadora

Prof. Dra. Karla do Carmo Caser
(orientadora – PPGAU/UFES)

Prof. Dra. Daniella do Amaral Mello Bonatto
(membro interno – PPGAU/UFES)

Prof. Dr. Gilton Luis Ferreira
(membro externo – PPGES/UFES)

AGRADECIMENTOS

À orientadora, Prof^a. Dr^a. Karla do Carmo Caser, pela dedicação, apoio, confiança, constante presença e principalmente pelo aprendizado conquistado ao longo deste período do mestrado.

Aos membros da banca, Prof^a. Dr^a. Daniella do Amaral Mello Bonatto e Prof. Gilton Luís Ferreira pelas considerações e contribuições a esta dissertação, e pela participação da Prof^a. Dr^a. Catharina Pinheiro Cordeiro dos Santos Lima durante o exame de Qualificação.

Ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFES e aos professores pela oportunidade e conhecimento adquirido.

Aos colaboradores dessa pesquisa que contribuíram para a sua realização, em especial à arquiteta Tuane Sena Meireles pelo valioso suporte na fase de campo e aos alunos de paisagismo da prof.^a Karla - Larissa, Vitor e Wanderson.

A todos que colaboraram com a disponibilização de material, informações e se colocaram à disposição para as entrevistas, em especial ao Sr. Nagibi, sempre solícito e empenhado em ajudar.

Aos usuários do Parque que voluntariamente cederam seu tempo para participarem desta pesquisa.

Aos amigos, especialmente à Márcia, pelas palavras de incentivo.

À minha família pelo apoio, paciência nos momentos difíceis e compreensão nas ausências. Agradeço a meus pais, irmão e principalmente à minha irmã pela constante força a esta conquista.

Enfim, muito obrigado a todos que de alguma forma contribuíram com esta dissertação!

RESUMO

A partir dos anos 1970/ 1980, o declínio e o esvaziamento dos espaços livres públicos e o surgimento de novas opções de lazer dotadas de conforto e segurança passam a ser comuns nas cidades. Por outro lado, pesquisas recentes têm evidenciado a vitalidade de praças e parques públicos nos quais intervenções físicas associadas a atividades promovidas pela ação de movimentos populares tem contribuído para o resgate do uso desses espaços. Esta pesquisa se fundamenta na importância dos espaços livres públicos destinados ao lazer, em especial dos parques urbanos, para a melhoria do ambiente urbano e da qualidade de vida da população. Tem como objetivo compreender o papel dos parques urbanos contemporâneos utilizando como estudo de caso o Parque da Cidade, situado na Serra – ES. Pretendeu-se, com este estudo, abarcar duas questões-chave: o uso do parque (atividades, perfil dos usuários, locais e horários mais utilizados) e as percepções dos seus usuários (preferências, demandas, expectativas, sensações e significados atribuídos ao espaço). Essa pesquisa adota uma abordagem metodológica mista (qualitativa e quantitativa) e compreende, além da revisão bibliográfica referente a teorias e conceitos sobre espaços livres públicos, parques urbanos e usos e desusos, a utilização de técnicas variadas de pesquisa de campo (mapas comportamentais, entrevistas com pessoas específicas e entrevistas com usuários). A análise de uso do Parque da Cidade/ Serra identificou que ele assume múltiplos papéis e finalidades, atendendo a diferentes perfis de usuários e que apresenta diferenças de atividades e intensidades de acordo com os dias da semana e horários. O contato com a natureza e a tranquilidade do espaço foram os elementos mais valorizados, entretanto o contato com as pessoas e a proximidade de suas residências, além dos equipamentos esportivos (em especial a pista de caminhada), também se mostraram relevantes. Os aspectos mais desfavoráveis foram a segurança e a falta de sombra. Acredita-se que, além destes resultados, as problemáticas e demandas identificadas nas análises poderão fornecer subsídios a futuros projetos de requalificação e contribuir no planejamento de novos espaços.

Palavras-chave: Espaços livres públicos. Parques urbanos. Avaliação de comportamento. Percepção dos usuários. Parque da Cidade/ Serra (ES).

ABSTRACT

Since the 1970s and 1980s, the emptying of public spaces and the emergence of new comfortable and safe leisure options have become usual in cities. On the other hand, recent researches show that popular actions associated with physical interventions and promotion of activities have contributed to the vitality of the parks and squares and its recovery of use. This study is based on the importance of open spaces for leisure, especially urban parks, to improve the urban environment and the population's life quality. It aims to understand contemporary urban parks role, using as a case study the "Parque da Cidade", located in Serra - ES. The intention of this study was to cover two key issues: the use of the park (activities, types of users, places and times most used) and the perceptions by its users (preferences, demands, expectations, sensations and meanings attributed to space). This research adopts a mixed methodological approach (qualitative and quantitative). It includes, in addition to the bibliographical review of theories and concepts about public spaces, urban parks and uses and disuses, the utilization of varied field research techniques (behavioral maps, interviews with specific people and users). The analysis of the use of the "Parque da Cidade/ Serra" identified that it assumes multiple roles and purposes, attending to different types of users and that presents differences of activities and intensities according to the days and times of the week. Contact with nature and tranquility of the space were the most valued elements, however the contact with other people and the proximity of their residences, besides the sports equipment (in particular the walking trail) were also relevant. The most unfavorable aspects were safety and lack of shade. It is believed that, in addition to these results, the problems and demands identified in the analysis can provide subsidies for future requalification projects and contribute to the planning of new spaces.

Key words: Public spaces. Urban parks. Behavior evaluation. User's perception. Parque da Cidade/ Serra (ES).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Projeto do Birkenhead Park, de autoria de Joseph Paxton, iniciado em 1843.	35
Figura 2 – Vista aérea do Birkenhead Park, na Inglaterra.	35
Figura 3 – Sistema de parques de <i>Hausmann</i> , em Paris.	36
Figura 4 - Vista interna do <i>Bois de Boulogne</i> , em Paris, no ano 2008.	37
Figura 5 - Vista interna do <i>Parc des Buttes-Chaumont</i> , em Paris, no ano de 2006. ...	37
Figura 6 - Projeto do Central Park, Nova York.	38
Figura 7 - Vista aérea do Central Park.	39
Figura 8 - Vista interna do Central Park.	39
Figura 9 – Vista interna do Central Park.	39
Figura 10 - Sistema de Parques de Boston (1876 a 1890).	41
Figura 11 - Passeio Público do Rio de Janeiro, início do século XX.	47
Figura 12 – Vista interna do Campo de Santana, Rio de Janeiro.	49
Figura 13 – Planta baixa do Campo de Santana.	49
Figura 14 – Lago do Parque Municipal de Belo Horizonte.	50
Figura 15 – Parque Municipal Américo Renné Giannetti, em Belo Horizonte/ MG, projeto de Paul Villon.	50
Figura 16 – Vista aérea do Parque do Ibirapuera, São Paulo.	52
Figura 17 – Vista aérea do Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro.	52
Figura 18 – Jardim Botânico de Curitiba.	54
Figura 19 - Parque Jardim dos Namorados, Salvador (BA), 1997.	54
Figura 20 – High Line, Nova York.	55
Figura 21 – Praça Victor Civita, em São Paulo.	55
Figura 22 - Localização dos parques municipais de Vitória.	66
Figura 23 - Parque Moscoso, no Centro de Vitória (foto e imagem aérea).	68
Figura 24 - Parque Pedra da Cebola, em Vitória (foto e imagem aérea).	69
Figura 25 – Horto Municipal de Maruípe, em Vitória (foto e imagem aérea).	69
Figura 26 - Praça dos Namorados, em Vitória / ES.	71
Figura 27 - Linha cronológica identificando fases e fatos relacionados a usos e desusos de parques.	86

Figura 28 - Alguns dos monumentos históricos do ES.....	90
Figura 29 – Localização do Município da Serra (cor marrom) na Região Metropolitana da Grande Vitória, e indicação dos acessos principais.....	94
Figura 30 - Mancha urbana do Município da Serra entre 1978 e 1989, destacando as áreas industriais e as ocupações urbanas, e localização do Município na Região Metropolitana da Grande Vitória/ ES.	96
Figura 31 - Geomorfologia do Município da Serra.	100
Figura 32 - Mapa com área urbana e pontos turísticos da Serra.	103
Figura 33 - Mapa com localização das praças, parques, UCs e praias do Município da Serra.....	105
Figura 34 - Parque Jardim Botânico, em Santo Antônio/ Serra.	107
Figura 35 – Mapa com localização de praças no Município de Vitória.....	108
Figura 36 - Praças de orlas: Encontro das Águas (A), em Jacaraípe; e dos Pescadores (B), em Nova Almeida.	110
Figura 37 - Praça da Luz, em Laranjeiras.	110
Figura 38 – Imagem aérea com a localização das praças mais próximas (na cor roxa), situadas num raio aproximado de 1km (mancha avermelhada) do Parque da Cidade (na cor vermelha), outras praças do entorno (na cor amarela) e limite dos bairros.	111
Figura 39 – Praças: Valparaíso (A); e José Gomes da Motta (B), Miguel Ângelo (C) e dos “Correios” (D), em Laranjeiras, respectivamente.	112
Figura 40 - Orla da praia de Jacaraípe, Serra.	114
Figura 41 – Orla da praia de Manguinhos, Serra.	114
Figura 42 - Orla da praia de Nova Almeida, Serra.	114
Figura 43 - Mapa com localização do Parque da Cidade e proximidade às vias relevantes.....	116
Figura 44 - Mapa com divisão de bairros e localização do Parque da Cidade.	117
Figura 45 – Foto aérea onde pode ser visto os bairros Parque Residencial Laranjeiras e Valparaíso (ainda em processo de ocupação), em 198[?].	119
Figura 46 – Foto aérea onde se vê os bairros Parque Residencial Laranjeiras e Valparaíso mais consolidados, em 1998.	119

Figura 47 - Foto aérea do Parque da Cidade e entorno, à época da sua construção (2007-2008).	121
Figura 48 - Foto aérea do Parque da Cidade, em 2016.....	124
Figura 49 - Mapa com setorização do Parque da Cidade.....	133
Figura 50 - <i>Walkthroughs</i> realizado com lideranças comunitárias.	141
Figura 51 - Mapa com poligonal da área de implantação do Parque da Cidade.	157
Figura 52 - Imagens da Maquete eletrônica do Projeto do Parque da Cidade.	158
Figura 53 - Implantação do Projeto original do Parque da Cidade, desenvolvido em 2006.	160
Figura 54 - Projeto modificado do Parque da Cidade, em 2007.	161
Figura 55 - Desenho ilustrativo para exemplificação entre o projetado e o construído.	162
Figura 56 - Interferências viárias previstas no Parque da Cidade que fazem parte do Projeto de Revitalização de Laranjeiras.	164
Figura 57 - Árvore de Natal instalada na área de eventos do Parque.	167
Figura 58 - Visita ao bromeliário do parque durante as comemorações do Dia Mundial da Água, em março de 2016.	168
Figura 59 - Visita ao bromeliário e viveiro de plantas durante a Semana comemorativa do Dia Mundial do Meio Ambiente, junho 2016	168
Figura 60 - Passagem da Tocha Olímpica pelo Parque da Cidade, em maio de 2016.	169
Figura 61 - Comemorações do dia da Criança, feriado do dia 12 de outubro de 2016.	169
Figura 62 - Evento Serra + Você no Parque da Cidade, no dia 10/06/2016.	169
Figura 63 - Folder do CEPS no Parque da Cidade.....	170
Figura 64 - Imagem aérea do Parque da Cidade, onde se visualizam as vias limites, os acessos e as referências próximas.	172
Figura 65 - Imagem aérea Parque da Cidade (mancha na cor verde), condomínios habitacionais e pontos de referência.	174
Figura 66 - Avenida Norte – Sul, próximo ao Parque (posição A, B e C no mapa da figura 64).	175

Figura 67 - Cruzamento entre a Av. Norte Sul e a Rua Anchieta (posição D no mapa da figura 64).....	175
Figura 68 - Rua Anchieta que interliga a Av. Norte-Sul à Av. Guarapari, por onde se dá o acesso principal do Parque (posição E no mapa da figura 64).....	176
Figura 69 - Rua Santos Dumont (posição F e G no mapa da figura 64)	176
Figura 70 - Avenida Guarapari, em Valparaíso (posição H e I no mapa da figura 64).	177
Figura 71 - Planta baixa do Parque da Cidade e fotos dos equipamentos/ instalações. Fonte: Fotos da Autora, 2017.	181
Figura 72 - Fotos da vegetação do Parque.	182
Figura 73 – Mapa do Parque com indicação do sombreamento em uma manhã (por volta das 9 h) e à tarde (por volta das 15 h), em um dia do mês de maio / 2017.	183
Figura 74 – Parte do degrau do anfiteatro livre de vegetação muito utilizado como assento em função da sombra, ao lado o playground.....	184
Figura 75 – Mesas e bancos ao sol na área de estar, próximo à lanchonete.	184
Figura 76 - Circulação lateral às quadras de esporte onde pode ser visualizado uma vegetação densa sem possibilidade de acesso ao estacionamento situado ao lado deste.	184
Figura 77 – Canteiros do estacionamento, onde pode ser visto diversas espécies, inclusive arbustivas que obstruem a visão e dificultam a passagem.	184
Figura 78 – Equipamentos e instalações danificados, necessitando de reparos (muretas das quadras e bancos).....	185
Figura 79 - Comunicação visual e placas de identificação de espécies presentes no Parque.	185
Figura 80 - Mapas de dia de semana, nos horários das 6 às 10 h, 10 às 16 h e 16 às 22 h.	189
Figura 81 - Pessoas caminhando e correndo na pista interna, em um dia de semana de manhã.	190
Figura 82 - Usuários se exercitando na academia de ginástica, em uma manhã de dia de semana.	190
Figura 83 - Aula de ginástica em uma manhã de dia de semana.	190
Figura 84 - Ocupação de uma das pistas com aula de ginástica.	190

Figura 85 - Garotos jogando bola em uma das quadras, à noite de um dia de semana	193
Figura 86 - Uso da academia de ginástica, à noite em um dia de semana.	193
Figura 87 - Mapas síntese de final de semana, nos turnos da manhã, tarde e noite.	195
Figura 88 - Em uma manhã de sábado, mães e seus filhos se reúnem para um piquenique sob a sombra das árvores ao lado do playground (setor 3).	196
Figura 89 - Apresentação de um grupo de crianças pequenas sob a cobertura da lanchonete, que se encontrava fechada, em um domingo de manhã.	196
Figura 90 - Encontro de alunos sob a sombra das árvores, após competição esportiva no Parque, em um sábado de manhã.	197
Figura 91 - Encontro do grupo Bike Anjo com partida no Parque da Cidade, em um domingo de manhã.	197
Figura 92 - Saída do grupo Bike Anjo para o passeio ciclístico nas ruas do bairro.	197
Figura 93 - Crianças no playground em uma tarde de domingo.	198
Figura 94 - Grupo de adolescentes conversando e jogando cartas, ao lado do playground (setor 3).	198
Figura 95 - Piquenique sobre gramado protegido do sol, no setor 6.	198
Figura 96 - Jovens tocando música e cantando sobre gramado do setor 5.	198
Figura 97 - Comemoração de aniversário infantil sob pergolado do setor 5.	199
Figura 98 - Uso da alameda por crianças e adolescentes andarem de patins e bicicleta.	199
Figura 99 - Utilização da pista por skatista adulto e crianças ao fundo brincando.	199
Figura 100 - Poucos se exercitando na academia; enquanto crianças e adolescentes brincam nos aparelhos, em um sábado à tarde.	200
Figura 101 - Movimentação no playground (setor 3), em um sábado de noite.	201
Figura 102 - Crianças na Academia Infantil (setor 5), em um sábado à noite.	201
Figura 103 - Ocupação da área de estar situada no setor 5, em um sábado de noite.	201
Figura 104 - Jovens jogando futebol em uma das quadras, em um sábado de noite.	201
Figura 105 - Gráfico de distribuição de atividades praticadas, em dia de semana.	206

Figura 106 - Gráfico de distribuição de atividades praticadas, em final de semana.	206
Figura 107 – Gráfico de Avaliação do Parque por grupos de usuários e categorias.	
.....	219
Figura 108 - Mapa da Serra com origem dos entrevistados identificados por grupos de usuários.	233

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro resumo com descrição das classificações propostas para parques norte-americanos.	46
Quadro 2 – Estrutura para elaboração do Roteiro da entrevista com usuário.	146

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Sistematização de algumas categorias de parques.	63
Tabela 2 - Crescimento demográfico dos Municípios da Grande Vitória, de 1950 a 2016.	92
Tabela 3 - Programação do Mapeamento Comportamental (duas etapas).	136
Tabela 4 - Média de usuários por setor na pista de caminhada, nos horários da manhã, final da tarde e noite.	193
Tabela 5 - Matriz de atividades elaborada com base nas observações de uso correspondente a um dia de semana, durante a 1ª. etapa da pesquisa de campo.	202
Tabela 6 - Matriz de atividades elaborada com base nas observações de uso correspondente a um dia de semana, durante a 2ª. etapa da pesquisa de campo.	202
Tabela 7 - Média de usuários registrados por setor para a atividade Caminhada/ corrida, durante a 1ª. e 2ª. etapa de campo.	204
Tabela 8 - Tabela de Categorias das palavras-chave (ALP), por grupos de usuários.	215
Tabela 9 - Tabela com as preferências dos entrevistados, divididas por grupos de usuários.	216
Tabela 10 - Tabela com as demandas por melhoria, divididas por grupos de usuários.	221
Tabela 11 - Tabela com as demandas a realizar, por grupos de usuários.	221

LISTA DE SIGLAS

APA - Área de Preservação Ambiental

APO – Avaliação Pós-ocupação

APP – Área de Preservação Permanente

CST – Companhia Siderúrgica de Tubarão

CVRD – Companhia Vale do Rio Doce

ELP – Espaço livre público

ELPs – Espaços livres públicos

GEO – Departamento de Geoprocessamento

PIB – Produto interno bruto

PMS – Prefeitura Municipal da Serra

RAC – Relação ambiente comportamento

RMGV – Região Metropolitana da Grande Vitória

SEDUR – Secretaria de Desenvolvimento Urbano

SEMMAM – Secretaria Municipal de Meio Ambiente

SEOB – Secretaria de Obras

SEPLAE – Secretaria de Planejamento Estratégico

UC – Unidade de Conservação

SUMÁRIO PRELIMINAR

INTRODUÇÃO.....	15
 CAPÍTULO 1. ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS, PARQUES URBANOS, E USOS E DESUSOS	25
1.1 ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS	25
1.1.1 Conceituando espaços livres públicos.....	25
1.1.2 Tipologias de espaços livres	29
1.2 PARQUES URBANOS.....	33
1.2.1 Origem e evolução no Mundo	33
1.2.2 O Parque Urbano Brasileiro	47
1.2.3 Os parques de hoje no Brasil e no Mundo	53
1.2.3.1 Conceito e tipologias de parques.....	57
1.2.4 Parques no Espírito Santo.....	64
1.3 USOS E DESUSOS.....	72
1.3.1 Declínio x vitalidade dos espaços livres públicos.....	72
1.3.2 Usos e desusos dos parques urbanos.....	77
 CAPÍTULO 2. O ESTADO DO ESPÍRITO SANTO E O MUNICÍPIO DA SERRA	89
2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E EVOLUÇÃO SOCIOECONÔMICA	89
2.2 ASPECTOS FÍSICOS, AMBIENTAIS E OS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DA SERRA.....	99
2.2.1 Espaços livres públicos.....	103
2.3 CONTEXTO URBANO DO PARQUE DA CIDADE	115
 CAPÍTULO 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	125
3.1 ÁREA DE ESTUDOS AMBIENTE - COMPORTAMENTO	125
3.2 ESTRATÉGIA DE INVESTIGAÇÃO E MÉTODOS UTILIZADOS.....	128
3.3 TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA.....	130
3.3.1 Coleta de dados.....	130
3.3.1.1 Mapeamento comportamental	131
3.3.1.2 Questionários	137
3.3.1.3 Entrevistas com pessoas específicas.....	139

3.3.1.4 Entrevistas com usuários	142
3.3.2 Tratamento e análise dos dados	150
CAPÍTULO 4. LEVANTAMENTO DE DADOS DO PARQUE DA CIDADE.....	154
4.1 Histórico do Parque até os dias atuais	154
4.1.1 Concepção e projeto	154
4.1.2 Modificações realizadas e propostas futuras.....	163
4.1.3 Usos incentivados pela gestão municipal.....	165
4.2 Levantamento.....	171
4.2.1 Entorno Imediato.....	171
4.2.1.1 Características físicas	171
4.2.1.2 Percepção do pesquisador sobre o entorno.....	174
4.2.2 Estrutura física (equipamentos/ instalações/ vegetação) e gestão (segurança/ atividades)	177
CAPÍTULO 5. ANÁLISE DOS RESULTADOS DE CAMPO	187
5.1 Observações e mapas comportamentais	187
5.2 Entrevistas.....	209
5.2.1 Motivos de uso e atração ao espaço	212
5.2.2 Palavras- chave e preferências	214
5.2.3 Avaliação e Demandas	218
5.2.4 Origem dos entrevistados e suas relações	231
5.2.5 Uso passado x presente e percepção de mudanças.....	235
5.2.6 Usos institucionais e percepção de segurança	236
5.2.7 Sentimentos e Sensações.....	239
5.2.8 Usos de outros espaços livres de lazer	240
CAPÍTULO 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	243
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	250
ANEXOS.....	262
APÊNDICES	263

INTRODUÇÃO

O crescimento acelerado da população urbana favoreceu o aumento de áreas edificadas para a moradia, indústrias, comércios e serviços nas cidades. Segundo Robba e Macedo (2002), a urbanização acelerada levou à diminuição da quantidade de espaços livres na malha urbana, principalmente nas áreas informais (várzeas, campos e arrabaldes), que foram sendo ocupados gradualmente pelas edificações. Como resultado, os espaços livres remanescentes valorizaram-se e o desenho urbano tornou-se essencial neste processo ao contribuir para a interação do homem com a natureza em locais urbanizados.

Contudo, a reserva e a implantação de espaços livres públicos (ELPs) previstos nos planos urbanísticos e garantidos em legislações vigentes não assegura sua efetiva utilização e usufruto pela população. Percebe-se que alguns espaços são mais utilizados por seus usuários; enquanto outros ficam vazios a maior parte do dia, tornando-se inseguros, perigosos e evitados. Em contraponto à garantia dos espaços livres públicos estabelecidos em lei¹, a qualidade desses espaços passa a ser determinante para seu uso e apropriação. Gehl e Gemzoe (2002) argumentam que parte do não uso dos espaços públicos está ligada ao empobrecimento dos projetos que não acompanham as mudanças sociais. Ao ressaltar a importância de um criterioso projeto, Gehl (2011) indica que a intervenção deveria valorizar o contexto em que se insere, somando a ele aspectos relacionados à adequação funcional, ambiental e estética. Esses autores defendem a importância de fatores a serem trabalhados que favoreçam a vida social coletiva, destacando a restrição do trânsito de veículos e a priorização do espaço do pedestre. Autores como Jacobs (2009), Francis (2003), Carr et al. (1992) e a organização sem fins lucrativos *Project Public Spaces*, defendem que o maior indicativo de sucesso de um espaço público é a apropriação pelo usuário. O tipo de relação afetiva desenvolvida entre a pessoa e o ambiente pode gerar no indivíduo atitudes e comportamentos divergentes ao afirmar que:

[...] a apropriação pode se refletir em atitudes de respeito para com o ambiente, quando assumem um aspecto agradável (positivo) para as pessoas; ou quando tais relações são pouco prazerosas (negativas) envolvendo sensações como alienação e segregação, os esforços de apropriação podem assumir características agressivas (vandalismo,

¹ Em quantidade suficiente ou não, não cabendo aqui esta questão.

invasões ou similares) ou de indiferença (abandono, descuido) (ELALI, 2009, p. 08-09).

Além da má qualidade dos projetos, têm-se evidenciado na contemporaneidade, o agravamento de problemas sociais relacionados à insegurança e violência que afeta a maioria das cidades brasileiras e contribuem para a deterioração da qualidade de vida da população. Aliada a essa questão, a pouca atenção dada ao lazer em detrimento de demandas consideradas básicas ao cidadão como saúde, educação e moradia, a constante escassez de recursos orçamentários e a falta de planejamento e gestão eficiente quanto à conservação, manutenção e efetivação de políticas públicas contribuem para a aparente condição de abandono e falta de manutenção, observados em grande parte dos espaços livres de lazer nas cidades. A falta de identificação entre os espaços públicos e seus possíveis usuários também contribui para o descaso e abandono desses espaços. A participação da população nas decisões que envolvem planejamento, projeto, construção e ações de gestão conjuntas com o poder público são condições essenciais para o sucesso de empreendimentos que se voltam para a necessidade dos seus usuários.

Diante deste contexto, a literatura especializada relata uma tendência de **crise e esvaziamento** dos ELPs nas principais cidades brasileiras. Segundo alguns autores (ALEX, 2011; ANDRADE, JAYME & ALMEIDA, 2009; GOMES, 2009; SILVA, LOPES & LOPES, 2011), o lazer - exercido nos espaços urbanos - vem sendo transferido para espaços privados coletivos (shoppings centers e áreas comuns de condomínios) dotados de conforto e segurança. Segundo eles, questões associadas a desigualdades sociais, atos de vandalismo e violência agravam, ainda mais, a condição de abandono e descaso dos espaços livres públicos.

Em paralelo a esta tendência, experiências envolvendo a participação popular em requalificação de praças, áreas verdes e demais espaços urbanos dos grandes centros têm demonstrado uma **vontade de ocupação e retomada de uso** dos espaços públicos pelos cidadãos em suas vidas cotidianas. Exemplos deste tipo de ação estão presentes em alguns espaços públicos paulistanos como o Largo do Batata, a Praça Roosevelt e nos vários locais onde se defende a construção de áreas verdes de lazer para a população como as propostas para o Parque Augusta e o Parque Minhocão (Elevado Costa e Silva), mobilizados por iniciativa de coletivos populares e organizações não governamentais nos últimos anos.

Além disso, pesquisas acadêmicas recentes também têm evidenciado a **vitalidade** de praças públicas na cidade de Natal/ RN (LIBERALINO, 2011; SANTANA, 2015), que vai de encontro ao discurso de esvaziamento como um fenômeno contemporâneo. A presença de diversos grupos de usuários desempenhando alguma atividade em diferentes horários do dia é que confere aos espaços públicos a vitalidade desejável, tornando-os bem-sucedidos. Para Santana (2015, p.1) a vitalidade urbana é entendida como:

[...] indispensável à saúde e à vida da cidade, constituindo uma linha intermediária entre a apatia e a excitação, ou seja, da “animação” observável em um local, que é entendida como função dos atributos morfológicos e sociais que o caracterizam.

Desde os anos 1960, com Jacobs (2009), até os dias atuais, com Gehl (2013) e a organização sem fins lucrativos *Project Public Space* (PPS), pesquisas que discutem a possibilidade de uso desses espaços e a importância da vitalidade como fundamental à sobrevivência da própria cidade, vêm sendo desenvolvidas. Outros estudos (COOPER MARCUS; FRANCIS, 1990; WHYTE, 2004), baseados em avaliações efetuadas em diferentes tipologias de ELPs em desuso, resultaram na elaboração de diretrizes e recomendações de projetos visando à construção de espaços com maiores potencialidades de uso.

Esta dissertação parte da premissa da importância dos ELPs para a melhoria do ambiente urbano e consequentemente da qualidade de vida dos cidadãos.

Os espaços livres, como as ruas, calçadas, praças, parques têm a função de melhorar a qualidade ambiental das cidades já que em função das suas áreas verdes influenciam no microclima mediante a amenização da temperatura, aumento da umidade relativa do ar e absorção de poluentes, além de incrementar a biodiversidade (OLIVEIRA; MASCARÓ, 2007). Estes espaços contribuem também para o fortalecimento da identidade local de uma cidade ao delimitar as áreas urbanizáveis (SILVA; LOPES & LOPES, 2009).

Além da qualidade ambiental e identidade local, os espaços livres públicos têm como função suprir as necessidades básicas de convivência, recreação e lazer. Oliveira e Mascaró (2007) evidenciam também a relevância dos ELPs para a socialização dos indivíduos, ao ressaltar que:

Os espaços públicos abertos de lazer trazem inúmeros benefícios para a melhoria da habitabilidade do ambiente urbano, entre eles a possibilidade do acontecimento de práticas sociais, momentos de lazer, encontros ao ar livre e manifestações de vida urbana e comunitária, [...] (OLIVEIRA; MASCARÓ, 2007, p.60).

Gehl (2007), Kaplan, Kaplan & Ryan (1998), Korpela et al. (2010), Ryan et al. (2010) e Thompson (2007), mencionados por Viegas, Silva e Elali (2014, p. 306), evidenciam os benefícios sociais e psicológicos advindos do contato com áreas livres e a natureza:

[...] a importância do ser humano usufruir de áreas livres para manter seu equilíbrio físico e mental, em especial as que permitem contato com a natureza, que além de proteger a biodiversidade, funcionam como restauradores da saúde pois afastam os estressores urbanos, alimentam o simbolismo, a liberdade e o prazer.

Chiesura (2004), em seu artigo *The role of urban parks for the sustainable city*, reforça as propriedades sociais e psicológicas benéficas proporcionadas pelos ambientes naturais presentes nos parques urbanos. Para Ulrich (1981), citado por Chiesura (2004), a experiência em parques contribui para a redução do stress, e segundo Kaplan (1983, apud CHIESURA, 2004), fornece uma sensação de paz e tranquilidade, além de auxiliar no relaxamento e na redução de comportamentos agressivos (KUO et al., 1998, apud CHIESURA, 2004). Como benefícios sociais, Chiesura (2004) ressalta que, segundo Coley et al. (1997), a natureza pode incentivar a utilização de espaços ao ar livre, aumentar a integração social e interação entre vizinhos. A mesma autora destaca que ambientes naturais também podem ser vistos como um domínio de experiência ativa proporcionando um sentimento de desafio, privacidade e intimidade.

Os parques urbanos (foco de atenção desta pesquisa), em função dos seus elementos constituintes como a predominância de áreas verdes e a possibilidade de usos diversos para o lazer, são capazes de proporcionar todos os benefícios ambientais, sociais, físicos e psicológicos acima relatados. Contudo, apesar dos inúmeros benefícios e valores associados aos ELPs, muitos parques apresentam-se inadequados ao uso, vandalizados, negligenciados e, muitas vezes, deficientes quanto às reais necessidades dos seus possíveis usuários. Diante desta constatação, Viegas, Silva e Elali (2014) relatam que:

[...] pesquisadores de diversos países têm desenvolvido investigações voltadas para a compreensão e a melhoria dos ELPs, analisando aspectos como condições de conforto, ergonomia, segurança, relações morfológicas/

tipológicas e as várias modalidades de interações pessoa-ambiente que ali acontecem [...] (VIEGAS, SILVA & ELALI, 2014, p. 306)

O Município da Serra, situado no Estado do Espírito Santo, com 553,5 km² de extensão territorial, passou nos últimos anos por significativas alterações em sua estrutura física, ambiental e urbana motivadas pelo acelerado crescimento populacional, econômico e social. Em um curto período de tempo, sua população passou de 17.286 habitantes, na década de 1970 a 409.267 habitantes, em 2010 (IBGE, 2010); com estimativa de 502.618 habitantes em 2017. Essas transformações impactam na necessidade de ampliação da oferta de espaços destinados ao lazer, especialmente de ELPs que atendam às reais necessidades dos seus frequentadores, e da qualificação dos já existentes; evidenciando-se a relevância de estudos voltados para o entendimento e melhoria dos ELPs. É nesse sentido que se justifica a importância desta dissertação.

A escolha do Município da Serra para investigação empírica teve como ponto de partida a experiência de vida particular da autora, onde morou desde a infância e trabalha com projetos de equipamentos urbanos na municipalidade.

A insatisfação com as diferenças de uso observadas de forma generalizada nos diversos ELPs do Município impulsionou esta pesquisa, que buscou compreender os aspectos que favoreciam a utilização de um parque situado no Município da Serra - o Parque da Cidade. Visitas exploratórias realizadas em dias e horários diversificados dos meses de novembro e dezembro de 2015 evidenciaram uma utilização intensa deste parque: pessoas caminhando ou simplesmente passeando, outras praticando esportes e exercícios físicos, além de crianças brincando, parecendo indicar a vitalidade deste espaço.

O Parque da Cidade foi definido como objeto de estudo em função da vitalidade aparentemente observada e pela variedade de usos e equipamentos disponíveis, possibilitando, dessa forma, o entendimento mais amplo da questão do lazer no Município da Serra. Este Parque é um dos dois parques urbanos existentes e em funcionamento na Serra², com maior acessibilidade em função da sua localização mais central no Município. Com aproximadamente 115 mil metros quadrados, é um parque que contempla equipamentos destinados tanto à prática esportiva como

² Além do Parque da Cidade, o Parque Jardim Botânico está situado no bairro Santo Antônio, próximo à Serra Sede, e um terceiro parque – o Parque do Jacaré - encontra-se atualmente desativado.

quadras, pista de caminhada, academia, dentre outros, quanto instalações recreativas como pista de skate, brinquedos infantis, espaço livre reservado para passeio e lazer, além da parte ambiental representada pela Área de Preservação Permanente em seu interior e pelo programa de educação ambiental desenvolvido no Parque.

Diante da situação de uso deste Parque, surgiram alguns questionamentos:

- Qual o papel do Parque para quem o utiliza?
 - O que faz com que as pessoas usem este espaço? O que motiva o seu uso: equipamentos voltados para o esporte, instalações de lazer; serviços ofertados; segurança; contato com a natureza ou com outras pessoas?
 - Como se dá o uso e a apropriação deste espaço? Quais as atividades desempenhadas, quem são seus usuários, quais os lugares preferidos e os horários mais frequentados?
 - Houve mudança no padrão de uso do Parque por parte dos seus usuários?
- As ações de “Revitalização” implementadas pela municipalidade nos últimos anos são percebidas como responsáveis por mudanças na frequência de uso do espaço analisado?
- Quais as percepções e preferências dos seus frequentadores? Quais são as expectativas e demandas por parte dos usuários deste Parque?

A busca por entender esse processo levou à literatura que indica que das tipologias existentes de espaço livre público, o parque é o que permanece com uso frequente, confirmado em pesquisa conduzida pelo grupo Quadro de Paisagismo no Brasil denominada Sistemas de Espaços livres e a constituição da esfera pública contemporânea brasileira (QUAPÁ-SEL),³ ao analisar variados tipos de espaços livres nas 23 cidades brasileiras, desde 2006 (CUSTÓDIO et al., 2011). Diversos autores (COOPER MARCUS; FRANCIS, 1990; JACOBS, 2009; FORSYTH;

³ O projeto de pesquisa Quadro de Paisagismo no Brasil (QUAPÁ), iniciado em 1994 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/ USP), busca desenvolver estudos sobre o paisagismo e a paisagem brasileira. A partir de 2006, o grupo inicia a pesquisa denominada “Os sistemas de espaços livres e a esfera da vida pública contemporânea” (QUAPÁ-SEL) a fim de conhecer e mapear os sistemas de espaços livres das grandes cidades brasileira, suas formas de apropriação e as diversas possibilidades de desenvolvimento da esfera pública, suas características morfológicas e agentes produtores. Teve a participação de vários pesquisadores de diversas cidades. Disponível em: <<http://quapa.fau.usp.br/wordpress/>>. Acesso em: 21 mai. 2017.

MUSSACHIO, 2005; JACOBS, 2009; MACEDO; SAKATA, 2010; CUSTÓDIO et al., 2011) indicam os motivos de uso dos parques, podendo citar alguns que se configuram como hipóteses de uso para o Parque da Cidade:

- a) Por permitir contato com a natureza;
- b) Por permitir contato com outras pessoas;
- c) Pela presença de equipamentos destinados ao esporte;
- d) Pela disponibilidade de espaços livres e instalações destinados ao passeio, à contemplação, e ao lazer;
- e) Em função da presença de comércio, diversidade de usos e favorecimento do entorno na presença de indivíduos no espaço público;
- f) Em função da segurança ou da “sensação de segurança”;
- g) Em função de eventos e atividades promovidas no espaço.

Além destes apontados pela literatura, no caso específico do Parque da Cidade, a municipalidade tem adotado desde meados de 2013 um conjunto de ações e iniciativas apoiadas em um discurso de “Revitalização”. São elas:

- h) Maior incremento na manutenção e conservação de estruturas e instalações do Parque;
- i) Incorporação de usos institucionais (setores administrativos da Prefeitura Municipal) em edificações desocupadas e espaços livres no Parque;
- j) Promoção de eventos relacionados a datas comemorativas, campeonatos infantis e festividades diversas.

O **objetivo** geral desta pesquisa é compreender o papel atual do parque urbano no contexto contemporâneo adotando como estudo de caso o Parque da Cidade - um espaço livre público de lazer aparentemente bem-sucedido em termos de uso, situado no Município da Serra. Mais detalhadamente, pretende-se investigar como se dá a relação da população com o Parque, isto é, como o mesmo está sendo apropriado e como seus usuários o percebem em termos de significados, sensações, preferências, expectativas e demandas.

Essa compreensão da relação com o Parque da Cidade torna-se importante na medida em que fornece elementos que possibilitem adequar o espaço às

necessidades das pessoas, além de servir como subsídio ao planejamento de novos espaços de lazer considerando as demandas identificadas.

Para obtenção dos resultados pretendidos, os **objetivos específicos** são:

- 1) Elaborar revisão bibliográfica das principais teorias sobre as temáticas dos espaços livres públicos e parques urbanos no que se refere a conceito, tipologias, origem e história; além de usos e desusos, diretrizes e recomendações de projeto;
- 2) Elaborar um Inventário do Parque da Cidade: levantando e organizando informações relacionadas à sua contextualização e inserção histórica, ambiental e aspectos socioeconômicos do local, origem e projeto original do Parque, modificações realizadas desde a sua construção, propostas de intervenções físicas previstas, planejamento de ações e programas atuais voltados para o lazer no Parque e demais assuntos referentes ao Parque;
- 3) Identificar a situação atual de uso do Parque da Cidade: as atividades praticadas, o perfil dos usuários, os locais mais frequentados e horários preferidos, assim como a identificação de conflitos e incompatibilidades entre características físicas e uso;
- 4) Identificar as percepções, incluindo significados atribuídos e sensações despertadas, e preferências dos usuários com relação ao Parque da Cidade, além de suas expectativas e demandas para o espaço analisado.

Assim, a **condução metodológica** desta pesquisa se orientou nas seguintes etapas:

1ª. Etapa: Revisão bibliográfica de teorias relacionadas a espaços livres públicos, parques urbanos, usos e desusos baseados em livros, artigos científicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado de pesquisas com assuntos correlatos;

2ª. Etapa: Levantamento de dados para elaboração de um inventário do Parque da Cidade através da obtenção de informações em publicações, sites oficiais e entrevistas com pessoas ligadas à administração e gestão do Parque, além de

representantes das comunidades envolvidas, acesso a arquivos e documentos oficiais, dados de censos, mapas e levantamentos no local;

3ª. Etapa: Identificação da situação de uso do Parque por meio da utilização de mapeamentos comportamentais (RHEINGANTZ et al., 2009; ELALI, 2008) elaborados através de observações de uso sistematizadas no espaço analisado em períodos regulares complementados com observações informais registradas em diários de campo elaborados durante as visitas.

4ª. Etapa: Identificação da percepção, incluindo sensações, significados e preferências, além do conhecimento de expectativas e demandas dos usuários com relação ao Parque por meio de questionários e entrevistas com frequentadores do Parque.

Através de uma abordagem metodológica mista ou de métodos mistos (CRESWELL, 2010), combinou-se técnicas e instrumentos de cunho tanto quantitativo quanto qualitativo em função das duas questões-chave: identificação da situação de uso do Parque e entendimento das percepções dos seus usuários, atreladas ao objetivo principal desta dissertação - a compreensão do papel do parque urbano contemporâneo.

As técnicas e procedimentos adotados nesta dissertação compreendem: levantamentos de arquivos e no local, observações sistematizadas de uso que geraram mapas comportamentais (RHEINGANTZ et al., 2009; ELALI, 2008), registros em diários de campo, registros fotográficos, entrevistas com pessoas específicas ligadas ao Parque, questionários e entrevistas com usuários. Os conceitos metodológicos adotados assim como os procedimentos utilizados serão melhor apresentados no Capítulo 3.

Quanto à estruturação da pesquisa, essa dissertação está organizada em seis capítulos, a partir da introdução. O capítulo 1 intitulado “Espaços livres públicos, parques urbanos, e usos e desusos”, trata do referencial teórico-conceitual acerca dos temas que permeiam essa pesquisa: espaços livres públicos, parques urbanos, e usos e desusos dos espaços. O primeiro tema aborda conceitos relacionados a espaço livre, espaço público e espaço livre público, e suas tipologias identificadas na literatura. Em seguida, o segundo tema apresenta a origem de parques urbanos, o panorama histórico dos parques brasileiros, conceitos, evolução de linhas de projeto

e tipologias de parques, além de um panorama dos parques de Vitória, a capital do Espírito Santo. Finalmente, o terceiro tema traz uma discussão sobre os usos e desusos dos espaços livres públicos, e em especial dos parques urbanos, identificando na história momentos de declínio de utilização e renascimento ou auge dos mesmos.

O capítulo 2, denominado “O Estado do Espírito Santo e o Município da Serra”, é responsável pela contextualização do local onde se insere o objeto de estudo desta pesquisa. São realizados: uma breve contextualização histórica, econômica e social do desenvolvimento do Estado do Espírito Santo e do Município da Serra; uma caracterização do Município da Serra quanto aos aspectos físicos, ambientais e de seus espaços livres públicos; e finalmente uma abordagem do contexto urbano de inserção do Parque da Cidade – objeto de estudo desta dissertação.

Segue-se o capítulo 3, que trata dos procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa. São apresentados conceitos e teorias gerais sobre: estudos das relações ambiente - comportamento, a estratégia de investigação e os métodos de pesquisa adotados, além da descrição das técnicas e procedimentos utilizados incluindo: observações sistemáticas de uso para elaboração de mapeamentos comportamentais, questionários e entrevistas.

O capítulo 4 compreende o levantamento de dados do Parque da Cidade. É abordado o histórico de transformações sofridas pelo Parque desde a sua concepção até os dias atuais (projeto, modificações, usos incentivados pela gestão municipal e propostas futuras), e também uma caracterização do mesmo no que se refere a localização, acessos, entorno imediato, estrutura física e aspectos operacionais.

No capítulo 5, é feita a apresentação e análise dos resultados provenientes da pesquisa empírica conduzida no Parque. Neste, são apresentadas as discussões estabelecidas entre os dados levantados e as teorias elencadas pela literatura de forma a contribuir para a reflexão acerca da temática: uso, apropriação e percepção do espaço na realidade estudada.

No capítulo 6, são abordadas as considerações finais. Por fim, as referências bibliográficas utilizadas nesta pesquisa são apresentadas.

CAPÍTULO 1. ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS, PARQUES URBANOS, E USOS E DESUSOS

Este capítulo tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica sobre as teorias e conceitos relacionados a espaços livres públicos e especificamente a parques urbanos, além de estabelecer uma discussão sobre os usos e desusos tanto dos espaços livres públicos em geral, como de parques.

Assim, este capítulo está dividido em três partes. Na parte 1 (item 1.1), é abordado, inicialmente, o conceito de espaço livre de edificação; em seguida o conceito de espaço público é introduzido nas discussões e, finalmente o termo espaço livre público (designação a ser adotada nesta dissertação) é apresentado. Na parte 2, aborda-se o parque urbano: origem e evolução no Mundo (item 1.2.1), parques no Brasil (item 1.2.2), parques contemporâneos (item 1.2.3), incluindo conceito e tipologias, e panorama de parques do Espírito Santo (item 1.2.4). Na parte 3, são apresentadas as diversas teorias sobre usos e desusos de espaços livres (item 1.3.1), e especialmente dos parques urbanos (item 1.3.2).

1.1 ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS

Ao longo dos anos, as funções exercidas pelos espaços públicos têm se alterado. Fernandes (2012) enfatiza que no passado, os espaços públicos assumiam-se como pontos fundamentais da vida social e política, e atualmente vinculam-se às funções de lazer, ócio e, muitas vezes, ao consumo cultural, desportivo ou alimentar. A noção do que se constitui um parque, por exemplo, pode mudar de acordo com diferentes períodos e respectivas funções desempenhadas por eles.

1.1.1 Conceituando espaços livres públicos

Para falar de espaços livres públicos cabe inicialmente analisar outros dois conceitos, os de espaços livres e espaços públicos.

Schlee et al. (2009) ressaltam que o conceito “espaço livre de edificação” foi abordado inicialmente no Brasil por Miranda Magnoli, a partir da década de 1970, tendo a mesma constituído sua produção científica baseada em formulações desenvolvidas em torno desta definição. Magnoli (2006a, p. 179) considera os espaços livres de edificação “como todo espaço não ocupado por um volume

edificado (espaço-solo, espaço-água, espaço-luz) ao redor das edificações e que as pessoas têm acesso”. Magnoli (1982) citada por Hijioka et al. (2007) ressalta que a diferença entre um espaço edificado e um espaço livre de edificação é a ausência de estruturas edificadas que configurem recintos ou ambientes cobertos e fechados, isto é, a ausência de paredes e tetos.

Enquanto Magnoli enfatiza a característica essencial do espaço livre como espaço não edificado, Macedo (2012, p. 92) destaca a associação recorrente que se faz do termo espaço livre com as áreas verdes, ressaltando a nítida diferença entre os mesmos:

O conceito de espaço livre na cidade normalmente está associado ao das áreas verdes e aos jardins urbanos. No entanto, sua definição o qualifica apenas quanto a sua condição de não confinamento, [...], podendo a ele eventualmente serem agregados outros adjetivos.

Neste sentido, Hijioka et al. (2007, p. 119) afirmam que “o espaço livre pode ser verde (com vegetação), pode ser árido, pode ser alagado e assim por diante”, ou seja, pode ser um jardim, praça ou parque, com vegetação; ou um largo pavimentado (sem a presença do verde); ou um campo de futebol de areia; ou um charco ou uma várzea.

Já Landim (2004, apud SILVA; LOPES & LOPES, 2009), ao contrário de Magnoli e Macedo que evidenciam a condição exclusiva de não confinamento, destaca que o conceito de espaço livre está diretamente relacionado com a sua função desempenhada na cidade. Para o mesmo autor, o espaço livre “é um elemento aglutinador entre os diversos tipos de espaços edificados” que permite a apreensão, compreensão e o uso da forma urbana, cuja função básica seria possibilitar a circulação na cidade (LANDIM, 2004, apud SILVA; LOPES, LOPES, 2009, p. 60). Além da circulação, outras funções primordiais como recreação, composição paisagística e equilíbrio ambiental, são apontadas por Carneiro e Mesquita (2000), como definidoras dos espaços livres. As autoras também ressaltam a presença ou não da vegetação, na conceituação dos espaços livres: “Definem-se os espaços livres como áreas parcialmente edificadas com nula ou mínima proporção de elementos construídos e/ ou vegetação [...] ou com presença efetiva de vegetação [...]” (CARNEIRO; MESQUITA, 2000, p. 24).

Portanto, os espaços livres podem ser as ruas, os jardins, canteiros de vias, terrenos baldios, becos, quintais, assim como as praças, largos, parques; de propriedade pública ou privada. Schlee et al. (2009) citam diversos autores para destacar que:

[...] o termo espaço livre é impregnado de múltiplos significados, sendo, geralmente, associados ao meio urbano no qual se definem pelo perfil de propriedade, acessibilidade ou uso, como públicos ou privados, minerais ou vegetados, associados às funções múltiplas de preservação, recreação, convívio, circulação (MERLIN; CHOAY, 1988; RONCAYOLO, 2002 apud SCHLEE et al., 2009, p. 242 e 243).

Sobre a condição pública do espaço, para Gomes (2002, p. 163 a 164) o acesso universal torna o espaço público um local:

[...]. No qual se processa a mistura social. Diferentes segmentos, com diferentes expectativas e interesses, nutrem-se da co-presença, ultrapassando suas diversidades concretas em uma prática de civilidade. [...] O lugar físico orienta as práticas, guia os comportamentos, e estes por sua vez reafirmam o estatuto público desse espaço (GOMES, 2002, p. 163 e 164).

Gomes (2009) chama a atenção para a característica do espaço público enquanto lugar de todos que por sua vez condiciona normas, ações e condutas ratificando sua condição pública. E defende que o espaço público é todo lugar “onde não haja obstáculos à possibilidade de acesso e participação de qualquer tipo de pessoa” (GOMES, 2009, p. 162). Na mesma linha, Alex (2011, p. 19) afirma que, como públicos entende-se que “são abertos e acessíveis a todos”. Nesse sentido, as ruas, a praça, a praia, assim como cafés, shopping centers, ou mercados, mencionados por estes autores (GOMES, 2009; ALEX, 2011), são também considerados como espaços públicos.

Entretanto, os pesquisadores do grupo de pesquisa QUAPÁ-SEL (Hijioka et al., 2007), trazem um entendimento mais aprofundado sobre a condição do espaço enquanto público. Hijioka et al. (2007) afirmam que o espaço público é estruturado por meio dos seguintes aspectos fundamentais: a questão fundiária (propriedade), a apropriação e a acessibilidade. Entende-se por propriedade pública tudo aquilo que pertence à União, Estado, Município, Autarquias e Fundações públicas. Quanto à acessibilidade, os autores declaram existir diferentes graus: física, cultural, social, por normas e regras, etc. Segundo os mesmos autores, restrições de acesso não podem ser confundidas com as restrições de uso. Para exemplificar essa questão, Hijioka et al. (2007) citam o exemplo de um parque cercado ou um zoológico, de propriedade do Estado, que requer pagamento para a entrada, este não deixa de ser

considerado espaço público, já que as condições essenciais ao espaço público - apropriação e propriedade públicas – são garantidas. Neste caso, existem restrições de uso (horários, pagamentos etc.), mas não restrições de acesso. Hijioka et al (2007) destacam que o potencial de transparência, acessibilidade e visibilidade é maior no espaço público que no espaço privado.

Referente à apropriação, entende-se que todo espaço público (uma praça, por exemplo) é apropriado pela população, contudo a apropriação que se dá em determinados lugares de acesso restritivo, como os shoppings e outros espaços privados, é de característica coletiva. Nesta linha, os espaços privados coletivos não se configuram como espaços públicos, pois a ação que se desenvolve neles é da esfera de vida social e não da esfera da vida pública. Para Queiroga (2006, apud Hijioka et al., 2007, p. 121):

A esfera de vida social atravessa tanto o mundo do trabalho como do ócio, trata-se da vida em grupos sociais relativamente homogêneos, mais numerosos que os integrantes da vida privada e menos heterogêneos que os necessários para a caracterização da esfera como pública.

O sistema de ações desenvolvidos nestes espaços é limitado a determinados grupos sociais, caracterizando estes lugares como espacialidades sociais e não como espaços públicos. Enfim, o termo espaço coletivo para Hijioka et al. (2007, p. 121) só existe sob o domínio privado (fora do espaço fundiário público), onde se processa a esfera de vida social, ou seja, é “uma territorialidade privada com uso social”. Concluindo, o espaço público tem que apresentar essas duas condições essenciais: propriedade pública, e apropriação e uso públicos.

De acordo com este entendimento, os espaços livres públicos são todos os espaços livres de edificação, pertencentes ao poder público (não particulares), e que fazem parte do cotidiano das cidades, como ruas, largos, praças, parques, dentre outros e usufruto de todos. Enquanto os espaços livres privados são aqueles de uso e acesso restrito a seus proprietários, entre eles os quintais de casas, áreas livres comuns dos condomínios e edifícios comerciais. Vale destacar a fala de Macedo (2012, p. 89): “os espaços livres privados, por sua vez, constituem um sistema paralelo e totalmente articulado e interligado, ao menos funcionalmente com o sistema de espaços livres públicos”.

Diante do exposto, adota-se nesta dissertação, o conceito de espaço livre público como o de todo espaço livre de edificação que desempenha determinada função no meio urbano, seja para embelezamento, recreação, circulação, conservação ambiental etc., ou muitas vezes, mais de uma função; sendo de propriedade e uso públicos.

Uma vez discutido os conceitos de espaço livre, espaço público e espaço livre público, parte-se para a abordagem das suas características tipológicas, as quais geralmente estão associados às suas funções exercidas no meio urbano.

1.1.2 Tipologias de espaços livres

Magnoli (2006a, p. 179) afirma que “aos espaços livres de edificação é habitual que se acoplem funções, passando a classificá-los”. As funções indicadas por Clawson (1969, apud Magnoli, 2006a) compreendem, embora, muitas vezes, de uma forma sobreposta ou simultânea: propiciar perspectivas e vistas do cenário urbano; propiciar recreação; proteção ecológica; servir como dispositivo ou influência para a morfologia urbana e reservar áreas sem utilização para usos futuros. Outras funções propostas por Tunnard-Pushkarev, também citado por Magnoli (2006a), define os espaços livres em: produtivos, protetores, ornamentais e recreativos; e de uma forma mais elementar, Charles Eliots (apud Magnoli, 2006a, p. 179) os distingue em espaços “de serviço” e espaços “estruturais”.

Por outro lado, Macedo (1985, p. 16 a 21) considera, além da classificação por funções, a **presença da vegetação** como característica definidora dos espaços livres. Desta forma, adota conceitos como espaços verdes, áreas verdes, áreas de lazer e áreas de circulação, exemplificados abaixo:

Espaços Verdes – Toda área urbana ou porção do território ocupada por qualquer tipo de vegetação e que tenham um valor social. Nele estão contidos bosques, campos, matas, jardins, alguns tipos de praças e parques, etc., enquanto que terrenos devolutos ou quintais não são necessariamente incluídos neste rol. O valor social atribuído pode ser vinculado ao seu utilitarismo em termos de área de produção de alimentos, ao interesse para a conservação ou preservação de conjuntos de ecossistemas ou mesmo de um único ecossistema, ao seu valor estético-cultural e mesmo à sua destinação para o lazer passivo ou ativo.

Área verde – Basicamente, refere-se aos mesmos elementos referenciados anteriormente e ainda designam toda e qualquer área onde por um motivo qualquer exista vegetação. Esse termo também é comumente utilizado para denominar o conjunto de áreas de lazer público de uma cidade, englobando praças, parques, hortos e bosques. Não considero esta última denominação

precisa, pois é sabido que nem todas as praças são áreas de lazer e/ ou necessitam ser ajardinadas para desempenhar seu papel de espaço social [...] o conceito de áreas verdes deve assumir um só significado, o de designar toda e qualquer área plantada, tendo um significado social expressivo ou não; e não deve ser associado a espaços de conservação ou lazer que devem ter denominação específica.

Áreas de Lazer – todo e qualquer espaço livre de edificação destinado prioritariamente ao lazer, seja ele ativo, isto é, uma área para jogos e brincadeiras ou contemplativo, isto é, áreas dotadas de um valor cênico/ paisagístico expressivo em cujo interior o cidadão apenas passeia a pé, montado ou de carro, contemplando o cenário que se descortina ante seus olhos. Todos os parques, praias e praças urbanas estão englobados dentro deste conceito, possibilitando por muitas vezes uma utilização mista, tanto para o lazer ativo, como para o passeio. As praças rotatórias e equivalentes não podem ser incluídas em tal categoria, já que não permitem uma real apropriação e estadia do usuário em seu interior. Paralelamente, terrenos vazios como várzeas de rios [...], utilizados frequentemente pela população para jogos e brincadeiras, podem ser considerados como áreas de lazer, pelo menos enquanto se mantém tal tipo de uso “alternativo”.

Área de circulação – Dentro do contexto urbano, englobam a grande maioria dos espaços livres de edificação de propriedade pública (no caso todo o sistema viário) e parte do sistema privado de espaços, tais como vilas e sistema viário de condomínios. Formalmente se destinam exclusivamente à circulação e acesso de veículos e pedestres [...], as ruas assumem na cidade brasileira um papel complementar, servindo também de espaço de lazer para a população [...].

Para Macedo (2012, p. 92 e 93), a definição de espaço verde se contrapõe à de área verde ao afirmar que o espaço verde é todo aquele estruturado total e predominantemente por vegetação, e que não necessariamente apresenta a totalidade ou predominância de solo permeável; ao contrário da área verde onde a vegetação deve estar situada em “solo permeável”. O autor exemplifica esta diferença utilizando como exemplo uma rua arborizada, onde o volume das copas das árvores a caracteriza como um grande espaço verde, mas não necessariamente uma área verde (permeável) significativa. Neste sentido, Macedo (2012) defende que são espaços verdes todos os espaços dos parques públicos, na medida em que são estruturados morfologicamente por vegetação (uns mais outros menos), em especial pelas massas arbóreas e arbustivas.

Baseado predominantemente no **aspecto funcional** dos espaços, o grupo de pesquisa “QUAPÁ-SEL” propõe uma classificação para os espaços livres das cidades brasileiras estudadas (CUSTÓDIO et al., 2011)⁴. Para estes autores, os

⁴ Primeiros resultados publicados do projeto de pesquisa intitulado “Os sistemas e espaços livres e a constituição da esfera pública contemporânea no Brasil – QUAPÁ-SEL”, realizado entre os anos de 2006 a 2011, autoria dos pesquisadores Vanderli Custódio, Ana Cecília de Arruda Campos, Silvio Soares Macedo e Eugênio Fernandes Queiroga.

tipos de espaços livres são os mais diversos possíveis, podendo ser agrupados em três grandes tipos-padrão: 1) espaços de circulação, convívio, lazer e recreação; 2) espaços de preservação ou conservação ambiental; e 3) espaços livres relacionados a usos específicos. Esses tipos podem apresentar funções mais complexas ao assumir variados papéis ou sobrepostas em um único exemplar. A classificação mais detalhada elaborada por Custódio et al. (2011, p. 24 a 28) considera as seguintes categorias de espaços livres:

- a) de caráter ambiental (áreas de preservação, corpos d'água, matas, encostas, dunas, manguezais, bosques urbanos, florestas urbanas);
- b) das práticas sociais (mirantes, pátios, recantos, jardins, largos, escadarias, praças, parques, calçadão, praia urbana, quadras esportivas, campos de futebol de várzea, piscinão, piscinas públicas);
- c) dos espaços livres de circulação e pedestres (calçadas, ruas, avenidas, vielas, alamedas, escadaria/beco, canto de quadra, estradas, estacionamentos, refúgios, vias parque, ciclovia, caminhos de pedestres, calçadão de área central ou caráter turístico);
- d) dos espaços livres associados aos sistemas de circulação (canteiros centrais e laterais; rotatórias, baixos de viadutos, faixas de domínio, taludes, trevos, sobras do sistema viário, praças viárias, redes de ciclovia);
- e) dos espaços livres associados à infraestrutura urbana (margens de reservatório, estações de tratamento de água e esgoto, reservatório de água, linhas de alta tensão, adutoras, bacias de detenção/ retenção, viela sanitária, aterro sanitário);
- f) de espaços livres associados a edifícios e entidades de serviços públicos (campus universitário, cemitérios, centro administrativo, esportivo ou recreativo, museu, escola, hospital e centro de saúde, centro cultural, parques temáticos, aeroporto);
- g) de espaços livres privados de uso coletivo (parques, lajes de moradias, praças, jardins, pátios, parques de bolso, centros campestres, clubes, centros de compras);
- h) de espaços livres privados (pátios, jardins, bosques, quintais);
- i) e outros, com ou sem vegetação significativa, produtivos ou não (áreas de reflorestamento, viveiros, chácaras, pesqueiros, pastos, horta, sítios, haras, espaços livres industriais, terrenos não ocupados).

Além dos atributos funcionais, os espaços livres podem ser classificados por meio de atributos **físicos** (localização, distribuição, permeabilidade física e visual, e qualidade paisagística); atributos **psicológicos** (legibilidade e apropriação); atributos **ambientais** voltados para a manutenção de dinâmicas ecológicas, amenização de temperatura, controle do clima, estabilização do suporte físico, preservação de matas e de vegetação de porte; e atributos **estéticos**, em função da sua expressão cultural. Uma estrutura de classificação dos espaços livres baseada nos atributos

dos espaços proposta pelo grupo QUAPÁ-SEL RJ (BAHIANA et al., 2011; MIRANDA, 2014) baseada nos conceitos e métodos adotados por Miranda Magnoli e pelos pesquisadores do grupo QUAPÁ-SEL FAU/USP, divide o conjunto dos espaços livres em: 1) espaços de caráter ambiental; 2) espaços de caráter urbano e 3) espaços de caráter rural. Os espaços de caráter ambiental compreendem as unidades de proteção integral e as unidades de uso sustentável; espaços de caráter urbano são classificados em espaços destinados à circulação, à permanência, à infraestrutura e espaços residuais; e os espaços rurais podem ser agrupados em de uso recreativo, uso industrial e agropastoril, e de uso extrativista. Estes subtipos se relacionam aos aspectos voltados para a caracterização, legislação, situação fundiária e gestão, acessibilidade, práticas sociais, atributos paisagísticos, perceptivos e socioculturais.

Outra classificação mencionada por Miranda (2014) diz respeito à proposta por Kelly e Becker (2000) que divide os espaços em **escalas**: 1) espaços públicos de vizinhança, 2) de bairro e 3) municipais, de acordo com hierarquia, aspectos tipológicos e funcionais.

A classificação por tipos pode, portanto, basear-se em diversos atributos, como escala e níveis de abrangência, características físicas, estéticas, ambientais, culturais e outras, mas o que se percebe é que estes atributos são complementares ao principal critério definidor do espaço livre – sua função na cidade, que permite determiná-los como lugares de circulação, de permanência, de embelezamento, de conservação de bens naturais, assumindo, muitas vezes, duplas, múltiplas ou complexas funções. Estas classificações não são fechadas, permitindo-se que sejam adaptadas e complementadas em função de análises mais complexas efetuadas pelos pesquisadores.

Parques se incluem de acordo com sua função na categoria das práticas sociais, com relação a presença ou não de vegetação são espaços verdes ou áreas de lazer; e de acordo a escala podem ser parques de vizinhança, de bairros ou setoriais/distritais. O Parque da Cidade se enquadra em parque de bairro para alguns autores ou parque setorial/ distrital ou municipal para outros, como será melhor explicitado na seção 1.2.3.1. Estas diferentes formas de categorização serão úteis para analisar

o papel do Parque da Cidade de acordo com suas funções, usos, características físicas e de relação com o entorno.

O conhecimento da origem dos parques e da sua evolução histórica a ser abordado a seguir possibilitará um maior entendimento sobre conceitos e finalidades atribuídos a esta tipologia de espaço livre público.

1.2 PARQUES URBANOS

1.2.1 Origem e evolução no Mundo

Os jardins públicos considerados como “fragmentos da natureza” na vida das cidades (SEGAWA, 1996, p. 21), surgiram na Europa e nos Estados Unidos nos séculos XVI e XVII (período renascentista), representando uma nova mentalidade no mundo ocidental, principalmente em torno da “revolução científica”. A natureza, até então, valorizada em gravuras e pinturas, passa a ser incorporada gradativamente ao cotidiano das pessoas por meio do cultivo de plantas, árvores, flores e jardins, tornando-se hábito comum à população da época. Observada em forma de jardins, a natureza já era comum nos espaços privados, como claustros conventuais e palácios reais e da nobreza. Entretanto, além do aspecto ornamental, o jardim torna-se a partir do século XVI o lugar apropriado para a reflexão espiritual, local de privacidade e meditação (SEGAWA, 1996).

Garvin (2011) destaca que a origem dos parques urbanos remonta aos séculos XVII e XVIII, principalmente a partir do término da Revolução Francesa, quando propriedades da família real ou de nobres europeus foram abertas ao público para fins recreativos. Jardins reais e áreas de caça, destinados ao usufruto de poucos, foram transformados em parques públicos e tornaram-se os precursores dos atuais parques urbanos. Panzini (2013) relata que propriedades de Roma, como a *Vila Medici* e a *Vila Borghese*, foram abertas ao público no final do século XVI; e em outras capitais européias, as reservas de caça do *Hyde Park* (1536) e do *St. James's Park* (1532), em Londres; *Tiergarten*, em Berlim (oficialmente aberto em 1649) e, o jardim real das *Tulherias*, em Paris, reformulado entre 1666 e 1671 por Andre Le Nôtre, foram também abertos à população.

Segawa (1996) afirma que a partir da abertura dos parques, o jardim, até então confinado em palacetes e conventos, passa a ser passarela das grandes

transformações sociais que se processam no final da Idade Média com a expansão das classes mercantil e burguesa. O autor ressalta que as mudanças se refletiram, além dos aspectos físicos e ambientais dos espaços, também nas formas de “ver e ser visto [...], fazer-se público de sua presença, exhibir pompa, ver homens e mulheres bem vestidos e bonitos, contar e ouvir novidades, assistir a apresentações musicais [...]”, o que implica também no aceite de normas de conduta e imposição da sociabilidade (SEGAWA, 1996, p. 46). Segundo Scalise (2002), os modelos paisagísticos dos parques ingleses do século XVIII, descritos por Laurie (apud Miranda, 2014, p. 49) “com suaves ondulações e a simulação de uma natureza campestre”, transformaram-se em fontes de inspiração para o parque urbano deste período.

Garvin (2011) afirma que o complexo de parques reais de Londres, como o *Green Park* (1668) e o *Kensington Gardens* (1689), além do *Hyde Park* e do *St. James*, também foram abertos ao público a partir de grandes modificações estruturais, incluindo drenagem de pântanos e criação de lagos. O *Regent's Park*, criado entre 1535 e 1539, foi arrendado para a nobreza como área de caça até 1811, quando foi reformulado, passando a fazer parte de um empreendimento imobiliário privado que visava a valorização fundiária da propriedade na parte noroeste da capital londrina. Essa foi uma das iniciativas pioneiras de especulação imobiliária envolvendo a criação de parques.

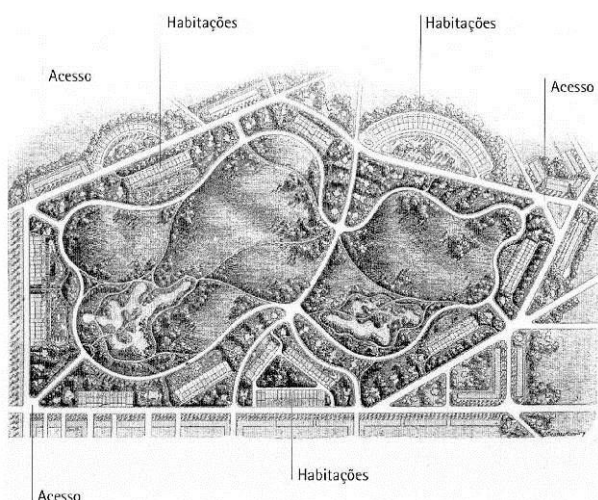
A demanda por novos parques de uso público surgiu da necessidade de melhorar as condições de vida da população, que havia se multiplicado no início do século XIX, impactando no aumento de congestionamentos e de pessoas morando em condições deploráveis e de forma insalubre (GARVIN, 2011). As práticas sanitaristas, muito primitivas, aumentavam os riscos de epidemias e doenças. Os parques eram vistos como instrumentos à promoção da saúde pública, redução de comportamentos antissociais e oferta de lugares para atividades de lazer. Neste sentido, Segawa (1996) afirma que a implantação de parques passou a ser considerado como uma necessidade pela qualificação estética e pela busca de higienização.

Até então, os parques não surgiam de espaços originalmente adquiridos e projetados para finalidades recreativas. A criação do *Victoria Park* (1844), na região

leste de Londres; e em seguida do *Birkenhead Park* (1847) (figuras 1 e 2), localizado na cidade de Liverpool, representaram o marco na era de parques com terras adquiridas e projetados especificamente para esta finalidade. Garvin (2011) afirma que os dois empreendimentos foram financiados com a venda de casas e terrenos de áreas do entorno reservadas pelo governo britânico para a especulação imobiliária. *Birkenhead*, com 500.000 m², foi o primeiro parque projetado especificamente para a recreação e legalmente aberto ao público. Sobre seu projeto, Garvin (2011, p. 24, tradução nossa) destaca:

Birkenhead teve pouco sucesso como veículo de desenvolvimento imobiliário e seu projeto teve pouco impacto no futuro de parques, entretanto é reconhecida sua importância como primeira propriedade adquirida pelo governo local e projetada para a recreação pública com acesso universal sem nenhum custo.

Figura 1 - Projeto do Birkenhead Park, de autoria de Joseph Paxton, iniciado em 1843.



Fonte: Jellicoe e Jellicoe (1987) apud Alex (2011), p. 67.

Figura 2 – Vista aérea do Birkenhead Park, na Inglaterra.



Fonte: Disponível em <http://www.liverpoolecho.co.uk/news/birkenhead-park-death-still-being-9276832>. Acesso em 08 fev. 2017.

Na segunda metade do século XIX, a inserção de parques em estruturas urbanas se destaca na Europa, segundo Kliass (1983, apud Miranda, 2014), com o plano de urbanização do Barão de Haussmann, em Paris (figura 3). As reestruturações urbanas previstas em Paris compreendiam a criação de um sistema de parques constituídos por áreas verdes definidas tipologicamente por suas dimensões e

funções: parques regionais (de dimensões maiores, destinados à metrópole), parques distritais (de dimensões menores, alocados nos bairros ainda em formação) e praças (*squares*, dispostas no tradicional centro histórico), integrados por grandes avenidas arborizadas (*boulevards*).

Figura 3 – Sistema de parques de *Hausmann*, em Paris.



Fonte: Garvin (2011), p. 24.

Segundo Garvin (2011), a intenção era transformar a antiga cidade medieval em uma expansiva metrópole moderna e industrial, eliminando as mazelas insalubres e outros impedimentos à urbanização. O autor destaca os benefícios provenientes com a inserção de parques no plano urbanístico parisiense:

O plano de Haussmann mostrou como utilizar o espaço público, especialmente parques como a característica central dos vastos esforços de desenvolvimento urbano, usando parques para prover maiores investimentos para a urbanização de Paris, estruturar seu desenvolvimento, evitar a congestão da cidade e garantir oportunidades de recreação para a população que, de outra forma não teria sem eles (GARVIN, 2011, p. 24, tradução nossa).

Os parques regionais, o *Bois de Boulogne* (figura 4), com 8.400.000 m², e o *Bois de Vincennes*, com 9.950.000 m², foram criados a partir de propriedades da Coroa. Os três parques de bairro, o *Parc Monceau* (reformado em 1861) com 82.000 m², o *Parc des Buttes-Chaumont* (figura 5) com 250.000 m² (iniciado em 1864) e o *Parc Montsouris* (1867) com 150.000 m², possuíam um caráter romântico e cenário extremamente pitoresco (PANZINI, 2013; GARVIN, 2011). As várias praças

(*squares*), com dimensões entre 1.000 m² a 26.000 m², tornaram-se posteriormente os conhecidos parques de vizinhança, que além de garantir uma ambiência agradável à vizinhança, valorizavam os terrenos e propriedades do entorno (GARVIN, 2011).

Figura 4 - Vista interna do *Bois de Boulogne*, em Paris, no ano 2008.



Fonte: Garvin (2011), p. 26.

Figura 5 - Vista interna do *Parc des Buttes-Chaumont*, em Paris, no ano de 2006.

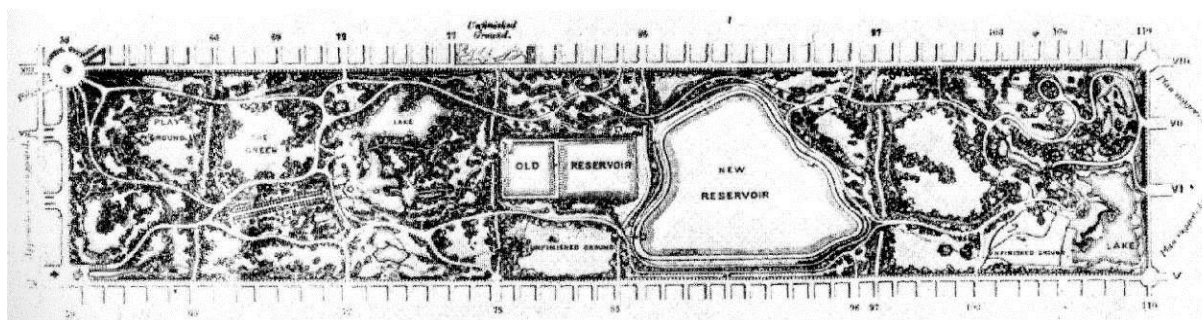


Fonte: Garvin (2011), p. 27.

Nos Estados Unidos, cidades como Nova York por volta de 1850, assim como Londres e Paris, destaca Alex (2011), eram sujas, barulhentas e congestionadas, apresentando péssimas condições de moradia e trabalho, e eram constantemente ameaçadas por incêndios e epidemias. Apesar disso, as cidades cresciam rapidamente, principalmente com a vinda do grande contingente de imigrantes. A construção de um grande parque público urbano passou a ser a resposta aos problemas da cidade, como ressalta Alex (2011).

Indicado em 1857 como superintendente responsável por administrar as obras do parque dada a sua desenvoltura como escritor (jornalista), a familiaridade com o movimento *Picturesque* e com os parques europeus (principalmente com o *Birkenhead*), Frederick L. Olmsted (1822-1903), em parceria com o arquiteto inglês Calvert Vaux, veio a desenvolver, em outubro do mesmo ano, uma proposta de projeto que se tornaria a proposta vencedora do Central Park (ALEX, 2011; GARVIN, 2011) (figura 6), construído entre 1856-1857.

Figura 6 - Projeto do Central Park, Nova York.



Fonte: Jellicoe e Jellicoe (1987, apud ALEX, 2011, p. 67).

Implantado fora do perímetro urbano da cidade, o parque nova-iorquino tinha a intenção de atender à demanda por lazer dos cidadãos, mas também valorizar os bairros do entorno que se desenvolveriam na região. Em um retângulo de aproximadamente 4.000 metros por 850 m (totalizando 3.400.000 m²), inserido na malha quadriculada da cidade, o *Central Park* (figuras 6, 7, 8 e 9) é acessado pelas esquinas e por entradas espaçadas ao longo das ruas laterais. Aproveitando a irregularidade do sítio e a presença de lagoas e afloramentos rochosos, a proposta do projeto compreendia a criação de uma coleção de ambientes pitorescos com lagos, bosques, pedras irregulares, pontes, mirantes, dentre outros, prevendo a separação nítida dos percursos de veículos, charretes e pedestres (PANZINI, 2013). Além disso, em seu interior um grande reservatório de água o dividia em dois setores, sendo cortado por quatro vias rebaixadas que resguardavam a integração com o entorno (ALEX, 2011).

Os lagos e cursos d'água foram idealizados para servir como cenários assim como nos parques europeus, mas também para o desempenho de diversas atividades como pesca, passeio de barco, esquiar no gelo por milhares de pessoas dado a sua magnitude (GARVIN, 2011). Panzini (2013) destaca que o *Central Park* (figura 7, 8 e 9) foi um grande sucesso de frequência, destacando-se pela paisagem

exuberante e pitoresca e se impondo como ícone da cidade, favorecendo o desenvolvimento de bairros de alta qualidade arquitetônica nos seus arredores.

Figura 7 - Vista aérea do Central Park.



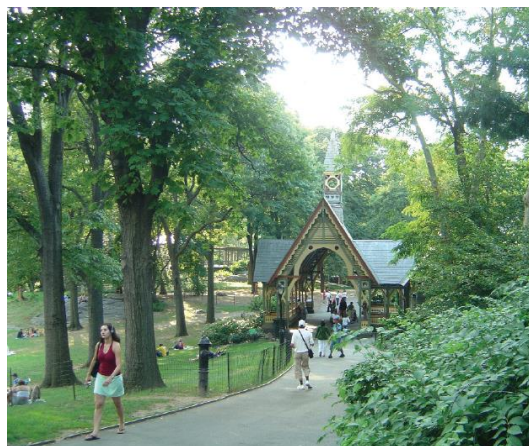
Fonte: disponível em <<https://www.khanacademy.org/humanities/art-americas/us-art-19c/us-19c-arch-sculp-photo/a/olmsted-and-vaux-central-park>>. Acesso em: 09 mai.2017.

Figura 8 - Vista interna do Central Park.



Fonte: Crédito Silvio Soares Macedo. Magnoli (2006b, p. 202).

Figura 9 – Vista interna do Central Park.



Fonte: Crédito Silvio Soares Macedo. Magnoli (2006b, p. 206).

Atualmente, o Central Park oferece uma extensa gama de atividades para o lazer dos moradores e turistas de todas as idades, como zoológico, pista de patinação no gelo, teatro, museu, beisebol, basquete, circuito para a prática de caminhadas e corridas, espaço reservado para passeio com os cachorros, xadrez, dama, pescaria, restaurantes, etc.

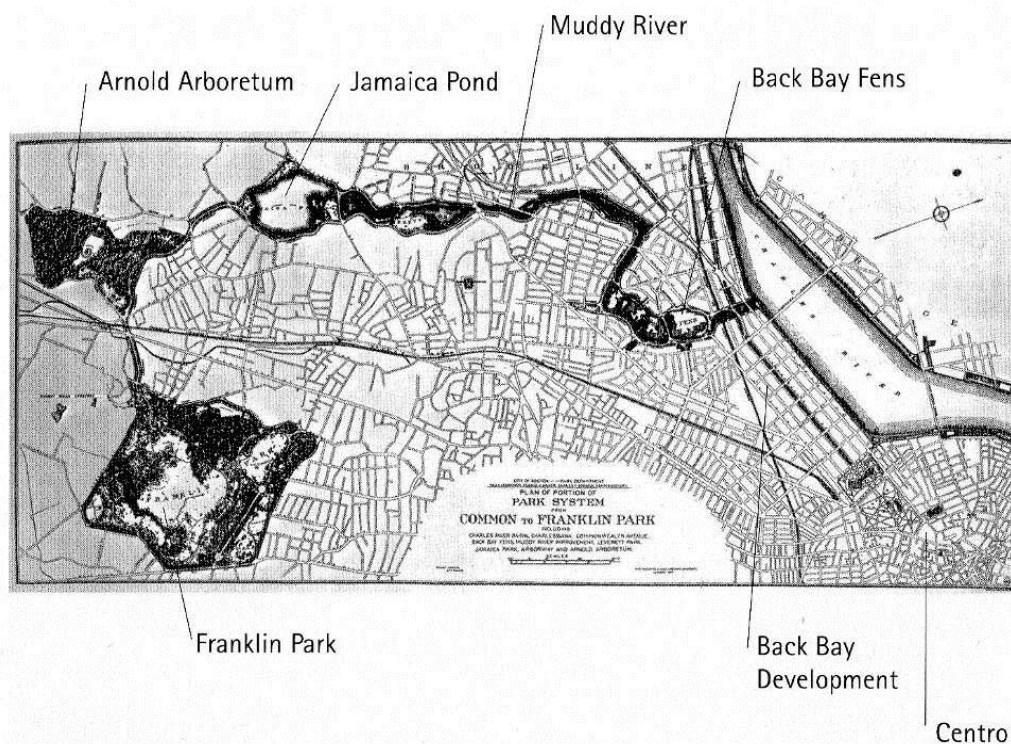
Magnoli (2006b), comparando o Central Park com os parques europeus, destaca a importância deste parque em termos de porte e variedade de atividades e usos ao afirmar que:

O primeiro sistema de parques desenhado para Paris, não teve como critério fundamental a utilização pela população. É em Nova York, com o Central Park, que se implanta o maior parque público que seria desenhado com critério, na época, julgado de necessidade da população urbana,

Já Alex (2011) destaca a importância dos espaços verdes de Haussmann, em Paris (compreendendo boulevards, praças e parques distribuídos na cidade, e totalizando área equivalente ao Central Park), que por estarem distribuídos pela cidade, contribuem de forma mais eficaz para a qualidade ambiental no meio urbano, interferindo de forma mais positiva e extensiva na vida cotidiana das pessoas.

Nos Estados Unidos, Olmsted liderou o “Movimento de Parques” durante 30 anos, desde a construção do *Prospect Park* (1865-1866), projeto também de sua autoria, tendo participado de trabalhos em Chicago, Filadélfia e Washington, além dos parques de Boston (ALEX, 2011). O Sistema de parques de Boston (figura 10), desenvolvido entre 1876 a 1890, compreendia uma longa sequência de espaços verdes de várias dimensões, unidos entre si por ruas inseridas na vegetação (PANZINI, 2013). Entretanto, este projeto não foi concluído totalmente, sendo construídos somente os cinco parques maiores: os *Backy Bay Fens*, *Leverett Park*, *Jamaica Park*, *Arnold Arboretum* e *Franklin Park* e corredores verdes. Mesmo assim, se destaca como um dos trabalhos mais significativos do paisagismo e planejamento urbano e regional, pois “incorporou e difundiu várias técnicas e soluções hidráulicas, sanitárias e civis nos desenvolvimentos de parques e áreas verdes, criação dos corredores verdes, restituição de rios e mangues [...]” (ALEX, 2011, p. 76). Scalise (2002) ressalta que os trabalhos de Olmsted foram responsáveis por um novo conceito de qualidade ambiental urbana ao utilizar economicamente os espaços livres, criando oportunidades de recreação e também preservando os recursos naturais.

Figura 10 - Sistema de Parques de Boston (1876 a 1890).



Fonte: Zaitzevski (1992, apud ALEX, 2011, p. 72).

Enquanto Miranda enfatiza o caráter democrático e recreativo dos parques públicos, principalmente com a criação do Central Park, Scalise (2002) também destaca a dimensão higienista e restauradora dos parques ao afirmar que:

O parque, nesse período, preocupa-se com as demandas de equipamentos para recreação e lazer, a necessidade de expansão urbana, o novo ritmo de trabalho, além da necessidade de criação de espaços amenizadores da estrutura urbana, bastante adensadas, com funções de ‘pulmões verdes’ e saneadores, representando oásis de ar puro, de contemplação, e estímulo da imaginação (SCALISE, 2002, p. 18).

Assim, no início do século XX propostas urbanísticas de cidades-jardins, vias parque, planejamento regional e outras, inspiradas na ideia de cidade verde em reação às tumultuadas e grandes cidades industrializadas, foram bastante difundidas nos Estados Unidos (ALEX, 2011).

A busca de lugares mais afastados para a implantação dos parques vinha como forma de aliviar os males das cidades ao escapar para o campo, destaca Cranz (1982, apud Alex, 2011). Mas este campo, enfatiza Sun Alex, não era o campo rural, e sim o campo romantizado das pinturas, definido como “natureza sublime representada por campos, bosques e lagos” (ALEX, 2011, p. 84). Além do espírito antiurbano, o mesmo autor defende que lugares mais distantes eram também

motivados por razões econômicas e políticas, baixos custos de terrenos, má qualidade dos solos e possibilidade de valorização do entorno. Colaborando com essa questão, Cranz (2000) destaca que o maior contraponto à forma urbana, encarada como caótica, defendida por Olmsted era a busca da paisagem selvagem, da área desertificada e sem a ação do homem. E assim, diante da impraticabilidade de alcançar a ilusão deste lugar tão perto da cidade, Olmsted teria escolhido a paisagem pastoril como a forma mais apropriada para proporcionar o alívio da cidade:

As cidades-jardins que defendiam um modelo de centro urbano repleto de verde em reação às tumultuadas cidades industriais espalharam-se por diversas cidades europeias. Nos EUA a criação de bairros jardins geralmente como iniciativas privadas precedeu a experiência europeia, com o precursor Riverside perto de Chicago, de autoria de Olmsted e Vaux, em 1869 (PANZINI, 2013, p. 536-537).

Galen Cranz, em seu artigo *Changing roles of urban parks – From pleasure garden to open space*, publicado em 1978, traça uma evolução do “Movimento Americano de Parques” desde o surgimento do Central Park, ao identificar modelos característicos em função de programas e desenhos dos parques, periodizados em quatro etapas: *pleasure garden*, *reform park*, *recreation facility* e *open space system* (CRANZ, 2000⁵; CRANZ, 1978 apud MAGNOLI, 2006b; CRANZ, 1982, apud COOPER MARCUS; FRANCIS, 1990). Segundo Magnoli (2006b), estes modelos indicam objetivos sociais a cumprir pois tinham como intenção contribuir para a solução de problemas decorrentes das transformações ocasionadas pelos processos de industrialização e urbanização.

Os parques do *pleasure garden* surgiram entre 1850 a 1900 e, pelo menos em parte, “como resposta à superlotação e condições insalubres das cidades, recentemente industrializadas” (COOPER MARCUS; FRANCIS, 1990, p. 69, tradução nossa). Localizam-se em áreas afastadas da cidade, caracterizando-se como a idealização do campo e da vida pastoril. Apresenta como características principais: grandes dimensões, extensos gramados alternados com águas que contornam as colinas onduladas, massas de árvores de poucas espécies e caminhos sinuosos como contraponto à rigidez ortogonal da malha das cidades. Evitam-se ao máximo,

⁵ Disponível em: <<http://www.spur.org/publications/urbanist-article/2000-06-01/changing-roles-urban-parks>>. Acesso em: 20 set. 2016.

edificações, esculturas e flores que revelam a ação humana. As atividades praticadas são vinculadas a atitudes contemplativas e passivas, destinadas a grupos e famílias; e segundo Magnoli (2006b), apesar da intenção democrática, condutas de comportamento consideradas inapropriadas (jogos de azar, alcoolismo e manifestações da cultura popular) regulavam seu uso.

O período seguinte (1900 a 1930), conhecido como *reform park* ou *playground period*, iniciou-se com o crescimento dos movimentos progressistas e sociais, e teve a intenção de proporcionar melhores condições à classe trabalhadora. Magnoli (2006b) destaca que os aspectos que fundamentam os parques deste período são a necessidade de espaços locais e de playgrounds. É o período da inserção da recreação como atividade ativa: brincadeiras infantis, exercícios físicos, representações teatrais de fundo nacionalista histórico; além de ensinamentos subsidiários de higiene e saúde (MAGNOLI, 2006b). Já Cooper Marcus e Francis (1990) destacam suas dimensões reduzidas, localização no interior das cidades e seu caráter funcionalista em reação aos valores elitistas do período anterior, além de características físicas distintas: caracterizados por áreas pavimentadas, presença de edifícios, desenhos de linhas retas e ortogonais e morfologicamente tem a aparência de continuidade das casas, comércio e fábricas do entorno.

O *recreation facility*, iniciado nos anos 1930, foi influenciado pelas transformações surgidas com o fim da Primeira Guerra Mundial e pelos movimentos dos trabalhadores na década de 1920, e marcados pelo crescimento da classe média profissional e do processo participativo nos grupos decisórios. Esse período institucionaliza o papel da recreação ativa de todas as faixas etárias com o estímulo à construção de estádios, piscinas, quadras, arquibancadas, e outros equipamentos esportivos, permitindo assegurar a todos a participação em torneios, competições, jornadas, em âmbito nacional (MAGNOLI, 2006b). Estes novos elementos vêm como resposta à demonstração do progresso, da liberdade e da democracia, pós Segunda Guerra Mundial. Ressalta-se a padronização de elementos e projetos, sem levar em conta as diferenças topográficas ou necessidades locais. O parque urbano deste período vem a servir as necessidades mais diretas da população e aos propósitos mais utilitários: a importância do esporte para o estabelecimento da moral, para o bem da saúde pública e biológica, motivando a reforma dos grandes parques do *pleasure garden* (COOPER MARCUS; FRANCIS, 1990).

A partir de 1965⁶, a cidade é vista como um todo heterogêneo e diversificado, composto por ruas, largos, praças, parques que fazem parte de um sistema, período denominado *open space concept*. A filosofia vigente desta época era o aproveitamento de cada espaço livre para uso da população, surgindo assim variados tipos de espaços como os parques de aventura, os *vest-pocket* ou miniparques, praças em lotes pequenos para uso urbano, etc. Surgem novas soluções, com formas mais livres, para os equipamentos recreativos e esportivos, substituindo os tipos convencionais. Essa nova atitude para com a cidade e o espaço livre passa a ocorrer quando o interior da cidade (áreas centrais e os equipamentos coletivos) é visto como decadente: deteriorados e vandalizados (CRANZ, 2000). Cooper Marcus e Francis (1990) destacam que novas e variadas opções de lazer na cidade, como shoppings centers, centros comerciais, parques estaduais e regionais, passam a disputar espaço com os tradicionais parques no interior dos bairros.

Low, Taplin e Scheld (2005) trazem uma outra denominação para o primeiro período de parques: *landscape parks*, compreendidos entre 1840 a 1890, definidos por Galen Cranz como *pleasure gardens*. Além disso, abordam características de outros tipos de parques que se desenvolveram na história norte-americana: as reservas públicas e parques estaduais, iniciados em 1866 com a criação do Yosemite Park e atingindo seu ápice nos anos 1890; e os parques nacionais e históricos, construídos a partir de 1973.

Os *landscape parks* apresentam as mesmas características do *pleasure garden*, descrito por Cranz. Os parques estaduais diferenciam-se dos *landscape parks*, pois ao invés de buscar a idealização de um cenário, preservam a paisagem existente. Geralmente, requerem mínimas interferências e modificações em sua estrutura física-ambiental e localizam-se, usualmente, em áreas com potencial recreativo com um ou mais elementos naturais atrativos como florestas, montanhas, desertos ou superfícies de água. O movimento dos parques estaduais iniciou-se com a criação de um parque em Yosemite Valle e Mariposa Big Tree Grove, em 1866 (posteriormente este tornou-se o Yosemite National Park). O Yosemite permaneceu como o único parque estadual nos Estados Unidos até a criação do Niagara Falls

⁶ Magnoli (2006b) considera o período “*Open space concept*” compreendido entre 1965 a 1986.

Reservation, em 1885. As atividades desenvolvidas nestes parques compreendem caminhadas, piqueniques, andar de barco, nadar e pescar, e alguns permitem ainda acampar no período noturno (LOW; TAPLIN; SCHELD, 2005).

Os parques nacionais e históricos apresentam finalidades similares aos parques estaduais, diferenciando-se em escala e nível de abrangência. O objetivo desse tipo de parque, além da função recreativa, é conservar os recursos naturais e históricos, sendo também importantes para as pesquisas científicas e para a identidade nacional no que se refere às paisagens simbólicas de uma localidade. O primeiro parque nacional surgiu em 1872 com o Yellowstone National Park, situado nos estados norte-americanos de Wyoming, Montana e Idaho. As diferentes classificações propostas por Cranz, e Low, Taplin e Scheld encontram-se sumarizadas no quadro 1.

Os parques vieram como soluções para os problemas de cada momento histórico vistos como espaços saneadores, oásis de ar puro, lugares do imaginário coletivo, ideários nacionalistas, dentre outros. No decorrer do tempo, os parques de um determinado período acabaram incorporando elementos e equipamentos característicos de modelos subsequentes. Scalise (2002) enfatiza que a história de desenvolvimento dos parques europeus e norte-americanos esclarece como as várias concepções de parque foram se modificando de acordo com a época, influenciados tanto por características socioeconômicas, quanto culturais das populações e em parte da localização nos territórios.

Quadro 1 – Quadro resumo com descrição das classificações propostas para parques norte-americanos.

Tipos	PARQUES URBANOS (1)				OUTROS PARQUES (2)	
	Pleasure garden(1)	Landscape park (2)	Reform Park	Recreation facility	Open Space System	Reservas públicas e Parques estaduais
Período	1850 - 1900	1840 - 1890	1900 - 1930	1930 - 1965	1965 - em diante	1866 (primeiro exemplar)
Características formais/ programas	Grandes dimensões; alternância de massas arbóreas de poucas espécies; extensos gramados; colinas onduladas; caminhos e cursos d'água sinuosos; lagos; evitam edifícios, esculturas e flores; separação das circulações	Pequenas dimensões; áreas pavimentadas; linhas retas e ortogonais; presença de edifícios e surgimento dos playgrounds	Pequenas dimensões; áreas pavimentadas; linhas retas e ortogonais; presença de edifícios e surgimento dos playgrounds	Padronização de elementos; estímulo à construção de estádios, quadras, campos, piscinas, arquibancadas, anfiteatros.	Tipos variados de espaços livres: parques de aventura, vest-pocket ou mini-parques, praças em lotes pequenos.	1872 (primeiro exemplar)
Finalidades	Fuga das cidades, paisagem bucólica, perfil elitista.	Caráter funcionalista	Propósitos utilitários, competições, valorização do esporte, estabelecimento da moral e demonstração do progresso, liberdade e democracia	Aproveitamento espaço livre para usufruto da população	Conservação de recursos naturais e históricos; pesquisas científicas. Identidade e simbolismo nacional.	Similares aos parques estaduais, diferenciam-se pela escala e nível de abrangência.
Atividades	Contemplativas (passivas): andar de barco, passear, fazer piqueniques, alugar carruagens, ouvir concertos.	Recreativas (ativas): brincadeiras infantis, exercícios físicos, representações teatrais, ensinamentos de saúde/ ativas	Recreativas (ativas): brincadeiras infantis, exercícios físicos, representações teatrais, ensinamentos de saúde/ ativas	Recreativa/ recreativa	Recreativo e esporte de aventura, contemplativa: trilhas, caminhadas, piqueniques, andar de barco, nadar, pescar, acampar.	Recreativo e esporte de aventura, contemplativa: trilhas, caminhadas, piqueniques, andar de barco, nadar, pescar, acampar.
Localização	Afastados das cidades	Interior das cidades	Interior das cidades	Reforma dos pleasure gardens; subúrbios	Afastados das cidades	Afastados das cidades
(1) Periodização proposta por Cranz (2000), versão original 1978.						
(2) Classificação definida por Low (2005).						

Fonte: Elaborado pela autora com base em Cranz (2000), Cranz (1978, apud MAGNOLI, 2006b), Cranz (1982, apud COOPER MARCUS; FRANCIS, 1990) e Low, Taplin e Scheld (2005), em 2016.

1.2.2 O Parque Urbano Brasileiro

O surgimento dos parques públicos no Brasil não apresenta as mesmas motivações que os parques europeus e norte-americanos. Macedo e Sakata (2010, p. 16) afirmam que “o parque urbano brasileiro, ao contrário do seu congênere europeu, não surge da urgência social de atender às necessidades das massas urbanas da metrópole do século XIX”. Os autores ressaltam que as cidades brasileiras não se equiparavam em porte e em população com as cidades da Europa. Mais do que uma demanda, o parque brasileiro surge como:

[...] uma figura complementar ao cenário das elites emergentes, que controlavam a nova nação em formação e que procuravam construir uma figuração urbana compatível com a de seus interlocutores internacionais, especialmente ingleses e franceses (MACEDO; SAKATA, 2010, p. 16).

Segundo Segawa (1996), pode-se dizer que o primeiro parque no Brasil surgiu na cidade do Recife, com a construção de um viveiro e um jardim nas propriedades de Maurício de Nassau, em 1642. Outro marco importante, e oficialmente o mais antigo parque urbano no Brasil foi o Passeio Público do Rio de Janeiro (figura 11). Construído entre 1779 e 1783, em área alagadiça sobre o mar, visava o desenvolvimento da cidade em direção ao sul. Em oposição aos largos e praças, (foco de atenção nessa época), Segawa (1996, p. 77) enfatiza uma nova tendência: “o Passeio Público não se prestava para emoldurar nenhum monumento – ao contrário, [...] era um monumento à vegetação, à natureza, monumento a si mesmo”.

Figura 11 - Passeio Público do Rio de Janeiro, início do século XX.



Fonte: Macedo e Sakata (2010, p. 16).

Com a vinda da família real portuguesa em 1808, as velhas e pequenas cidades brasileiras passam por profundas reestruturações e modernizações para

desempenhar novas e sofisticadas funções administrativas, principalmente a capital do país, a cidade do Rio de Janeiro. Assim, bairros inteiros são criados e os velhos e novos logradouros ganham status de jardins, sendo transformados em praças ajardinadas (MACEDO; SAKATA, 2010; MACEDO, 2015). Neste contexto, são criados os três primeiros parques públicos do país: o Passeio Público (1779 – 1783) e o Campo de Santana (1880 em diante), situados no centro da cidade do Rio de Janeiro, e o Jardim Botânico, localizado ao lado da lagoa Rodrigo de Freitas, e transformado ao longo do século XIX em parque público (MACEDO; SAKATA, 2010).

O século XIX marcou a transformação formal das velhas e antigas cidades brasileiras. As reformas urbanas implantadas na cidade do Rio de Janeiro, durante a gestão do prefeito Pereira Passos, que havia vivido em Paris e acompanhado as reformas de Haussmann, foram justificadas em função da falta de saneamento. Marins (1998) evidencia a situação insalubre do Centro do Rio de Janeiro:

O quadro precário das habitações das maiores faixas das populações urbanas cariocas se repetia nas demais capitais provinciais o que se tornava evidente nas altas taxas de mortalidade que acometiam os domicílios populares, provocadas pelas sucessões de surtos de cólera-morbo, febre amarela, varíola, malária e em particular da tuberculose [...] doenças todas que gravassam em razão das péssimas condições de salubridade oferecidas pelas ruas imundas, mas sobretudo pelas casas lotadas e sem infraestrutura de esgotamento e abastecimento de água [...] (Marins, 1998, p. 139-140).

Em prol das grandes reestruturações idealizadas pelas elites que desejavam romper com as marcas coloniais ancoradas nas necessidades higienistas, cortiços inteiros e estalagens das áreas centrais foram demolidos, e transformados em espaços “dignos” das elites emergentes (MACEDO; SAKATA, 2010, p. 18). Nesses novos espaços foram sendo criados e reformulados parques e áreas verdes como símbolo do novo ideário elitizado. O ajardinamento do Campo de Santana (a partir de 1880), projeto de Auguste François Marie Glazieu (elaborado em 1873), representou o marco do modelo anglo-francês, “a partir do qual foram concebidos todos os parques e jardins modernos de Paris [...]” (MACEDO; SAKATA, 2010, p. 19), como pode ser visualizado nas figuras 12 e 13. Este parque, atualmente, possui 18.200 m².

Figura 12 – Vista interna do Campo de Santana, Rio de Janeiro.



Fonte: Disponível em
<<http://oglobo.globo.com/rio/design-rio/retombamento-poderevitalizar-campo-de-santana-16737666>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

Figura 13 – Planta baixa do Campo de Santana.



Fonte: Macedo (2015, p.33).

Glaziou também foi responsável pela reforma do Passeio Público em 1862, que incorporou desenhos românticos aos jardins. A concepção pastoril e romântica desenvolvida ao longo de séculos nos parques ingleses da nobreza (abertos ao público) e incorporada nos parques e jardins parisienses criados no período Haussmann, (MACEDO, 2015, p. 32), se reproduz no Brasil, a partir da criação e reformulação dos espaços públicos. Pode-se citar desta época também: o Parque Rodrigues Alves, em Belém do Pará, de 1883 e o Horto de São Paulo, adaptado para a função de parque (atual Jardim da Luz), de 1838. Em Belo Horizonte, o Parque Municipal Renné Giannetti (figuras 14 e 15), construído em 1897 e atualmente com 180.000 m², foi um dos primeiros espaços concebidos dentro do projeto de uma nova cidade (MACEDO, 2012).

Figura 14 – Lago do Parque Municipal de Belo Horizonte.



Fonte: Macedo (2015, p. 53).

Figura 15 – Parque Municipal Américo Renné Giannetti, em Belo Horizonte/ MG, projeto de Paul Villon.



Fonte: Macedo e Sakata (2010, p. 30).

Sobre a vida social nos espaços públicos da época, Macedo e Sakata (2010, p. 23) enfatizam:

Por esses espaços públicos passeia a nova aristocracia [...], exibindo um vestuário à francesa e imitando os hábitos parisienses. [...] a massa urbana estava praticamente alijada de tais espaços, cujo uso somente era permitido aos decentemente trajados, isto é [...] como europeus.

Segundo Macedo e Sakata (2010), os parques brasileiros se dividem ao longo da história em ecléticos, modernos e contemporâneos.

Os primeiros parques no Brasil - os parques ecléticos – possuem uma configuração morfológica estruturada por grandes maciços de árvores, extensos relvados, águas em lagos e espelhos d'água com formas orgânicas ou geométricas, fontes e chafarizes. Seu traçado é de linhas orgânicas ou combinado com linhas geométricas (clássica e romântica), obedecendo a eixos de circulação que acentuam pontos de convergência. A vegetação possui espécies de origem europeia associadas às espécies nativas, criando cenários bucólicos; são comuns também, viveiros de plantas e a presença de pequenos animais. Destinam-se ao lazer contemplativo em passeios, festejos locais, encontros e exibição da “pompa” das elites brasileiras (MACEDO; SAKATA, 2010).

O parque brasileiro do século XIX era totalmente alheio às necessidades sociais da massa urbana; entretanto com o advento do século XX, as cidades crescem intensamente e a população aumenta. Os vazios urbanos (terreiros, várzeas, fundos de vale), antes apropriados informalmente para o lazer da população, foram sendo

eliminados e a demanda por novos espaços cresce rapidamente (MACEDO; SAKATA, 2010).

Durante a primeira metade do século XX, os parques são em pequeno número e concentram-se em áreas centrais ou bairros mais valorizados das principais cidades brasileiras. Macedo e Sakata (2010, p. 33) ressaltam que “se já existia, nos anos 30 e 40, uma forte onda de modernidade, essa tendência não se reflete de imediato no desenho nem no programa funcional dos poucos parques construídos em grandes cidades como São Paulo, Porto Alegre e Recife”.

A necessidade de novos parques e de um novo programa de uso que atenda às necessidades da população começa a se delinear, a partir do fim da Segunda Guerra Mundial (MACEDO; SAKATA, 2010; MACEDO, 2015). O esporte passa a ser bastante valorizado e o lazer cultural integra o espaço dos parques através da criação de arenas e áreas de múltiplo uso. Natação, futebol, jogos de bola informal passam a necessitar de instalações adequadas inclusive para competições e torneios oficiais; além da introdução do playground, importação tipicamente norte-americana. Somente a partir da segunda metade do século XX, com o grande aumento populacional e escassez dos vazios urbanos é que os parques se tornaram uma necessidade social mais ampla, defendem Macedo e Sakata (2010).

Os parques da linha Moderna possuem playgrounds, áreas de convívio familiar, quadras poliesportivas, bem como atividades culturais em museus, anfiteatros, bibliotecas e teatros, visando atender às finalidades recreativas. Os elementos típicos dos parques ecléticos (bosques, gramados e água) estão presentes, mas com figuração totalmente desvinculada da anterior. São abandonados os caminhos sinuosos, os elementos românticos ou pitorescos e os jardins muito ajardinados, e incorporadas linhas geométricas, definidas e limpas. A vegetação tropical predomina e segue uma linguagem mais naturalística, o lazer contemplativo divide lugar com o lazer ativo em áreas claramente definidas. O Parque do Ibirapuera (figura 16), com 1.584.000 m², e do Aterro do Flamengo (figura 17), com 1.219.000 m², inaugurados em 1954 e 1962 respectivamente, “marcam a ruptura com a estrutura do velho projeto romântico de paisagismo”, ainda em voga na época, destacam Macedo e Sakata, 2010, p. 40).

Figura 16 – Vista aérea do Parque do Ibirapuera, São Paulo.



Fonte: Macedo (2015, p. 16).

Figura 17 – Vista aérea do Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro.



Fonte: Macedo (2012, p. 142).

Ao contrário do Parque do Aterro do Flamengo concebido de acordo com projeto paisagístico elaborado por Burle Marx, o Parque Ibirapuera, apesar de originalmente idealizado aos moldes modernistas do mesmo arquiteto, acabou sendo alterado por uma nova proposta de autoria de Otávio Augusto Teixeira Mendes que incorporou características formais do parque eclético romântico: caminhos sinuosos emoldurados por maciços de árvores e recortado por um lago quase serpenteante (MACEDO, 2015; MACEDO; SAKATA, 2010). Apesar disto, o Parque do Ibirapuera, em função do porte significativo característico dos parques da nova era Moderna, das edificações modernistas construídas para abrigar as comemorações do IV Centenário da Cidade e do vasto e diversificado programa de uso, se destaca como exemplo significativo de parque moderno.

A partir do final dos anos 1960, inicia-se um processo de investimento público sistemático na criação de parques com novos objetivos, programas de uso e formas de agenciamento, não mais destinado às elites. Na década seguinte é consolidada a figura do parque de uso misto, contemplativo e recreativo, com dimensões mais reduzidas, mas com programa similar aos grandes parques. Inicia-se também nesta época, propostas de planejamento urbano conciliadas com a criação de parques e áreas verdes. Um dos exemplos dessa nova tendência é a cidade de Curitiba que transformou extensas terrenos antes abandonados ou edificados em áreas de parques com lagos artificiais para conter a inundação, além de equipamentos esportivos e de lazer, integrados por um moderno sistema de mobilidade urbana (MACEDO; SAKATA, 2010).

A partir dos anos 1980, surgem novas possibilidades de lazer (shoppings centers, clubes esportivos, teatros, shows, academias), facilitadas pelos meios de comunicação e de mobilidade urbana (MACEDO, 2015). A revisão compulsória dos planos diretores por todo o país, que incorporaram em suas recomendações o planejamento de sistemas de áreas verdes, favorece a criação de novos parques. Contudo, Macedo e Sakata (2010) evidenciam que, no geral, houve a simplificação dos projetos implantados, muitas vezes adaptações modestas a terrenos ociosos com a inserção de equipamentos básicos, e baixos investimentos no planejamento de sistemas de espaços verdes. Com exceção dos parques novos de maior porte, concebidos geralmente, para valorização de paisagens cênicas e ambientais locais, pequenos parques são construídos e os mais antigos, reciclados e reequipados.

1.2.3 Os parques de hoje no Brasil e no Mundo

No Brasil, os parques contemporâneos surgem ao final do século XX, motivados por questionamentos aos princípios modernistas (MACEDO; SAKATA, 2010). Neste período, inicia-se um processo de liberdade na concepção dos espaços livres com a utilização de uma linguagem pós-moderna. As características dos projetos deste tipo incorporavam elementos ecléticos com nova linguagem, influência de ideias desconstrutivistas e simbólicas internacionais, e inspiração formalista de origem do paisagismo americano, francês e espanhol; além de conceitos ecológicos. Apesar do predomínio do caráter ativo, a atividade contemplativa é mantida; mas o culto ao corpo ganha importância, e com ele, a diversificação de equipamentos esportivos. Destacam-se como marcos contemporâneos, a Praça Itália (1992), em Porto Alegre e o Jardim Botânico de Curitiba (1991), com 278.000 m², ver figura 18 (MACEDO, 2012); além de outros também representativos como o Parque Jardim dos Namorados (1997), com 110.000 m² (figura 19) e Costa Azul (1995), com 95.000 m², em Salvador; o Parque Tom Jobim (1995), com 210.000 m², no Rio de Janeiro e Santa Lúcia (1996), com 98.000 m², em Belo Horizonte.

Figura 18 – Jardim Botânico de Curitiba.



Fonte: Macedo (2012, p. 16).

Figura 19 - Parque Jardim dos Namorados, Salvador (BA), 1997.



Fonte: Macedo e Sakata (2010, p. 165).

Outras características dos parques contemporâneos mais atuais relacionam-se com o local de implantação destes projetos, destinados anteriormente a outros fins. Desde o final do século XX, os espaços verdes foram redescobertos como requalificadores dos ambientes, sobretudo em contextos urbanos degradados, buscando construir uma nova identidade à região (PANZINI, 2013). Grandes projetos paisagísticos passam a ter em comum terrenos geralmente marginalizados e exauridos por processos de transformação do território em função da era pós-industrial, da reutilização de zonas produtivas, de áreas e instalações subutilizadas, dentre outras situações. Como exemplos deste tipo, têm-se o *Parc de la Villette* (1982-1997), construído em área antes ocupada por mercados de carne e matadouro, e o *Parc André Citroën* (1987-2001), implantado em uma área em transformação nas margens do Rio Sena, em Paris (PANZINI, 2013). Mais recentemente, sobre uma linha férrea elevada e abandonada na cidade de Nova York, foi construído o *High Line* (2009). As linhas de trem construídas na década de 1930 para transporte de cargas nesta parte da cidade, interligavam-se diretamente aos armazéns da zona portuária. O projeto aproveitou esta estrutura desativada desde os anos 1980, criando um cenário de ruína industrial em meio à vegetação

espontânea sobre os trilhos e formando uma sequência de pequenas paisagens (figura 20).

Em Nova York, áreas portuárias do Rio Hudson, à extremo oeste da ilha de Manhattan, foram convertidas em bairros habitacionais e comerciais notáveis interligados por um conjunto expressivo de parques e praças conectados entre si, destacando-se o Battery Park e suas extensões, o Roosevelt Park e o Hudson River Park (MACEDO, 2012).

No Brasil, a reutilização de terrenos degradados para o lazer da população tem destaque no bairro Pinheiros, em São Paulo. Em uma área antes usada para depósito e tratamento de lixo até 1989, um projeto ousado e inovador (elaborado em 2006), incluindo soluções sustentáveis (piso de materiais recicláveis, jardim suspenso, reuso de água, dentre outras), transformou esta área de difícil acesso em um espaço de convívio social, educação e cultura. A Praça Victor Civita (figura 21), construída em uma área de 13.648 m² com parceria público-privada e inaugurada em 2008, conta com palco e arquibancada onde acontecem shows regulares, apresentações de teatro e cinema, museu sustentável e local para prática de exercícios muito utilizado pela população.

Figura 20 – High Line, Nova York.



Figura 21 – Praça Victor Civita, em São Paulo.



Fonte: disponível em
<<https://www.freetheessence.com.br/unplug/escapa-das-urbanas/espacos-abandonados-parques/>>.
Acesso: 23 mai. 2017.

Fonte: disponível em <
<http://www.archdaily.com.br/br/01-10294/praca-victor-civita-levisky-arquitetos-e-anna-julia-dietzsch/>>. Acesso: 20 jun. 2017.

A recriação de paisagens naturais em ambientes transformados pela ação humana, processo denominado “ecogênese” (PANZINI, 2013, p. 639), também é uma marca deste século, se espalhando pelo mundo. No Brasil, destacam-se os trabalhos de

Fernando Chacel com os parques Gleba E (parte de um empreendimento imobiliário privado), e o parque público Professor Mello Barreto, construídos entre 1994 a 1998. Estes projetos propõem a recuperação das margens da Lagoa da Tijuca por meio da recriação de paisagens naturais extintas (mangues, jardins, dunas e restingas). Na cidade de São Paulo, o Parque da Cidade de Toronto (1992), ocupado quase que integralmente por um grande lago, traz elementos que acabam valorizando ambientes até então renegados em épocas passadas: passarelas sobre um charco, permitindo o passeio sobre esta área (MACEDO; SAKATA, 2010). Em meio à esta multiplicidade de situações, Panzini (2013) destaca também a aproximação de uma maior gama de profissionais nas intervenções paisagísticas, urbanistas, arquitetos, paisagistas, agrônomos, naturalistas e artistas. O uso de formas geométricas, a reutilização de fragmentos históricos e vestígios de paisagens culturais, e a influência das artes visuais são princípios adotados nestes projetos.

Serpa (2003, p. 11) enfatiza que veiculados com discursos que enaltecem suas virtudes ligadas ao “higienismo, pacifismo e beleza estética” como instrumentos de integração social e espacial das cidades”, de uma forma geral, os parques e seus investimentos fazem parte de operações urbanas que valorizam as áreas onde são implantados provocando a substituição das populações residentes e alterações no perfil social das regiões afetadas. A construção de parques com esta finalidade é também destacada por Sakata (2015), entretanto a autora alia a essa intenção, a tomada de consciência ambiental na preservação dos bens naturais já tão limitados desde o século passado, e agravando-se neste. Neste sentido, Sakata (2015) alega que este consenso – integração social e espacial das cidades - em torno dos parques:

[...] os alça à categoria de produto de relativo sucesso em termos de visibilidade e retorno político para muitas administrações municipais”, [...] “que preserva o meio ambiente e, ao mesmo tempo, valoriza o bairro e amplia as possibilidades de lazer (SAKATA, 2015, p. 18).

Sakata (2015) destaca que os parques urbanos, projetados e implantados no início do século XXI, são concebidos, muitas vezes, à sombra dos parques tradicionais, mas em função do porte, da distribuição pela cidade, dos programas de uso e dos projetos que recebem, apresentam diferenças significativas em relação aos originais. Os parques surgem a partir da existência de áreas verdes vazias nas cidades em desenvolvimento, de sua presença nos planos urbanísticos e, também, da tendência

contemporânea que reivindica áreas verdes destinadas ao lazer nas cidades. Sakata (2015) enfatiza que a participação dos movimentos populares na luta pelo direito a estes espaços tem aumentado nos últimos anos. O Parque Pinheirinho D'água, construído em 2009, na zona noroeste da cidade de São Paulo é um exemplo de conquista que envolveu a participação das escolas e da comunidade em torno da sua construção, e no apoio ao seu funcionamento frente ao descaso do poder público. Atualmente, ele tornou-se um parque educador, sendo utilizado por várias escolas para ações de educação ambiental, cívicas e culturais, ilustrando como a participação ativa das escolas e das comunidades pode transformar os usos do espaço público urbano (MEKARI, 2016).

Assim, são três as características dos parques mais recentes: a revitalização de áreas antes com outros fins, a recriação de paisagens naturais e a participação popular.

Atualmente, diante de poucos investimentos públicos ou privados para a melhoria e manutenção dos espaços livres públicos nas cidades e do surgimento de novas opções de lazer dotadas de segurança e conforto, evidenciados por Macedo e Sakata (2010), novas características e atratividades vem sendo incorporadas aos parques atuais. Silva e Pasqualetto (2013) destacam também a presença de parques tecnológicos ou científicos, que atendem a universidades, centros de pesquisa e empresas de inovação e agregam atividades econômicas e culturais; dos parques de pesca, parques temáticos, chácaras de recreio e outros tantos espaços particulares destinados ao lazer urbano que já eram comuns desde o século passado.

1.2.3.1 Conceito e tipologias de parques

Após panorama das origens e evolução dos parques urbanos, inicialmente nos países da Europa e nos Estados Unidos, e em seguida no Brasil, e das características principais dos parques contemporâneos, parte-se para análise dos conceitos de parques adotados pelos autores e suas tipologias.

Algumas definições de parques dão mais ênfase à questão ambiental, outras à recreação, ou ao aspecto social. Não somente as formas dos parques urbanos se diferenciam, mas também seus usos e suas funções. Ao longo de sua formação,

Scalise (2002) ressalta que os parques se confundem com outras tipologias de espaços livres públicos, já que eles permeiam, contêm, foram ou transformaram-se, em jardins, praças, passeios públicos, dentre outros. Este fato relaciona-se, segundo o mesmo autor, com a peculiaridade de cada espaço, refletindo a dinâmica e o contexto em que se situa, além do momento em que foi idealizado, projetado ou modificado, tornando-se complexa a existência de uma definição homogênea.

Frederick Law Olmsted (apud Scalise, 2002, p. 18) identifica a dimensão como a característica definidora dos parques e os associa a cenários:

[...] reservo este termo para lugares que se distinguem não por possuírem árvores, sejam elas isoladas, em grupo ou em maciços, ou por possuírem flores, estátuas, estradas, pontes ou ainda coleções disso ou daquilo. Reservo a palavra parque para lugares com amplitude e espaço suficientes e com todas as qualidades necessárias que justifiquem a aplicação a eles daquilo que pode ser encontrado na palavra cenário ou na palavra paisagem, no seu sentido mais antigo e radical, naquilo que os aproxima muito de cenário.

Já Macedo e Sakata (2010, p. 13) ao conceituar parque urbano como “espaço livre público estruturado por vegetação e dedicado ao lazer da massa urbana”, enfatizam as duas condições básicas dos parques: presença de vegetação e função recreativa. Os autores, na mesma publicação (2010, p. 14) complementam “espaço público de lazer ou de conservação que contém vegetação, qualquer que seja o seu porte, seja um pátio ou uma área com milhares de metros quadrados”, independente do porte ou dimensão.

Por outro lado, Lamas (s/d, apud MENDONÇA, 2007) não atribui conceito específico para parque. Enquadra os parques na categoria “estruturas verdes”, definidas como elementos indispensáveis na estrutura urbana, responsáveis por caracterizar a imagem da cidade, que apresentam individualidade própria, desempenham funções específicas como elementos de composição e de desenho urbano, e servem para organizar, definir e conter espaços. Ainda segundo o autor, podem também ser incluídos na subcategoria “espaços verdes”, junto à alameda e ao jardim.

Rosa Kliass (1993, apud TEIXEIRA, 2007, p. 9) propõe uma definição de parque que engloba três atributos – dimensão, elementos naturais e atividades de recreação -, unindo dessa forma as definições de Olmsted e Macedo:

[...] espaços públicos com dimensões significativas e predominância de elementos naturais, principalmente cobertura vegetal, destinado à recreação.

Carneiro e Mesquita (2000, p. 28) incluem em sua definição de parques a existência de edificações, e consideram uma dimensão mais modesta que as indicadas por Olmsted, podendo ser um pouco maior que uma quadra urbana. Elas definem parques como:

[...] espaços livres públicos com função predominante de recreação, ocupando na malha urbana uma área em grau de equivalência superior à da quadra típica urbana, em geral apresentando componentes da paisagem natural – vegetação, topografia, elemento aquático – como também edificações destinadas a atividades recreativas, culturais e/ ou administrativas.

Diante de várias definições, Macedo e Sakata (2010, p. 14) afirmam que “[...] o papel dos parques no Brasil é abrangente, e sua definição, nem sempre precisa”. A observação refere-se à dificuldade de estabelecer, ainda segundo os autores, um conceito claro de parques decorrente dos diversos papéis assumidos ao longo da história, da falta de consenso a respeito da dimensão, do grau de isolamento em relação ao entorno e da quantidade de equipamentos necessários para configurar um parque. Os mesmos autores finalizam a discussão incorporando a característica de independência dos parques em relação ao entorno:

Consideramos como parque todo espaço de uso público destinado à recreação de massa, qualquer que seja o seu tipo, capaz de incorporar intenções de conservação e cuja estrutura morfológica é autossuficiente, isto é, não é diretamente influenciada em sua configuração por nenhuma estrutura construída em seu entorno (MACEDO; SAKATA, 2010, p. 14).

Posteriormente, em 2012, Macedo (2012, p. 143) afirma que a dimensão de um parque está vinculada à sua capacidade de propiciar a execução de inúmeras atividades de um modo simultâneo por diversos grupos, o que o diferencia de uma praça que tende à monofuncionalidade e ao atendimento restrito de uma vizinhança ou coletividade. O autor, de forma mais específica, identifica a área mínima e a multifuncionalidade como fator definidor para parques:

Considera-se como parque um logradouro estruturado por vegetação, águas ou relevo com dimensão superior a 20 mil m², isto é, pelo menos mais que o equivalente a dois quarteirões contínuos e interligados, não podendo, no caso de possuírem tais dimensões, ser cortados por vias. Por vezes, praças de pequeno e médio porte tem muita vegetação impossibilitando a visualização do seu espaço, sendo designados parques, mas o que determina, nesse caso, sua classificação é a monofuncionalidade do espaço (MACEDO, 2012, p. 143).

No *site* do Governo do Estado de São Paulo⁷, a definição de parques urbanos enfatiza as funções desempenhadas, o contato com a natureza e a proximidade com o meio urbano, ao defini-los como:

[...] grandes espaços verdes localizados em áreas urbanizadas de uso público, com o intuito de propiciar recreação e lazer aos seus visitantes. Em sua maioria, oferecem também serviços culturais, como museus, casas de espetáculo e centros culturais e educativos. Também estão frequentemente ligados a atividades esportivas, com suas quadras, campos, ciclovias etc.

A grande vantagem dos parques urbanos é propor aos moradores de metrópoles a opção de visitar áreas naturais, com paisagens verdes, fauna e flora, sem a necessidade de percorrer grandes distâncias. É neles que grande parte da população urbana desenvolve sua relação com a natureza, o que faz deles uma importante ferramenta para conscientização ambiental.

A definição de parques urbanos adotada nesta dissertação concilia os principais conceitos aqui abordados, considerando-os como: espaços de uso público destinados à recreação da população, estruturados por vegetação e que apresentam estruturas e instalações destinadas a atividades recreativas, esportivas, culturais e/ou educativas, e cuja estrutura morfológica é autossuficiente com relação ao entorno e com dimensão superior à uma quadra típica urbana.

Com relação às características tipológicas, classificações considerando **desenhos e programas de uso**, foram definidas por Galen Cranz para os parques norte-americanos, já abordadas na seção 1.2.1, categorizando-os em: *pleasure gardens* ou *lanscape parks*, *reform parks*, *recreation faciliy* e *open space system*. Levando-se em conta os mesmos atributos, Macedo e Sakata (2010) classificam os parques brasileiros em ecléticos, modernos e contemporâneos, identificados ao longo da história, e já comentados na seção 1.2.2.

Para os parques contemporâneos, Macedo (2012) elabora uma classificação específica, baseada na estrutura formal, programa de atividades e posicionamento no tecido urbano. Segue abaixo a descrição destes subtipos:

- De acordo com a estrutura formal os parques podem ser: 1) neoecológicos ou pós-modernos, 2) ambientalistas, 3) formalistas-geometrizantes e 4) românticos ou

⁷ PARQUE URBANO. Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <www.ambiente.sp.gov.br/ambiente/parques-e-unidades-de-conservacao/parque-urbano>. Acesso em: 2 jun. 2016.

tradicionais. Como exemplo de parques neoeccléticos ou pós-modernos tem-se o o Parque Mangal das Garças (1999), em Belém. Os precursores dos parques ambientalistas são os curitibanos e paulistas das décadas de 1970 e 1980⁸; destaque também para os parques Mindú (1996), em Manaus e Parque do Cocó (1980), em Fortaleza. Os formalistas-geometrizantes são representados pelos parques Jardim dos Namorados (1997) e da Costa Azul (1995), em Salvador e o Chico Mendes, em São Paulo (1988). Os parques românticos ou tradicionais são a os tipos mais comuns de parques; possuem uma estrutura morfológica padrão estruturada por arvoredos, gramados e jardins formais ou tropicais onde as atividades se desenvolvem.

- De acordo com o programa de atividades podem ser: contemplativos; recreativos; contemplativos-recreativos e conservacionistas. O Parque Tancredão (reformulado em 2009), situado em Vitória, é um exemplo de parque recreativo, pois se destina exclusivamente às atividades esportivas; enquanto os parques contemplativos-recreativos (a maioria brasileira) adotam ambos os usos e atividades.

- De acordo com o posicionamento no tecido urbano se classificam em: compactos e os lineares. A maioria dos parques brasileiros são do tipo compactos que devido à sua constituição morfológica, são isolados do seu entorno imediato. Os lineares tem como finalidade a conservação de um corpo d'água ou remanescente de mata nativa e geralmente ocupam áreas significativas do tecido urbano, cortando a malha urbana de forma radical e sendo caracterizados por reduzida largura e grande extensão. Mesmo não sendo novidade, são uma criação típica dos anos 2000. Como exemplo deste tipo, tem-se os Parques do Aterro do Flamengo (1962), e mais recente o Parque do Parreão (1993), em Fortaleza.

Na busca de outras classificações envolvendo, além de programa e desenho, mas também **dimensão, localização e área de influência** foram encontradas outras categorizações para parques urbanos. Para os parques de recreação⁹ (excluindo-se

⁸ O aproveitamento de remanescentes de bosques dentro dos limites urbanos, especialmente nas cidades de Curitiba e São Paulo nos anos 1970, para a criação de parques públicos se torna referência para os projetos de parques em outras cidades nos anos posteriores (MACEDO, 2012).

⁹ Teixeira (2007, p. 11 e 12) apresenta a classificação de parques feita por Ramos (1985): parques de preservação (destinados à manutenção de valores naturais ou culturais), parques especiais (criados

os parques de caráter essencialmente ambiental e para fins especiais, como zoológicos, jardins botânicos, pomares, dentre outros), Rosa Kliass (1993, apud TEIXEIRA, 2007, p. 12) apresenta a seguinte subdivisão¹⁰:

Recreação de Vizinhança

Pequenas áreas que variam entre 12.000 a 28.000 m², de fácil acesso, localizadas o mais próximo possível da população a que devem servir. São destinadas à recreação diária de crianças até 10 anos e incluem em sua estrutura área de estar para adultos. Localizam-se geralmente próximas a escolas de primeiro grau; seu raio de atendimento não deve ultrapassar os 500m, sem cruzamento com vias de tráfego intenso. Recreação ativa (0 a 10 anos) e passiva (adultos).

Recreação de bairro

Áreas médias entre 48.000 a 80.000 m² que proporcionam recreação a uma faixa etária maior, entre 11 e 24 anos. Também possuem área de estar para adultos e proporcionam atendimento diário num raio máximo de 1 km. Devem estar sempre localizadas nas proximidades de um parque de vizinhança, em geral nos arredores de escolas secundárias. Recreação ativa (11 a 24 anos) e passiva (adultos).

Setoriais e metropolitanos

Grandes áreas equipadas para recreação (ativa e passiva) de toda a população municipal ou metropolitana. Destinam-se ao uso em finais de semana e em período de férias. Nestes parques de áreas superiores a 20.000 m² há predominância de cobertura vegetal. O raio de abrangência é de 5 km.

A classificação proposta por Escada (1992, p. 13-17) se divide em parques de vizinhança, de bairro e distritais, como descrito a seguir:

Parques de vizinhança

[...] planejados para servir a uma unidade de vizinhança ou de habitação, substituem as ruas e os quintais de casas das cidades menores [...] São espaços livres de dimensões reduzidas utilizados para recreação e que estão inseridos no projeto de loteamento ocupando um ou mais lotes. Devem conter elementos vegetais, de construção, ambientes de jogos, bancos para adultos etc. Para atender otimamente a população devem estar entre 100 e 1000 m de distância das residências ou do trabalho.

Parques de bairro

[...] são de dimensões maiores e utilizados para múltiplos jogos. Além de terem função recreacional intensa, podem ter funções paisagísticas ou bioclimáticas quando são dotados de vegetação [...] não são concebidos como extensão das residências, devendo conter uma gama maior de equipamentos de lazer. Tem área mínima de 10 ha.

com fins específicos como zoológicos, jardins botânicos e pomares públicos) e parques de recreação (áreas verdes destinadas ao lazer da população), objeto de estudo desta pesquisa.

¹⁰ Esta classificação foi elaborada por Rosa Kliass e Miranda Martinelli Magnoli para o Plano de Áreas Verdes de São Paulo, entre os anos de 1967 a 1969 (TEIXEIRA, 2007, p. 12)

Parques distritais

Esta categoria de espaço livre é de grande dimensão, são áreas de bosques que contém elementos naturais de grande beleza tais como rios, lagos, cachoeiras, praias, montanhas, que devem ser conservadas na condição original. Devem ser organizados e equipados para permitir acampamentos; possuir sistemas de veredas para passeios a pé e a cavalo; locais para banho, natação, pesca, passeios de barco e demais esportes. A diferença maior é que são áreas de responsabilidade extra urbana, servindo como um espaço público para habitantes de diferentes cidades próximas.

Mascaró (2008) diferencia os parques em suburbanos, localizados fora do perímetro urbano, e os parques urbanos, localizados nas cidades ou pelo menos, lateralmente às mesmas. Segundo este mesmo autor, o parque urbano deve ter dimensões entre 10 e 50 ha, e distâncias máximas das residências de até 5 km.

Outros dados complementares relacionados à **área por habitante, distância máxima e população servida**, além de dimensão, função e situação fundiária, podem ser encontradas em sistematizações elaboradas para parques, como as definidas por Fontes e Shimbo (2003), presentes na tabela 1. Esta sistematização considera os valores mínimos e máximos propostos pelos autores estudados (ver nota 11). Estas podem ser utilizadas como recomendações para disposição deste tipo de espaço nas cidades.

Tabela 1 - Sistematização de algumas categorias de parques.

CATEGORIAS		ÍNDICE (m ² / hab.)	DIMENSÃO MÍNIMA	DISTÂNCIA RESIDÊNCIAS	SITUAÇÃO FUNDIÁRIA	FUNÇÃO	POPULAÇÃO SERVIDA
Parque de Vizinhança	Lote de recreio (0 a 6 anos)	0,75 (0,50 útil ou 5,0 m ² / criança)	60 a 500 m ²	75 a 400 m	público ou particular	lazer	na média 200 habitantes
	Parque de recreio (6 a 10 anos)	0,75 (0,50 útil ou 10,0 m ² / criança)	450 a 20.000 m ²	400 a 800 m	público ou particular	lazer	500 a 2.500 habitantes ou 200 a 500 residências
	Campo de Recreio (10 a 17 anos)	0,75 (0,50 útil ou 8,0)	900 a 80.000 m ²	750 a 1.600 m	público	lazer	700 a 1.200 habitantes
Parque de Bairro		4,0 a 10, 0 ou 45 m ² / usuário	2 a 80 ha	500 a 5.000 m	público	lazer predominante	para cada 10.000 a 50.000 habitantes
Parque Distrital ou Setorial		6,0 / 7,0	10 a 120 ha	1.200 a 5.000 m	público	lazer predominante	para cada 50.000 a 200.000 habitantes
Parque Regional		-	200 ha	-	público	lazer e conservação	-

Fonte: adaptada de Fontes e Shimbo (2003)¹¹.

¹¹ Esta sistematização foi elaborada por Fontes e Shimbo (2003), com base nas proposições de Birkholz (1983); Cavalheiro & Del Picchia (1992), Escada (1992) e Nucci (1996). A versão

Entretanto, Cavalheiro e Del Picchia (1992) alertam para a importância desses índices, não como receitas prontas, mas como suporte científico ao planejamento urbano, à capacidade para visitação dos espaços relacionados, quantidade de equipamentos e planejamento da manutenção.

Teixeira (2007) destaca que existe uma falta de consenso entre os estudiosos quanto aos parâmetros utilizados nas classificações de parques, principalmente com relação aos índices sobre raio de abrangência, população atendida e dimensão mínima dos espaços livres. Como pode ser observado nas classificações apresentadas neste trabalho, divergências presentes nos valores indicados para tais parâmetros, por exemplo: parques de bairro definidos com dimensões entre 4,8 a 8 ha segundo Rosa Kliass (1993, apud TEIXEIRA, 2007), e com dimensão mínima de 10 ha, de acordo com Escada (1992), endossam a constatação acima.

1.2.4 Parques no Espírito Santo

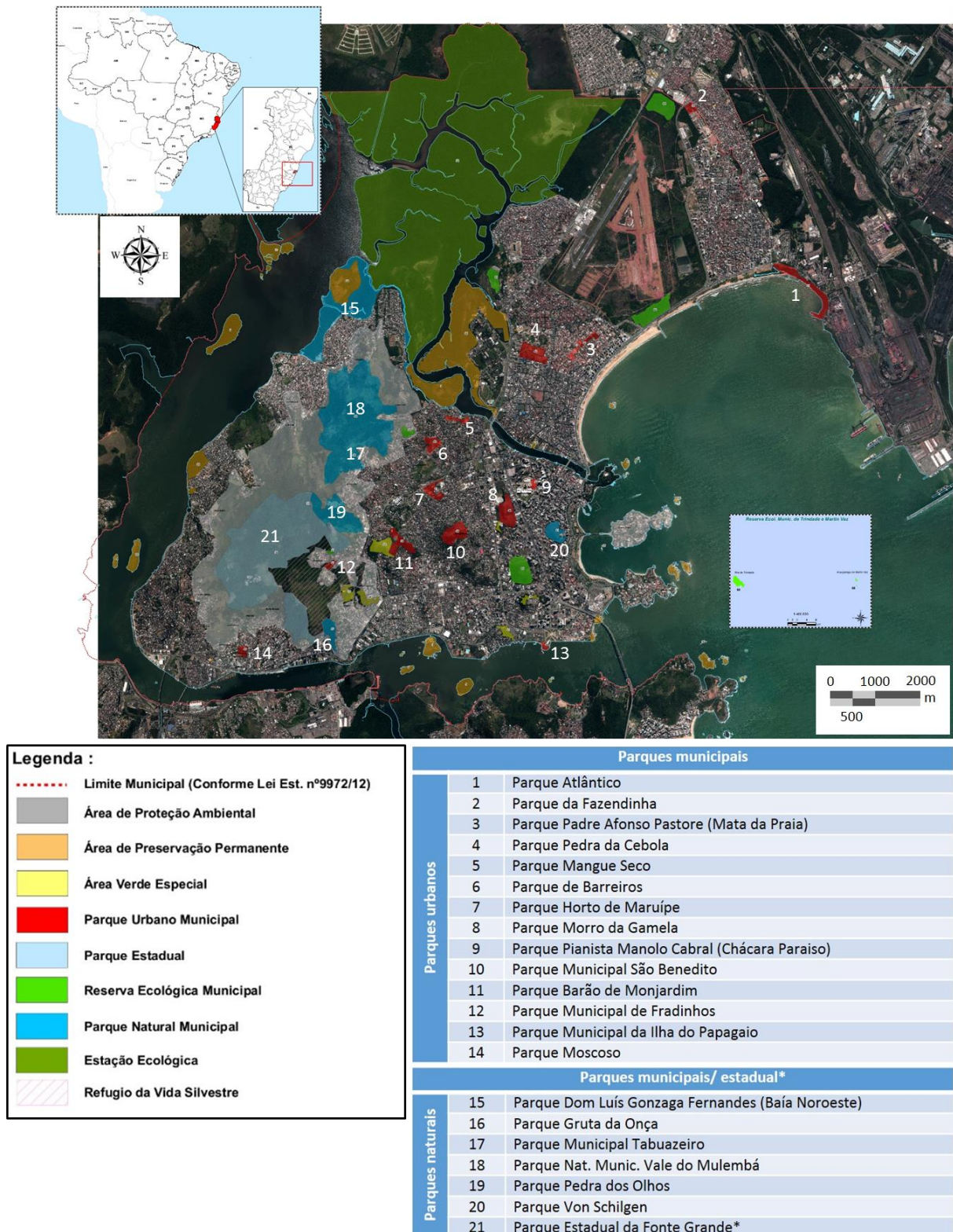
No Espírito Santo, o município onde se localiza o primeiro parque do Estado é também o que possui a maior quantidade e diferentes estilos de parques públicos: a sua capital – a cidade de Vitória. Devido também à sua proximidade com o Município da Serra, os parques desta cidade são abordados nesta seção.

O Município de Vitória limita-se ao Norte com a Serra, ao Sul com Vila Velha, a Oeste com Cariacica e a Leste com o Oceano Atlântico. Seu território é constituído de uma ilha principal (com 29,31 km²) e uma parte continental, situada ao Norte (com 39,66 km²). Integra também ao território municipal as Ilhas Oceânicas de Trindade e o Arquipélago de Martin Vaz, situadas a 1.140 km da costa, com área de 10,92 km², e diversas ilhas menores no seu entorno, que juntamente com sua baía compõe seu território de 96,536 km² (IBGE, 2010). Segundo o censo demográfico 2010, Vitória apresenta uma população de 327.801 habitantes, e estimativa para 2017 de 363.140 habitantes.

A Secretaria Municipal de Meio Ambiente da Prefeitura de Vitória (em mapa de espaços protegidos)¹² identifica no Município a existência de 14 parques urbanos municipais e 7 parques naturais municipais, sendo estes últimos, também unidades de conservação – UCs (ver figura 22). Carvalho (2012) destaca que o Município de Vitória adota duas classificações que representam, em termos de configuração, os parques urbanos: parques urbanos municipais e parques naturais municipais. Enquanto os parques municipais são áreas verdes com maior interferência humana, delineados e, muitas vezes, vegetados obedecendo a critérios paisagísticos, de beleza cênica, com nivelamento de terrenos, presença de lagoas artificiais e espécies vegetais introduzidas, os parques naturais possuem características mais próximas da sua condição original, espécies vegetais e animais nativos, e menor grau de interferência em termos de modificações e construções.

¹² Espaços protegidos do Município de Vitória. Secretaria Municipal de Meio Ambiente. Prefeitura Municipal de Vitória. Elaborado por GEO/ SEMMA/ PMV. Vitória: maio de 2017.

Figura 22 - Localização dos parques municipais de Vitória.



Fonte: Modificação sobre Mapa de Espaços protegidos no Município de Vitória disponibilizado pelo Geoprocessamento da Secretaria Municipal de Meio Ambiente da Prefeitura de Vitória, 2017.

Os 7 parques naturais são: o Parque da Fonte Grande (que é Estadual), o Gruta da Onça, Parque Tabuazeiro, Parque Von Schilgen, Parque Pedra dos Olhos, Parque

Mulembá e Parque da Baía Noroeste. E os 14 parques urbanos são: Parque Atlântico, Parque da Fazendinha, Parque Padre Afonso Pastore, Parque da Pedra da Cebola, o Parque Mangue Seco, Barreiros, Horto de Maruípe, Parque do Morro da Gamela, Parque Pianista Manolo Cabral (Chácara Paraíso), Parque Municipal São Benedito, Parque Municipal Barão de Monjardim, Parque Municipal de Fradinhos, Parque Municipal da Ilha do Papagaio e Parque Moscoso.

O mais antigo dos parques urbanos de Vitória é o Parque Moscoso, construído em 1912 e localizado no centro da capital; e o mais novo é o Parque Manolo Cabral (conhecido como Chácara Paraíso), em Barro Vermelho, construído em 2013 por empresa privada através de medidas de compensação ambiental (este parque é também o menor de Vitória, com 14.400 m²).

O Parque Moscoso (figura 23), com 24.142 m², foi construído em uma área alagadiça (conhecida como Campinho), após ter sido aterrada em 1912. O aterro do Campinho, juntamente com o aterro do Largo da Conceição (atual Praça Costa Pereira), foram uma das primeiras ações de remodelagem urbana ocorridas na cidade de Vitória, seguindo princípios de saneamento básico, aterramento, embelezamento, ajardinamento de mangues e retificação de ruas (FREIRE, SARTÓRIO, 2015). Estas ações basearam-se nas propostas sanitaristas promovidas em outros Estados e inspiradas nas reformulações sofridas pelos países europeus. O aterro do Campinho tinha também a intenção de abrir novas vias de circulação e permitir a expansão das residências próximas da área central da cidade, abrindo mercado para o capital imobiliário.

O projeto original do Parque Moscoso, de estilo eclético, sofreu várias alterações em sua estrutura morfológica: em 1952, teve a inclusão do Jardim de Infância e da Concha acústica; e em 1973 passou por modificações estruturantes em seu projeto que alteraram a ambientação e a função do parque (MUNIZ, 1985, p. 73). A reforma de 1973 compreendeu a introdução de: Quadra de esportes e Capela, construção de chalés para abrigar animais, construção de um prédio administrativo, criação de um morro artificial e execução de muros de fechamento.

Figura 23 - Parque Moscoso, no Centro de Vitória (foto e imagem aérea).



Fonte: disponível em <<http://g1.globo.com/espirito-santo/noticia/2014/05/parque-moscoso-comemora-102-anos-com-festa-em-vitoria.html>>. Acesso em: 06 jun. 2016 / Google Earth, acesso em maio/ 2016.

Muitos dos parques de Vitória são da década de 1990, como os parques: Horto de Maruípe (1995), Barreiros (1998), Tabuazeiro (1996), Gruta da Onça (reinaugurado em 1996); Pedra da Cebola (1997) e Paulo Affonso Pastore - Mata da Praia (1997).

Dentre eles, o que se destaca em termos de dimensão, é o Parque da Pedra da Cebola (figura 24), com 100.010 m² (os demais possuem entre 40 a 50 mil m², com exceção do Parque Gruta da Onça com 67 mil m² aproximadamente); tamanho similar ao do Parque da Cidade. No geral, também com exceção do Parque Gruta da Onça, estes parques são do tipo contemplativo- recreativos, pois possuem estruturas e equipamentos destinadas a ambos os usos e atividades como quadras, campo de futebol, academia, pistas, playgrounds, palco, áreas de estar e passeio, etc.

Em local onde havia uma pedreira da Companhia Vale do Rio Doce, desativada em 1978, foi construído o Parque da Pedra da Cebola em 1997. A obra constituiu-se na primeira recuperação de área degradada por esse tipo de atividade econômica no Município. O Parque foi um exemplo de mobilização comunitária em torno da sua conquista como espaço de lazer à população (VITÓRIA, 1999). Com relação ao projeto, possui uma forte inspiração romântica remetendo aos parques do início do século XX, com caminhos sinuosos, pequeno zoológico e animais domésticos soltos; como contraponto a este cenário, abriga um conjunto de quadras esportivas e playground (MACEDO, 2012). O paisagismo se destaca pela integração e associação de exemplares de vegetação rupestre e de restinga com os elementos

naturais rochosos presentes em todo o parque. Abriga também, “a casa cultural do Mosteiro Zen e um jardim budista, ao lado de um lago completando o caráter místico desse local” (VITÓRIA, 1999, p. 22).

Figura 24 - Parque Pedra da Cebola, em Vitória (foto e imagem aérea).



Fonte: disponível em: <www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=437100>. Acesso em: 06 jun. 2016/ Google Earth, acesso em maio/ 2016.

O Parque Horto de Maruípe (1995), com 49.700 m², foi implantado no local do antigo viveiro de mudas e espécies destinadas ao plantio dos espaços livres públicos da capital, função exercida de 1938 até 1977. É uma das áreas verdes mais antigas de Vitória e abriga espécies exóticas da Mata Atlântica, uma diversidade de bromélias, lagos e cursos de água sinuosos, além de instalações esportivas e recreativas como quadras, campo, playgrounds, módulo de esportes e área coberta para atividades culturais (figura 25) (VITÓRIA, 1999).

Figura 25 – Horto Municipal de Maruípe, em Vitória (foto e imagem aérea).



Fonte: disponível em <<http://www.vitoria.es.gov.br/cidade/parques>>. Acesso em: 17 mai. 2017/ Google Earth, acesso em maio/ 2016.

Apesar de particular, o Parque Botânico da Vale (2004) é aberto ao público, oferecendo uma programação diversificada de atividades recreativas, culturais e

principalmente ambientais permanentes e uma estrutura composta de auditório, área de eventos, jardim sensorial, playground e um orquidário. Possui 330 mil m² e está localizado no cinturão do Complexo de Tubarão, é também uma unidade de conservação da Mata Atlântica¹³.

Além dos parques, as praias e orlas são também muito utilizadas pela população como espaços de lazer nas cidades litorâneas. Macedo e Sakata (2010) identificam que, no final do século XX, estes espaços se valorizaram para a prática esportiva, recreativa e gastronômica, tendo recebido reformas e elementos novos que acabaram consolidando-se em grandes parques. Em Vitória, o calçadão da Praia de Camburi e a Orla da Praia do Canto desempenham este papel.

A Orla de Camburi, construída originalmente na década de 1980, passou por um processo de urbanização recentemente, iniciado em 2005 pela Prefeitura Municipal. Composta de calçadão, ciclovia, jardins, deques de madeira com bancos e quiosques, a orla é bastante utilizada por todos os públicos, principalmente à noite para atividades esportivas (futebol, ginástica, vôlei) desenvolvidas na areia e recreativas no calçadão (skate, patins, bicicleta).

Ao longo da Orla da Praia do Canto, as “praças” dos Namorados (figura 26) e dos Desejos, construídas durante a administração municipal do período 1985-1989 (FREIRE; SARTÓRIO, 2015) são interligadas entre si ao longo da praia, desde a Marina do Iate Clube até a Curva da Jurema, e também se configuram como verdadeiros parques ao ar livre dotados de equipamentos de esporte e de lazer compreendendo pista de patinação, pista de skate, quiosques, playgrounds, quadras, campo de futebol. A área ocupada por estas praças era resquício de aterro, e foi reurbanizada através do Projeto Orla Marítima para abrigar equipamentos de lazer e embelezamento urbano visando a valorização da região (FREIRE; SARTÓRIO, 2015).

¹³ Disponível em: <www.serra.es.gov.br/parques>. Acesso em 20 jun. 2017.

Figura 26 - Praça dos Namorados, em Vitória / ES.



Fonte: disponível em: <<http://capixabaquersairdecasa.blogspot.com.br/2011/01/praca-dos-desejos.html>>. Acesso em 21 jun. 2017.

O Parque Tancredo Neves, localizado na orla da Baía de Vitória, é um parque exclusivamente de caráter recreativo (MACEDO, 2012). Construído em 1986, e reformulado em 2012 para abrigar um Complexo Esportivo (objeto de concurso nacional), contempla instalações como ginásio, quadras, pista de skate, piscinas, academias de ginástica, ciclovia, além de uma programação esportiva intensa.

Como em Vitória, cujos parques de recreação surgiram na década de 1990, um parque do mesmo tipo – o Parque da Cidade - é construído no início do século XXI, no Município da Serra. Diferente de Vitória, o Município da Serra tem seu primeiro parque público construído no início do século XXI, que será visto com mais detalhes nos capítulos 2 e 4.

Até o momento, foram abordados os conceitos e as teorias sobre os espaços livres públicos e sobre uma das suas tipologias – os parques urbanos. Referente à esta tipologia específica foi apresentado sua origem e evolução histórica tanto a nível internacional quanto nacional, um panorama dos parques contemporâneos, conceito adotado pelos autores e classificações propostas, e uma breve abordagem dos parques do Estado do Espírito Santo, mais especificamente da sua capital - Vitória. A partir deste momento, parte-se para discussões sobre os usos e desusos dos espaços livres públicos, e em especial dos parques urbanos. Pretende-se, assim, identificar na literatura especializada fases de declínio de uso de parques e auge dos

mesmos, ou ainda apontar fatos presentes no histórico de surgimento de parques que motivaram seu uso ou o desuso.

1.3 USOS E DESUSOS

1.3.1 Declínio x vitalidade dos espaços livres públicos

Os espaços livres públicos - ruas, praças e parques - foram associados ao longo da sua história a lugares de convívio, lazer, manifestações políticas, culturais e sociais. Entretanto, nos dias atuais o abandono, o descaso e o medo são as reações e sentimentos compartilhados pelos seus usuários e moradores das cidades. A tendência atual, relatada pela literatura especializada (ALEX, 2011; ANDRADE; JAYME; ALMEIDA, 2009; GOMES, 2009; SILVA, LOPES & LOPES, 2011) é a do declínio e esvaziamento dos espaços livres públicos, principalmente de praças e parques centrais das principais cidades brasileiras.

Basso (2001) cita Sennett (1988)¹⁴ ao atentar, após a Segunda Guerra Mundial, para o quadro de esvaziamento da vida pública e de valorização exacerbada da vida pessoal em alguns setores da sociedade. As cidades cresceram rapidamente e as regras de sociabilidade que eram conhecidas por indivíduos que tinham alguma relação começaram a mudar, principalmente com a vinda dos imigrantes. Nesse contexto, a intimidade da vida privada começa a ser valorizada em detrimento à “heterogeneidade, devassidão e civilidade da vida pública”, levando “o foco da vitalidade da cidade a passar dos espaços públicos abertos para os espaços mais íntimos e privados, principalmente a casa de cada família” (SENNETT, 1988 apud BASSO, 2001, p. 24).

Ao analisar as transformações pelas quais passava o mundo, após a Segunda Guerra Mundial, também Arendt (2003) alertou para a acentuada decadência da esfera de vida pública; o que Queiroga (2009, apud CUSTÓDIO et al., 2011) identifica como esfera de vida pública “política”. Por outro lado, Habermas (apud Custódio et al., 2011) defende que a esfera de vida “política” estaria sendo substituída por uma esfera de vida social.

¹⁴ O declínio do homem público: tirania da intimidade, publicado originalmente em 1974.

Custódio et al. (2011, p. 5) afirmam que, com o crescimento das modernas classes médias urbanas, “a esfera social tem sido fortalecida pela ideologia do consumo de bens de necessidade imediata, mas, sobretudo, de bens simbólicos, asseguradores de status urbano de indivíduos e grupos”. Neste contexto, segundo os mesmos autores, a esfera social comporta indivíduos com comportamentos padrão, com práticas e códigos homogêneos, que vai de encontro à diversidade e alteridade da vida pública.

Já Gomes (2002, p. 174), defende a existência de um “recoo da ideia fundadora de cidadania”, responsável pela organização da cidade e pela convivência social nos primeiros anos da Modernidade. Na sociedade atual, a multiplicação dos espaços comuns, mas não públicos, o confinamento dos terrenos de sociabilidade e as diversas formas de nos extrairmos do espaço público (telefones, celulares, fones de ouvido, etc.), estariam contribuindo para este recoo, ou melhor, para o “encolhimento da vida pública” (GOMES, 2002, p. 174). Surgem novos modelos de lugares (shoppings centers, ruas fechadas, paredes “cegas” etc.), resultando em símbolos de novos arranjos físicos como consequência das novas formas de vida coletiva, novas imagens físicas e sociais da cidade.

Esses novos arranjos e opções nas cidades contemporâneas são destacadas por Dias (2005), como espaços destinados ao “espetáculo” e “entretenimento”, que diante do caos urbano, da violência, da velocidade dos automóveis e da vida agitada das grandes cidades, se revelam cada vez mais, espaços que se voltam mais para si do que para a cidade. E diante de poucos investimentos para a melhoria dos espaços públicos, as novas opções de lazer como shoppings centers, condomínios, hipermercados, parques temáticos, dotadas de conforto e segurança, tornam-se foco de atração das pessoas, deixando as cidades esquecidas. Estes lugares contribuem para o processo de segmentação da sociedade, pois ampliam os conflitos sociais e urbanos visíveis no desrespeito e depredação dos bens comuns, evidenciando a necessidade de reformulação do espaço público de forma a torná-lo mais interessante à população. Reforçando a discussão, Viegas, Silva e Elali (2014) destacam que as desigualdades socioeconômicas, a violência e a carência de suporte ambiental se refletem em denúncias sobre vandalismo e insegurança, alimentando, cada vez mais, o discurso de esvaziamento dos ELPs.

Por outro lado, paralelamente ao discurso de esvaziamento dos espaços livres públicos como um fenômeno contemporâneo, há uma tendência contrária que discute a possibilidade de uso do espaço público e a importância da vitalidade como fundamental à sobrevivência da própria cidade (GEHL, 2013; WHYTE, 2004). Santana (2015) destaca que a discussão de vitalidade é permeada por estudos das condições que a favorecem (PPS, 2005; JACOBS, 2009; GEHL, 2013; WHYTE, 2004). Da mesma forma, Santana (2015) comenta que para autores como Hillier (1989), Peponis (1989) e Holanda (2002), a presença humana em espaços livres públicos precisa ser incentivada, pois potencializa a vida social nas cidades, favorecendo a interação social, a sensação de segurança e retroalimentando o uso dos locais, como um ciclo.

Sakata (2015) destaca o aumento significativo de parques públicos sendo construídos nas cidades brasileiras. Se por um lado, as camadas médias da população se fecham em condomínios fechados e espaços de lazer privativos, Sakata (2015, p. 19) defende que por outro lado “há o movimento de sair para andar, para correr, para passear com o cachorro, para ver gente passeando”; como reação ao enclausuramento, “os parques, calçadões e ciclovias são as compensações. Eles nunca estiveram tão cheios”. Para Macedo (2012, p. 146), no início do século XXI, a busca por espaços livres se intensifica ao destacar que:

[...] caminhadas, corridas, o andar de bicicletas e skate, jogos ao ar livre, pescarias e piqueniques são atividades desejadas por muitos [...] crescem no contexto urbano, as demandas de espaços generosos para o lazer ao ar livre, a busca de locais aprazíveis como bosques e campos para o passeio, caminhadas e esportes radicais.

Entretanto, Sakata (2015) destaca que a criação destes novos parques nem sempre é igualitário e implantado de forma homogênea. O acesso à moradia de qualidade e próxima às áreas com boa infraestrutura, a falta de mobilidade urbana e a má distribuição dos equipamentos de lazer nas cidades ainda são barreiras que dificultam o acesso da população mais carente aos parques e demais espaços livres. Por outro lado, Sakata (2015) enfatiza que a participação dos movimentos populares na luta pelo direito a estes espaços tem aumentado nos últimos anos.

Muitas vezes motivadas pela insatisfação com o poder público na solução dos problemas das cidades, Gueraldi e Lutz (2015) evidenciam que essas novas formas de sociabilidade produzidas acabaram contribuindo para a recuperação do espaço

da cidade pelos cidadãos. A combinação de intervenções físicas e promoção de usos diversificados nos espaços públicos, através de mutirões populares ou de intervenções oficiais em conjunto com a ação de coletivos e movimentos populares (incluindo debates, passeatas, piqueniques, intervenções temporárias, performances artísticas e outros), têm sido responsáveis pela transformação de uso de áreas antes negligenciadas e abandonadas (GUERALDI; LUTZ, 2015).

A necessidade de vínculos de ligação entre os espaços e as pessoas é defendida por vários autores como fator de sucesso dos espaços livres. Macedo (1995, p. 24) destaca que, a vida útil de um determinado espaço livre urbano “[...] está diretamente vinculada à possibilidade constante de apropriação que este permite ao seu público usuário” e “[...] quanto mais e melhor possa ser apropriado, desde que convenientemente mantido, maior será sua aceitação social e por mais tempo será mantida sua identidade morfológica”; Cavalcanti (2000) sinaliza que quando há falta de identidade entre a comunidade e o espaço livre proposto, ou seja, quando o projeto contempla estruturas que não se relacionam com as aspirações da população local, estes ambientes tornam-se ociosos e abandonados; e finalmente Alves, Lopes e Souza (2004) defendem que quando os espaços públicos são bem planejados conseguem criar uma forte relação de identificação do usuário/ espaço, possibilitando uma maior preocupação por parte de quem utiliza essas áreas com a sua manutenção e preservação.

Basso (2001) faz referência a espaços públicos em áreas centrais e residenciais, que tiveram seus usos intensificados a partir de projetos de requalificação (GOODEY, 1984; COOPER MARCUS; FRANCIS, 1990; WHYTE, 1988). No Brasil, projetos de revitalização ou requalificação urbana em grandes centros como o Viva Rio¹⁵ e o Favela Bairro¹⁶, que através de intervenções urbanas integra as favelas

¹⁵ O Viva Rio é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 1993, no Rio de Janeiro, que atua na formação de comunidades seguras e sadias em territórios vulneráveis. Promove diversas ações e programas sociais nas áreas intervencionadas (Disponível em: <<http://vivario.org.br/>>. Acesso em: 26 mai. 2017.

¹⁶ Desenvolvido entre 1993 e 1995, em conjunto com a prefeitura do Rio, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU-UFRJ), o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-RJ) e financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). O projeto previa melhorias gerais em infraestrutura, serviços sociais, regulamentação imobiliária e a implementação de equipamentos comunitários, com foco no tratamento dos espaços públicos destas comunidades. Disponível em: <<http://vivafavela.com.br/513-favela-bairro-20-anos-depois/>>. Acesso em: 26 mai. 2017.

aos seus bairros limítrofes, no Rio de Janeiro; o Novo Centro, em São Paulo; Corredores Culturais no Rio de Janeiro (década de 1980) e Porto Alegre (final dos anos 1990); e o planejamento urbano de Curitiba, da década de 1960, são iniciativas que buscavam a vitalidade destes espaços. Em Vitória, capital do Espírito Santo, projeto similar ao Favela Bairro no Rio, o Projeto Terra¹⁷, previa melhorias físicas aos espaços públicos das comunidades mais carentes como forma de melhorar as condições de vida das populações envolvidas e promover o uso sadio desses lugares até então desqualificados.

Pesquisas acadêmicas, dissertações e teses, ligadas ao grupo de estudos Interações Pessoa-ambiente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, têm evidenciado a vitalidade das praças natalenses reestruturadas (LIBERALINO, 2011; SANTANA, 2015; SILVA, 2014). Além destas pesquisas, a partir das mais distintas formas de atuação, tais como performances artísticas, mutirões para requalificação e pequenas intervenções temporárias, iniciou-se na segunda metade do século XXI um processo de resgate de uso do espaço público (GUERALTI; LUZ, 2015). Impulsionados em grande parte pela mobilização social de junho de 2013 e pelo sentimento de inoperância do poder público, coletivos através das mais variadas perspectivas, tem em comum o forte desejo de apropriação do espaço público. No Estado de São Paulo, as ações dos coletivos que mais se destacaram permearam os mais importantes embates urbanísticos dos últimos anos: a luta pela construção de um parque público (Parque Augusta) em uma área verde de propriedade privada na área central da cidade e a indecisão sobre o destino do Elevado Costa e Silva, popularmente conhecido por Minhocão, nos Bairros de Santa Cecília e Barra Funda, e o projeto de reurbanização para o Largo da Batata, no âmbito das intervenções propostas pela Operação Urbana Faria Lima, na cidade de São Paulo. Os dois últimos movimentos iniciaram-se mesmo antes das reivindicações de 2013. O debate sobre espaços públicos envolve questões atuais comuns à maior parte das

¹⁷ O Projeto “Terra Mais Igual”, funcionou entre 2005 e 2006, reformulado a partir de experiências passadas, tendo seu modelo gerencial reformulado em 2008. Tem como área de ação, comunidades situadas em áreas de encosta, manguezais, e orlas, ocupadas irregularmente e distribuídas em todo o Município de Vitória. Este projeto objetiva a incorporação de áreas ao tecido urbano da cidade, dotando-as de padrões urbanísticos adequados, infraestrutura básica, equipamentos públicos, habitações dignas, segurança e melhorias microclimáticas, de modo a viabilizar a regularização fundiária e a preservação ambiental, garantindo qualidade de vida e pleno direito à cidade aos moradores das comunidades. Disponível em: <<http://legado.vitoria.es.gov.br/secretarias/sedec/projterra.htm>>. Acesso em 26 mai. 2017.

metrópoles: a viabilidade de investimentos públicos vultuosos para garantir espaços verdes públicos nas áreas centrais; a substituição de grandes infraestruturas viárias por projetos na escala do pedestre e intervenções urbanas de grande escala realizadas sem a participação popular e com a transformação radical dos usos tradicionais. Estas iniciativas têm sido responsáveis pela vontade de ocupação e retomada de uso dos espaços públicos das cidades como parte integrante das suas vidas cotidianas.

É importante entender os processos que influenciam a apropriação dos espaços públicos, como destaca Basso (2001), de forma a poder atuar mais eficazmente na direção de um espaço mais responsivo às necessidades da população, que favoreça a interação, criando conexões com a comunidade e com o lugar. Com relação aos parques urbanos, parte-se neste momento para a discussão sobre os usos de desusos desta tipologia de espaço livre público.

1.3.2 Usos e desusos dos parques urbanos

Vários autores (FRENCH, 1970; GOLD, 1972; JOHNSON, 1979) citados por Cooper Marcus e Francis (1990), desenvolveram pesquisas, ao longo da década de 1960 e 1970, descrevendo e explicando o fenômeno do não uso em parques de vizinhança norte-americanos. No final dos anos 1970 a início dos anos 1980, problemas específicos relacionados ao vandalismo em parques, nas cidades de Boston, San José e Seattle, foram relatados. Além destes, estudos desenvolvidos considerando observações sistemáticas de comportamento em conjunto com a participação de residentes locais foram muito utilizados para obter dados concretos sobre usos de parques (COOPER MARCUS; FRANCIS, 1990).

Em *Morte e Vida de Grandes Cidades*¹⁸ Jacobs (2009) faz uma crítica aos fundamentos do planejamento urbano moderno baseado em regras e modelos padronizados que não consideram as particularidades e especificidades do lugar, resultando na decadência de muitos parques de bairro em cidades norte-americanas. A autora chama a atenção para a situação de boa parte dos “vazios urbanos desvitalizados chamados parques, destruídos pela decadência, sem uso e desprezados” (JACOBS, 2009, p. 97).

¹⁸ Publicação original de 1961.

Em seu livro, Jacobs (2009) introduz novos princípios ao planejamento urbano utilizando como exemplos parques de cidades como Filadélfia, Nova York, Baltimore e outras tantas; descreve suas características, de seu entorno e região vizinha, e relata de forma simples por que alguns são utilizados e outros não. A autora enfatiza que os parques vazios boa parte do tempo são como as “ruas sem olhos” (sem pessoas para vigiar), pois seus riscos espalham-se pela vizinhança; além do mais, o pouco uso gera outros problemas como vandalismo, más condutas, etc.

O desuso em parques de vizinhança nos Estados Unidos é também abordado por Gold (1972), em seu artigo “*Nonuse of neighborhood parks*”. Sua pesquisa compreendeu a avaliação de parques de vizinhança nas cidades de Illinois, Michigan e Califórnia, nos anos 1960 e início dos anos 1970, utilizando técnicas de observação sistemática de comportamento. Gold (1972) também contesta a abordagem tradicional do planejamento urbano, e levanta questões relacionadas à: ênfase nas análises quantitativas em detrimento das qualitativas (tão valorizadas na época); negligência de demandas latentes e necessidades dos usuários; falha na identificação de prioridades e recursos da comunidade no processo de concepção dos espaços, e não envolvimento e participação dos cidadãos no planejamento e levantamento das preferências e satisfações dos usuários.

Os resultados da pesquisa de Gold (1972, p. 371) atestam que, com o passar dos anos as pessoas passaram a ter mais tempo livre para o lazer, entretanto o que se constatou nesta pesquisa, é que de forma contraditória, pouco tempo era destinado ao lazer praticado nos espaços públicos urbanos, e menos ainda nos parques de vizinhança. Foi verificado que as pessoas passavam mais tempo nos parques regionais ou clubes privados, ou ainda dentro das suas casas. A pesquisa conclui que as atividades realizadas em ambientes externos (rua, calçadas e quintais), como caminhar, conversar, jardinagem e outros, poderiam ser desempenhadas nos parques de vizinhança, caso estes tivessem estruturas para absorver tais atividades, tornando-os espaços mais interessantes e convidativos. Sobre essa questão, Cooper Marcus e Francis (1990, p. 70) enfatizam que os parques de vizinhança se tornaram obsoletos, com instalações e equipamentos desatualizados, demandando mais custos com manutenção e não atendendo às necessidades dos usuários. Além destas constatações, Gold (1972) identifica em sua pesquisa uma significativa correlação entre frequência, satisfação do usuário, acessibilidade e qualidade do

lugar; independentemente da idade do usuário, proximidade a residências, condições do tempo, manutenção ou programa (GOLD, 1972, p. 371).

De forma generalizada, Galen Cranz (1982, apud SHERER, 2006) destaca o declínio do parque urbano americano, que se inicia na Grande Depressão¹⁹ e continua durante grande parte do século XX. O quadro, segundo a autora, é de abandono das cidades por grande parte da população, em direção aos subúrbios, o que leva a um processo de decadência das cidades e dos parques. Os recursos para manutenção de parques são cortados, e a criminalidade aumenta consideravelmente nas cidades, fazendo com que muitos moradores passem a evitar lugares como o Central Park, então considerado muito perigoso.

Na Inglaterra, uma fase de declínio de parques públicos, também é relatada por Harding (1999); teve início, de forma mais sutil, com a remoção dos seus portões de ferro utilizados para atender aos esforços da Segunda Guerra Mundial. A abertura dos parques representou não só a mudança de aparência e status dos parques ingleses, mas também gerou efeitos negativos relacionados à má utilização e insegurança motivada pela falta de controle ao acesso. Entretanto, o ápice do declínio iniciou-se a partir de meados da década de 1970 com a reorganização do governo local associado a outros fatores como cortes em orçamento para manutenção e serviços de má qualidade em parques, além da busca de outras opções de lazer (parques nacionais, viagens ao exterior e outros). Esses acontecimentos foram graduais e acarretaram na transformação dos parques ingleses em espaços negligenciados e vandalizados, ou por vezes muito fortificados, tornando-os pouco agradáveis ao uso.

Por outro lado, Sherer (2006) ressalta que os parques urbanos têm experimentado uma espécie de “renascimento”, desde os anos 1970, desenvolvendo-se até os anos 1990, e de forma desigual nas cidades norte-americanas. Essa tendência faz parte de uma renovação geral de áreas urbanas em reação aos princípios modernistas do planejamento urbano calcado na cultura do automóvel; e a favor dos espaços

¹⁹ A Grande Depressão Econômica é considerada o pior e mais longo período de recessão econômica do século XX (iniciada em 1929), e responsável por altas taxas de desemprego, quedas drásticas do produto interno bruto, baixa na produção industrial e preços de ações, e em praticamente todo medidor de atividade econômica, em diversos países no mundo. Fonte: disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Grande_Depress%C3%A3o>. Acesso em 02 mai. 2016.

públicos que envolvem e acolhem a comunidade e em particular, o pedestrianismo. O governo, grupos cívicos, e agências privadas de todo o país têm trabalhado em conjunto para revitalizar os parques norte-americanos. Além dos parques, áreas subutilizadas, abandonadas e poluídas tem sido alvo de inúmeras intervenções urbanas voltadas para o uso do público, transformando-as em parques, vias verdes ao longo de rios anteriormente poluídos, trilhas e jardins comunitários sob linhas ferroviárias abandonadas, entre outras. Sherer (2006) destaca como exemplo o parque no *Post Office Square*, em Boston, como uma das experiências mais bem-sucedidas de revitalização urbana e de valorização do entorno.

Outro caso emblemático de renovação urbana foi o do Bryant Park (FRANCIS, 2001), localizado em Manhattan. Na década de 1970, este parque era ocupado por traficantes de drogas e indigentes, afastando seu público alvo – trabalhadores dos escritórios das redondezas. Criado em 1934, como um parque notadamente contemplativo, possuía inúmeros becos sem saída, lugares escondidos e uma falta geral de atrativos. Segundo Francis (2001), pesquisas de análises comportamentais conduzidas no início dos anos 1970, por Nager e Wentworth (1976), e por Whyte (1979), permitiram a identificação de uma série de recomendações para o Parque; ressaltando-se a pouca acessibilidade, tanto visual como física, como um dos cerne da questão. Em 1980 foi firmada uma parceria público-privada para reconstrução do parque, que se iniciou em 1990, e tinha como finalidade rever alguns itens de projeto e preenchê-lo com diversas atividades de forma a atrair uma maior variedade de usuários possível. Cranz (1982, apud Francis, 2001) afirma que as atividades como shows, concertos, eventos musicais e de dança, além de manutenção extensiva e policiamento, contribuíram para o aumento significativo de utilização do parque e a redução do crime. Francis (2001) ressalta que o estudo desenvolvido no Bryant Park é um exemplo de como análise comportamental combinada com diretrizes de projeto podem criar espaços públicos bem-sucedidos. Entretanto, é reconhecido que o redesenho por si só, muitas vezes, não é suficiente: programação e gestão, neste caso, também foram fundamentais.

Na mesma linha, os estudos de Whyte (2004)²⁰, realizados em vinte praças urbanas representativas de Nova York na década de 1970, utilizando filmadora para registrar

²⁰ Publicação original de 1980.

os comportamentos dos usuários em períodos regulares por seis meses, conduziram à elaboração de diretrizes de projeto. As diretrizes definidas por Whyte (2004) relacionam-se a aspectos e elementos como lugares para sentar, plantas e árvores, fachadas de edifícios limítrofes, iluminação, circulação e acesso, acesso de deficientes físicos, instalações alimentares, manutenção, garantia de boa execução, sinalização, dentre outras. E envolvem essencialmente parâmetros quantitativos como quantidades mínimas, dimensões, área e outros, além de prescrições qualitativas. Estas diretrizes foram incorporadas a recomendações para construção de espaços livres públicos em legislações municipais de zoneamento, reforçando a importância das pesquisas na área comportamental e suas contribuições para a melhoria dos espaços.

Harding (1999) também relata uma fase de ascensão dos parques públicos ingleses a partir dos anos 1990, influenciado pela grave situação de precariedade dos mesmos. Um movimento de renascimento com a participação de autoridades, grupos de profissionais e voluntários foi deflagrado, visando a reversão da atual condição e status desempenhado pelos parques ingleses.

Atualmente um grande número de pesquisas, na maioria internacionais (COHEN et al., 2009; COHEN et al., 2007; FLOYD et al., 2011; PARRA et al., 2010; MCCORMACK et al., 2010; BARAN et al., 2012; PETROSKI et al., 2009; BEDIMORUNG; MOWEN; COHEN, 2005; EVENSON et al., 2016) que tratam do uso de parques abordam sua utilização para a prática de atividade física. No geral, estes estudos objetivam identificar os perfis dos usuários (gênero e idade), as atividades mais praticadas, intensidade de uso, níveis de atividade física, além de associações entre o uso e os atributos dos parques e entorno como acessibilidade, proximidade, percepção de segurança, aspectos socioeconômicos da vizinhança e características dos parques. Estas pesquisas são na maioria quantitativas, valendo-se de métodos de observação sistemática de uso e/ ou questionários; e em menor número qualitativas. A predominância de estudos envolvendo a atividade física demonstra uma preocupação recente com a promoção da saúde, bem-estar físico e mental, e particularmente com a prática de hábitos saudáveis, que considera os parques urbanos um grande agenciador desta atividade.

Como forma de reverter o desuso dos parques durante as décadas de 1960/ 1970 e nos primeiros anos de 1980, surgiram pesquisas que se propuseram a avaliar os espaços livres públicos em desuso com foco nas necessidades dos usuários.

Na década de 1960, Jacobs (2009) destaca que as principais causas de sucesso ou vitalidade dos parques recaem na importância do livre acesso aos espaços públicos e no papel dos edifícios do entorno no favorecimento da presença de indivíduos. A autora destaca a relevância do entorno na vitalidade dos parques, ao afirmar que:

A variedade de usos dos edifícios propicia ao parque uma variedade de usuários que nele entram e dele saem em horários diferentes. Eles utilizam o parque em horários diferentes porque seus compromissos diários são diferentes. Portanto, o parque tem uma sucessão complexa de usos e usuários (JACOBS, 2009, p. 105).

Ao observar a situação dos parques de vizinhança norte-americanos, Jacobs (2009) atribui algumas recomendações fundamentais que os parques utilizados como áreas públicas genéricas deveriam incluir: complexidade, centralidade, insolação e delimitação espacial. A complexidade se refere à multiplicidade de motivos que as pessoas têm para frequentar os parques de bairro. A centralidade diz respeito à importância de um ponto central, um local de destaque, uma referência. Sobre a insolação e delimitação espacial, Jacobs (2009, p. 115) ressalta “que embora os edifícios não devessem tirar o sol dos parques [...], a existência de construções à volta deles é importante nos projetos. Elas os envolvem”. A autora defende a generalização dos princípios básicos que afetam quase todos os parques urbanos, desde os mais comuns como os parques de bairro, até os mais amplos, que abrigam estruturas variadas.

Em seu livro *People places: design guidelines for urban open space*, Cooper Marcus e Francis (1990) apresentam diretrizes de projetos para variados espaços livres incluindo praças urbanas, parques de vizinhança, miniparques e outros. A autora defende a importância de elaborar projetos que atendam às necessidades dos usuários, entretanto acredita que diretrizes qualitativas de projeto também devam ser consideradas na concepção dos projetos. Suas recomendações são baseadas em diversos estudos desenvolvidos por estudantes de graduação e alunos já formados, envolvendo observações de uso, interações ambiente – comportamento e relatórios detalhados de avaliações pós-ocupações realizados em praças, parques de vizinhança, miniparques, orlas de praia, desenvolvidos ao longo de anos de

atividade acadêmica de Clare Cooper Marcus, além de contribuições de outros pesquisadores. Com base nestes estudos, foram identificados padrões de uso e não uso dos espaços, sendo possível a formulação de diretrizes de projeto. Este livro, inicialmente publicado em 1976, teve o acréscimo de outras pesquisas sumarizadas em capítulos sobre praças urbanas, parques de rua, áreas livres de hospitais e de residências.

As diretrizes apresentam-se categorizadas em necessidades de contato com a natureza e de contato humano, destacadas por Cooper Marcus e Francis (1990), como as duas razões mais citadas por usuários de parques ao frequentá-los. Segundo as autoras, sobre a necessidade de contato humano, existem finalidades distintas: pessoas que vão ao parque com outras para conversar, comer, etc; pessoas sozinhas que buscam no parque a possibilidade de contato social; e outras (geralmente idosos) que apenas observam outras pessoas, sem a intenção de estabelecer contato. Além destas, outras recomendações são direcionadas a grupos específicos de usuários (jovens, pessoas com necessidades especiais, crianças, adolescentes, usuários que utilizam o parque para almoçar ou lanchar) ou de acordo com tipos de atividades realizadas. Questões relacionadas a vandalismo e vadiagem, iluminação, equipamentos e instalações (bancos, lixeiras etc.), manutenção e programação de atividades também são abordadas nas recomendações, totalizando 137 recomendações agrupadas em formato de *checklist*.

Os resultados dos estudos de Gold (1972) enfatizam, como contraponto à decadência dos parques de vizinhança, a necessidade de renovação ou relocação daqueles que não atendem as necessidades dos usuários, além do estabelecimento de programas de lideranças voluntários e de manutenção conduzidos pela própria comunidade para fomentar o uso dos parques e envolvimento da população.

Contribuindo ainda com recomendações de projeto, Forsyth e Mussachio (2005) elaboram diretrizes para se construir parques melhores; um manual destinado a projetistas, planejadores, cientistas, arquitetos paisagistas, dentre outros. As autoras relatam que, dentre os modelos de parques identificados por Cranz (vide seção 1.2.1), somente o *reform park* tratou dos pequenos parques, já que por vários anos foi dada maior atenção aos parques maiores (*pleasure gardens*). O novo urbanismo

e a renovação urbana de áreas centrais modificaram essa situação. Os autores afirmam que os parques de bairro sempre foram associados exclusivamente à recreação, mas com as mudanças demográficas, sociais e aumento da consciência ecológica, tiveram que incorporar novos papéis como parte do espaço público e de um sistema ecológico de áreas metropolitanas, tendo os envolvidos com planejamento, projeto e manutenção responsáveis por esta mudança. O livro concentra uma série de orientações e diretrizes de projeto organizadas em doze tópicos que representam as questões chave no projeto de parques de bairro. As diretrizes estão distribuídas nos seguintes tópicos: tamanho, forma e quantidade, da área (7 diretrizes); conexões e esquinas (5 diretrizes); aparência e outras questões sensoriais (7 diretrizes); naturalidade (7 diretrizes); água (5 diretrizes); plantas (6 diretrizes); vida selvagem (9 diretrizes); clima e ar (5 diretrizes); atividades e grupos (10); segurança (4), gestão (6) e envolvimento público (5).

No Brasil, estudos similares aos internacionais que tratam do uso de parques também os associam à prática de atividade física, analisando aspectos como perfis dos seus usuários, intensidade de uso e níveis de atividade física praticados em parques curitibanos (HINO et al., 2010; PARRA et al., 2010), utilizando métodos observacionais. Outras pesquisas (FERMINO et al., 2015; PETROSKI et al., 2009) buscam compreender o uso de parques e conhecer seus usuários, tanto para a prática de atividade física (no caso do primeiro) ou não (o segundo), relacionando estes dados com indicadores sociodemográficos, econômicos e ambientais, além de nível de satisfação dos usuários, qualidade de vida, dentre outros, por meio da utilização de questionários e/ ou entrevistas. O primeiro estuda parques na cidade de Recife, em Pernambuco; e o segundo, em Curitiba, Paraná.

Uma variedade de teses e dissertações nacionais (TRINDADE, 2007; RITCHER, 2008; OLIVEIRA, 2013; QUEIROZ, 2014; MIRANDA, 2014; TEIXEIRA, 2007; BARROS, 2010) que tem como objeto de estudo parques urbanos, nas variadas áreas do conhecimento (arquitetura, engenharia, geografia, educação física, turismo e lazer), tratam do uso, formas de apropriação e percepções dos seus frequentadores, englobando por vezes outras análises complementares (morfológicas, de paisagem, dentre outras).

Apesar da existência destes estudos, verifica-se uma carência de pesquisas relacionadas especificamente ao tema: “uso de parques”, que auxilie na identificação de fases de declínio e intensificação de uso dos mesmos. A história de desenvolvimento de parques brasileiros relatada por Macedo e Sakata (2010) e outros autores aponta momentos e fatos que, muito provavelmente, afetaram negativamente o uso dos parques e alguns deles podem ser destacados abaixo. Vale ressaltar que no Brasil, os parques surgem mais intensamente como necessidade social a partir da segunda metade do século XX, quando os parques internacionais passam por uma fase de declínio.

Durante todo o século XIX e início do século XX, as principais cidades brasileiras cresceram e modernizaram-se; parques foram criados para as elites, não sendo considerados equipamentos necessários para o lazer imediato e cotidiano da população. Os vazios urbanos desempenhavam essa função. Até a primeira metade do século XX, as áreas de recreação eram escassas e os investimentos para construção de parques eram poucos. Os existentes limitavam-se às áreas vizinhas ao centro e em bairros mais valorizados, que apesar das dificuldades de acesso eram muito utilizados.

Já a partir da segunda metade do século XX, a demanda por lazer se intensifica. Surgem os grandes parques como o Aterro do Flamengo e o Ibirapuera, já comentado em seção anterior. Os planos de novas cidades que contavam com a construção de parques e áreas verdes, mesmo quando implantados não eram viabilizados totalmente, tendo suas áreas cercadas e abandonadas, sem destinação de uso. Apesar do discurso oficial da importância de áreas verdes, iniciado em 1960 e 1970, muitos logradouros importantes foram esvaziados em termos de uso e função, sendo abandonados e substituídos por outras atividades.

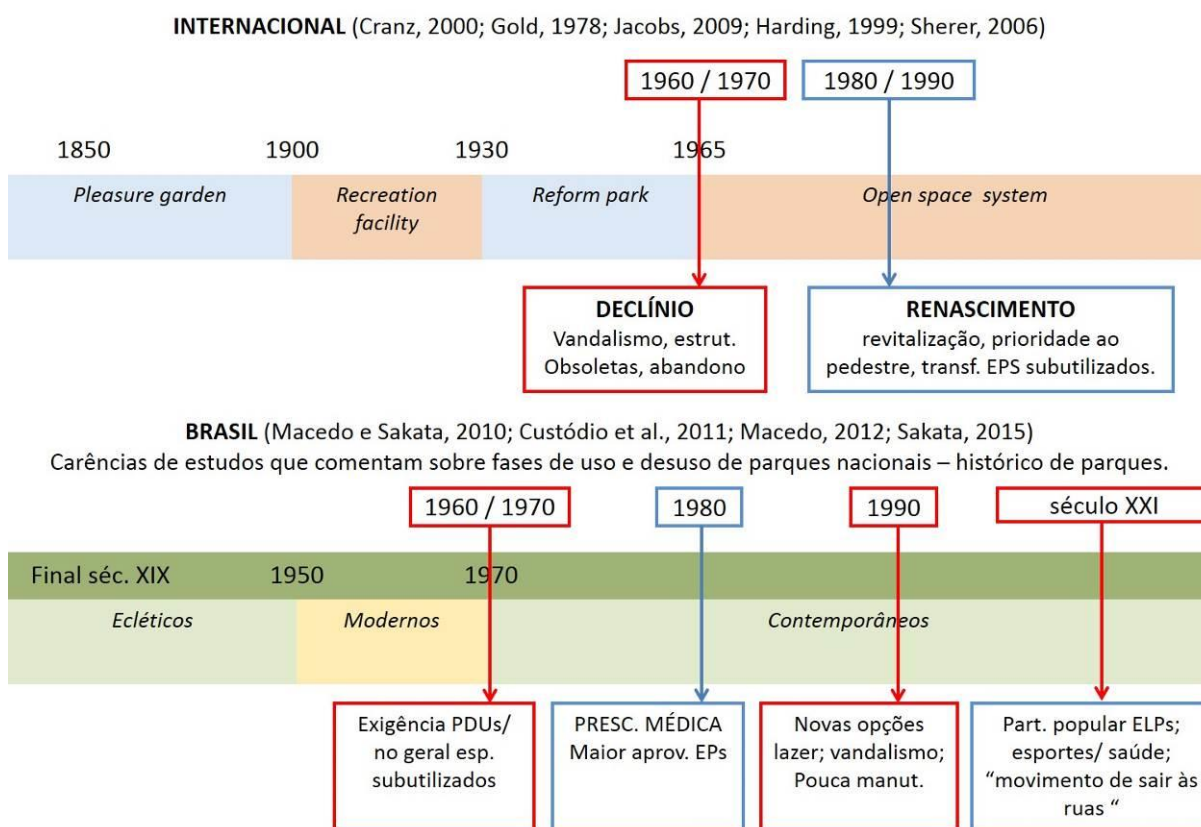
Os autores destacam que foi na década de 1980, com a introdução de prescrições médicas de atividades físicas ao ar livre para melhoria da saúde, que ocorreu um maior uso do espaço urbano por boa parte da população. Entretanto, já na década seguinte, enfatizam a incidência de atos de vandalismo, escassez de recursos para manutenção, supressão de áreas dos parques para construção de prédios públicos e vias urbanas, além do baixo investimento no planejamento e construção de sistemas integrados de espaços livres públicos. Estes últimos fatos relatados vêm,

muito provavelmente, associados à baixa utilização dos espaços, e a busca cada vez maior de opções de lazer com maiores condições de conforto e segurança, incluindo shoppings centers, parques privados temáticos, clubes e outros.

Por outro lado, Custódio et al. (2011), ao analisarem os espaços livres públicos das principais cidades brasileiras, destacam que a difusão do uso do automóvel e dos shoppings centers como símbolo de lazer coletivo de várias frações de classe urbana não coibiu o uso de certos tipos de espaços livres públicos, como os grandes parques. Inclusive, segundo os autores, até se pode dizer que a esfera pública geral se realiza mais fortemente nos espaços urbanos do tipo parque regional/metropolitano e, sobretudo, nos finais de semana; e isso mesmo que haja outros tipos de espaços livres, como praças, com boa manutenção, nas proximidades das residências das pessoas.

As fases relatadas e os fatos históricos identificados na literatura especializada referentes a usos e desusos de parques encontram-se sumarizados na figura 27.

Figura 27 - Linha cronológica identificando fases e fatos relacionados a usos e desusos de parques.



Fonte: Elaborado pela autora com base em Cranz (2000); Gold (1978); Jacobs (2009); Harding (1999); Sherer (2006); Macedo e Sakata (2010); Custódio et al. (2011); Macedo (2012), Sakata (2015), 2017.

Ainda sobre recomendações, no Brasil, Araújo e Caser (2012) realizam avaliação pós-ocupação, incluindo observação comportamental, entrevista e pesquisa de preferência visual, em dois parques urbanos da cidade de Vitória - ES; e como resultado identificam diretrizes projetuais específicas para parques desta cidade. O estudo realizou pesquisa bibliográfica sobre diretrizes de projeto para parques, encontradas em variadas publicações nacionais e internacionais; e por meio da APO realizada nos parques essas diretrizes elencadas puderam ser confirmadas, complementadas ou refutadas, e assim, adaptadas à realidade brasileira. As diretrizes apresentadas²¹ foram organizadas em sete categorias: gerais; usos, atividades e subespaços; água e paisagem; plantas e natureza; mobiliário e equipamentos; acessibilidade e sistema viário, optou-se por apresentar somente três delas. No geral, ao avaliar os resultados da APO nos parques, seus resultados confirmaram a aplicação de todas as diretrizes encontradas na literatura, inclusive aqueles referentes às bibliografias internacionais, salvo as ressalvas realizadas quando estas dependiam das condições climáticas/ ambientais.

Assuntos relacionados aos usos e desusos de parques, fases de declínio, renascimento, experiências de avaliações que resultaram na formulação de recomendações são importantes para o entendimento geral da situação de uso desta tipologia de espaço livre público. Reforçando essa questão, Scocuglia (2009, p.2) destaca:

Há uma contribuição importante relativa aos estudos de origem e evolução desses espaços no pensamento das cidades, sobretudo na interpretação das mudanças e permanências, usos e significados. Ademais, a observação dos usos e do comportamento dos usuários dos parques urbanos pode revelar parte significativa do modo de vida de uma cidade.

Este capítulo, ao apresentar um panorama da origem e evolução dos parques urbanos contribuiu para o entendimento das transformações econômicas e sociais que se procederam ao longo do seu desenvolvimento, que se refletiram nos modos de se dispor dos espaços e de usufruí-los. Além disso, a história de parques no Brasil e no mundo, permitiu maior clareza e entendimento dos variados conceitos e tipologias.

²¹ As inúmeras diretrizes para parques urbanos encontradas na bibliografia encontram-se distribuídas de acordo com as várias etapas de realização de um projeto: levantamento de dados, elaboração do projeto e apresentação; além de outros dois itens incluídos (gerenciamento e A.P.O.). No artigo em questão foram apresentadas somente aquelas relacionadas a projeto em função da quantidade das diretrizes encontradas e da limitação do artigo.

No capítulo seguinte, é abordada a evolução histórica e os aspectos socioeconômicos do Estado do Espírito Santo e do Município da Serra; os aspectos ambientais, físicos e os espaços livres públicos da Serra, e o contexto urbano em que está inserido o Parque da Cidade.

CAPÍTULO 2. O ESTADO DO ESPÍRITO SANTO E O MUNICÍPIO DA SERRA

Este capítulo trata do contexto local e está dividido em três seções. No item 2.1, é apresentada uma breve contextualização histórica, econômica e social do desenvolvimento do Estado do Espírito Santo e do Município da Serra, destacando os aspectos gerais que direcionaram a evolução urbana desta localidade. O item 2.2 traz informações sobre o Município da Serra relacionadas com seus aspectos ambientais, físicos e de seus espaços livres. O item 2.3 apresenta informações sobre o contexto urbano em que está inserido o Parque da Cidade.

2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E EVOLUÇÃO SOCIOECONÔMICA

O atual Estado do Espírito Santo, antiga capitania do Espírito Santo tem como marco de sua ocupação o ano de 1535, quando foi construída a mais antiga capela do Brasil edificada pelos jesuítas, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Esta foi construída na entrada da baía, na porção sul do continente, tendo a ilha de Vitória à sua frente (local conhecido como Prainha de Vila Velha). O local foi escolhido para sediar a capital da então capitania do Espírito Santo. Porém, posteriormente, em virtude dos constantes ataques indígenas, franceses e holandeses, a capital foi transferida para a ilha de Vitória. A Vila Nova do Espírito Santo, como era conhecida, foi fundada em 1551; e em setembro do mesmo ano, após uma vitória sobre os índios, a vila passou a se chamar Vitória (DAEMON, 2010). A antiga capital passou a ser Vila Velha. No mesmo ano, foi dado início na Vila de Vitória a construção do Colégio dos jesuítas e Igreja de São Tiago (atual Palácio Anchieta). Os jesuítas ajudaram no desenvolvimento e organização da capitania, implantando mais tarde fazendas e aldeias ao longo do seu litoral.

O Município da Serra também teve sua origem na colonização e desbravamento territorial organizado pelos jesuítas. Os índios Temiminós do Grupo Tupi, vindos do Rio de Janeiro, foram recebidos no Espírito Santo pelo padre Jesuíta Braz Lourenço e alojados entre o Morro da Serra (o atual Morro do Mestre Álvaro) e o Rio Santa Maria da Vitória. Em dezembro de 1556, foi fundada a aldeia de Nossa Senhora da Conceição de Maracajaguaçu e construída a Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Em 1564, este povoado foi transferido devido à uma forte epidemia para o local do atual Centro da Serra Sede, passando a se chamar de “Nossa Senhora da Conceição”, depois “povoado de Conceição da Serra” e, finalmente, “Serra”

(BORGES, 2009). Entre 1580 a 1615, sobre um platô de 40 metros de altura da foz de um rio foi construída a Igreja de Reis Magos onde havia sido instalado um núcleo de catequese indígena. Atualmente, este sítio histórico e arqueológico situado em Nova Almeida é o segundo mais visitado do Estado, depois do Convento da Penha (construído a partir de uma ermida erguida no alto do Morro da Penha, em Vila Velha, após a chegada do Frei Palácios em 1558). Estes monumentos históricos podem ser visualizados na figura 28.

Figura 28 - Alguns dos monumentos históricos do ES.



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

A Aldeia de Nossa Senhora de Conceição da Serra foi elevada à categoria de Vila em 1822, passando a ter função política-administrativa; e à categoria de cidade, somente em 1875 (BORGES, 2009). Paralelamente à fundação da Aldeia de Nossa Senhora de Conceição, surgem também outras aldeias que mais tarde se tornariam os Distritos do Município.

Desde a sua fundação como capitania do Espírito Santo no século XVI, a cidade de Vitória teve sua dinâmica ligada por mais de três séculos à sua função política administrativa. Sua população era bastante reduzida e distribuía-se espacialmente nos limites atuais da conhecida Cidade Alta. Durante o período colonial, era

interesse da Coroa Portuguesa manter esta capitania despovoada e vegetada para funcionar como proteção para a região das minas no atual Estado de Minas Gerais (OLIVEIRA, 2008). Esta conformação permaneceu inalterada até a segunda metade do século XIX, com o desenvolvimento da cultura cafeeira no Estado, iniciada ao sul com os fazendeiros fluminenses e mineiros, e alastrando-se pela região serrana com os colonos europeus (GONÇALVES, 2010). A grande maioria dos núcleos urbanos era formada por vilas ou povoados, onde se localizava o primeiro elo da cadeia do comércio do café. Cidades como Colatina, ao norte e Cachoeiro de Itapemirim, ao sul, destacam-se pela função comercial. E Vitória, com a atividade cafeeira, passa a ter sua dinâmica urbana vinculada, além das atividades burocráticas, ao papel de principal centro de comércio do Estado.

A partir dos anos 1930, mudanças na economia brasileira impactaram no desenvolvimento de algumas regiões ou Estados brasileiros como é o caso do Estado de São Paulo, e em menor escala, do Rio de Janeiro, os quais lideraram o processo de industrialização no país. Na tentativa de se desvincularem da dependência da agricultura de exportação, estes estados passaram a priorizar o mercado interno, e para isso investem em redes de transportes visando estabelecer a integração regional e nacional (BITTENCOURT, 2006).

Bittencourt (2006) destaca que embora situado na região mais desenvolvida do país – a Região Sudeste, o Espírito Santo não acompanhou esse dinamismo em virtude do isolamento que o caracterizava e da ausência de infraestrutura que o interligasse aos estados e regiões vizinhas. Seus índices de evolução eram pequenos comparados com as médias do país e sua economia baseada nas atividades cafeeiras, ligadas à produção, beneficiamento, transporte, armazenagem e exportação, era bastante limitada. Esta situação, segundo Siqueira (2010), manteve o Estado fora dos programas desenvolvimentistas do governo federal por um longo período.

Segundo Gonçalves (2010, p.63), somente na década de 1960 e, principalmente, nos anos de 1970 e 1980, que mudanças estruturais no quadro social e econômico do Estado, articulado ao novo momento da urbanização brasileira, são responsáveis pela ruptura da “lógica histórica de urbanização” até então vigente. A mesma autora destaca dois aspectos fundamentais neste processo de expansão:

Primeiramente, o impacto da política de erradicação dos cafezais sobre a agricultura do Espírito Santo e, em seguida, o processo de industrialização alavancado pelos chamados *Grandes Projetos Industriais*. Tanto a modernização do campo como a industrialização anunciam a integração do território capixaba à lógica da urbanização brasileira calcada nas necessidades de reprodução do capital industrial, afirma Siqueira (2010) (GONÇALVES, 2010, p. 63).

A produção cafeeira no Brasil, e particularmente no Espírito Santo, passou entre meados da década de 1940 e a década de 1950, por uma forte expansão estimulada pela ascensão dos preços do produto no mercado internacional. Contudo, em virtude da crise da superprodução, o preço do café despencou ao final dos anos de 1950, provocando, na década seguinte, a intensificação do processo migratório do campo para a cidade (ABE apud GONÇALVES, 2010), principalmente para Vitória e municípios vizinhos como Cariacica e Vila Velha. Em 1950, Vitória tinha uma população de 23 mil habitantes; e em 1970, esse quantitativo chegava à aproximadamente 124 mil pessoas (ver tabela 2). Serra e Viana também tiveram um crescimento demográfico considerável, entretanto a integração de tais municípios ao aglomerado urbano ainda era limitada (GONÇALVES, 2010).

Tabela 2 - Crescimento demográfico dos Municípios da Grande Vitória, de 1950 a 2016.²²

Ano	Serra	Vila Velha	Vitória	Cariacica	Guarapari	Fundão	Viana	RMGV	ES
1940	6.415	17.054	45.212	15.228	11.256	8.630	7.661	111.456	750.107
1950	9.245	23.127	50.922	21.741	12.350	8.096	5.896	131.377	861.562
1960	9.192	55.589	83.351	39.608	14.841	7.410	6.271	216.262	1.298.242
1970	17.286	123.742	133.019	101.422	24.105	8.170	10.529	418.273	1.599.324
1980	82.568	203.401	207.736	189.099	38.500	9.215	23.440	753.959	2.023.338
1991	222.158	265.586	258.777	274.532	61.718	10.204	43.866	1.136.841	2.600.618
2000 ⁱ	330.874	345.965	292.304	324.285	88.400	13.009	53.452	1.438.596	3.097.232
2010	417.893	414.586	319.175	348.738	105.286	17.025	65.001	1.687.704	3.514.952
2011	424.655	419.854	330.526	350.615	106.583	17.334	65.888	1.715.455	3.547.013
2012	431.195	428.948	333.162	352.431	107.836	17.632	66.745	1.737.949	3.547.055
2013	467.318	458.489	348.268	375.974	116.278	19.177	72.115	1.857.619	3.839.366
2014	476.428	465.690	352.104	378.915	118.056	19.585	73.318	1.884.096	3.885.049
2015	485.376	472.762	355.875	381.802	119.802	19.985	74.499	1.910.101	3.929.911
2016	494.109	479.664	359.555	384.621	121.506	20.376	75.652	1.935.483	3.973.697

Fonte: Serra (2016), baseado no IBGE (2010).

A migração em direção à Vitória e municípios vizinhos intensificou-se, desde a década de 1960, e com maior força nos anos seguintes. Na década de 1970, a população capixaba era basicamente rural (55%); no ano seguinte, 64% dos

²² Estão incluídas no quantitativo as populações de Bairro de Fátima, Conjunto Carapina I e Hélio Ferraz, conforme a Lei Estadual nº 9.972/2012, que altera o limite entre Vitória e Serra, incorporando a este município bairros que antes pertenciam oficialmente a Vitória. Portanto, de 1940 a 1991, a população desses três bairros não foi incluída como pertencente à Serra. Apenas a partir de 2000, para estudo, a população dos três bairros passou a ser contabilizada (SERRA, 2016). O Censo demográfico 2010 (IBGE) considera a população de 321.181 habitantes para o Município da Serra.

habitantes do Estado passaram a viver nas cidades; e em 2000 esse número já alcançava 79,5% (IBGE 1970, 1980, 2000). Além de se urbanizar, a população passou a se concentrar na Grande Vitória²³, onde se encontra grande parcela dos investimentos industriais do Estado. Entre 1970 e 2000, a população da Grande Vitória saltou dos aproximados 400 mil habitantes para 1,3 milhão de pessoas, segundo dados do IBGE (1970 e 2000). Os municípios vizinhos da capital atingiram altos índices de crescimento, e a Serra foi o município que mais se destacou, com valores superiores à média da Grande Vitória e do Espírito Santo, conforme tabela 2.

O processo de industrialização, iniciado a partir da segunda metade dos anos 1970, consolida-se com o advento dos Grandes Projetos Industriais (Gonçalves, 2010). Empreendimentos industriais como a Companhia Siderúrgica do Tubarão (CST) – atual Arcelor Mittal, a Aracruz Celulose (hoje conhecida como Fibria, as usinas pelotizadoras da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) e a Samarco Mineradora foram desenvolvidos neste período por intermédio de incentivos do governo federal e de capitais externos (GONÇALVES, 2010).

Investimentos realizados pelo governo federal e estadual capixaba, anterior à década de 1970, nas áreas de transportes, abastecimento energético e de comunicação viabilizaram a implantação das grandes indústrias no Estado (SIQUEIRA, 2010).

Entre final dos anos 1970 e o início de 1980, a acumulação proveniente da produção industrial tornou-se a principal força estruturante do processo de urbanização. Gonçalves (2010, p. 68) defende que “[...] além das funções burocráticas e comerciais, a cidade de Vitória, ou melhor a Grande Vitória, também passou a ser o *locus* da produção; e com isso, as outras funções, como a atividade comercial foram reforçadas, alavancadas pela industrialização”. O avanço industrial impôs novos contornos à ocupação urbana até então desenvolvida, e o crescimento demográfico da Grande Vitória foi um reflexo importante deste processo.

O Município da Serra, que até então não se destacava no processo de urbanização da Grande Vitória, passa a ter papel fundamental neste cenário.

²³ A Região Metropolitana da Grande Vitória compreende os Municípios de Vitória, Vila Velha, Serra, Cariacica e Viana, e os recém incorporados, Guarapari (a partir de 1999) e Fundão (2000).

Localizado à leste do Estado do Espírito Santo, na Microrregião Central do Estado, o Município da Serra possui 553,5 km² de extensão territorial²⁴ e encontra-se localizado na extremidade norte da Região Metropolitana da Grande Vitória (figura 29).

Figura 29 – Localização do Município da Serra (cor marrom) na Região Metropolitana da Grande Vitória, e indicação dos acessos principais.



Fonte: disponível em < <http://www.ijsn.es.gov.br/mapas/>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

²⁴ A extensão territorial de 553,5 km² considera as áreas de Bairro de Fátima, Conjunto Carapina I e Hélio Ferraz, conforme Lei nº 9.972/ 2012. O IBGE, no Censo 2010, define para o Município a área territorial de 547,637 km², excluindo estes bairros (SERRA, 2016).

O Município é cortado no sentido norte-sul pela BR- 101 e pela ferrovia Estrada de Ferro Vitória Minas (EFVM), que faz a ligação do município à Belo Horizonte e a todo o vale do Rio Doce, até os portos de Tubarão, em Vitória e aos terminais de carga marítima em Vila Velha. Além destes eixos de transporte, as rodovias ES - 010 e a ES - 264 conectam a Serra a municípios vizinhos.

A Serra conheceu um intenso e repentino crescimento demográfico: na década de 1960, a população havia crescido 56,3%; na década seguinte, este percentual ampliou-se para 209% (SIQUEIRA, 2010). Como pode ser visualizado na tabela 2, o contingente populacional de 9.192, em 1960; subiu para 17.286, em 1970; 82.568, em 1980; 222.158, em 1991 e 330.874, em 2010 (IBGE 1970, 1980, 1980, 1991 e 2000).

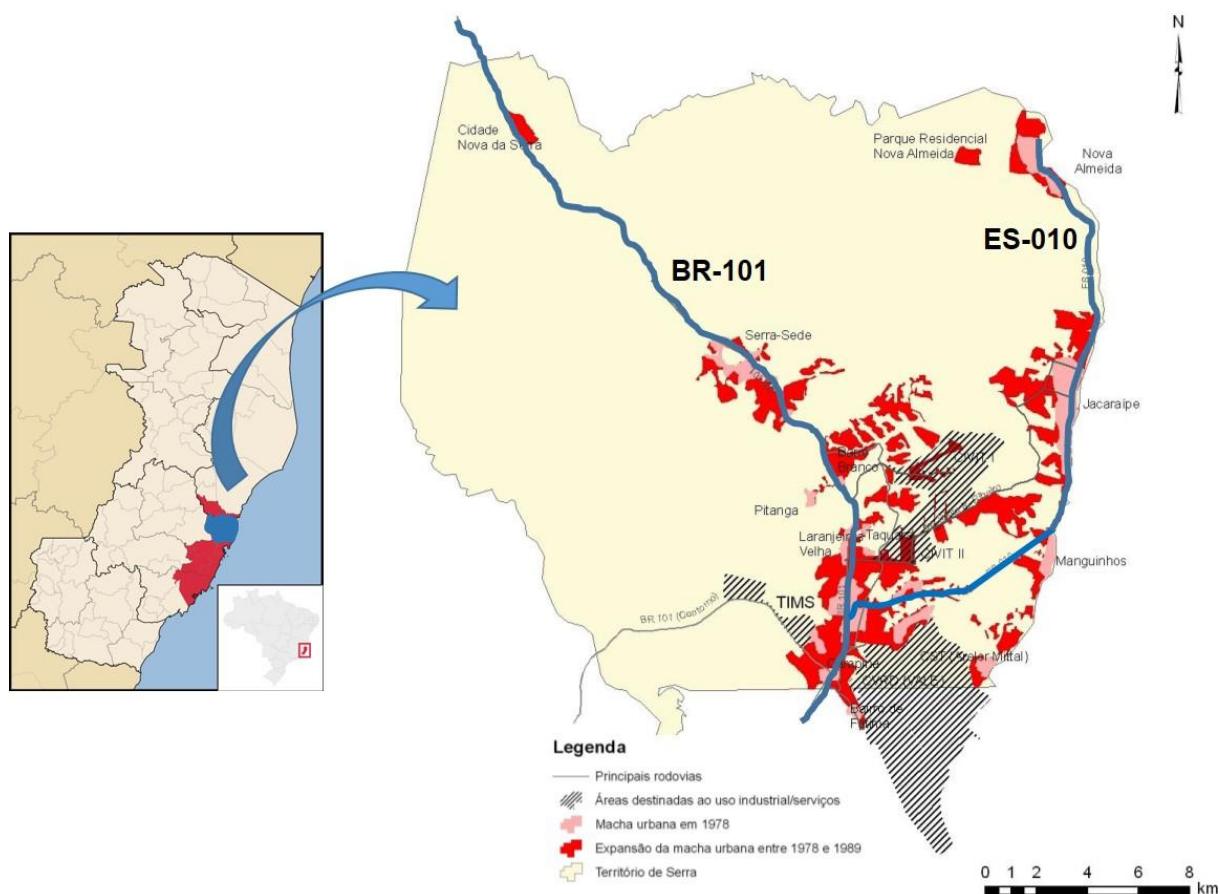
Com relação à expansão urbana, nos anos 1960, além da área rural (ocupada por 70% da sua população), a Serra se constituía da Sede (localizada a cerca de 30 quilômetros da área central de Vitória) e de alguns aglomerados próximos à BR-101, que se estendiam da região próxima à Vitória (Carapina) em direção ao balneário de Jacaraípe e Nova Almeida. A ocupação urbana era modesta, descontínua e próxima às margens das vias. Nesta época, existiam a BR-101 (pavimentada no final dos anos 60); a Rodovia ES - 010, ligando a BR-101 a Jacaraípe e Nova Almeida; e um trecho de estrada que mais tarde deu origem à Av. Civit (atual Eldes Scherrer Souza) (CAMPOS JÚNIOR, 2008).

Em paralelo, até a década de 1970, muitos loteamentos do Município concentravam-se nas orlas dos balneários de Carapebus, Manguinhos e Bicanga, ou às margens da Rodovia ES – 010. Estes funcionavam como locais de veraneio das classes médias de Vitória. Fiorotti (2014) destaca que a implantação de loteamentos na faixa litorânea do Município, bem como a implantação de loteamentos na ES – 010, parecem ter resultado do incremento da atividade turística de veraneio e lazer, inicialmente, como segunda residência e, posteriormente, como moradia definitiva.

A partir da década de 1970, com a implantação dos grandes pólos industriais, surgem os primeiros loteamentos de caráter mais urbano, que vieram a se constituir oficialmente em bairros. A posição geográfica da Serra conectada à malha de transportes (rodovias, ferrovias e porto) atraiu as instalações industriais para seu território e, como consequência, o avanço da ocupação urbana.

Ao final dos anos de 1970 (ver figura 30), estes loteamentos se proliferaram, principalmente na região de Carapina, em áreas próximas à BR – 101 Norte e na faixa marítima do município. Nesta época, inicia-se também a construção de diversos conjuntos habitacionais como os conjuntos Parque Residencial Laranjeiras, Valparaíso, Barcelona, Porto Canoa, Serra Dourada I, II e III, localizados próximos ao CIVIT I e CIVIT II, implantados nos platôs do Município (CAMPOS JÚNIOR, 2008).

Figura 30 - Mancha urbana do Município da Serra entre 1978 e 1989, destacando as áreas industriais e as ocupações urbanas, e localização do Município na Região Metropolitana da Grande Vitória/ ES.



Fonte: Modificação sobre Gonçalves (2010, p. 75).

A rodovia BR-101 foi importante para estabelecer a ligação dos loteamentos ou bairros às áreas industriais e centros de consumo e de serviços. Localizados em áreas mais elevadas dos platôs (característicos da geomorfologia local), estes loteamentos eram interligados à rodovia por vias secundárias, já que os platôs não se comunicavam entre si pelo fato de serem recortados por vales. As áreas mais valorizadas concentravam-se próximas aos distritos industriais e nas imediações dos

conjuntos habitacionais, que carregavam a infraestrutura para o Município (SERRA, 2008).

Gonçalves (2010) destaca que com o crescimento dos loteamentos, de pequenos núcleos urbanos com ausência de integração, observou-se a emergência de uma extensa paisagem urbana horizontalizada e recortada, onde se intercalam bairros, enormes vazios urbanos e usos industriais e/ ou de serviços.

Com a expansão dos conjuntos sobre as áreas rurais, a urbanização acabou transformando várias fazendas em loteamentos e as áreas ambientalmente frágeis (fundos de vale, terrenos alagadiços, etc.) acabaram sendo ocupadas de forma espontânea pela população de renda mais baixa (SERRA, 2008). Além disso, o intenso fluxo migratório incentivado pelo desenvolvimento industrial para o Município trouxe também problemas decorrentes da ausência de infraestrutura para suportar a expansão socioeconômica, acarretando em deficiências em serviços de saúde, educação, habitação e transporte coletivo (SIQUEIRA, 2010).

Nas décadas de 1970 e 1980, a Serra funcionava como local de moradia de trabalhadores de renda média e baixa atraídos pelas indústrias (SERRA, 2008). A partir do início do século XXI, essa condição, até então assumida pelo Município, se modifica.

O crescimento econômico do Estado do Espírito Santo nos primeiros anos do século XXI, favorecido pelas conjunturas internacional e nacional, teve importante repercussão no Município da Serra. Este avanço foi consequência de investimentos relacionados às grandes empresas produtoras de *commodities*, ao segmento de rochas e, em especial, ao de construção civil no ramo imobiliário. O comércio e o serviços também se especializaram no Município, concentrados em sua maior parte em Laranjeiras, importante subcentro terciário a nível regional e nacional (GONÇALVES, 2007; 2010).

A Serra se tornou um dos principais territórios dos investimentos imobiliários do Estado, construídos pela iniciativa privada e com foco nos loteamentos e condomínios fechados. Segundo o Sinduscon –ES²⁵, entre 2003 e 2009, houve uma expansão de 3.000% das construções de imóveis no Município. Zanutelli (2012)

²⁵ Sindicato da Indústria da Construção Civil no Estado do Espírito Santo.

destaca que no período de 2001 a 2009, o município apresentava 156 empreendimentos – em lançamento, em estágio de construção, entregues e aprovados e/ ou em análise na prefeitura destinados principalmente às camadas médias da sociedade, incluindo os empreendimentos subsidiados²⁶. Segundo o mesmo autor, a expansão se deu em função da relativa disponibilidade de terras no Município e da escassez de áreas livres na capital do Estado e na orla de Vila Velha, locais geralmente procurados pelas classes mais favorecidas economicamente, e também pelo interesse privado das grandes empresas construtoras nos nichos de mercado imobiliário.

O território da Serra vem sendo disputado por diferentes segmentos sociais desde empresários, proprietários de terra, dentre outros, que transcendem a participação dos atores locais, envolvendo o comércio, serviços e principalmente o ramo imobiliário. Neste sentido, Campos Júnior (2008) destaca novas funções assumidas pelo Município:

A Serra hoje tem outra integração metropolitana. Deixou de exercer um papel marginal de inserção na metrópole e assume funções mais nobres. Apresenta maior especialização no comércio e nos serviços [...] e é a mais importante frente de expansão do mercado imobiliário metropolitano [...] E, nessa dependência e requalificação de papéis, o território municipal exerceu um peso destacado (CAMPOS JÚNIOR, 2008, p. 8).

O Município da Serra passou a exercer um novo papel em função do crescimento do mercado de trabalho concentrado no setor de serviços, além da indústria. Atualmente, o setor de comércio e serviços corresponde a 47,47% do Produto Interno Bruto do Município; enquanto as indústrias, 25,76% das receitas produzidas, assumindo a posição de segundo maior Produto Interno Bruto do Estado (SERRA, 2016).

Entretanto, apesar da expressiva riqueza produzida na Serra, nota-se uma discrepância com relação à distribuição de renda da sua população. Dados do IBGE (Censo 2010), indicam que no município, 46% da população recebem rendimentos de até 2 salários mínimos, 33% não possui rendimentos ou apenas recebem benefícios de programas de transferência de renda, 4% da população possuem

²⁶ Empreendimentos habitacionais com subsídio do Governo Federal incluídos no Programa “Minha Casa Minha Vida” (de 03 a 06 salários mínimos).

rendimentos entre 5 e 10 salários mínimos e cerca de 0,2% recebem mais de 20 salários mínimos.

Essas desigualdades se refletem, muitas vezes, na maior incidência da violência, como acontece em Serra. Entre 2000 a 2010, a Serra despontava como o município mais violento do Estado e em 16º na posição nacional (SERRA, 2012). Nos últimos anos, estas posições vêm passando por melhoras gradativas. Houve uma queda significativa no número de homicídios por armas de fogo, reduzindo sua posição no ranking da violência²⁷ nos municípios brasileiros de 17º lugar, no período de 2010 a 2012, para 28º lugar, no período seguinte de 2012 a 2014 (SERRA, 2016). Contudo, o Município ainda ocupa uma posição de destaque no cenário da violência, principalmente relacionado com o envolvimento de jovens com o tráfico de drogas.

2.2 ASPECTOS FÍSICOS, AMBIENTAIS E OS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DA SERRA

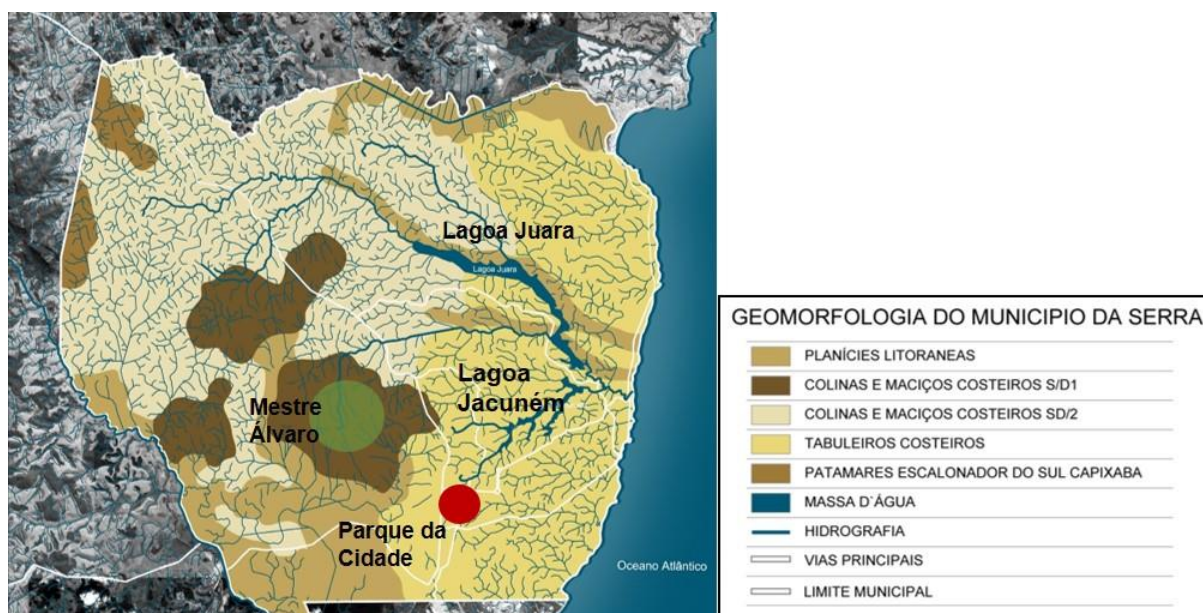
Com relação aos aspectos físicos-ambientais do Município da Serra, são apresentadas informações referentes ao clima da região, características geomorfológicas do sítio, hidrografia, praias, vegetação; e posteriormente, aos seus espaços livres públicos.

O clima do Município é tropical quente e superúmido, com subseca no mês de agosto, e predominância do vento nordeste vindo do Oceano Atlântico e sazonalmente, no inverno, incide o vento sudoeste. Com relação ao relevo, conforme demonstra o Diagnóstico do Meio-Ambiente da Agenda 21 (TEIXEIRA, 2008) baseado nas informações do PROJETO RADAM BRASIL, a Serra apresenta dois domínios que constituem a base da formação das unidades paisagísticas: 1) o domínio dos Depósitos Sedimentares (Planícies e Tabuleiros Costeiros); e 2)

²⁷ Baseado no Mapa da Violência – Edições 2015 e 2016 – Homicídios por Arma de Fogo no Brasil. Disponível em: <www.mapadaviolencia.org.br>. Acesso em: 20 abr. 2017.

Domínio de Faixas de Desdobramentos Remobilizados (Colinas e Maciços Costeiros, e da Mantiqueira Setentrional), como pode ser visualizado na figura 31.

Figura 31 - Geomorfologia do Município da Serra.



Fonte: Modificação sobre mapa elaborado pela equipe Jaime Lerner Arquitetos Associados com base no estudo temático da Agenda Serra 21 (SERRA, 2008).

A Região das Planícies Costeiras é caracterizada pelas planícies que recortam os Tabuleiros Costeiros, como os vales do rio Jacaraípe e seus afluentes, e pela planície no entorno do Morro Mestre Álvaro, situada destacadamente na sua porção sul e caracterizada por uma área de morfologia plana e topografia baixa. Os Tabuleiros Costeiros limitam-se à oeste, pelas Colinas e Maciços Costeiros; e a leste, pelo Oceano Atlântico. Situa-se em boa parte da porção oriental do município, constituindo uma área plana com altimetria variável em torno de 15 a 40 metros, onde se desenvolveu a maior parte da área urbana do município, já quase totalmente ocupada, restando intactos somente os morros. Essa região é bastante recortada por vales dos rios e riachos que seguem na direção leste, até atingirem o Oceano. Essa característica geomorfológica dos tabuleiros costeiros traz como consequência o isolamento físico dos platôs onde desenvolveram-se a maior parte das ocupações urbanas. As planícies e os tabuleiros costeiros são, portanto, as áreas mais sensíveis à ocupação humana. É nessa porção oriental onde está situado o Parque da Cidade.

A Região das Colinas e Maciços Costeiros ocupa grande parte da porção central e praticamente toda a porção ocidental do Município. Distribui-se por uma área de

planícies aluviais onde estão assentadas colinas, com maior destaque o Morro Mestre Álvaro (com seus 833 metros de altitude), uma referência na paisagem do Município e do Estado do Espírito Santo. A Região da Mantiqueira Setentrional ocupa faixa estreita do limite oeste do Município, apresenta relevo acidentado, fortemente declivoso com encostas íngremes, apresentando muitas vezes afloramentos rochosos e cotas altimétricas acima de 500 metros, como é o caso das colinas onde se originam as nascentes do Rio Jacaraípe.

A região de colinas e maciços caracteriza-se pela ocupação rural com predomínio do agronegócio de baixo impacto. A região urbana, localizada nas planícies e tabuleiros costeiros, no entanto, apresenta áreas quase totalmente ocupadas, com avanços críticos sobre as poucas áreas de preservação, fundos de vales e corpos d'água, caracterizada, inclusive, por ocupações irregulares (SERRA, 2012).

O Município da Serra possui uma extensa rede de pequenos córregos e nascentes. Essa rede hídrica torna-se mais aparente na porção oriental do Município, formando os vales. Ao norte, destaca-se a bacia do Rio Reis Magos; e ao sul e à oeste, estão os córregos contribuintes da bacia do Rio Santa Maria da Vitória (SERRA, 2016). O Rio Santa Maria da Vitória banha os municípios de Santa Maria de Jetibá, Santa Leopoldina, Cariacica, Serra e Vitória, sendo responsável por aproximadamente 80% de toda a disponibilidade hídrica do Município da Serra. Internamente ao Município, destaca-se a bacia do Rio Jacaraípe, cujos tributários alimentam as Lagoas Juara e Jacuném.

As lagoas também bastante representativas no Município da Serra, além de apresentarem importância econômica, estão entre os sistemas naturais mais importantes por possuírem grande beleza cênica e por serem refúgios de várias espécies de fauna e flora naturais²⁸. Destacam-se, nestas condições, as lagoas Jacuném, Juara e Carapebus²⁹.

²⁸ Informação disponível em: < <http://www.serra.es.gov.br/site/pagina/lagoa-juara-1434987438897>>. Acesso em: 15 mai. 2017.

²⁹ Inserida entre o bairro Civit, as proximidades dos bairros Feu Rosa e Barcelona, a lagoa Jacuném abrange uma grande área urbana do município e é muito utilizada para pesca, entretanto possui um grande potencial turístico inexplorado. A Lagoa Juara, situada entre a Sede do Município e os balneários de Manguinhos e Jacaraípe, é a maior delas com extensão de 16 km. Em Jacaraípe, esta mesma lagoa abriga a criação e o comércio de venda da tilápia, peixe de água doce muito apreciado no local. A lagoa de Carapebus, situada no bairro do mesmo nome, é separada do mar por uma

A vegetação abriga considerável diversidade da flora, incluindo remanescentes de mata atlântica, restinga e manguezal, já intensamente fragmentados e, em sua maioria, limitada às sete unidades de conservação existentes no Município: APA Costa das Algas, APA Morro do Vilante, APA do Mestre Álvaro, APA Lagoa Jacuném, APA Manguezal Sul, APA Praia Mole e Parque Natural Municipal de Bicanga, como podem ser visualizadas no mapa da figura 31 e 32 (SERRA, 2016). O Morro do Mestre Álvaro abriga uma das últimas áreas de Mata Atlântica de altitude do Estado. Remanescentes vegetais presentes nas proximidades dos corpos d'água e fundos de vale são constantemente ameaçados pelas ocupações urbanas irregulares.

Apesar das inúmeras potencialidades do Município da Serra quanto às suas características geográficas e rica disponibilidade hídrica, há poucas áreas efetivamente preservadas e, sobretudo, pouquíssimo aproveitamento destas áreas no planejamento de espaços livres de lazer destinadas à população como parques urbanos, parques lineares, APPs urbanas, dentre outros.

Os principais elementos e atributos naturais: as lagoas, juntamente com as praias de Jacaraípe, Nova Almeida, Manguinhos, Bicanga e Balneário de Carapebus³⁰, além dos construídos: o patrimônio histórico e arquitetônico e o Parque da Cidade constam do mapa de atrativos disponibilizado em Serra (2016), figura 32.

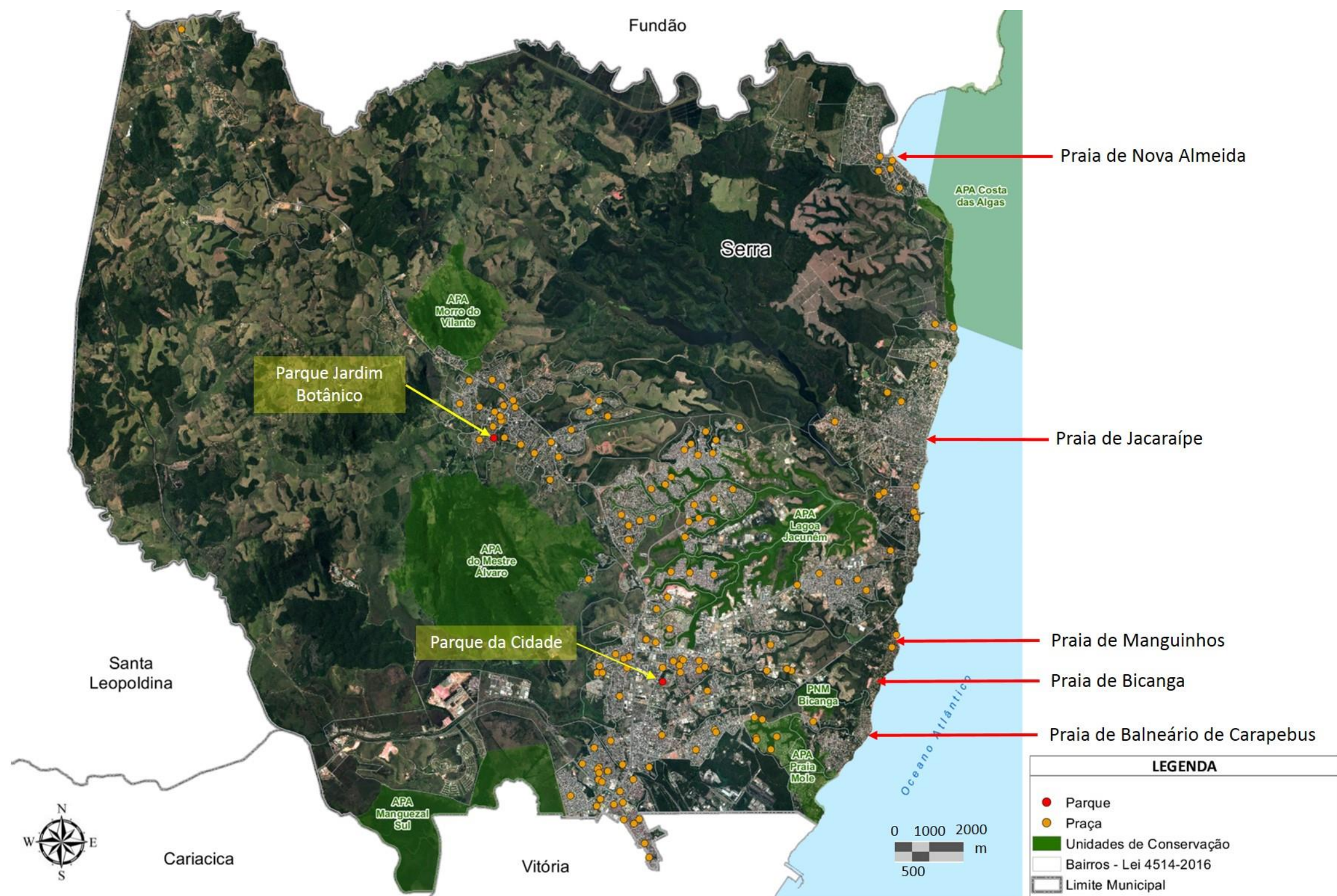
pequena faixa de areia e possui águas escuras e limpas. Estas lagoas apresentam potencial para pesca, camping e esportes aquáticos.

³⁰ O litoral do município (com 23 km de extensão) é caracterizado por vegetação de dunas, praias e manguezais, e compreende as praias de Jacaraípe, Nova Almeida, Manguinhos, Bicanga e Carapebus. A Praia de Carapebus, a mais próxima de Vitória, é um balneário de pescadores, possui formações areníticas e de corais ao sul e águas claras e mornas, propícia a prática do *surf* e a pesca. A praia de Bicanga é a mais agreste da região, com águas calmas, sombra farta oferecida pelas amendoeiras e boa para pesca. Manguinhos é um balneário com ambiente bucólico e praia de águas calmas, com vasta restinga e local de desova de tartarugas marinhas, destacando-se também pela gastronomia. Jacaraípe é a localidade com a praia mais urbanizada, sendo utilizada como palco de manifestações culturais e artísticas, shows de verão e outros que acontecem na areia da praia e na Praça Encontro das Águas, junto à orla. A praia de Nova Almeida possui águas rasas e quentes, recifes que formam piscinas naturais na maré baixa e falésias, situadas na Praia das Barreiras, onde se pratica o vôo livre (Disponível em: <<http://www.serra.es.gov.br/site/pagina/praias-e-lagoas>>. Acesso em: 02 fev. 2017 e Diagnóstico Turismo, Cultura, Esporte e Lazer – Agenda 21 (ano 2000).

(em funcionamento): o Parque da Cidade e o Parque Jardim Botânico, como pode ser visualizado no mapa da figura 33.

Neste mapa constam também as sete unidades de conservação instituídas no Município e a localização das praias de Jacaraípe, Nova Almeida, Manguinhos, Bicanga e Balneário de Carapebus, também muito utilizadas como espaços de lazer.

Figura 33 - Mapa com localização das praças, parques, UCs e praias do Município da Serra.



Fonte: Mapa do Município da Serra disponibilizado pelo GEO/ SEPLAE/ PMS em jun. 2017 e modificado em setembro de 2017.

A densidade demográfica do Município da Serra (741,85 hab./ km²) em comparação com Vitória (3.338,3 hab./ km²) é bastante inferior, quando comparam-se valores totais³².

No entanto, verifica-se que ao considerar somente a parte urbanizada da Serra (35% do seu território, ou seja, 193,56 km²)³³ tem-se uma densidade demográfica de 2.143,43 hab./ km², aproximando-se da capital (com 3.338,3 hab./ km²) para área urbanizada de 96,536 km².

Com relação aos espaços livres públicos existentes, a oferta de parques em Vitória (14 parques urbanos, que compreendem 765 mil m² e 7 parques naturais³⁴, com 4,69 milhões de m²) é substancialmente maior que no Município da Serra, que conta com 3 parques urbanos (atualmente, somente 2 em funcionamento), totalizando 297 mil m², e um parque natural (o Parque Natural Municipal de Bicanga³⁵), com praticamente 887 mil m², também UC do Município, dentre as sete existentes, já descritas. Sendo assim, constata-se que Vitória está consideravelmente melhor servida de parques que o Município da Serra.

Com relação aos parques urbanos, além do Parque da Cidade, outro parque existente no Município é o Parque Jardim Botânico (figura 34), situado no bairro Santo Antônio, próximo a Serra Sede. No local deste parque funcionava o antigo horto municipal transformado em Jardim Botânico em 2008. Atualmente, o Parque Jardim Botânico³⁶ tem aproximadamente 182 mil m², e abriga duas funções: a de Horto Municipal, responsável pela produção de mudas ornamentais e arbóreas destinadas à recuperação de áreas e plantio em praças e demais equipamentos públicos, e a de parque urbano. Destacam-se neste parque, os córregos, as áreas

³² As densidades demográficas apresentadas são as constantes no site do IBGE, que considera as populações totais destes Municípios com base no Censo Demográfico 2010.

³³ Este percentual de área urbanizada encontra-se definido no Anuário da Serra (SERRA, 2016), no qual consta que 35% da extensão territorial do Município da Serra (193,56 km²) corresponde à área urbanizada e 65% (353,89 km²), à área rural. A população da área urbanizada corresponde a 415.076 habitantes e da área rural, 2.817 habitantes, em 2010.

³⁴ Somente o Parque da Fonte Grande e o Parque do Vale do Mulembá ocupam cerca de 77% do quantitativo total dos Parques Naturais Municipais (3,59 milhões de metros quadrados).

³⁵ Atualmente este parque não apresenta nenhum tipo de intervenção/ construção, sendo somente instituída sua proteção legal.

³⁶ Informações disponíveis em: < <http://www.serra.es.gov.br/site/pagina/parque-jardim-botanico>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

brejosas e nascentes que formam o lago artificial, além de afloramentos rochosos e encostas. É um espaço para passeios e contemplação da paisagem que impressiona pelo grande lago, vegetação exuberante e vistas do Mestre Álvaro (figura 33). Até alguns anos, este parque possuía um caráter exclusivamente contemplativo, e durante a gestão municipal anterior (2013-2016) recebeu elementos novos como playground e aparelhos de ginástica.

Figura 34 - Parque Jardim Botânico, em Santo Antônio/ Serra.



Fonte: disponível em <<http://www.serra.es.gov.br/site/pagina/parque-jardim-botanico>>. Acesso em: 25 de jan. 2017.

Além destes dois, há um terceiro parque que atualmente encontra-se desativado. No bairro Novo Horizonte, em área ocupada por moradias em condições precárias e próxima a um córrego que a atravessa, foi construído em outubro de 2008, o Parque do Jacaré (objeto de convênio da prefeitura com o Governo Federal que também financiou a relocação das famílias deste local para conjuntos habitacionais construídos no próprio bairro) (Parque do Jacaré na Serra, 2008). Atualmente, este parque enfrenta problemas de vandalismo das suas estruturas, abandono, má gestão, dentre outros, permanecendo fechado.

Estes três parques serranos enquadram a Zona de Proteção Ambiental 4 definida pelo Plano Diretor Municipal da Serra, destinadas a espaços de lazer e recreação devendo assegurar a qualidade ambiental através do uso e ocupação do solo. Além destes parques já descritos, o Plano Diretor Municipal define outras áreas com vocação para implantação de parques urbanos³⁷.

³⁷ De acordo com a Lei 3820/2012 e suas atualizações, que dispõe sobre o Plano Diretor Municipal do Município da Serra, além dos Parques da Cidade, Jardim Botânico e do Jacaré implantados ou em fase de implantação, outras áreas como Cinturão verde de Colina de Laranjeiras e Chico City, Lagoa

Já as praças no Município da Serra são em 138 (ver localização no mapa da figura 33), correspondendo a 50% da disponibilidade deste tipo de ELP na capital do Estado – Vitória, que possui 271 praças, distribuídas em um território consideravelmente menor que a Serra (17% da extensão territorial total da Serra ou menos da metade da área urbanizada deste município), como pode ser visualizado na imagem da figura 35. Ao comparar os mapas das figuras 33 e 35, verifica-se que há uma maior quantidade de praças em Vitória distribuídas em menor área que a Serra, município onde este tipo de espaço livre público é em menor quantidade e mais disperso ao longo da sua área urbanizada. Ou seja, além dos parques, também com relação às praças, a capital do Estado oferece mais opção de lazer à sua população quando comparado com o seu Município vizinho – a Serra.

Figura 35 – Mapa com localização de praças no Município de Vitória.



Fonte: GEOWEB VITÓRIA, acesso em set. 2017.

Quanto à sua constituição física, as praças de bairro na Serra costumam apresentar equipamentos e instalações destinadas tanto ao lazer quanto ao esporte como

do Loteamento São Francisco e Lagoa do Loteamento Recanto dos Profetas, em Manguinhos são identificadas como vocação para implantação de parques urbanos, incluídas na Zona de Proteção Ambiental 04 (ZPA4). As demais ZPAs (1, 2 e 3) estão definidas pelas áreas marginais de cursos d'água, nascentes, fragmentos de floresta, ecossistemas diversos, entorno de lagos e lagoas, fundos de vales, unidades de conservação instituídas ou com vocação para tal, dentre outras resguardadas pela legislação ambiental.

playground, quadra poliesportiva, campo de areia, pista de skate, quadra de bocha, palco, dentre outros, dependendo das características de cada espaço e das necessidades e demandas apontadas por cada comunidade.

Outras praças de maior porte e/ ou situadas em locais estratégicos do Município em função da proximidade das praias ou de regiões mais valorizadas e com boa visibilidade destacam-se por programas de uso mais elaborados, variedade de equipamentos, mobiliários e instalações não convencionais, e costumam apresentar maior manutenção de áreas verdes, equipamentos e mobiliários. A estes espaços são garantidos projetos mais arrojados e maiores investimentos para sua concepção. Exemplos deste tipo de espaço são a Praça Encontro das Águas, em Jacaraípe e a Praça da Luz, em Parque Residencial Laranjeiras.

As praças interligadas às orlas das praias como a Praça Encontro das Águas, em Jacaraípe, e a Praça dos Pescadores, em Nova Almeida, possuem estrutura diversificada que atendem ao lazer, esporte, alimentação e algumas vezes, à eventos culturais (shows, comícios, eventos diversos).

A Praça Encontro das Águas (figura 36 A) possui cerca de 25,9 mil m² e está localizada junto à foz do rio Jacaraípe, dividindo-a em duas partes. Este rio a divide em duas partes interligadas por uma passarela metálica de acesso à pedestres, construída sobre o rio interligando os dois lados da praça, próximo à areia de praia. Esta praça possui uma passarela metálica que possibilita a passagem de pedestres à beira da praia (sobre o rio), interligando as duas partes da praça, um deck de madeira e atracadouro de barcos, uma peixaria, quadra de esportes, playground para as crianças, uma área destinada à eventos para shows diversos (muito comuns neste local), pista de skate e um campo de futebol de areia, na areia da praia; sendo reformada em 2015. De forma permanente, acontece uma feira de produtos agrícolas durante a semana, e no final de semana uma feira de alimentos e artesanato é atração, principalmente nas férias. De maneira similar, a Praça dos Pescadores (figura 36 B), em Nova Almeida está situada também junto à foz de um rio, o Reis Magos que deságua nas águas do mar, entre Nova Almeida e Praia Grande. Esta praça, com área equivalente à Praça Encontro das Águas (23,3 mil m²), mas com configuração mais linear, apresenta uma estrutura semelhante à Praça Encontro das Águas, com equipamentos como campo de grama sintética,

quiosques, playgrounds, quadra, peixaria aberta, sendo também muito utilizada à noite. Ambas as praças se destacam pela diversidade de usos e atividades, grande visibilidade e beleza cênica.

Figura 36 - Praças de orlas: Encontro das Águas (A), em Jacaraípe; e dos Pescadores (B), em Nova Almeida.



Fonte: Google Street View, acesso em 08 jun. 2017.

Outra praça também de caráter diferenciado, localizada em uma área adensada comercial e de serviços – o bairro Parque Residencial Laranjeiras, é a Praça da Luz. De porte menor que as praças litorâneas anteriormente descritas (com 5,5 mil m²), a Praça da Luz (figura 37) é destinada essencialmente à circulação e contemplação, com forte apelo estético/ cênico em função dos elementos utilizados como fonte luminosa, espelho d'água, deck de madeira e mobiliário arrojado. Ela foi construída em 2012, implantada entre dois empreendimentos comerciais/ imobiliários significativos: um shopping center e um dos primeiros edifícios comerciais da Serra, em uma localização de grande visibilidade na Av. Norte Sul, eixo viário que interliga vários bairros no Município.

Figura 37 - Praça da Luz, em Laranjeiras.



Fonte: Disponível em <<http://mapio.net/pic/p-60745290/>>. Acesso em 26 jan. 2017.

As praças mais próximas, localizadas a cerca de 1 km do Parque da Cidade, (marcações na cor roxa no mapa da figura 38) são: a Praça de Valparaíso (ponto A); e as praças da Luz (ponto E, já comentada), dos Correios (ponto D), Praça José Gomes da Motta (ponto B), Praça Miguel Ângelo (ponto C) e Praça “da Quadra de Tênis” (ponto F), situadas em Laranjeiras. Além destas cinco praças, existem outros espaços livres identificados nesta mesma área de influência como praças (ver figura 33): um que se configura mais como espaço remanescente do sistema viário; um segundo sem nenhum tipo de urbanização e/ou equipamento construído e um terceiro ocupado atualmente quase que integralmente por uma creche municipal, todos no Bairro Parque Residencial Laranjeiras. Dentre as seis praças descritas a seguir, com exceção da Praça da Luz (já comentada) e da Praça dos Correios, as demais estão localizadas em área mais residencial (no interior dos bairros).

Figura 38 – Imagem aérea com a localização das praças mais próximas (na cor roxa), situadas num raio aproximado de 1km (mancha avermelhada) do Parque da Cidade (na cor vermelha), outras praças do entorno (na cor amarela) e limite dos bairros.



Fonte: Modificação sobre mapa disponibilizado pelo Departamento de Geoprocessamento da Secretaria de Planejamento Estratégico/ SEPLAE/ PMS, em 02 out. 2017.

A praça de Valparaíso (A na figura 39), com 4.129,00 m², possui em seu interior uma biblioteca municipal (que ocupa metade da sua extensão) e poucos equipamentos, uma pista de skate e um playground, além disso também é pouco arborizada. Seus mobiliários/ equipamentos encontram-se atualmente bastante danificados (bancos, lixeiras, brinquedos). Já as praças José Gomes da Motta (B na figura 39), com 3,9 mil m², e a praça Miguel Ângelo (C na figura 39), com 4,6 mil m², possuem uma estrutura mais diversificada com equipamentos como bocha, quadra, campo, playground, academia, sendo a primeira a mais arborizada entre as demais. A Praça Miguel Ângelo encontra-se mais distante do Parque da Cidade (por volta de 1,2 km). Próximo à Praça da Luz (figura 37), encontra-se um largo (D na figura 39) utilizado essencialmente para circulação, e também por ambulantes e trabalhadores do entorno, conhecida como Praça dos Correios. Outra praça de menor porte (1,2 mil m²), está situada na Rua Miguel Ângelo, junto à esquina da Rua Rui Barbosa (F na figura 38), e possui um playground e uma quadra de tênis, equipamento disponível na Serra somente neste local e no Parque da Cidade.

Figura 39 – Praças: Valparaíso (A); e José Gomes da Motta (B), Miguel Ângelo (C) e dos “Correios” (D), em Laranjeiras, respectivamente.



Fonte: Google Street View, acesso em 08 jun. 2017.

Destacam-se também no Município da Serra, equipamentos destinados ao esporte como ginásios, quadras poliesportivas e campos de futebol, situados em praças, parque e em áreas isoladas públicas ou de propriedade de associações de moradores, sendo controlados e/ ou geridos pelas próprias associações ou outros representantes dos bairros³⁸.

Outros tipos de equipamentos urbanos viabilizados nos últimos anos, referem-se às academias populares instaladas em praças e parques do município (4 ao todo), e “Praças Saudáveis”³⁹ construídas em áreas livres disponibilizadas pela prefeitura através de parceria com o Governo do Estado (também 4, ao todo).

Além destes espaços livres, as orlas litorâneas (ver mapa da figura 32) são muito procuradas como ambientes de lazer no Município, principalmente durante o dia, e algumas, também à noite, quando se tornam pontos de encontro e de alimentação com barracas instaladas e feiras de artesanato, geralmente em época de férias e feriados. As praias de Jacaraípe (figura 40), Manguinhos (figura 41) e Nova Almeida (figura 42) apresentam trechos de suas orlas dotadas de infraestrutura, com maior ou menor grau de urbanização, contendo instalações como calçadão, ciclovia, equipamentos de ginástica, chuveiros, quadras de esporte, campos de areia e playground; as orlas de Bicanga e Carapebus possuem pouca ou nenhuma infraestrutura disponível, o que confere a estes locais um aspecto mais rústico e bucólico, muito apreciado por alguns usuários. Os quiosques na faixa de areia ou bares junto às vias litorâneas são pontos de apoio responsáveis pela atração de moradores e turistas nas regiões onde estão situados.

³⁸ São 168 campos/ quadras, distribuídos em praças (76), parque (4) e isolados (88). Informação disponibilizada pelo Geoprocessamento - SEPLAE/ PMS, em 19 jun. 2017.

³⁹ Estas propostas têm como finalidade estimular o exercício físico e o lazer nos espaços públicos das cidades, ao incorporar em seus projetos equipamentos e instalações para caminhada, ginástica, futebol de areia, playground e pista de skate. Os projetos das “praças saudáveis” são projetos padrão que requerem uma área mínima para sua implantação e terrenos planos, mas que não consideram a especificidade dos locais e terrenos disponíveis, as demandas de cada população usuária, as condições físicas e ambientais dos lugares, resultando, em muitos casos, na inadequação destes com o entorno e do não atendimento às reais necessidades dos moradores. Desta parceria, faz parte também a construção de campos de futebol society, denominados Campos Bom de Bola, implantados em 14 bairros do Município da Serra (SERRA, 2016).

Figura 40 - Orla da praia de Jacaraípe, Serra.



Fonte: Google Street View, acesso em 20 jun. 2017.

Figura 41 – Orla da praia de Manguinhos, Serra.



Fonte: Google Street View, acesso em 03 out. 2017.

Figura 42 - Orla da praia de Nova Almeida, Serra.



Fonte: Google Street View, acesso em 20 jun. 2017.

Com relação aos programas e ações voltadas para o lazer e o esporte no Município, atualmente estes são desenvolvidos por meio de parcerias com outras instituições,

governo estadual, instituições religiosas, filantropia e outros⁴⁰. Um destes programas é o projeto “Campeão do Futuro”, que visa à implantação de núcleos para oferta de atividades esportivas gratuitas a crianças e adolescentes com idade entre 7 a 17 anos⁴¹. Os programas e ações existentes são restritas dado os poucos recursos destinados para esta finalidade e também à precária estrutura administrativa para alavancar estas ações (PERIM, 2012).

Outras atividades ligadas ao esporte e lazer são oferecidas pelos Centros de Vivência da Terceira Idade e Centros Comunitários que, dependendo da infraestrutura disponível, oferecem aulas de natação, hidroginástica, ginástica, yoga, além de atividades de convívio entre os participantes (SERRA, 2012). Academias ao ar livre instaladas em praças e parques são também direcionados aos idosos, além das atividades promovidas pelos programas de orientação ao exercício físico (PROEFs), coordenados pela Secretaria de Saúde e oferecidos nas Unidades de Saúde, com aulas de ginástica e orientação ao exercício físico objetivando a prevenção de doenças e a melhoria da qualidade de vida. Este tipo de atividade também é disponibilizado no Parque da Cidade (SERRA, 2016).

2.3 CONTEXTO URBANO DO PARQUE DA CIDADE

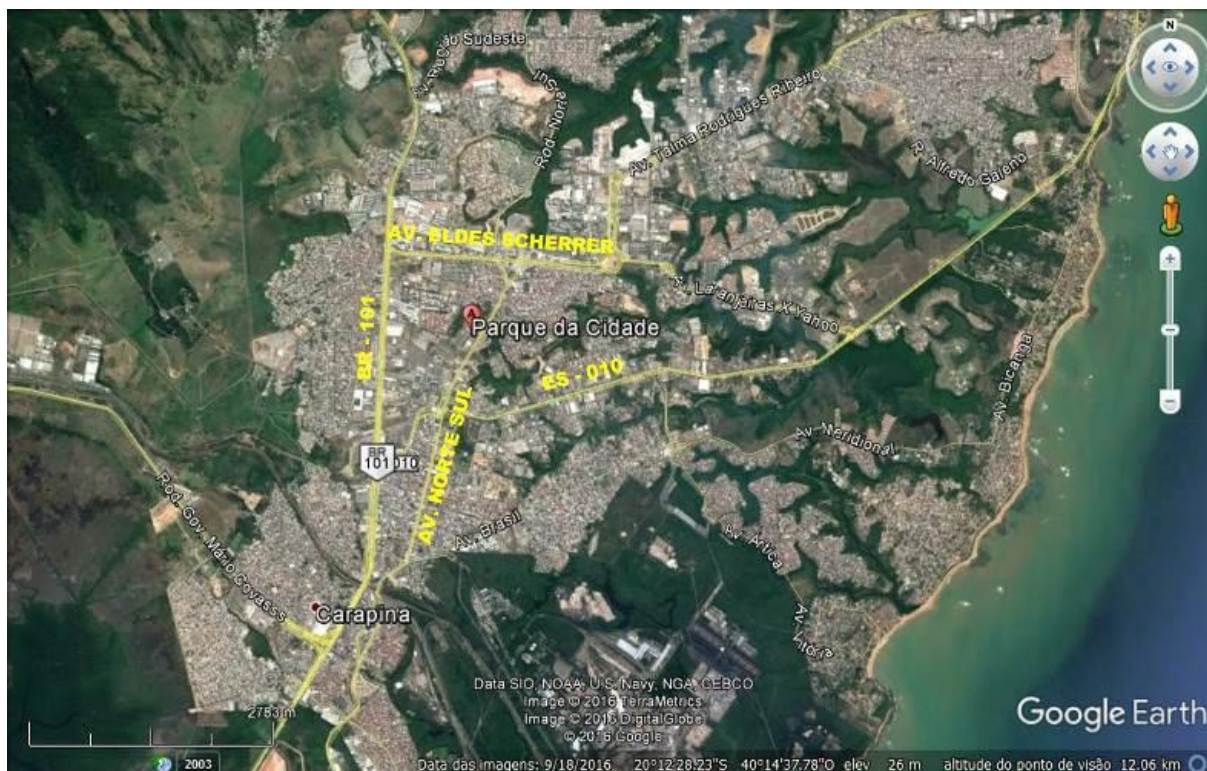
Neste item é apresentado o entorno do Parque da Cidade, compreendendo uma contextualização do Parque quanto à sua localização geográfica, principais vias de acesso e caracterização urbanística dos bairros vizinhos.

O Parque da Cidade apresenta localização privilegiada em função da sua posição central com relação à parte urbanizada do Município da Serra. Além disso, possui acesso facilitado em função da proximidade a eixos viários relevantes, responsáveis pela interligação norte-sul e leste-oeste do município e vizinhos, como a BR-101, à oeste; Avenida Norte Sul, à leste; Avenida Eudes Scherrer, ao norte; e a Rodovia ES - 010, ao sul (figura 43).

⁴⁰ Informações disponibilizadas pelo Departamento de Esporte e Lazer da Secretaria de Turismo, Cultura, Esporte e Lazer (SETUR) do Município da Serra (INFORMAÇÃO VERBAL).

⁴¹ No Município da Serra, estes núcleos localizam-se nos bairros Cidade Continental, Laranjeiras e Feu Rosa. Outro tipo de ação refere-se às escolinhas de futebol registradas na Prefeitura e entidades privadas, organizações sem fins lucrativos, entidades religiosas e outras que desenvolvem trabalhos relacionados aos esportes, porém, sem contato e/ ou financiamento da Prefeitura (SERRA, 2016).

Figura 43 - Mapa com localização do Parque da Cidade e proximidade às vias relevantes.



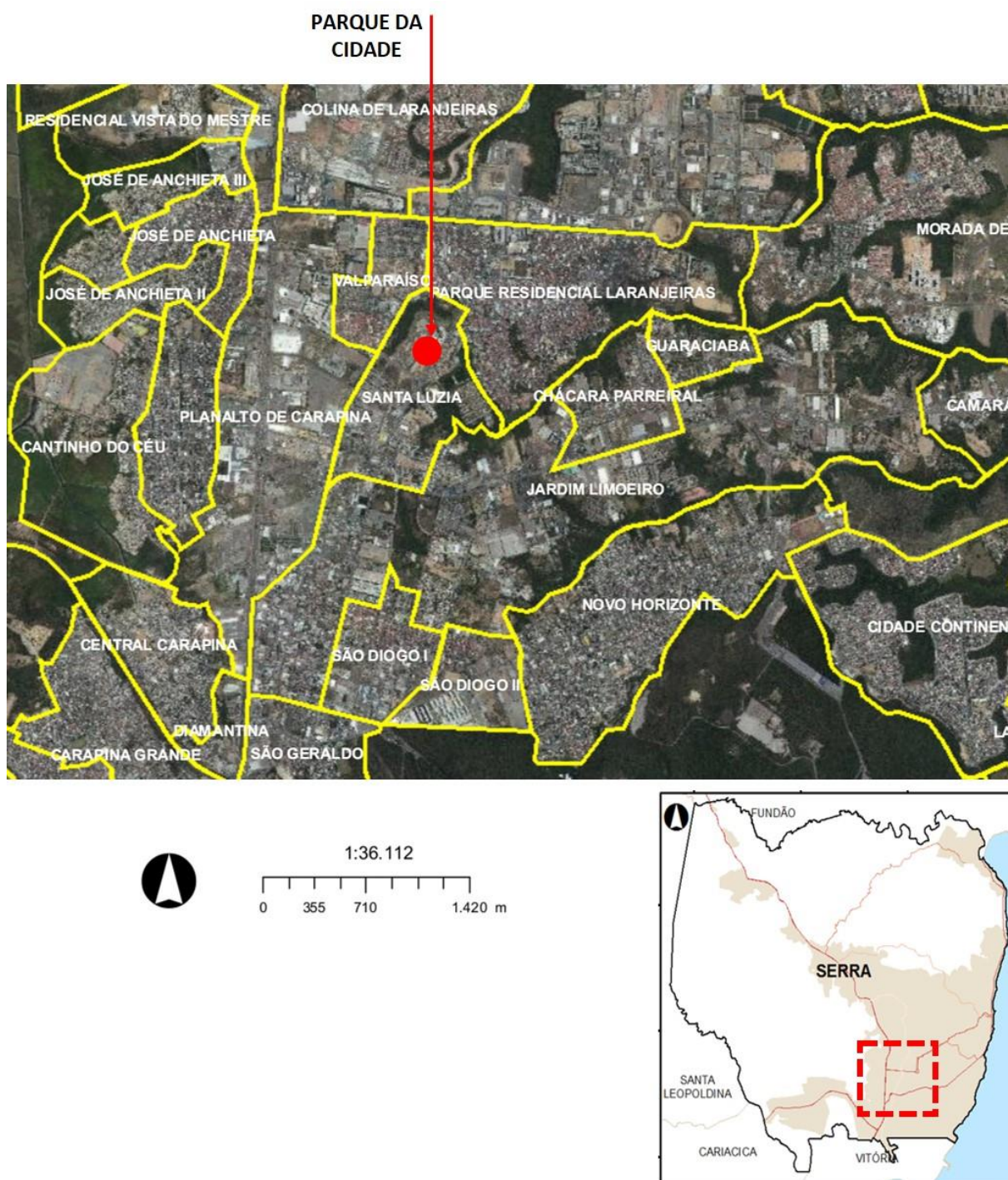
Fonte: Modificação sobre Google Earth, 2017.

De acordo com o Plano Diretor Municipal da Serra⁴², são vias metropolitanas as rodovias BR – 101, a ES – 010 e a Av. Norte – Sul; e arterial, a Av. Eudes Scherrer, sendo caracterizadas como vias de fluxo rápido e intenso, e coletoras a Avenida Guarapari e a Rua Anchieta, responsável pela interligação de bairros.

O Parque da Cidade está situado no bairro Santa Luzia, fazendo divisa com os bairros de: Parque Residencial Laranjeiras, à nordeste; Valparaíso, à noroeste; Planalto de Carapina, à oeste e Jardim Limoeiro, ao sul e sudeste do Parque, como pode ser visualizado na figura 44.

⁴² Lei 3820/2012 que dispõe sobre o Plano Diretor Municipal do Município da Serra. Disponível em: < <http://legis.serra.es.gov.br/normas/images/leis/html/L38202012.html>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

Figura 44 - Mapa com divisão de bairros e localização do Parque da Cidade.



Fonte: Modificação sobre mapa disponibilizado pelo Departamento de Geoprocessamento da Secretaria de Planejamento Estratégico/ SEPLAE/ PMS, em 20 jun. 2017.

O bairro de divisa com o Parque mais adensado é Valparaíso, com 16.727 hab./ km² – a maior densidade demográfica por bairro do Município da Serra⁴³. Possui

⁴³ Dados extraídos de Arquivo: População e área territorial por bairro com base no Censo Demográfico 2010 (IBGE), disponibilizado pelo Setor de Geoprocessamento da Secretaria de Planejamento Estratégico do Município da Serra.

reduzida extensão territorial (0,3 km²) quando comparado com bairros vizinhos do Parque da Cidade e população de 5.683 habitantes residentes (IBGE, 210). Valparaíso possui atualmente um traçado que respeitou quase na íntegra a Proposta Urbanística do “Loteamento Valparaíso”, aprovado pela PMS através do Decreto Nº 583, em 07/04/1976 e de propriedade da Construtora ENCOL, segundo dados do DPU/ PMS.

O bairro Santa Luzia e Parque Residencial Laranjeiras são medianamente adensados (4.135 hab./ km² e 5.062 hab/ km², respectivamente). São também bairros que passaram por profundas modificações em sua forma de ocupação e uso do solo nos últimos anos. Laranjeiras, atualmente, é um grande pólo comercial e de serviços de relevância regional e estadual, com 8.216 habitantes e área de 1,6 km², um dos bairros de grande extensão territorial nas imediações do Parque da Cidade, assim como Jardim Limoeiro e Planalto de Carapina. O bairro originou-se de loteamento aprovado pela municipalidade através do Decreto 583 de 07/04/1976 de propriedade da Cooperativa Habitacional dos Trabalhadores Capixabas (COOPHABCAP), e modificado posteriormente pelo Decreto 624 de 30/09/1976, sendo construído em 1978⁴⁴ (ver figura 45 e 46).

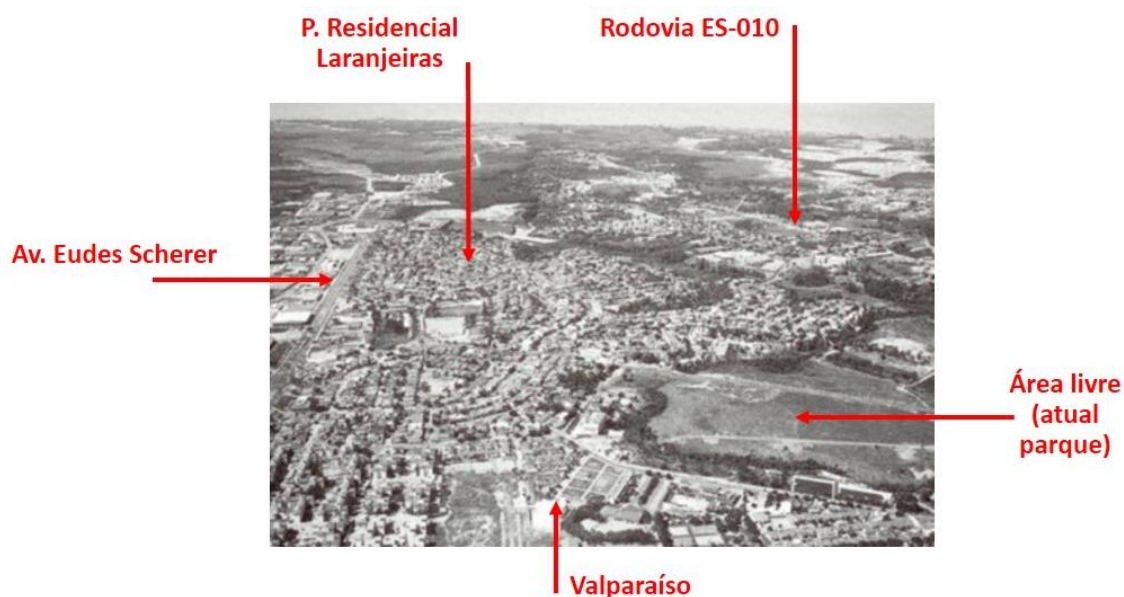
⁴⁴ Informações extraídas de Relatório da Situação Fundiária do bairro Parque Residencial Laranjeiras, elaborado em 2011 e disponibilizado pelo Departamento de Planejamento Urbano da Prefeitura da Serra em 2016 (DPU/ SEDUR/ PMS).

Figura 45 – Foto aérea onde pode ser visto os bairros Parque Residencial Laranjeiras e Valparaíso (ainda em processo de ocupação), em 198[?].



Fonte: Arquivos DPU/PMS, 2016.

Figura 46 – Foto aérea onde se vê os bairros Parque Residencial Laranjeiras e Valparaíso mais consolidados, em 1998.



Fonte: Campos Jr. e Neves (1998, apud FIOROTTI, 2014).

A centralidade representada por Laranjeiras extrapola os próprios limites do bairro, oficialmente chamado de Parque Residencial Laranjeiras. A materialização deste processo vivenciado também por outros centros como a Glória, em Vila Velha, e

Campo Grande, em Cariacica, deu-se, no caso da Serra, em função das atividades econômicas e também pelas ações do poder público, no que se refere à estruturação da mobilidade urbana da região. Gonçalves (2010) afirma que neste sentido, as operações viárias no município e a implantação do sistema de Transporte Público Metropolitano (TRANSCOL), entre final da década de 1980 e início dos anos de 1990, alavancaram este processo. A consolidação dos dois novos eixos viários diante dos já existentes, a Av. Talma Rodrigues Ribeiro e a Av. Norte-Sul, também foi determinante para a implantação do Terminal de Laranjeiras, exercendo influência direta na redefinição da acessibilidade do Município e a favor da centralidade do bairro.

Desde a década de 1990, Laranjeiras vem se destacando pela concentração de estabelecimentos de comércio varejista e prestação de serviços, as atividades tornaram-se mais complexas devido à chegada de grandes empresas como bancos, financeiras, shoppings centers, etc. (GONÇALVES, 2007; BARBOSA, 2009). Diante deste contexto, Gonçalves (2010) destaca que Laranjeiras desenvolveu-se e consolidou-se como “centralidade intraurbana”, tornando-se centro diferenciado do restante do tecido urbano do Município da Serra. A mesma autora destaca também ações públicas voltadas para a implantação de equipamentos comunitários que contribuíram por reforçar esta centralidade e a sua relevância, como a inauguração do Parque da Cidade em 2008 (figura 47) e da Praça da Luz (já comentada na seção 2.2.1, situada entre empreendimentos imobiliários relevantes, próximo ao cruzamento das avenidas Norte Sul e Eudes Scherrer, e inaugurada no final de 2009.

Figura 47 - Foto aérea do Parque da Cidade e entorno, à época da sua construção (2007-2008).



Fonte : Modificação sobre foto disponibilizada pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano/ PMS, foto de 2007/ 2008, em out. 2016.

A ocupação do bairro Laranjeiras varia entre os usos comercial, de serviços e residencial, este último foi sendo expulso ao longo dos anos pelos outros usos, implantando-se nas bordas do bairro. A concentração de atividades comerciais e de serviços ocorre, especialmente, em dois grandes eixos: a Avenida Central, caracterizada pela intensa concentração de comércio varejista popular, prestação de serviços, bancos e financeiras; e a Avenida Eudes Scherrer de Souza, que comporta atividades de maior porte como grandes supermercados, lojas de departamentos, hospitais, os primeiros edifícios comerciais do Município, um shopping center (o Mont Serrat), construído em 2013.

Nos últimos anos, intervenções viárias, incluindo reestruturações físicas das vias, desapropriações e alterações na sinalização viária, além de alargamento das calçadas e urbanização de parte da Av. Central foram viabilizadas, motivadas pelo crescimento das atividades econômicas, necessidade de reordenamento local e expansão imobiliária a fim de garantir maior mobilidade urbana a esta região e interligação com áreas vizinhas. Essas ações fazem parte do “Projeto de Revitalização de Laranjeiras”, com obras iniciadas por volta de 2012.

Acompanhando o perfil de Laranjeiras, o bairro Valparaíso vem incorporando muitos pontos comerciais (lojas, padarias, etc.) e de serviços. Contudo, sua ocupação ainda

é basicamente residencial, onde predomina a construção de condomínios multifamiliares.

No bairro Santa Luzia, também há a predominância de condomínios multifamiliares. Segundo dados do Departamento de Planejamento Urbano da Prefeitura da Serra (DPU/ PMS) ⁴⁵, este bairro faz parte do Loteamento Jardim Limoeiro⁴⁶, aprovado na década de 1940, que originalmente foi parcelado em chácaras, e à medida que a região foi sendo ocupada e adensada, essas chácaras foram desmembradas em partes menores; entretanto, até hoje, a região caracteriza-se por grandes glebas. A partir dos anos 1970 e 1980 e com a abertura da Rodovia ES – 10, a região foi sendo ocupada por grandes empresas prestadoras de serviço, algumas indústrias e depósitos que se favoreciam da disponibilidade de grandes glebas. Com 3.297 habitantes (IBGE 2010), extensão territorial de 0,8 km² e densidade demográfica⁴⁷ de 4.135 hab./ km², atualmente o bairro apresenta padrão de uso misto entre comércio, serviço e uso residencial (este predomina), com tendência de substituição dos usos comerciais e industriais por condomínios multifamiliares, incentivados pelo modelo de parcelamento em grandes glebas e pela proximidade com o bairro Parque Residencial Laranjeiras - centro comercial do Município - e com os grandes eixos viários. Os usos comerciais e de serviços tendem a se instalar próximas à Rodovia ES – 010 e Avenida Norte – Sul. O bairro apresenta-se em fase de ocupação, apresentando lotes ocupados desordenadamente, alguns vazios e outros com edificações inacabadas.

Os bairros Jardim Limoeiro e Planalto de Carapina são os bairros menos ocupados, com menores densidades demográficas da região (respectivamente, 1.543 e 1.308 hab./ km²). Estes bairros são caracterizados majoritariamente por grandes glebas

⁴⁵ Informações extraídas de Relatórios da Situação Fundiária do bairro Santa Luzia disponibilizadas pelo Departamento de Planejamento Urbano da Secretaria de Desenvolvimento Urbano da Prefeitura (DPU/ SEDUR/ PMS).

⁴⁶ O Loteamento Jardim Limoeiro localiza-se na região sul do Município da Serra, formado atualmente pelos Bairros Chácara Parreiral, Guaraciaba, São Diogo I, São Diogo II, Jardim Limoeiro, Camará e parte dos Bairros Santa Luzia e São Geraldo, conforme Lei nº 3.421/2009 (Limites de Bairros) (DPU/ SEDUR/ PMS).

⁴⁷ Dados extraídos de Arquivo: População e área territorial por bairro com base no Censo Demográfico 2010 (IBGE), disponibilizado pela Secretaria de Planejamento Estratégico do Município da Serra.

com algumas áreas desmembradas em terrenos menores. Planalto de Carapina conta com 2.680 habitantes distribuídos em 2,0 km² e é cortado pela Rodovia BR – 101 Norte. Tem a sua ocupação consolidada e o uso do solo diversificado, onde se observam os usos: residencial (com predomínio dos condomínios multifamiliares), comercial e de serviço (grandes lojas, concessionárias/ automotivas, papelaria, fertilizantes), institucional (Escelsa/ EDP) e até industrial (Composé, Damarka, Fortlev, Cedisa). Já o bairro Jardim Limoeiro, com maior população e maior área quando comparado com Planalto de Carapina (6.187 habitantes e 4,0 km²) apresenta um perfil de ocupação semelhante: concentra atividades comerciais, de serviços, depósitos e algumas indústrias ao longo da BR- 101, Av. Lourival Nunes e Rodovia ES-010, contudo possui também muitas residências unifamiliares nos espaços interiores do bairro.

Com relação aos espaços livres públicos presentes nos bairros de entorno do Parque da Cidade, a maior quantidade de praças localiza-se no bairro Parque Residencial Laranjeiras. São 8 espaços livres identificados como praças no mapa da figura 38, sendo 5 deles efetivamente praças (descritas na seção 2.2.1), os demais ou remanescente de sistema viário, ocupado por edificação ou sem nenhum tipo de equipamento/ urbanização, como já mencionado. Os demais bairros possuem uma menor quantidade de praças: geralmente uma única (Valparaíso, a praça mais próxima do Parque) ou nenhum espaço livre público disponível para o lazer da sua população como em Planalto de Carapina e Jardim Limoeiro. No bairro Santa Luzia, o único ELP de lazer é o Parque da Cidade.

Atualmente, observa-se nas proximidades do Parque da Cidade, abrangendo os bairros Santa Luzia, Valparaíso, Parque Residencial Laranjeiras e Planalto de Carapina, além de Jardim Limoeiro, uma maior ocupação e verticalização do espaço, excetuando-se os poucos vazios urbanos definidos por áreas com características ambientais e áreas ainda desocupadas, objeto de especulação imobiliária, como pode ser visualizado na figura 48.

Verifica-se também que a vegetação na região do entorno do Parque se concentra basicamente nas áreas características de fundos de vale formadas pelos cursos d'água (rios, riachos e áreas alagáveis), que recortam as áreas edificadas situadas

em nível mais elevado - os platôs - típicos desta parte oriental do Município, correspondente aos Tabuleiros Costeiros.

Figura 48 - Foto aérea do Parque da Cidade, em 2016.



Fonte : Acervo de Gabriel Lordello, 2016. Disponibilizado pelo próprio autor.

No capítulo seguinte, será apresentada detalhadamente a metodologia utilizada na pesquisa de campo, para posteriormente serem apresentados o levantamento realizado do Parque e a análise dos resultados da pesquisa empírica.

CAPÍTULO 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta dissertação insere-se na área de estudos Ambiente - Comportamento na medida em que busca a compreensão do uso do Parque da Cidade e, sobretudo, no modo como seus usuários o percebem e se relacionam com ele. Na primeira parte deste capítulo é feita uma apresentação desta área de conhecimento; na segunda parte são abordadas a estratégia de investigação adotada (estudo de caso) e o método de pesquisa empregado (multimétodos ou métodos mistos). E finalmente, na terceira parte são explicitadas as técnicas utilizadas.

3.1 ÁREA DE ESTUDOS AMBIENTE - COMPORTAMENTO

Segundo Reis e Lay (2006), essa área de estudos é também conhecida por alguns autores como psicologia ambiental (PROSHANSKY et al., 1970; CANTER, 1977), psicologia ecológica (BARKER, 1968; GIBSON, 1979) ou percepção ambiental (LYNCH, 1960; RAPOPORT, 1977). A psicologia ambiental baseia-se no entendimento que a pessoa influencia o ambiente e ao mesmo tempo é influenciada por ele; e envolve, portanto, disciplinas ligadas ao ambiente - arquitetura e geografia - e ao comportamento - sociologia, psicologia, antropologia e ciências políticas (ELALI, 2006).

Este campo de estudo emerge na década de 1960 como reação aos problemas causados pela implantação de modelos habitacionais inspirados no urbanismo moderno na Europa e nos Estados Unidos (VILLA; ORNSTEIN, 2013). Segundo Reis & Lay (2006), as críticas voltavam-se ao caráter individualista, consumista e fragmentado das cidades modernas que priorizava a subdivisão da cidade em unidades distintas, à falta de consistência formal e de oportunidades diversificadas de serviços e de como resolver o vandalismo, insegurança, insatisfação e desconforto psicológico em lugares públicos e áreas comuns de conjuntos habitacionais.

No Brasil, os estudos sobre as relações Ambiente-Comportamento ganham consistência acadêmica com trabalhos de Avaliação Pós-Ocupação (APO) de ambientes construídos iniciados nos cursos de Arquitetura e de Engenharia em meados da década de 1980 (VILLA; ORNSTEIN, 2013). Estes trabalhos surgem quando diretrizes de projeto passam a considerar, além de critérios de desempenho

físico, o (re) conhecimento dos aspectos culturais, as expectativas e o nível de satisfação dos usuários.

Ao longo dos anos, desde seu surgimento, a APO firmou-se como um conjunto de métodos e técnicas com potencial de aplicação nos ambientes em uso visando incrementar a qualidade dos processos de projeto, construção e uso dos ambientes construídos (VILLA; ORNSTEIN, 2013), desenvolvendo-se inicialmente nos empreendimentos habitacionais e mais tarde em outras tipologias de edificações (corporativas, institucionais, saúde), e também nos ambientes externos.

Inicialmente de caráter tecnicista, nas últimas décadas uma abordagem mais perceptual tem sido adotada. Diversos estudos nesta área vêm sendo desenvolvidos em grupos de pesquisa, laboratórios, mestrados e doutorados ligados aos programas de Pós-Graduação dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Engenharia e Psicologia, espalhados por diversas instituições de ensino no país.

Nas APOs desenvolvidas na UFRJ, destaca-se o trabalho de Rheingantz et. al. (2009) sobre avaliação de desempenho do ambiente construído e dos demais pesquisadores do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, desenvolvendo pesquisas com enfoque na cognição ambiental e abordagem experiencial.

Rheingantz et. al. (2009, p. 16), em livro sobre procedimentos de APO, conceitua a avaliação pós-ocupação como:

[...] um processo interativo, sistemático e rigoroso de avaliação de desempenho do ambiente construído, passado algum tempo de sua construção e ocupação. Focaliza os ocupantes e suas necessidades para avaliar a influência e as consequências das decisões projetuais no desempenho do ambiente considerado, especialmente aqueles relacionados com a percepção e o uso por parte dos diferentes grupos de atores ou agentes envolvidos.

As técnicas abordadas pelos autores são: *walkthrough*, mapeamento comportamental, poema dos desejos, mapeamento visual, mapa mental, seleção visual, entrevista, questionário e outras duas técnicas elaboradas pelo grupo de pesquisa desta universidade (APO Pró-Lugar), a matriz de descobertas e a observação incorporada.

Segundo Elali (2008) grande parte dos estudos ligados à APO tem afinidade com a área das relações pessoa- ambiente ou, como adotado nesta dissertação, Ambiente

– Comportamento, uma vez que seu interesse recai na dinâmica ocupacional do edifício ou conjunto edificado, e sobretudo no que se refere ao modo como os usuários percebem e se relacionam com o local, às atividades que ali realizam e aos papéis sociais assumidos ao fazê-lo. Tal entendimento exige que as pesquisas na área recorram a métodos e técnicas que priorizem a análise de aspectos sóciocomportamentais das situações da vida diária.

Estudos das relações Ambiente – Comportamento (RACs) foram também desenvolvidos sob a coordenação principal de Antônio Reis e Cristina Lay do Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com abordagens estética-visual, utilização de métodos de aferição de dados, avaliação de aspectos associados às conexões visuais e funcionais e da atitude de moradores em relação à adequação da privacidade visual.

Outro tipo de abordagem refere-se ao trabalho realizado pelo grupo Inter-Ações Pessoa Ambiente, coordenados inicialmente por José Q. Pinheiro e Gleice A. Elali da UFRN, relacionando aspectos da morfologia urbana e usos, questões ligadas ao conforto ambiental e transformação do espaço habitacional. Com foco na abordagem fenomenológica e participação dos usuários, destaca-se a experiência do Núcleo de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFMG. Ainda nesta área de estudos, Cavalcante e Elali (2011) enfatizam a atuação recente de grupos de pesquisa e laboratórios de Psicologia Ambiental nas Universidades de Brasília, Fortaleza, São Paulo (USP-SP e USP-Ribeirão Preto) e Santa Catarina, que tem contribuído com diversas pesquisas.

A grande maioria destas pesquisas tem como base a análise de aspectos dos comportamentos dos usuários, abordando modos adequados de aferição de comportamento nos espaços analisados. Tais abordagens discutem a eficiência e a validade dos métodos essencialmente técnicos e quantitativos aplicados em APOs para aferição do comportamento, visto que “conhecer e compreender as relações do homem no espaço vivenciado, muitas vezes, extrapola o universo exato dos números” (VILLA; ORNSTEIN, 2006, p. 1401).

Além dos estudos que fazem parte de grupos de pesquisa consolidados na área Ambiente – Comportamento, outros foram importantes referências para esta

dissertação, pois são aplicações das teorias nesta área em dissertações de mestrado e teses de doutorado relacionadas a praças como “Projeto da Praça: convívio e exclusão no espaço público” (ALEX, 2011), “Praça: lugar de lazer” (LIBERALINO, 2011), “Uma reflexão sobre a vitalidade urbana das praças de Natal/ RN” (SANTANA, 2015), e parques como “Espaço público, entorno e usuário: a qualidade da relação observada no Parque da Luz, em Florianópolis” (BARROS, 2010), “Avaliação pós-ocupação do Parque Jardim dos Namorados, Salvador/ BA” (TRINDADE, 2007), “O papel dos parques urbanos no sistema de espaços livres de Porto Alegre/ RS: uso, forma e apropriação” (MIRANDA, 2014) e “Acessibilidade para pessoas com deficiência visual: uma análise de parques urbanos” (QUEIROZ, 2014).

Esta dissertação se utiliza de técnicas (a serem descritas e detalhadas na seção 3.3), comumente empregados nos trabalhos de Avaliação pós-ocupação (APO).

3.2 ESTRATÉGIA DE INVESTIGAÇÃO E MÉTODOS UTILIZADOS

A estratégia de investigação adotada nesta dissertação compreende a definida por Creswell como “Estudo de caso”, que consiste em uma:

[...] estratégia de investigação em que o pesquisador explora profundamente um programa, um evento, uma atividade, um processo ou um ou mais indivíduos. Os casos estão relacionados pelo tempo e pela atividade, e os pesquisadores coletam informações detalhadas usando vários procedimentos de coleta de dados durante um período de tempo prolongado (STAGE apud CRESWELL, 2010, p. 32).

Outro conceito apresentado por Yin (2010, p. 39) enfatiza o papel do contexto ao definir estudo de caso como:

“[...] uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes”.

Groat & Wang (2013) destacam cinco características importantes dos estudos de caso: foco em um único ou múltiplos casos, estudados em seus contextos reais; a capacidade de explicar ligações causais; a importância do desenvolvimento da teoria na fase de projeto de pesquisa; o uso de múltiplas fontes de evidência, com dados que precisam ser triangulados; e o poder de generalizar a teoria.

Segundo Groat & Wang (2013), os casos únicos podem ser altamente convincentes e sua virtude está no nível de complexidade envolvido (GROAT & WANG, 2013). Por

outro lado, Alves-Mazzotti (2006) demonstra preocupação com o frequente posicionamento de pesquisadores diante de estudos que definem uma unidade única ou um número reduzido de envolvidos, sem justificar o porquê desta escolha e que levam a interpretação superficial de resultados, sem recurso ao contexto ou à história. O caso único pode ser semelhante ou diferente de outros conhecidos, e assim Alves-Mazzotti (2006, p. 647) defende que:

[...] por meio de uma narrativa densa e viva, o pesquisador pode oferecer oportunidade para a experiência vicária, isto é, pode levar os leitores a associarem o que foi observado naquele caso a acontecimentos vividos por eles próprios em outros contextos.

Neste sentido, o mesmo autor enfatiza que os estudos de caso, assim como os experimentos, não representam “amostra” cujos resultados seriam generalizáveis para uma população (de forma estatística). O pesquisador não procura casos representativos de uma população para a qual pretende generalizar os resultados, mas a partir de um conjunto particular de resultados, ele pode gerar proposições teóricas que seriam aplicáveis a outros contextos. Alves-Mazzotti (2006) toma como exemplo a pesquisa de Jane Jacobs sobre vitalidade urbana conduzida na cidade de Nova York, na qual a autora parte dos dados obtidos naquele contexto para discutir aspectos teóricos mais amplos, como o papel das calçadas e dos parques, a necessidade de quarteirões pequenos, os processos de favelização e desfavelização, chegando à construção de uma teoria sobre planejamento urbano que pode ser aplicada a outras grandes cidades.

Através de uma abordagem metodológica mista ou de métodos mistos (CRESWELL, 2010), ou também denominada por alguns pesquisadores como multimétodos (SOMMER; SOMMER, 2002; GUNTHER; ELALI; PINHEIRO, 2004; ZEISEL, 2006), esta dissertação faz uso de técnicas e instrumentos metodológicos de cunho tanto quantitativos quanto qualitativos em função das duas questões-chave a serem atendidas: a identificação da situação de uso do Parque e o entendimento das percepções dos seus usuários.

Elali (1997) explica que de um modo geral os dados provenientes de uma única fonte são passíveis de dúvidas, pois a utilização isolada de um método ou técnica pode gerar lacunas no conhecimento obtido, apontando para resultados que contemplam somente uma faceta da realidade. A mesma autora, ao citar Bechtel,

Marans, Michelson e Spreckelmeier, ressalta a importância da obtenção de dados provenientes de outras fontes:

Sob este ponto de vista torna-se aconselhável que, para evitar vieses metodológicos, os desvios surgidos a partir de um tipo de coleta de dados sejam contrabalançados por informações originadas em outras formas de pesquisa, minimizando as distorções no resultado final do trabalho (BECHTEL, MARANS & MICHELSON, 1987; MARANS & SPRECKELMEYER, 1987 apud ELALI, 1997, p.355).

A triangulação e a verificação dos dados envolvem a utilização de uma variedade de fontes de dados, múltiplos investigadores e/ ou combinação de técnicas de coletas de dados a fim de checar dados e interpretações, conferindo maior credibilidade à pesquisa (GROAT & WANG, 2013). Endossando a questão, Manderson (1977, apud LOW; TAPLIN; SCHELD, 2005, p. 185, tradução nossa) destaca que a triangulação ou uso de diversos métodos busca “maximizar a validade e confiabilidade dos dados”.

As técnicas empregadas nesta dissertação compreendem: levantamentos de arquivos, levantamentos no local, observações de uso para elaboração de mapeamentos comportamentais (RHEINGANTZ et. al, 2009), registros em diários de campo, registros fotográficos, aplicação de questionários e entrevistas com pessoas específicas e com usuários do Parque, permitindo posterior triangulação dos dados.

3.3 TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

No decorrer deste subitem serão explicitados as técnicas empregadas e os procedimentos adotados nesta dissertação para a coleta de dados e as formas de análise e tratamentos dos mesmos.

3.3.1 Coleta de dados

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa exploratória, denominada 1ª. etapa, a fim de possibilitar um conhecimento mais aprofundado do objeto de estudo e a familiarização com técnicas e procedimentos adotados. Esta 1ª. etapa foi realizada entre os meses de abril e maio de 2016 e contou com a participação dos alunos da turma de Paisagismo II do curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo, ministrada no primeiro semestre do mesmo ano. Foram adotadas as seguintes técnicas: observações de uso para elaboração de mapas comportamentais (RHEINGANTZ et al., 2009; ELALI, 2008), aplicação de

questionários (GIL, 2010; GUNTHER, 2003; ZEISEL, 2006) com usuários e entrevista com pessoa específica ligada ao Parque da Cidade (RHEINGANTZ et al., 2009; GIL, 2010). Foram realizadas observações de uso em um dia de semana e outro de final de semana (de 6 às 22 h), uma entrevista com pessoa específica e 36 questionários com usuários como pré-teste do instrumento.

Em um segundo momento, compreendendo a 2ª. etapa de campo, realizada nos meses de março e abril de 2017, deu-se a continuidade da coleta de dados. Nesta etapa foram contemplados mais dias e horários de observação de uso do Parque para elaboração dos mapas comportamentais, entrevistas específicas com demais pessoas ligadas ao Parque e entrevistas com os usuários. No total foram feitas observações de 6 às 22 horas em 3 dias de semana e todo o final de semana; 4 entrevistas com pessoas específicas e 36 entrevistas individuais com usuários, além das entrevistas em grupo (7).

3.3.1.1 Mapeamento comportamental

Para investigação do uso do Parque foi utilizado a técnica Mapeamento Comportamental, que se trata, segundo Elali (2008, p. 5), de:

[...] uma representação gráfica das localizações e dos comportamentos dos usuários de um local (PINHEIRO, ELALI E FERNANDES, 2008), obtida a partir da observação sistemática do ambiente em questão, das pessoas ali presentes e dos seus comportamentos.

O tipo de mapeamento empregado nesta pesquisa foi o Mapeamento Comportamental Centrado no Lugar (SOMMER; SOMMER, 1997 apud RHEINGANTZ et al., 2009). Neste, o observador fica parado em um ou mais pontos estratégicos - com boa visibilidade - registrando os comportamentos dos usuários em desenhos previamente elaborados (RHEINGANTZ et al., 2009). Este método foi escolhido em função do foco do trabalho se concentrar no uso do ambiente e não no indivíduo ou grupo de usuários.

A finalidade das observações era identificar as atividades realizadas (permanências e percursos praticados pelos usuários), os espaços preferidos, a intensidade de uso (quantidade de pessoas) e o perfil dos usuários, o que foi registrado em mapas comportamentais.

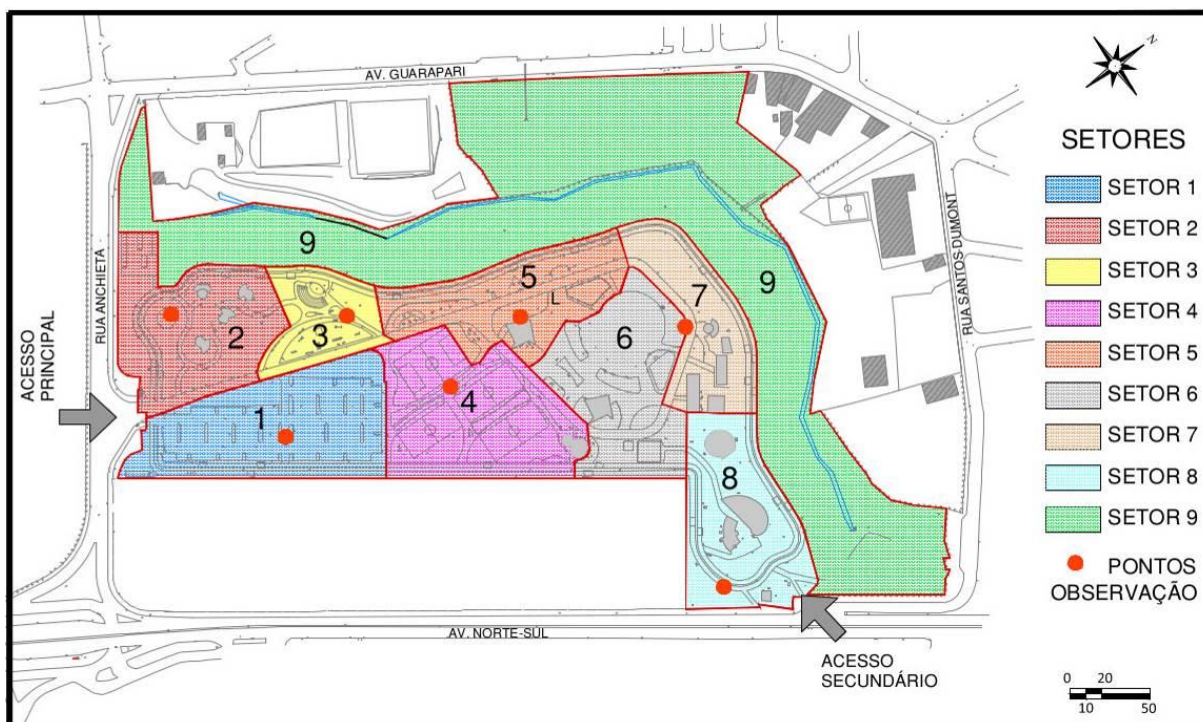
Anterior aos mapas, foram realizadas visitas prévias que possibilitaram adequações à planta baixa do Parque, utilizada como base para o mapa. Essas visitas também auxiliaram na definição das atividades a constar da simbologia utilizada nestes mapas. Algumas das atividades foram posteriormente agrupadas por afinidade para melhor apresentação dos dados. Para outras informações como perfil dos usuários (faixa etária e gênero), também foram estabelecidas simbologias específicas para facilitar o registro das observações e proporcionar uma uniformidade na apresentação dos dados. Informações complementares como data, horário, condições climáticas e identificação do observador, eram também anotadas durante as observações.

As visitas prévias também contribuíram para selecionar os pontos de observação de cada setor a ser observado, sendo que cada mapa correspondia a um setor específico (APÊNDICE A). A divisão por setores, segundo Elali e Fernandes (2008) apud Santana (2015, p. 80), deve ser:

[...] baseada em dois critérios: relevância comportamental dos setores e facilidade de visualização in loco, ou seja, o pesquisador precisa considerar a relação existente entre o espaço e as atividades desenvolvidas, e ter em vista referências visuais fáceis de serem percebidas no momento dos registros.

A setorização realizada no Parque da Cidade levou em consideração as características físicas do ambiente associadas aos usos desempenhados nos espaços observados em visitas prévias, possibilitando, de certa forma, categorizar os espaços em função das atividades peculiares de cada setor: do estar, do brincar, do esporte, etc. A delimitação dos setores considerou também a possibilidade do alcance visual da área a ser observada. Sendo assim, o Parque da Cidade foi dividido em 9 (nove) setores, detalhados a seguir, e que podem ser visualizados na figura 49.

Figura 49 - Mapa com setorização do Parque da Cidade.



Fonte: Base em Autocad fornecido pela Prefeitura Municipal da Serra e modificada pela autora, 2016.

Setor 1 - Localizado na lateral da entrada principal do Parque, compreende o estacionamento, seus jardins e trecho das pistas de caminhada que margeiam o estacionamento;

Setor 2 - Situado próximo à entrada principal abriga a Portaria Principal – abriga a área das edificações destinadas à Defesa Civil da Prefeitura da Serra (com dois módulos destinados a funções administrativas e outros dois, a sanitários e copa), a pista de Skate, trecho da alameda principal e pista de caminhada que o delimita;

Setor 3 - É composto pelo playground, trecho da alameda principal, anfiteatro e pista de caminhada anexa ao mesmo. A pista de caminhada situa-se em nível mais baixo;

Setor 4 - É o setor do lazer esportivo com duas quadras descobertas, um campo de futebol, uma quadra de tênis, o módulo de apoio à ginástica (com sala de professor, depósito e vestiários) e trecho de pista de caminhada que margeia essa área.

Setor 5 - É caracterizada por ambientes de estar e recreação, possui os seguintes equipamentos: mesas de jogos em concreto sob caramanchões de madeira, bancos, lanchonete, academia infantil e recebe o maior trecho da alameda principal. As

pistas de caminhada neste setor também estão localizadas em nível mais baixo que o restante da área.

Setor 6 - É a região central do Parque e contempla a área destinada a eventos, as academias de ginásticas, edificação destinada à oficina de artesanato, trecho da pista de caminhada ao lado das academias e parte da alameda principal.

Setor 7 - É composto pelo edifício administrativo do Parque, Viveiro de plantas, Bromeliário, “Sala verde” (destinada à programas de educação ambiental), módulo de sanitários com bebedouro, trecho da alameda principal e pistas de caminhada, estas últimas situadas em nível mais baixo que os demais. Possui pouca integração, principalmente visual com o entorno.

Setor 8 - Situado junto ao acesso secundário da Avenida Norte Sul, compreende a edificação destinada atualmente à Guarda Municipal da Prefeitura da Serra, e pista de caminhada. Esta área situa-se em um nível mais baixo, e bastante isolada do restante dos setores.

Setor 9 - Deste setor fazem parte a Área de Preservação Ambiental (APA) existente, compreendendo curso d’água e mata ao redor do mesmo, e área situada próximo ao encontro da Avenida Norte Sul e Rua Santos Dumont que passou por modificações em sua estrutura, não sendo reservado ainda nenhuma utilização específica à mesma. Este setor não foi considerado nas observações de uso pela dificuldade de acesso e por questões de segurança, por ser uma área isolada e de pouca visibilidade.

As observações de uso aconteceram de 6 às 22 horas, horário de funcionamento do Parque. A cada intervalo de 02 horas (6 – 8 hs, 8 – 10 hs, 10 – 12 hs, 12 – 14 hs, e assim por diante), as atividades e os usuários de cada setor eram registrados durante 10 minutos em mapas (também por setor).

Nos setores e horários mais movimentados foram considerados mais 10 minutos de observação para registro exclusivo dos percursos na pista de caminhada compreendida naquele setor, em função de dificuldades em registrar todos os usuários da pista dada a intensidade de uso desta atividade e a extensão daquele setor. No caso de todos os setores não serem observados dentro do intervalo de 2 horas, o registro dos setores faltantes era realizado, por exemplo, na segunda-feira

seguinte e no mesmo intervalo. A cada período observado era utilizado um mapa que compreendia um setor específico. No geral, as observações de todos os setores foram realizadas nos períodos estipulados sendo comprometido algum ou outro horário do setor 8, por motivos de insegurança.

Na 1ª. etapa, as observações de uso para a elaboração dos mapas comportamentais contaram com a participação dos alunos da disciplina Paisagismo II em uma tarde de dia de semana⁴⁸. Para tal, foi realizada, anteriormente à elaboração dos mapas, uma apresentação prévia do Parque da Cidade, dos procedimentos a serem adotados e orientações para preenchimento dos mapas. Os demais períodos foram realizados pela própria autora.

Os registros dos mapas compreenderam, nesta 1ª. etapa, os oito intervalos de um dia de semana e de final de semana. A cada visita eram observados no máximo dois intervalos (de 02 horas); o intervalo restante daquele turno (manhã, tarde ou noite) era realizado, por exemplo, na segunda-feira da semana seguinte. Os dias considerados para registro do dia de semana foram: uma segunda-feira de manhã, uma terça à noite e uma quarta à tarde; e no final de semana, todos os horários de um sábado⁴⁹.

Na 2ª. etapa de campo, foi feita uma programação de dias e horários a serem observados (ver tabela 3), de forma a contemplar três dias inteiros de dia de semana e todo o final de semana nas duas etapas de campo (a exploratória e a atual)⁵⁰. Ao todo, foram considerados os seguintes dias de observação: uma terça-feira, uma quarta, uma quinta, o sábado e o domingo, selecionados de modo a representar

⁴⁸ As observações de uso da 1ª. etapa (fase exploratória) foram realizadas entre os dias 13/04/2016 a 11/05/2016 levando-se em conta as condições climáticas, excetuando-se dias chuvosos e frios, e tiveram a participação dos alunos de Paisagismo, conforme já comentado, na tarde do dia 13/04/2016.

⁴⁹ Os dias considerados na 1ª. etapa foram: 25/04/2016 e 09/05/2016 (segundas-feiras), 13/04/2016 e 11/05/2016 (quartas-feiras), 19/04 e 10/05/2016 (terças-feiras) e 16/04/2016, 30/04/2016, 07/05/2016 (sábados).

⁵⁰ Nas duas etapas de campo foi gerado um mapa por setor a cada período de duas horas, sendo que o Parque está dividido em oito setores a serem observados. Totalizando, desta forma, oito intervalos diários em 05 dias de observação (três dias de semana e dois dias de final de semana), além de uma manhã observada na fase exploratória (ver tabela x), chegando-se, portanto, a uma quantidade de 364 mapas por setor.

uma amostra da ocupação típica em uma semana comum (sem feriado ou férias), e não chuvosa⁵¹.

Partindo desta premissa, diante da escassez de estudos que avaliam a diferença de uso e ocupação de parques urbanos nos dias úteis da semana, foram utilizados como referências as pesquisas de Liberalino (2011) e Silva (2014) em praças da cidade de Natal/ RN. De acordo com estes estudos a terça, a quarta e a quinta-feira representam ocupações típicas de um dia de semana, ao contrário dos demais dias da semana.

Tabela 3 - Programação do Mapeamento Comportamental (duas etapas).

PROGRAMAÇÃO MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL								
TURNO	HORÁRIOS	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SABADO	DOMINGO
MANHÃ	6-8							
	8-10							
	10-12							
TARDE	12-14							
	14-16							
	16-18							
NOITE	18-20							
	20-22							
	1a. Etapa - PESQUISA EXPLORATÓRIA							
	2a. Etapa - PESQUISA ATUAL							

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Tendo em vista que o mapeamento comportamental foi realizado em sua maior parte pela própria autora, ou seja, cada setor foi observado após decorrido o período de observação do setor anterior, e assim por diante, e não havendo o registro simultâneo de dois setores, alguns usuários presentes em um setor podem ter sido registrados no setor seguinte, principalmente no que tange a atividades não estacionárias como passear, andar de bicicleta, dentre outras.

Com relação aos percursos, houve dificuldade para indicá-los nos mapas globais do Parque, já que a observação por setor limitava seu registro àquele trecho específico, excetuando-se algum ou outro onde a visualização do seu destino era facilitada. Em função disto optou-se por não registrar os percursos, diante também do fato que as pessoas que antes utilizavam o Parque para passagem e “cortar caminho” para acesso a outros bairros foram, com o fechamento do acesso secundário (em meados de junho de 2016, após a fase exploratória), impossibilitadas de fazê-lo.

⁵¹ As observações de uso na 2ª. etapa consideraram os dias: 05/03/2017, 07/03/2017, 08/03/2017, 09/03/2017, 12/03/2017, 14/03/2017, 15/03/2017, 16/03/2017, 19/03/2017, 22/03/2017, 23/03/2017 e 26/03/2017.

Além de todas estas questões, o objetivo principal da pesquisa era compreender o uso identificando as atividades praticadas, independente dos seus deslocamentos; entretanto atividades vinculadas à movimentação no espaço como caminhada, corrida e passeios foram consideradas.

3.3.1.2 Questionários

Na fase exploratória (1ª. etapa), optou-se pela utilização do questionário aplicado com o usuário, visando o conhecimento dos tipos de atividades realizadas, da frequência e regularidade de uso, dos padrões de utilização atual com relação ao uso passado, opiniões diversas, preferências, demandas e utilização de outros espaços livres na cidade. Segundo Sommer e Sommer (1987 apud RHEINGANTZ, 2009, p. 79):

O questionário é muito utilizado em pesquisas de opinião ou *survey research*, reunindo um conjunto ordenado de perguntas formuladas com o objetivo de saber as informações sobre as crenças, atitudes, valores e comportamentos das pessoas.

É também um instrumento de grande utilidade quando se necessita descobrir regularidades entre grupos de pessoas por meio de comparação de respostas relativas a um conjunto de questões (ZEISEL, 2006). Para Rheingantz et. al (2009), o questionário deve ser respondido sem a presença do entrevistador, quando são aplicados pessoalmente são conhecidos como entrevistas estruturadas. Entretanto Gil (2010) ressalta que os questionários, na maioria das vezes, são auto aplicados, mas quando as questões são formuladas oralmente pelo pesquisador podem ser chamados de questionários aplicados com entrevista ou formulários.

Gil (2010) ressalta ainda, a importância de realizar um pré-teste do instrumento anterior à sua aplicação definitiva, visando evidenciar possíveis falhas na redação, complexibilidade das questões, desnecessidade de alguns questionamentos, constrangimentos ao informante, exaustão, dentre outros, a fim de assegurar-lhe validade e precisão. Além disso, o formulário em si deve se atentar para a brevidade, clareza, especificidade, objetividade e o vocabulário utilizado, dependendo do público a que lhe é direcionado (GÜNTHER, 2003).

Os questionários foram aplicados como pré-teste pela pesquisadora e alunos da turma, a 36 pessoas presentes no Parque na tarde do dia 13/04/2016. As pessoas foram selecionadas de forma aleatória, com exceção de crianças e adolescentes

menores de 15 anos. Este quantitativo atendeu ao mínimo recomendado por Gil (2010), em torno de 10 a 20 elementos que pertençam à população pesquisada.

Nesta dissertação, a construção do questionário (ver APÊNDICE B) deu-se em quatro blocos de perguntas, a maioria do tipo fechadas e algumas abertas. Segue abaixo a descrição dos objetivos pretendidos com cada bloco de perguntas:

- Bloco 1: As três perguntas desse bloco apresentam como finalidade identificar um padrão de utilização do Parque quanto à regularidade e frequência de uso, compreendendo questões sobre dias mais utilizados, horário preferidos e tempo de permanência;
- Bloco 2: A única questão deste bloco visa identificar a categoria de atividade predominante no Parque. As atividades foram agrupadas nas seguintes categorias: esporte, lazer, passeio e outros, baseado na definição proposta por Robba e Macedo (2002) que divide as atividades em lazer contemplativo, lazer ativo, lazer esportivo e lazer cultural. O lazer contemplativo foi intitulado como a categoria passeio, por além de incluir as atividades contemplar, descansar e esperar, foram consideradas também o passeio, a conversa e o namoro. O lazer ativo definido como lazer, inclui as atividades dinâmicas como brincar, bicicleta, patins, skate, dentre outras atividades similares. O lazer esportivo refere-se às atividades ligadas ao esporte como caminhada, corrida, jogos com bola e fazer ginástica. E o lazer cultural foi desconsiderado em função de ser menos comum no Parque, sendo as atividades relacionadas à esta classificação enquadradas em uma categoria definida como “outros”, que inclui tocar/ cantar música, ensaiar alguma peça/ dança, e fotografar e ler, estas muito comuns no Parque da Cidade;
- Bloco 3: É o maior bloco, com 7 questões do tipo fechadas (sendo a maioria de múltipla escolha e uma de escala de valores), complementadas com perguntas abertas. O objetivo das questões desse bloco é perceber se houve uma intensificação de uso do Parque relatado pelos usuários, os motivos ou razões que ocasionaram essa possível mudança, opinião sobre usos institucionais instalados e identificar melhorias, expectativas e anseios por parte dos usuários;
- Bloco 4: Apresenta 03 perguntas relacionadas à possibilidade de utilização de outros espaços de lazer no bairro ou no município. A finalidade deste bloco é conhecer se os usuários do Parque também frequentam as praças ou outro espaço

aberto de lazer no Município, padrões de regularidade de uso destes locais e as razões, caso não os frequentem. Por meio das respostas a este bloco, objetiva-se estabelecer uma comparação de uso com o Parque da Cidade.

As perguntas do questionário também tiveram a função de caracterizar o perfil e o tipo de parque analisado (de vizinhança, de bairro, metropolitano) por meio das respostas relacionadas principalmente à frequência de uso e origem dos entrevistados.

Dados relacionados à identificação pessoal do entrevistado (gênero, faixa etária, local de moradia, escolaridade e profissão) foram agrupados no final do questionário para evitar constrangimentos iniciais e possíveis desistências em participar. O anonimato ao entrevistado foi garantido. O formato do questionário prevê sua aplicação em um tempo médio de 8 a 10 minutos.

O pré-teste permitiu avaliar a clareza, a coerência das questões e a aplicabilidade de cada pergunta relacionada aos objetivos da pesquisa, possibilitando também a identificação de falhas relacionadas à formulação das perguntas. A pesquisadora pôde também avaliar as questões em função do próprio entendimento dos alunos entrevistadores. Apesar deste instrumento não ter sido aplicado posteriormente (somente na fase exploratória), seu pré-teste foi positivo já que muitas das questões presentes no questionário foram aproveitadas (alterando a sequência das perguntas, reformulando-as, e incorporando novas questões do tipo abertas), em outra técnica: em outra técnica adotada: a entrevista, que será explicitada mais à frente.

3.3.1.3 Entrevistas com pessoas específicas

Segundo Low, Taplin e Scheld (2005, p. 189 e 190, tradução nossa), “as entrevistas com experts ou conhecedores são realizadas com aquelas pessoas identificadas como tendo um conhecimento especial ou privilegiado para comentar sobre o local, os moradores e os usuários [...]”. No mesmo sentido, Rheingantz et. al (2009, p. 71) defende que a entrevista permite “aprofundar informações levantadas em outros trabalhos de campo no ambiente em análise, coletando dados que ficaram ocultos ou simplesmente preenchendo lacunas nas informações”.

Nesta dissertação foram selecionadas pessoas que tinham alguma ligação com o Parque da Cidade, como o administrador, um representante do setor responsável

pela gestão do parque e três lideranças comunitárias de bairros do entorno. Durante a fase exploratória, foi realizada entrevista semiestruturada (RHEINGANTZ et al, 2009) com o administrador do Parque⁵². Apesar do roteiro ter sido elaborado no formato estruturado (RHEINGANTZ et. al, 2009), as perguntas do formulário não foram feitas na mesma ordem sequencial, mas à medida que o assunto surgia. Estas relacionavam-se essencialmente com questões operacionais e administrativas do Parque como quantidade de funcionários e suas atribuições, programação de aulas e serviços oferecidos, serviços de segurança e vigilância existentes, infraestrutura do Parque, além de estimativas de números de visitantes e opiniões diversas sobre a percepção de mudança no padrão de uso no Parque, nos últimos anos (ver APÊNDICE C).

Durante a 2ª. etapa de campo, foi reestabelecido contato com o administrador⁵³ para a coleta de informações sobre possíveis mudanças ocorridas desde a investigação exploratória no que se refere a serviços oferecidos (aulas, eventos, programações), estrutura física e outros assuntos relacionados ao Parque. Além disso, foram também solicitadas informações sobre o histórico de transformações ocorridas no Parque desde a sua inauguração, tendo em vista a dificuldade em obtê-las junto aos técnicos do setor responsável pela gestão de parques da prefeitura (SEMMA/ PMS). O atual administrador já exerce esta função há 07 anos, possuindo, portanto, um conhecimento aprofundado deste assunto. Este segundo contato com o administrador transcorreu também com uma entrevista do tipo semiestruturada (RHEINGANTZ et al, 2009), onde foi preparado apenas um esquema básico com os tópicos a serem discutidos.

Não foi possível a realização da entrevista com o gestor público do setor responsável pela gestão do Parque, no caso a Secretaria de Meio Ambiente da Prefeitura Municipal da Serra. Deste modo, foi encaminhado o formulário com as perguntas e estas foram respondidas como um questionário entregue à pesquisadora no dia 29 de maio de 2017. As perguntas referem-se essencialmente a aspectos gerenciais e de planejamento (competências/ responsabilidades, Conselho

⁵² Esta entrevista com o administrador do Parque transcorreu no dia 24/06/2016.

⁵³ A segunda parte da entrevista com o administrador ocorreu no dia 03/02/2017.

do Parque, serviço de vigilância, motivação da instalação dos usos institucionais, projetos e ações previstas), além de histórico de transformações (APÊNDICE D).

Foram também realizadas entrevistas com três lideranças comunitárias dos bairros mais próximos, escolhidos também por serem membros do Conselho do Parque, instituído em fevereiro de 2014⁵⁴. Estas lideranças representam os bairros: Valparaíso, Parque Residencial Laranjeiras e Jardim Limoeiro. Os entrevistados foram convidados a realizar um passeio pelo parque ao mesmo tempo em que eram entrevistados. Segundo Rheingantz et. al (2009, p. 23), esta técnica é conhecida como *walkthrough*, “um método de análise que combina simultaneamente uma observação com entrevista [...]”, e possibilita a identificação descritiva dos aspectos positivos e negativos dos lugares. A finalidade desta entrevista é utilizar o próprio ambiente físico como estímulo para auxiliar os respondentes a articularem suas reações a este ambiente (RHEINGANTZ et. al, 2009).

O *Walkthrough* foi empregado com dois representantes de comunidades⁵⁵, de forma individual (ver figura 50). Foi definido um percurso a ser percorrido no Parque, contudo foi dada a liberdade ao participante de conduzir outro mais conveniente de acordo com seu interesse em apresentar algum aspecto específico de cada lugar. Durante o passeio o entrevistado era instigado a falar sobre os aspectos positivos e negativos de cada equipamento e/ou ambiente.

Figura 50 - *Walkthroughs* realizado com lideranças comunitárias.



Fonte: Foto tirada por um colaborador da pesquisa, março/ 2017.

⁵⁴ Instituído pela Lei n. 4140 de 27 de janeiro de 2014, e publicada em fevereiro de 2014. O Conselho Gestor do Parque é um órgão governamental de participação social, de caráter deliberativo e vinculado à Secretaria de Meio Ambiente da Prefeitura Municipal da Serra (SERRA, 2014).

⁵⁵ O *walkthrough* (RHEINGANTZ et. al., 2009) com a representante da comunidade de Valparaíso foi realizado no dia 15/03/2017, e com o representante da comunidade de Jardim Limoeiro transcorreu no dia 22/03/2017, ambos à tarde, com duração média de 2 horas.

Além dos questionamentos sobre o ambiente foram também feitas perguntas relacionadas à atribuição dos mesmos no Conselho, a participação da sua comunidade no uso do Parque, opiniões sobre usos institucionais instalados, percepção sobre intensificação de uso, melhorias necessárias, demandas e expectativas da comunidade para com o Parque (APÊNDICE E).

Com uma das lideranças comunitárias (a de Parque Residencial Laranjeiras), por dificuldades de disponibilidade de horário com o entrevistado, foi realizada uma entrevista do tipo semiestruturada (RHEINGANTZ et al., 2009), fora do ambiente do Parque⁵⁶. Foram abordados todos os assuntos tratados com as outras lideranças comunitárias solicitando que indicasse problemáticas dos ambientes, equipamentos e instalações ao serem mencionadas.

3.3.1.4 Entrevistas com usuários

Durante a investigação exploratória, foi percebido que o formato rígido do questionário (aplicado como pré-teste aos usuários), de uma forma geral, acabava inibindo os respondentes que o faziam somente para cumprir um “protocolo”, sem se importar com as respostas de fato.

Paulo Afonso Rheingantz e Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro, em seção do livro *Qualidade ambiental na habitação: avaliação pós-ocupação* (VILLA; ORNSTEIN, 2013, p. 57) fazem uma crítica à predominância do uso do questionário como indicativos de limitações nos procedimentos para dialogar com os participantes: “os observadores pesquisadores definem o que querem que os ocupantes, meros informantes, falem”. Os mesmos autores defendem que, à exceção dos questionários com perguntas abertas, os usuários pouco se manifestam sobre o que sabem, sentem e reconhecem como qualidade de um determinado lugar, e também não esclarecem a relação entre o valor dessa qualidade e as suas escolhas ou preferências que podem não ter sido contempladas no conjunto das questões.

Com o desenvolvimento da pesquisa e diante da necessidade de (re) definições de questionamentos e objetivos da dissertação, percebeu-se também a necessidade de uma abordagem qualitativa para a compreensão das percepções dos usuários,

⁵⁶ Esta entrevista aconteceu no dia 05/04/2017, e durou cerca de 1 hora e 30 minutos.

incluindo o entendimento das razões, motivos de uso, os significados atribuídos ao local, as sensações vivenciadas, a percepção de mudanças e o conhecimento das demandas e expectativas para com o Parque.

A pesquisa qualitativa, segundo Creswell (2010), é essencialmente interpretativa e seu foco está nas percepções e nas experiências dos participantes, onde significados e interpretações são as realidades dos participantes que o pesquisador tenta reconstruir, baseando-se na utilização de conhecimento intuitivo e sentido (LINCOLN; GUGA, 1985; MERRIAM, 1988 apud CRESWELL, 2010). Bauer e Gaskell (2013) vão além, segundo estes autores, a finalidade deste tipo de pesquisa não é contar opiniões ou pessoas, e sim, explorar o espectro e as opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão, as variedades de pontos de vista, mas principalmente o que fundamenta e justifica estes diferentes pontos de vista.

Assim, optou-se, nesta dissertação, pela reformulação do roteiro elaborado inicialmente no formato de questionário para um roteiro de entrevista estruturada de caráter qualitativo, com foco na profundidade das respostas dos indivíduos, e não na frequência das respostas.

Selltiz et al. (1967 apud GIL 2010, p. 109) destaca que:

[...] a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes.

O roteiro elaborado para a entrevista com usuário (ver APÊNDICE F) manteve questões mais objetivas (relacionadas a frequência de uso do Parque, dias e horários frequentados, tempo de permanência, origem, meio de transporte utilizado, atividades desempenhadas, tempo de uso do Parque, investigação sobre uso passado em relação ao uso presente e preferências no espaço), em formato de questionário/ entrevista estruturada, com questões fechadas de múltipla escolha e algumas semiabertas onde o entrevistado tem a opção de definir outro tipo de resposta. As perguntas de caráter mais subjetivo (referentes a motivos de uso e o que os atrai a este espaço, motivações sobre alteração de frequência de uso passado e presente, percepções de mudanças no espaço, demandas, expectativas e sensações vivenciadas) foram propostas com perguntas abertas onde o

entrevistado tem a possibilidade de se expressar livremente sobre o assunto. Foram também incluídas questões sobre: avaliação dos aspectos do Parque e evocação livre de palavras.

Na evocação livre de palavras, é solicitado ao entrevistado que ele fale palavras que lhe vem à mente quando pensa no Parque. Esta pergunta é feita enquanto o entrevistado ainda não começou a pensar no que está sendo pesquisado e avaliado, proporcionando menor contaminação do resultado. A técnica conhecida como Associação Livre de Palavras (ALP), segundo Nóbrega e Coutinho (2003) citados por Santana (2015, p. 87) é “uma técnica projetiva elaborada para trazer à consciência elementos inconscientes”.

Apesar da apresentação do roteiro estruturado, a entrevista foi aplicada de forma semiestruturada (RHEINGANTZ et al., 2009), permitindo ao entrevistador alterar a ordem sequencial das perguntas de acordo com o surgimento do assunto. À medida que o entrevistado comentasse sobre algum assunto que seria abordado em outra questão, aquela era introduzida em seguida, evitando desta forma voltar ao assunto desnecessariamente.

De 4 grupos constantes do questionário, foram acrescentados novos blocos de perguntas (blocos 1 e 2, inéditos e bloco 5, formado a partir de perguntas já existentes remanejadas e nova questão referente à avaliação dos itens do Parque), relocadas algumas questões para outros blocos que melhor se adequavam e complementadas novas questões aos blocos pré-existentes, ampliando esse quantitativo no roteiro da entrevista para 7 blocos de perguntas. As perguntas foram divididas nos seguintes grupos: 1) Significados (ALP), 2) Motivos de uso; 3) Contato das pessoas com o Parque (frequências de uso, dia e horário de uso, tempo de permanência, meio de transporte utilizado, origem e atividade praticada); 4) Investigação do uso passado com relação ao atual e percepção de mudanças no espaço (tempo de uso do Parque, se passou a vir mais ou menos nos últimos anos, motivos de alteração de frequência, percepção de mudanças, opinião sobre usos institucionais e sobre usos de lazer); 5) Avaliação do espaço (preferências, demandas a melhorar, o que falta, avaliação dos itens do Parque); 6) Sensações; 7) Uso de outros espaços livres públicos (praças e parques, e motivos de frequentá-los ou não) e dados de Identificação do perfil do usuário (idade, gênero, escolaridade,

profissão e bairro de moradia). Além das questões do bloco 1 e 2 (palavras que remetem ao parque, e motivos de uso e atração do espaço), questionamentos sobre meio de transporte utilizado, percepção de mudança no espaço com intensificação de uso, avaliação dos itens do Parque e uso de outros parques, incluindo motivos de não os frequentar e regularidade de uso foram acrescentados ao roteiro, visando complementar dados provenientes de outras questões e compreender as percepções dos usuários relacionadas a significados atribuídos ao lugar e o que os atrai ao espaço.

A partir de cada sentença elaborada foi traçado um objetivo a ser atingido com aquela pergunta, conforme detalhado no quadro 2. Esta estratégia permitiu avaliar a aplicabilidade das questões propostas relacionadas aos objetivos da pesquisa.

Quadro 2 – Estrutura para elaboração do Roteiro da entrevista com usuário.

ESTRUTURA PARA ELABORAÇÃO DO ROTEIRO DA ENTREVISTA		
Assunto	Perguntas	Objetivos
GRUPO 1		
ALP	1. Quando você pensa no Parque da Cidade, quais são as primeiras palavras que lhe vem à cabeça?	A intenção com esta pergunta é que entrevistado seja instigado a trazer à mente palavras que remetem ao lugar, anterior às discussões sobre o parque, de modo que não seja influenciado por outras questões. E através da categorização das expressões que mais se repetem ou com sentidos similares seja possível identificar os principais significados atribuídos ao lugar.
GRUPO 2		
Motivo de uso	2. O que te atrai a este lugar? O que te motiva vir aqui?	Identificar quais os principais motivos que levam as pessoas a frequentar o parque. Estes dados em conjunto com outras questões (atividades, preferências, dentre outras) podem contribuir com a compreensão do papel que este parque vem desempenhando para seus usuários.
GRUPO 3		
Contato das pessoas com o parque.	3. Quantas vezes você costuma vir ao parque?	Avaliar padrões de uso do parque relacionados à frequência, se predomina o uso esporádico, ou habitual, e de que forma. Estes dados ao serem relacionados com outras questões (atividades, dias de uso, horário) podem contribuir na identificação de grupos de usuários.
	3.1 Você é um frequentador de: final de semana, dia de semana ou ambos?	Avaliar padrões de uso relacionados aos dias da semana (dia de semana ou de final de semana). Estes dados ao serem relacionados outras questões (atividades, frequência de uso, horários) podem contribuir na identificação de grupos de usuários.
	3.2 Qual horário você costuma vir ao parque?	Avaliar padrões de uso relacionados aos horários preferidos de visitação. Estes dados ao serem relacionados com outras questões (atividades, frequência e dias de uso) podem contribuir na identificação de grupos de usuários.
	3.3 Quanto tempo, em média, você fica no Parque?	Avaliar padrões de uso relacionados ao tempo de permanência no parque.
	3.4 Ao vir ao Parque, de que local você vem?	Identificar origem dos usuários, e avaliar de onde vem as pessoas que frequentam o parque (de locais mais perto ou mais longe). Definir com isso padrões de uso em função da proximidade do Parque, relacionando estes dados com atividades praticadas, frequência de uso, dentre outros.
	3.5 Geralmente, você utiliza que meio de transporte para vir ao parque?	Identificar meio de transporte mais utilizado ao vir ao parque, relacionando-os com as origens dos usuários, condições de acesso, atividades praticadas, dentre outras.
	3.6 O que você costuma fazer aqui?	Identificar os tipos de atividades e usos que os frequentadores do parque vem desempenhando, relacionando com outras variáveis. Os dados desta questão contribuirão na identificação dos grupos de usuários em conjunto com outros dados, como frequência, dias e horários de uso.
GRUPO 4		
Investigação do uso passado com relação ao uso atual e percepção de mudança no espaço	4. Há quanto tempo você frequenta o parque?	Esta pergunta tem como finalidade identificar usuários mais antigos (que frequentam o parque há mais de 4 anos) a fim de prosseguir com as demais questões sobre investigação do uso passado em relação ao uso atual.
	4.1 (para os usuários mais antigos) Você passou a vir com mais frequência ao parque nos últimos 3 anos?	Pretende-se avaliar se, para estes usuários mais antigos, houve um aumento de uso do parque com relação ao uso no passado (anterior há 04 anos), redução ou foi indiferente.
	4.2 Você acha que nos últimos 3 anos houveram mudanças no Parque? Estas mudanças fizeram com que você viesse mais ou menos? Mudou para melhor ou pior? Ou foi você que por motivos pessoais passou a vir mais ou menos (trabalho, casa, companhia)?	Identificar possíveis mudanças percebidas pelos usuários ocorridas no parque que impactaram, positiva ou negativamente, na frequência do mesmo.

	4.3 O que você acha da Guarda de Trânsito e da Defesa Civil funcionarem dentro do Parque?	Conhecer a opinião dos usuários sobre os usos institucionais inseridos no parque, avaliando se esta mudança é vista como positiva ou negativa pelas pessoas e compreender o porque desta avaliação.
	4.4 Os lugares onde estes setores funcionam eram para ser uma floricultura, uma banca de revista, um café e um Centro de Educação Ambiental com auditório. O que você acha dessas edificações funcionarem com estes usos?	A partir do conhecimento do originalmente previsto para estas edificações, instigar os entrevistados sobre novas possibilidades de uso voltados para as atividades de lazer, cultura e serviços, e com isso poder avaliar suas preferências.
	Quais outros usos você acha interessante ter?	Identificar demandas de uso para estes locais.
GRUPO 5		
Avaliação do espaço	5. Do que você mais gosta no Parque?	Identificar preferências e aspectos vistos como positivos no parque.
	5.1 O que você acha que pode ser melhorado neste Parque, em termos de equipamentos, árvores, conforto, segurança, serviços oferecidos e outros?	Identificar problemáticas, carências, demandas e expectativas por parte dos usuários com relação ao parque.
	5.2 O que você acha que falta no Parque, que seria interessante ter?	
	5.3 Sobre os itens presentes no Parque, qual a sua opinião? (Bom, regular ou ruim)	Avaliar itens específicos do parque como arborização, serviços oferecidos, beleza, manutenção, iluminação, bancos, equipamentos, etc.
GRUPO 6		
Sensações	6. Como você se sente quando vem ao Parque? Você vê alguma diferença de quando entra e sai do Parque, em termos de cansaço, bem estar físico, fica mais animado, etc.?	Identificar as sensações e sentimentos percebidos pelos usuários do parque ao vivenciar o espaço.
GRUPO 7		
Uso de outros espaços livres públicos	7. Você frequenta a praça do seu bairro ou de outro local? Qual (is)?	Identificar se os usuários do Parque também frequentam outros espaços livres como praças perto da sua residência ou de outro bairro.
	7a (Caso afirmativo) Com que frequência você vai a estes lugares?	Na ocasião de frequentarem praças, procura-se conhecer a frequência de sua utilização afim de que seja estabelecida uma comparação de uso com o Parque da Cidade.
	7b (Caso afirmativo) O que te atrai a esta (s) praça (s)?	Para os usuários que frequentam também praças, a identificação do que os atrai a estes espaços pode contribuir com a identificação de carências e demandas não atendidas no Parque da Cidade.
	7c (Caso negativo) Qual (is) o (s) motivo (s) de não frequentá-los?	Identificar problemas e demandas relacionadas ao uso das praças, confrontando com os dados obtidos por meio da avaliação do parque da Cidade.
	7.1 Você frequenta outros parques, não só do Município da Serra? Qual (is)?	Identificar se os usuários do Parque frequentam também outros parques afim de que seja estabelecida uma comparação de uso com o Parque da Cidade.
	7.1a (Caso afirmativo) O que te atrai a este (s) parque (s)?	Para os usuários que frequentam também outros parques, a identificação do que os atrai a estes espaços pode contribuir com a identificação de carências e demandas não atendidas no Parque da Cidade.
	7.4 (Caso negativo) Porque?	No caso de não frequentá-los, conhecer os motivos comparando-os com as razões apresentadas por estes usuários ao frequentar o Parque da Cidade.
Perfil do usuário	Idade:	Caracterizar os usuários. Essas informações podem ser identificadoras de variáveis de resposta.
	Gênero:	
	Escolaridade:	
	Profissão:	
	Bairro de moradia:	

Foram realizadas 32 entrevistas com os frequentadores do Parque que se encontravam no espaço, selecionados de forma aleatória, mas procurando abarcar os variados grupos de usuários: pais com crianças, estudantes, praticantes de atividades físicas, pessoas passeando, dentre outros. Visando ainda atender a esta finalidade, as entrevistas também foram realizadas em dias e horários diversificados, tanto em dias de semana como no final de semana⁵⁷.

A aplicação das entrevistas contou com a participação de uma colaboradora nesta pesquisa (uma ex-estudante de arquitetura recém-formada), que foi orientada quanto aos procedimentos para aplicação da entrevista (apresentação pessoal e da pesquisa, das condições para sua realização – necessidade de gravação e autorização do termo de consentimento, este a ser explicado mais à frente).

Foi utilizado como estratégia abordar pessoas que estavam geralmente paradas e/ou sentadas, com o intuito de permanecer no lugar por algum tempo, a fim de minimizar o número de recusas em função de evitar que as suas atividades pudessem ser prejudicadas (principalmente as atividades esportivas), da falta de tempo e desinteresse já que a entrevista durava em média 15 a 30 minutos, dependendo da disposição do respondente em alongar-se na conversa. Em um total de 42 abordagens, 30 % (13) se recusaram a participar da pesquisa. A localização dos entrevistados no Parque consta no APÊNDICE G.

Visando atingir os alunos das aulas de ginástica foi realizado um contato prévio com uma das professoras dessas aulas, solicitando a mesma que intermediasse com a sua turma a possibilidade de alguns participarem da pesquisa ao final das aulas, já que houve dificuldades em conseguir entrevistá-los por conta da pressa ao término das aulas. Através desta estratégia foi realizada entrevista do tipo improvisada com um grupo de 6 alunas no dia 28/03/2017 e agendadas duas entrevistas individuais com pessoas dispostas a participar no dia 30/03/2017; estas acontecerem no próprio parque depois da aula. Todos os assuntos discutidos no roteiro da entrevista individual foram abordados na entrevista coletiva. Optou-se pela entrevista em grupo para otimizar o tempo, pois de forma individual não seria possível entrevistar todas elas, e também evitar que umas interferissem nas respostas das outras. Low, Taplin

⁵⁷ Nos dias de semana, as entrevistas foram realizadas nos dias 23 e 24/03, à tarde; e 28/03 e 30/03 de manhã; no final de semana, no dia 25/03/2017, de manhã e dia 15/04/2017, à tarde.

e Scheld (2005) enfatiza que este tipo de entrevista ocorre geralmente nos espaços públicos, ou saída de reuniões de igrejas ou escolas. E diferentemente das entrevistas individuais e grupos focais, as entrevistas em grupo do tipo improvisadas:

[...] tem como objetivo coletar dados de um grupo específico, além de propiciar uma oportunidade educacional para a comunidade. Elas são abertas e experimentais, e incluem qualquer membro da comunidade que queira participar (LOW; TAPLIN; SCHELD, 2005, p. 190, tradução nossa).

Outras entrevistas do tipo individual, via contato prévio, foram realizadas com outros dois usuários: uma combinada durante as observações de uso para elaboração dos mapas e conduzida em ambiente fora do parque; e outra feita com um morador vizinho ao Parque, indicado por outra pessoa por ser usuário e, também, interessado nas questões da comunidade, sendo realizada no próprio parque. Esta técnica conhecida como “Bola de Neve” é de grande utilidade no processo de seleção de sujeitos, consiste em identificar uns poucos sujeitos e pedir-lhes que indiquem outros, e estes por sua vez, podem indicar outros, e assim sucessivamente (LINCOLN; GUBA, 1985 apud ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2002, p. 163).

Com skatistas e jogadores das quadras foram realizadas entrevistas em grupo, em dias e horários diversificados da semana⁵⁸, diante de dificuldades em abordá-los individualmente pelo fato de estarem sempre em grupo ou duplas, com exceção de dois jogadores das quadras entrevistados individualmente.

Ao todo foram entrevistadas 36 pessoas, de forma individual, sendo 22 homens e 14 mulheres; e realizadas 7 entrevistas em grupo do tipo improvisada.

As entrevistas foram conduzidas até o momento em que houve a saturação das respostas, ou seja, começaram a se repetir sem o surgimento de novas informações. Para Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2002, p. 163), a partir do momento que as informações obtidas estão suficientemente confirmadas e o surgimento de novos dados vai ficando cada vez mais raro, até que se atinge o “ponto de redundância”, não mais se justifica a inclusão de novos elementos.

⁵⁸ As entrevistas em grupo com os skatistas, pessoas que andavam de patins e bicicleta e usuários das quadras foram realizadas nos dias 27/05/2017, 29/05/2017, 01/06/2017, 03/06/2017 e 11/06/2017.

Visando resguardar as questões éticas que envolvem esta dissertação, a todos os entrevistados foi explicitado o conteúdo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, ver APÊNDICE H), documento que garante os direitos aos participantes da pesquisa e contém informações sobre objetivos da pesquisa, resultados esperados, garantia ao anonimato, direito de deixar de participar da pesquisa a qualquer tempo, informação de que será gravada e contatos da pesquisadora e do Comitê de Ética/ UFES onde a pesquisa foi aprovada, em atendimento à resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Com relação à importância da ética na pesquisa, Elali (2010) destaca:

[...] a contínua relação eu-outro justifica a preocupação com a responsabilidade social e a ética uma vez que uma investigação demanda a participação de vários agentes, notadamente aqueles que conduzem a investigação (pesquisadores) e aqueles que fornecem as informações (pesquisados, participantes selecionados de modo a atender a vários tipos de exigência), sendo essencial que a atividade traga vantagens para ambos (Paiva, 2005), ou seja, nenhum dos envolvidos se sinta prejudicado ou usado pelos demais (ELALI, 2010, p. 6).

Ao entrevistado eram explicadas as condições do TCLE e solicitado sua assinatura, caso aceitasse participar da pesquisa.

3.3.2 Tratamento e análise dos dados

Quanto às observações de uso do espaço, os dados dos mapas foram sumarizados em mapas sínteses, digitalizados em programa de computação gráfica Autocad (versão 2010), conforme modelos desenvolvidos por Araújo e Caser (2012) e metodologia baseada em Golinick e Thompson (2010). Por meio destes mapas é possível representar graficamente como se dá o uso do Parque, identificando os locais mais frequentados, os tipos de atividades mais praticadas e os horários mais utilizados pelos usuários.

Na 1ª. etapa da pesquisa de campo, os mapas síntese elaborados correspondiam aos turnos da manhã (6-12 h), tarde (12-18 h) e noite (18-22 h), representativos de dia de semana e final de semana. Com o maior conhecimento da situação de uso do Parque (durante a 2ª etapa de campo), os mapas síntese elaborados para o dia de semana passaram a considerar os seguintes períodos: 1) início da manhã (6-10 h); 2) meio da manhã até final da tarde (10-16 h), e 3) final da tarde à noite (16-22 h), pois foi verificado que estes melhor representavam a ocupação diária do Parque. Com relação aos turnos, situação diferente do dia de semana foi encontrada no final

de semana quando características similares de uso foram observadas nos turnos da manhã: (6-12 h), tarde (12-18 h) e noite (18-22 h), dos finais de semana.

Foram elaboradas outras peças gráficas produzidas a partir das observações, as matrizes de atividades (RHEINGANTZ et. al, 2009). Esta ferramenta permite identificar numericamente a quantidade e o perfil dos usuários em cada atividade praticada de acordo com o horário considerado. Nestas matrizes, as linhas contemplam os períodos de observação e as colunas as atividades mapeadas e os tipos de usuários categorizados por gênero e faixa etária (criança, jovem, adulto e idoso). A quantidade de pessoas indicada em cada intervalo de tempo considera o somatório dos usuários registrados em todos os setores. Especificamente, para a atividade caminhada/ corrida foram calculadas as médias de usuários por setor, já que se verificou que as pessoas registradas em um setor no período de 10 minutos, percorriam toda a pista e acabavam, geralmente, sendo registradas no setor seguinte⁵⁹.

Na 1ª. etapa, as matrizes elaboradas consideraram todos os períodos de observação, e na 2ª. etapa, por contemplar mais dias e horários, a versão apresentada nesta dissertação indica os registros efetuados na quinta-feira e domingo, dias em que todos os horários foram observados integralmente nesta etapa. Foram também quantificados os usuários das atividade caminhada e corrida nos turnos matutino e noturno de todos os dias observados na 2ª. etapa a fim de estabelecer uma comparação de uso com a etapa anterior, e identificar se houve modificação do padrão de utilização do parque para esta atividade nos dois momentos.

As entrevistas com pessoas específicas foram gravadas, transcritas e extraídas as informações mais relevantes relacionadas ao histórico do Parque, aspectos operacionais e de manutenção, segurança, programação de atividades, demandas e expectativas, projetos previstos e expectativas futuras para o Parque.

⁵⁹ Considerando a extensão da pista em torno de 1,10 km e a velocidade média de caminhada de 5 km/h, o tempo gasto por uma pessoa ao percorrer toda a pista de caminhada é de 13 minutos. Este tempo corresponde ao período que o observador leva para registro de um setor (10 minutos) e deslocamento a outro setor; chegando-se, à conclusão que as mesmas pessoas registradas em um setor na pista de caminhada, no geral, acabam sendo registradas no setor seguinte, e assim por diante, optando-se desta forma, no cálculo da média por setor ao invés do somatório em todos os setores.

Todas as entrevistas com os usuários tiveram seus relatos gravados e transcritos. As transcrições foram realizadas pelas próprias entrevistadoras (a autora e a colaboradora), tendo sido realizada a conferência de todas as transcrições dos áudios pela autora da dissertação.

Os dados das entrevistas foram organizados em torno de categorias ou temas comuns onde cada categoria refere-se à um conjunto de respostas relacionadas. Procurou-se identificar categorias, tendências, padrões, relações, desvendando-lhes o significado. Este processo de análise de dados qualitativos, segundo Alves-Mazzotti e Gewandszajder (2002), implica em um trabalho de redução, organização e interpretação dos dados que se inicia já na fase exploratória e acompanha toda a investigação. À medida que os dados vão sendo coletados, o pesquisador vai procurando identificar temas e relações construindo interpretações e gerando novas questões e/ ou aperfeiçoando as anteriores, o que, por sua vez, o leva a buscar novos dados, complementares ou mais específicos, que testam suas interpretações, num processo de “sintonia fina” que vai até a análise final (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2002, p. 170).

Identificando-se semelhanças entre atividades realizadas, dias de utilização e faixa etária, as pessoas entrevistadas foram divididas em grupos. Em seguida para cada pergunta/ tema ou assunto abordado buscou-se cruzar as informações de uma determinada questão com outra, buscando relações e conexões com os diferentes grupos identificados de usuários.

Com relação à questão 1 do roteiro da entrevista - a evocação de palavras sobre o Parque, suas respostas foram divididas em categorias definidas de acordo com o sentido das expressões mencionadas, a fim de melhor analisá-las. São elas: 1) lazer/ diversão, 2) esporte/ saúde, 3) natureza; 4) escape/ terapia, 5) ambiente tranquilo e agradável, 6) segurança e 7) pessoas/ família.

Os itens do Parque avaliados pelos entrevistados (questão 5.3 do roteiro da entrevista) foram também divididos em categorias, objetivando a melhor compreensão dos subgrupos mais problemáticos e daqueles mais bem avaliados. Foram definidas 6 categorias para agrupamento dos itens: 1) Ambiência (Beleza/ Aparência, Natureza/ verde); 2) Sombra/ mobiliário/ equipamentos gerais (Árvore/

sombra, bancos, iluminação, bebedouros); 3) Equipamentos Esportivos (pista de caminhada, quadras de esporte, campo de futebol, academia de ginástica); 4) Equipamentos de Lazer (alameda principal, pista de skate, playground, bromeliário/ viveiro plantas); 5) Edificações (Acesso/ entradas, lanchonete, banheiros); e 6) Gestão (Limpeza/ manutenção, aulas/ serviços, segurança).

Buscou-se também produzir várias formas de representação dos dados (em gráficos, tabelas, quadros, mapas) por categorias, por grupos de usuários e outras, procurando melhores formas de apresentar os dados, extraíndo-se relações não visualizadas por outras formas.

Assim, após analisar os dados coletados em cada instrumento, partiu-se para o cruzamento dos mesmos, sistematizando os resultados de cada instrumento, agrupando-os e categorizando-os a partir dos temas da pesquisa e padrões que se repetem. E finalmente, procedeu-se à triangulação dos dados de cada instrumento.

O texto resultante segue então “descrevendo, analisando, referindo-se à teoria, citando frases colhidas durante as entrevistas, elaborando um conjunto, ao mesmo tempo, independente e articulado (SILVA, 2012 apud QUEIROZ, 2014, p. 94).

Feita a descrição dos procedimentos metodológicos, é dado início, no próximo capítulo, ao levantamento de dados realizados no Parque da Cidade e a apresentação dos resultados e análises, em capítulo subsequente.

CAPÍTULO 4. LEVANTAMENTO DE DADOS DO PARQUE DA CIDADE

Este capítulo foi dividido em duas partes que tratam do histórico do projeto e funcionamento até os dias atuais e do levantamento de dados sobre o Parque da Cidade.

4.1 Histórico do Parque até os dias atuais

Este item apresenta informações relacionadas ao histórico do Parque da Cidade, desde a sua concepção até o seu funcionamento nos dias atuais, compreendendo três assuntos: 1) concepção/ projeto; 2) modificações ocorridas ao longo do tempo desde a inauguração, incluindo intervenções e propostas futuras; 3) usos incentivados pela gestão pública. Estas informações basearam-se em documentos e arquivos eletrônicos disponibilizados pela PMS, relatos verbais, pesquisa na mídia, e entrevistas realizadas com pessoas específicas envolvidas na gestão e planejamento de ações no Parque, além de visitas e registros fotográficos no local.

4.1.1 Concepção e projeto

O local selecionado para a implantação do Parque compreendia uma grande parcela de terreno desocupado (cerca de 11 ha), com boa localização e acesso facilitado, próximo aos principais eixos viários que cortam o Município com a BR-101, a Av. Norte Sul e a ES – 010, porém de propriedade privada. Parte deste terreno já era de posse do município, sendo um trecho livre, outro ocupado por edificações de porte (igreja), dentre outras construções, e área cedida à Companhia Espírito Santense de Saneamento (CESAN) para serviços de tratamento de esgoto, ainda hoje em funcionamento. As desapropriações das diversas glebas particulares cadastradas nesta área procederam-se entre os anos 2006 a 2007.

Concomitantemente ao processo de desapropriação foram contratados e elaborados os projetos para a construção do Parque, desenvolvidos pela empresa AQUACONSULT - Consultoria e Projetos de Engenharia Ltda, sob contrato com a Prefeitura Municipal da Serra, no ano 2006. O projeto contemplava o Urbanismo, Paisagismo e Arquitetura das Edificações, desenvolvidos em parceria com o Laboratório de Arquitetura da UNIVIX (Centro de Ensino Superior), além dos projetos de instalações complementares (Pontos elétricos, Hidrossanitários e de

Iluminação), Comunicação Visual, Iluminação Externa e Drenagem de Águas Pluviais.

Anterior à elaboração do projeto, em fevereiro de 2006, foi também realizada uma pesquisa de opinião visando o conhecimento das expectativas e anseios da população a ser beneficiada. Esta pesquisa investigava o perfil do cidadão que frequentava parques na Serra, o hábito de ir a parques e praças, os parques de preferência e os motivos que mais os agradavam ao visitar parques, as intenções e desejos da comunidade sobre a construção do parque, os equipamentos que gostariam que tivesse e o que seria um parque ideal na visão dos participantes. Foram aplicados questionários com entrevista a 460 pessoas, moradores do Município da Serra, distribuídos entre bairros do entorno da área do Parque e demais bairros das proximidades, segundo informações presentes no Memorial Descritivo do Projeto⁶⁰.

Os principais resultados desta pesquisa destacaram como espaços de lazer preferidos pela população o Parque Pedra da Cebola e a Praça dos Namorados, situados em Vitória. Estas escolhas foram motivadas pela presença de áreas verdes/sombra e infraestrutura de lazer, além do interesse pelos serviços de alimentação indicados pelos que preferem frequentar a Praça dos Namorados e a pracinha de Laranjeiras. A proximidade de suas casas não foi considerada necessária para frequentar espaços livres de lazer (praças e parques); e a preferência de uso se dá nos finais de semana, e nos períodos da tarde e noite. Os equipamentos indicados pelos entrevistados para compor o parque foram: lanchonete/ quiosques, pista de caminhada/ corrida, futebol society, ciclovia, quadra de vôlei/ basquete, pista de skate, pista para patins, quadra de tênis, feira de artesanato, aparelhos de lazer infantil, miniauditório, área para piquenique, área para eventos. Foram também considerados importantes nesta enquete os itens: segurança do Parque, árvores para garantir sombra e instalações para o lazer infantil. Estes resultados balizaram a definição do programa de necessidades e deram subsídios à elaboração do projeto, que atendeu todas as necessidades apontadas. Entretanto, alguns usos não foram de fato, viabilizados no Parque como será visto mais à frente.

⁶⁰ Memorial Descritivo do Parque da Cidade, elaborado em 2006 pela empresa Aquaconsult. Documento disponibilizado pelo Departamento de Projetos de Obras Públicas/ SEOB / PMS.

Faz parte desta área também uma Área de Preservação Ambiental que compreende o Córrego Laranjeiras e mata adjacente ao mesmo, de topografia acidentada e não passível de ocupação. A poligonal definida para a implantação do Parque, cortada pelo córrego, dividia o espaço em três platôs passíveis de ocupação que, entretanto, permaneciam isolados. A concepção do projeto (ver figura 67) partiu da proposta de integração destes platôs através de duas passarelas para pedestres. Assim, foram idealizados três portais em consonância com o conceito de projeto desenvolvido para o Parque, visando facilitar o acesso da população do entorno, em diferentes direções, e ainda ser possível favorecer novos percursos a pé, através da área interna do Parque, dinamizando a movimentação.

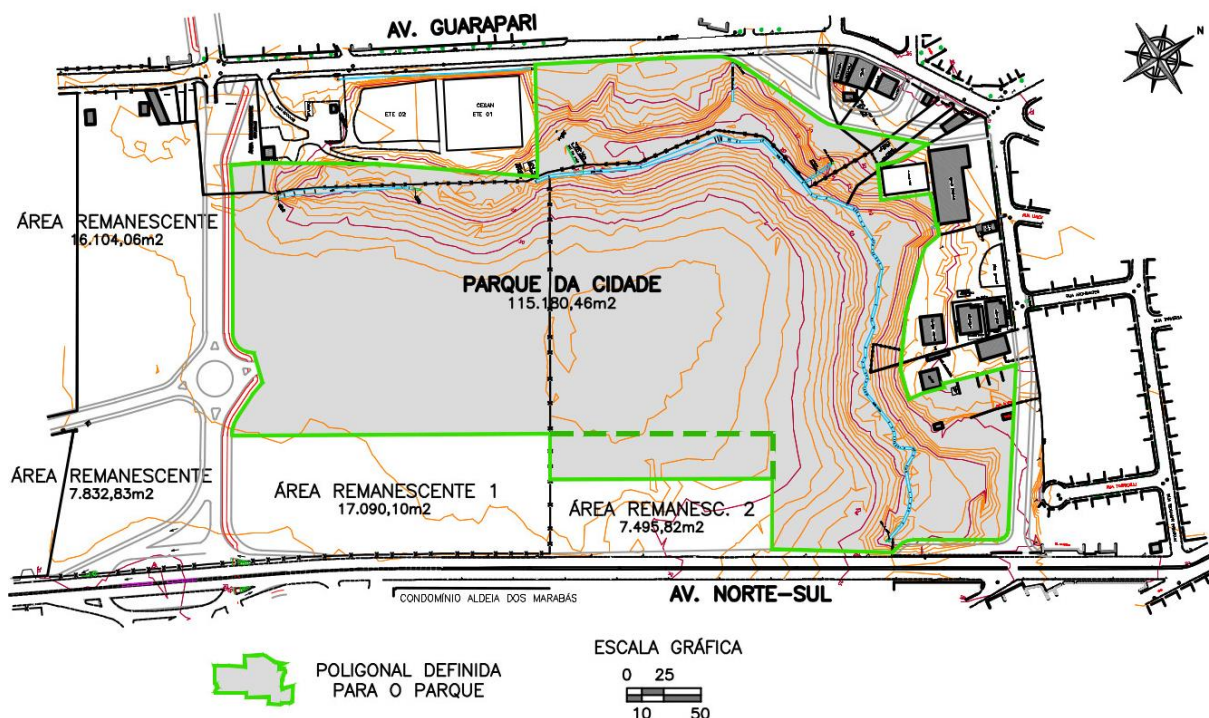
Segundo informações da Secretaria de Desenvolvimento Urbano⁶¹, a intenção inicial era desapropriar toda a quadra, então desocupada, situada entre a Avenida Norte-Sul e a Avenida Guarapari. Entretanto, uma faixa de terreno situada lateralmente à Avenida Norte-Sul (áreas remanescentes 1 e 2 no mapa da figura 51), acabou não sendo desapropriada, sendo reservada pelo proprietário para valorização privada com a implantação de futuros empreendimentos residenciais. Inclusive, Serpa (2003) atenta para a tendência comum dos parques públicos contemporâneos como importantes instrumentos de valorização fundiária.

O problema que se observa nesse caso, além do comprometimento da visibilidade do Parque a partir da avenida, é a valorização de propriedade privada, em detrimento da municipalidade que arca com os custos de implantação e manutenção. Um exemplo que poderia ser seguido é o do *Birkenhead Park* (1847), na Inglaterra. Este parque foi criado como parte de um empreendimento imobiliário: a municipalidade detinha a propriedade dos terrenos do seu entorno e previa com a sua valorização obter recursos para custear a construção e manutenção do parque (GARVIN, 2011).

A poligonal definida para a elaboração do projeto do Parque da Cidade ficou então estabelecida conforme ilustrado pela figura 51.

⁶¹ Informação disponibilizada por profissional desta secretaria que acompanhou o processo de viabilização da área para a construção do Parque da Cidade (INFORMAÇÃO VERBAL).

Figura 51 - Mapa com poligonal da área de implantação do Parque da Cidade.



Fonte: Modificação realizada em 2016 sobre base de Autocad disponibilizada pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano/ PMS com delimitação das glebas, elaborado em 2006.

Atualmente, encontra-se construído ao redor do Parque da Cidade o Condomínio Reserva Verde, um condomínio residencial com 4 torres (edifícios) de apartamentos de 12 pavimentos em parte da área não desapropriada (área remanescente 2 da figura 51)⁶², junto da Av. Norte Sul. A outra gleba (área remanescente 1) não desapropriada ainda se encontra desocupada.

Sobre o projeto elaborado, o conceito estabelecido para o projeto do Parque baseou-se em três pilares principais: o “Universo”, a “Cidade” e a “Natureza”, com funções e instalações específicas. O “Universo” se formava em torno do núcleo formado para a educação ambiental, da qual fazia parte o planetário, situado junto à portaria localizada na Avenida Guarapari. A “Cidade” compunha as áreas esportiva e recreativa, incluindo as quadras poliesportivas, a quadra de tênis e o campo de futebol, localizada mais ao centro do Parque. E a “Natureza” permeia o núcleo

⁶² Esta área remanescente 2 no mapa da figura 51, acabou sendo posteriormente ampliada seguindo a linha tracejada, resultando na necessidade de adequação do projeto elaborado para o Parque inicialmente previsto com outra poligonal (linha contínua).

formado pela Área de Preservação Permanente e de reflorestamento que margeia o Córrego Laranjeiras⁶³ (ver figuras 52 e 53).

Figura 52 - Imagens da Maquete eletrônica do Projeto do Parque da Cidade.



Fonte: Arquivo DPO/ SEOB/ PMS, 2006.

⁶³ Informações obtidas nos Projetos e Memoriais elaborados para o Parque da Cidade disponibilizadas pelo Departamento de Projetos de Obras Públicas da Prefeitura da Serra.

Os três portais projetados foram assim denominados: “Portal da Cidade”, localizado junto ao acesso principal, na Rua Anchieta; “Portal do Universo”, localizado na Av. Guarapari e “Portal da Natureza”, localizado na Rua Santos Dumont. Todas as portarias eram destinadas ao acesso de pedestres e ciclistas, e somente o Portal da Cidade permitia o acesso de veículos.

O projeto do Parque reserva uma faixa de 30 metros, distante do curso do Córrego Laranjeiras, conforme determina a legislação ambiental para a proteção da Área de Preservação Permanente, situada no interior do Parque. Nas áreas mais elevadas dos platôs foram projetadas as áreas funcionais do Parque. O memorial descritivo deste já sinalizava a condição ruim da qualidade da água do Córrego Laranjeiras devido às contribuições de esgoto recebidas na parte canalizada, anterior à chegada no Parque. As recomendações de projeto já incluíam: prever a instalação de placas indicativas da condição da qualidade da água, próximo às margens, e orientação quanto à necessidade de reconstituição vegetal, com vistas ao enriquecimento florístico e a consolidação do solo dos taludes. Entretanto, nenhuma dessas recomendações foram viabilizadas com a construção do Parque.

Da proposta original concluída em 2006 (figura 53), foi verificado que a mesma contemplava uma poligonal diferente da área onde foi construída o Parque. No ano seguinte, este projeto teve seu projeto de implantação alterado conforme figura 54. A modificação realizada compreendeu: a relocação de alguns elementos/ edificações (instalações de arborismo, circuito de skate, quadras poliesportivas e campo de futebol), a exclusão de alguns itens de projeto (viveiro de pássaros) e a simplificação da proposta original quanto aos desenhos de piso, curvas, etc., considerando também uma outra poligonal de intervenção. A justificativa provável para esta alteração, incide na redefinição da área desapropriada para o Parque após a entrega do projeto pela empresa contratada.

O cercamento do Parque foi uma das diretrizes definidas pela municipalidade visando controlar o acesso e facilitar a gestão da manutenção e segurança conforme consta em Memorial Descritivo do projeto.

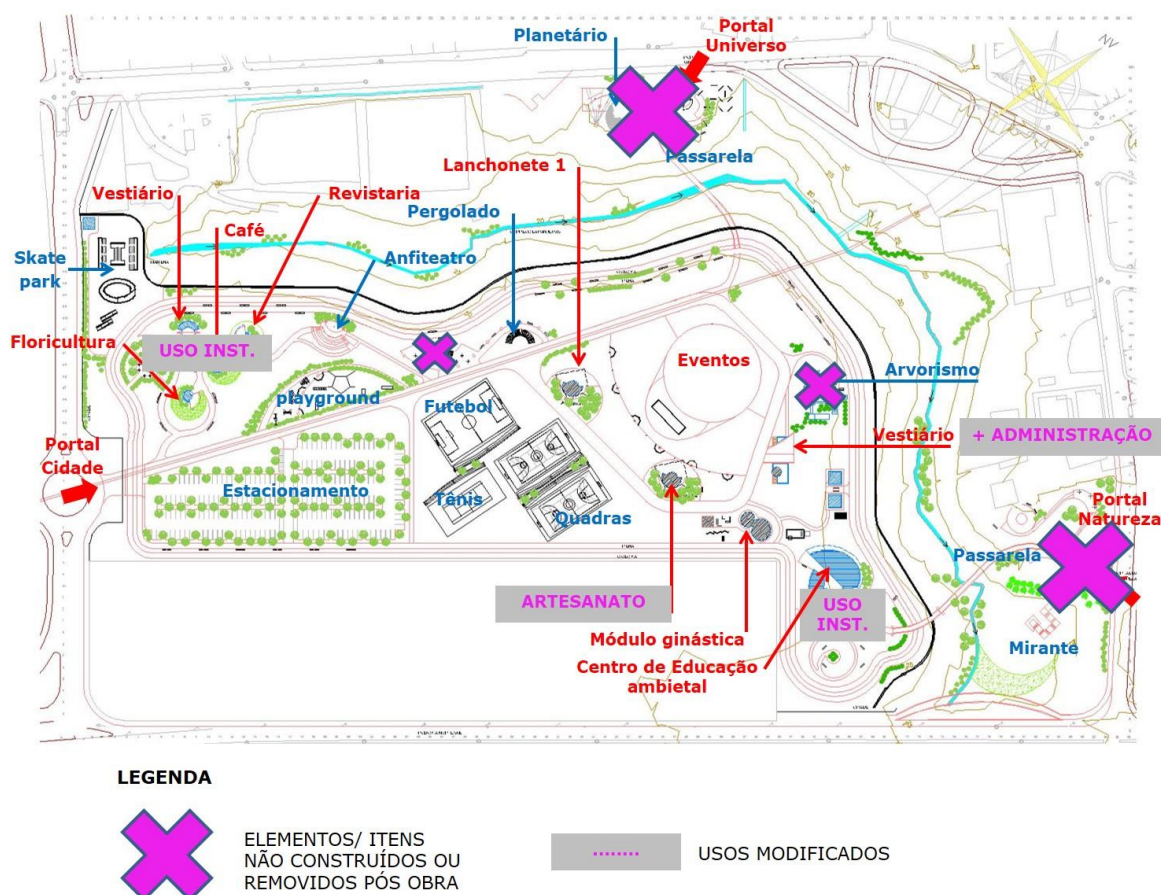
Figura 54 - Projeto modificado do Parque da Cidade, em 2007.



Fonte: Arquivo disponibilizado pelo Departamento de Projetos de Obras Públicas (DPO/ PMS), 2007.

Durante a sua execução, alguns elementos do projeto sofreram modificações (circuito de skate, vestiário de funcionários); e outros, não foram executados (instalações para a prática do arvorismo, mirantes, passarelas, alguns jardins temáticos e a parte noroeste do Parque, com acesso pela Avenida Guarapari, juntamente com o planetário e o portal do Universo), além da sinalização e comunicação visual proposta para o Parque, como pode ser visualizado no esquema apresentado na figura 55. Este esquema ilustra a diferença entre o projetado e o construído, apresentando além das alterações realizadas na construção as intervenções físicas e os usos modificados ao longo do tempo que serão detalhados mais à frente.

Figura 55 - Desenho ilustrativo para exemplificação entre o projetado e o construído.



Fonte: Modificação sobre projeto de implantação do Parque disponibilizado pelo DPO/ PMS, 2016.

Os motivos apontados para as alterações realizadas na época da obra foram a redução de custo e a previsão futura de duplicação da Avenida Guarapari, que acabou inviabilizando a construção de trecho do Parque. Contudo o que parece justificar estas alterações, principalmente aquelas provenientes da não execução de

alguns itens de projeto e de edificações entregues inacabadas, demonstra a preocupação em concluir a obra para sua inauguração antes do término da gestão, que aconteceu em 12 de dezembro de 2008.

4.1.2 Modificações realizadas e propostas futuras

Nos anos posteriores à sua inauguração, o Parque da Cidade passou por modificações em sua estrutura física. Dentre as mais significativas estão: a demolição da portaria de acesso pela Rua Santos Dumont e o aterro do lago⁶⁴ construído próximo à esta portaria, em função de interferências viárias previstas nesta área, conforme relata o administrador do Parque⁶⁵. Após essas obras, essa área permaneceu sem nenhuma intervenção até os dias atuais.

Entre 2013 e 2014, foram realizadas melhorias no Parque da Cidade, incluindo a substituição da iluminação existente por uma solução mais eficiente (led), pintura, recuperação do gradil, reforma das bombas de água, instalação de placas educativas, dentre outras. Foi também instalada uma nova academia popular que demanda o uso com acompanhamento de um orientador físico e uma academia infantil, por meio de parcerias com o Governo do Estado, além da substituição dos brinquedos do playground antes de outro material. Estas ações são mencionadas pelo Anuário da Serra (SERRA, 2016) como “ações de revitalização”.

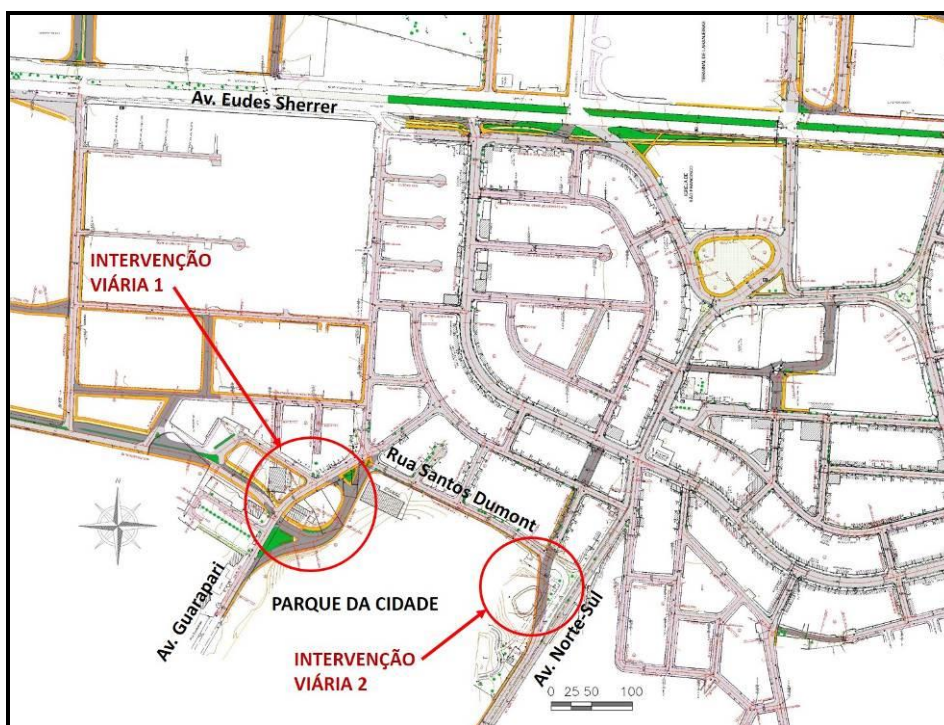
Quanto a planos e propostas futuras, o Plano Diretor Municipal da Serra prevê, no plano viário do município, algumas intervenções previstas nos anexos 12s e 12 u, da Lei 3820/ 2012 com suas atualizações, as quais afetarão a configuração do Parque. Estas interferências correspondem respectivamente ao projeto de Revitalização de Laranjeiras com alterações propostas nos encontros da Av. Guarapari com a Rua Santos Dumont (intervenção viária 1 identificada na figura 56) e na intercessão da Rua Santos Dumont com a Av. Norte Sul (intervenção viária 2 na figura 56); e a

⁶⁴ Este local onde seria criado o lago, nunca chegou a ter água, afirma o administrador. Originalmente, existiam dois lagos no Parque da Cidade, onde as crianças entravam para brincar e pegar peixes. Estes espaços foram executados sem a previsão de drenagem e bombas para filtrar e oxigenar a água, o que levou à acumulação de sujeira e lodo com o passar do tempo, tornando-se prejudicial à saúde. Um deles recebeu areia de praia para funcionar como Jardim de Restinga e o outro, em 2014, passou a abrigar a Academia Infantil.

⁶⁵ Informação disponibilizada em entrevista realizada com o administrador do Parque, no dia 03/02/2017.

duplicação da Av. Guarapari, em Valparaíso que faz divisa com o parque da Cidade, incorporando trecho do mesmo.

Figura 56 - Interferências viárias previstas no Parque da Cidade que fazem parte do Projeto de Revitalização de Laranjeiras.



Fonte: Modificação sobre arquivo disponibilizado pelo Departamento de Trânsito da Secretaria de Desenvolvimento Urbano (DET/ SEDUR/ PMS), em 2017.

Diversas são as propostas de projeto previstas para o Parque da Cidade. Em 2014, foi desenvolvido um projeto contemplando várias intervenções como: cobertura de uma das quadras poliesportivas, um pergolado interligando as edificações da floricultura, revistaria e café, uma cobertura para a área dos aparelhos de ginástica, uma nova estrutura para o viveiro de plantas, a construção de uma portaria de acesso pela Av. Guarapari com estacionamento para ônibus e passarela de interligação ao Parque sobre o córrego Laranjeiras, além de prever estacionamento e local para abrigar a futura sede da Secretaria de Meio ambiente do Município em área do Parque no encontro das vias Santos Dumont e Av. Norte Sul. Este projeto não foi de fato viabilizado.

Em 2015, foi elaborada uma proposta de ampliação do Parque que visa a ocupação da parte noroeste (ainda desocupada), junto à Av. Guarapari. Segundo informações da PMS, esta foi uma demanda da comunidade do bairro Valparaíso, diante da insegurança deste local que margeia o Parque da Cidade, acometida com assaltos

frequentes a pessoas que por ali transitam e nos pontos de ônibus. A intenção é promover maior movimentação de pessoas à região com um novo acesso ao Parque. O projeto inclui portaria de acesso, um estacionamento, jardins e ambientes de estar, além de uma passarela de interligação com o restante da área. Como parte deste pacote de projetos, há também a proposta de criar um estacionamento para a Guarda de Trânsito que já funciona no Parque, a ser instalado próximo à sua sede (edificação destinada originalmente ao Centro de Educação Ambiental). Esta proposta encontra-se finalizada, aguardando a previsão de recursos orçamentários para sua execução.

Existem também outras intenções futuras, em fase de estudo: a implantação da Central de Video-monitoramento do Município da Serra em edificação desocupada, próximo à Guarda de Trânsito; e a construção de um Centro de Referência da Juventude a ser implantado em área desocupada no Parque no encontro da Av. Norte Sul e Rua Santos Dumont. Este último projeto trata-se de um centro esportivo, cultural e educacional direcionado à juventude serrana que tem como intenção aproveitar as instalações esportivas e recreativas do Parque para desempenho das suas atividades.

Outro projeto idealizado é um orquidário e um jardim sensorial⁶⁶; além da viabilização do enriquecimento da vegetação de encosta na Área de Preservação Permanente e a intenção de criação de trilha ecológica⁶⁷. Até o presente momento, nenhum destes projetos mencionados foram, de fato, executados com exceção do jardim sensorial que teve sua obra iniciada em maio de 2017.

4.1.3 Usos incentivados pela gestão municipal

Visando ocupar os espaços ociosos do Parque e com isso promover maior uso algumas Iniciativas foram promovidas pela gestão pública. Dentro dessas medidas estão a instalação de usos institucionais nas edificações em desuso do Parque, além de usos comerciais, instalações natalinas na área de eventos e destinação de eventos comemorativos nas áreas do Parque.

⁶⁶ Informação concedida em entrevista com o administrador do Parque, no dia 03/02/2017.

⁶⁷ Informação disponibilizada em questionário respondido pela diretora do Departamento de Recursos Naturais, SEMMA/ PMS no dia 29/05/2017.

Neste sentido, em 2014 foi iniciado um processo licitatório objetivando a concessão de uso das edificações existentes destinadas a abrigar originalmente a floricultura, revistaria, café e lanchonetes, permitindo a estas edificações atividades como lanchonetes, sorveteria e aluguel de equipamentos de lazer, após consulta à comunidade. Estas edificações permaneciam desde a inauguração sem funcionamento. O processo licitatório somente teve êxito para funcionamento de uma única lanchonete. A outra edificação, também destinada originalmente à outra lanchonete, passou então a funcionar como um espaço destinado à oficina de artesanatos feitos com material reciclado onde eram confeccionados e expostos os trabalhos dos alunos⁶⁸.

Em julho de 2015, parte da edificação destinada ao Centro de Educação Ambiental, após a realização de pequenos reparos e pintura, passou a abrigar o Departamento de Operações de Trânsito da Secretaria de Defesa Social (DOT/ SEDES). As demais edificações situadas próximo à portaria principal previstas originalmente previstas como quiosques para usos como floricultura, revistaria e café, também passaram por reformas onde passaram a funcionar desde setembro de 2015, a Defesa Civil da mesma secretaria. Estas iniciativas visavam a ocupação de espaços ociosos no Parque proporcionando maior movimentação ao local e garantindo acessibilidade à serviços conforme relatos da administração municipal: *A motivação foi a centralização de serviços prestados pelo Município (ENT esp.2)*; além de inibir o mal uso em função da subutilização: *Se a gente não ocupa, o vagabundo vai usar: para pixar, quebrar, estoura porta (ENT.esp.1)*.

Entre 12 de novembro de 2015 a 10 de janeiro de 2016, uma Árvore de Natal (figura 57) luminosa de grande porte instalada na parte central da área de eventos foi a atração principal do Parque, atraindo muitos visitantes. Em entrevista⁶⁹, as estimativas de número de frequentadores do Parque informadas pelo administrador foram de 7.500 pessoas por dia neste período. A estrutura montada destacou-se pela grandiosidade e aspecto diferencial conforme relatos veiculadas nas mídias:

⁶⁸ Este serviço era oferecido de terça a quinta de 9:00 às 16:00 horas, e também aos finais de semana quando havia algum evento, informa o administrador do Parque em entrevista concedida. Porém, desde início de 2017, o mesmo foi extinto, assim como as aulas de futsal e tênis fornecidas por profissionais da prefeitura que aconteciam no período da manhã.

⁶⁹ Entrevista concedida pelo administrador do Parque, em 24/06/2016.

A árvore, construída em parceria com a iniciativa privada, tem 45m de altura, cinco a mais que a do ano passado, e equivalente a um prédio de 15 andares. Outra novidade é que ela contará com lâmpadas de Led que mudarão de cor em um show de luzes e figuras luminosas (SHOWS, 2016).

Neste ano, a árvore tem 45 metros de altura, cinco a mais que no ano anterior, e só perde para as árvores da Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro, e do Parque Ibirapuera, em São Paulo [...] (SERRA, 2016).

Figura 57 - Árvore de Natal instalada na área de eventos do Parque.



Fonte: disponível em < <https://www.portaltemponovo.com.br/arvore-de-natal-ate-o-dia-10-no-parque-da-cidade/>>. Acesso em: 22 mai. 2017.

Além da Árvore, desde meados de 2016, ainda como parte das ações promovidas no Parque, eventos relacionados a datas comemorativas ligados ao Meio-Ambiente e estímulo ao esporte, destacaram-se como: as comemorações do Dia Mundial da Água (figura 58), em março de 2016; o Dia do Meio-ambiente (figura 59) e a Jornada Sustentável, em junho do mesmo ano; Dia da Árvore, em setembro de 2016, com atividades e programações como visita ao bromeliário, plantio e doação de mudas, oficina de artesanato com material reutilizável, brincadeiras e atividades esportivas.

Figura 58 - Visita ao bromeliário do parque durante as comemorações do Dia Mundial da Água, em março de 2016.



Fonte: Crédito de Márcio Scheppa. Disponível em < <http://serra.es.gov.br/site/publicacao/confira-a-programacao-do-dia-mundial-da-agua-22>>. Acesso em 15 mar. 2017

Figura 59 - Visita ao bromeliário e viveiro de plantas durante a Semana comemorativa do Dia Mundial do Meio Ambiente, junho 2016



Fonte: Crédito Márcio Scheppa. Disponível em: <<http://www.serra.gov.br/site/secretarias/SEMMA>>. Acesso em 21 mar. 2016

Como efeito das ações de Revitalização (maior incremento da manutenção, eventos, e usos institucionais), a administração destaca em 2016, evoluções constantes no aumento do número de visitantes baseados em estimativas de números de visitantes.⁷⁰

Outros eventos realizados foram campeonatos infantis de futsal, em novembro de 2016; maratonas de corrida; comemoração da passagem da Tocha Olímpica (figura 60); Comemoração do Dia das Crianças (figura 61), no feriado de 12 de outubro de 2016, dentre outros. Um dos percursos da Tocha Olímpica selecionados para o Município da Serra compreendeu ruas da Região de Laranjeiras até o interior do Parque da Cidade, incluindo apresentações culturais e esportivas, no mês de maio de 2016.

⁷⁰ Estimativas repassadas pela administração do Parque, que compreendem: 600 usuários/ dia em 2013, entre 1.500 a 1.800 usuários/ dia em 2014 e em 2016, 2.000 usuários/ dia. Estes dados foram disponibilizados verbalmente em entrevista no dia 26 de junho de 2016. Estas estimativas, segundo o entrevistado, são calculadas através de aferições estimadas por amostragem, sem nenhum método estatístico. Ele realiza a contagem das pessoas que entram no Parque por duas horas em três períodos do dia (manhã, tarde e noite), durante três dias da semana e depois considera uma média por dia. Na outra semana, realiza novamente o procedimento, comparando com o anterior.

Figura 60 - Passagem da Tocha Olímpica pelo Parque da Cidade, em maio de 2016.



Disponível em:
<<http://www.tribunaonline.com.br/tocha-olimpica-esta-na-serra/>>. Acesso em 20 ago. 2016.

Figura 61 - Comemorações do dia da Criança, feriado do dia 12 de outubro de 2016.



Foto de Márcio Scheppa. Disponível em
<<http://www.serra.es.gov.br/site/publicacao/publicacaoconfiraprogramacaodoparqueda-cidadenodiadascrianças>>. Acesso em 15 mar. 2017.

Em 2017, ações promovidas no Parque, como a campanha de vacinação da febre amarela e recentemente, em junho do mesmo ano, o programa Serra + Você (figura 62), disponibilizou diversos serviços gratuitos à população como atendimentos de saúde, como marcação de consultas e exames, testes de doenças sexualmente transmissíveis e exames de glicemia; orientações jurídicas; encaminhamento ao mercado de trabalho; agendamento para emissão de carteira de trabalho e habilitação ao seguro-desemprego em barracas montadas no estacionamento do Parque. Nesta mesma ação, foram também realizadas atividades recreativas com as crianças com oficinas de pinturas, teatro infantil, além de brinquedos infláveis instalados na área de eventos do Parque.

Figura 62 - Evento Serra + Você no Parque da Cidade, no dia 10/06/2016.



Fonte: Autora, 2017.

O Parque possui também um Centro de Estudos, Pesquisa e Conservação de Bromeliáceas e outras herbáceas (CEPS) do Município da Serra, desenvolvido no Espaço Botânico do qual fazem parte o bromeliário, o jardim temático de restinga, o viveiro de plantas e a “Sala Verde”. As visitas ao CEPS são destinadas prioritariamente aos alunos da rede escolar pública ou privada (ensino infantil, fundamental e médio), de projetos sociais, frequentadores do parque e visitantes, guiadas por um professor de biologia, o próprio administrador do parque. As visitas são promovidas por meio de agendamento com as escolas, grupos e demais interessados. As palestras, aulas e apresentações acontecem em espaço montado com materiais reciclados e de reaproveitamento, ao lado do viveiro – a Sala Verde. Em 2016 foram atendidos 24.169 alunos da educação básica (ensino infantil e fundamental), além dos 3.900 alunos de ensino médio, pós-graduação e visitantes do Parque⁷¹.

Figura 63 - Folder do CEPS no Parque da Cidade.



Fonte: Material impresso fornecido pela Administração do Parque, em 2016.

Atualmente, aulas de ginástica e orientação ao exercício físico são também disponibilizadas todos os dias úteis de semana por profissionais da própria prefeitura, vinculados ao PROEF da Secretaria de Saúde. As aulas acontecem em dois horários durante a manhã, entre 6:30 às 8:30 h; e um horário à noite (às 18:00 h), quando também é realizado o serviço de orientação ao exercício na academia de uso controlado. Desde final de 2016, aulas de futsal e tênis também oferecidas pela municipalidade foram suspensas.

⁷¹ Dados disponibilizados em entrevista com o administrador do Parque, em 03/02/2017.

4.2 Levantamento

Esta seção apresenta informações sobre o Parque da Cidade relacionadas com dois assuntos: 1) características do seu entorno imediato e 2) estrutura física do Parque compreendendo equipamentos e instalações existentes, vegetação, iluminação, além aspectos gerenciais referentes à segurança e programação de atividades. Estas informações foram extraídas de documentos oficiais (relatórios técnicos, plano diretor, mapas), levantamentos físicos e registros fotográficos no local.

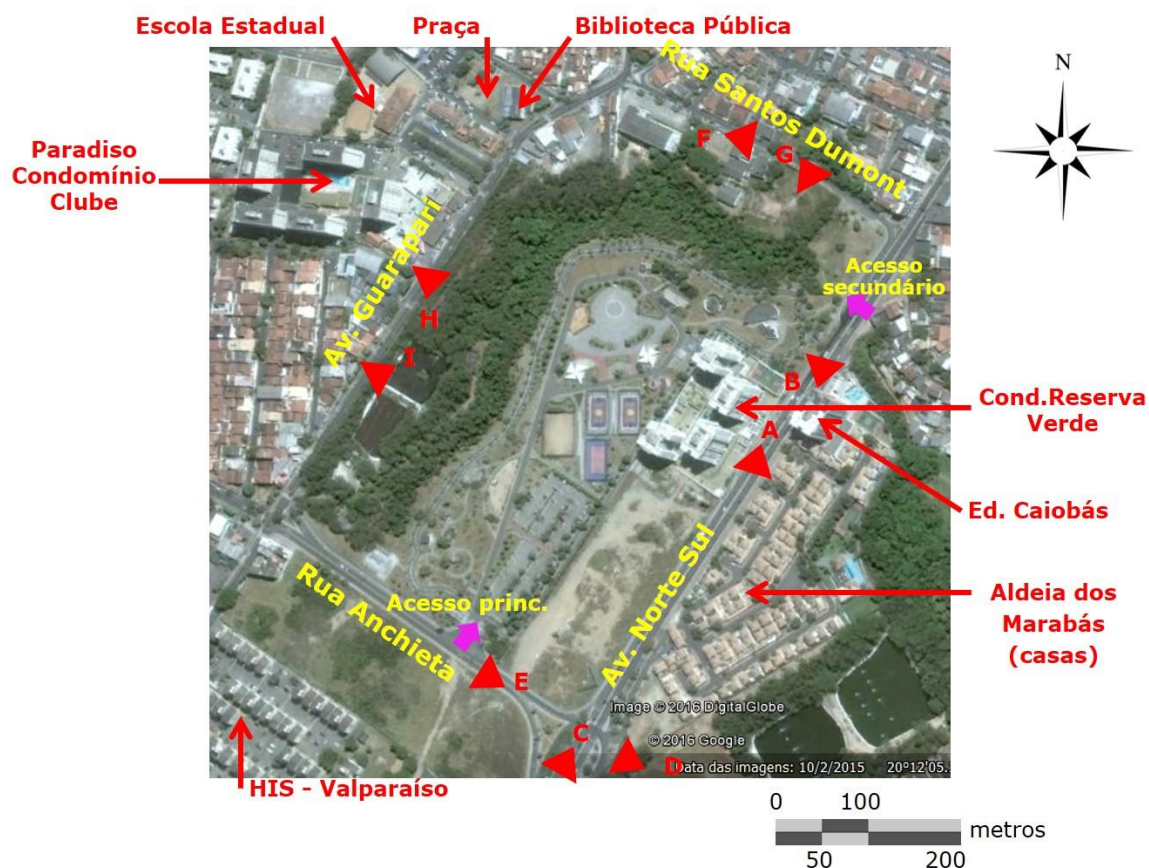
4.2.1 Entorno Imediato

Este item está dividido em: a) características físicas das vias do entorno do Parque da Cidade e b) percepções sobre estes espaços pelo pesquisador.

4.2.1.1 Características físicas

O Parque da Cidade é delimitado por quatro vias em seu entorno (Av. Norte Sul, Rua Anchieta, Av. Guarapari e Rua Santos Dumont), limitando-se com os bairros Parque Residencial Laranjeiras pela Rua Santos Dumont, ao norte e bairro Valparaíso pela Avenida Guarapari, à oeste (figura 64). Entretanto, o Parque não é totalmente contornado por estas vias.

Figura 64 - Imagem aérea do Parque da Cidade, onde se visualizam as vias limites, os acessos e as referências próximas.



Fonte: Modificação sobre Google Earth, 2016.

Os acessos principal e secundário são realizados respectivamente, pela Rua Anchieta e pela Avenida Norte-Sul. O acesso principal permite a entrada de pedestres, ciclistas e de veículos para o estacionamento do Parque, além daqueles destinados a serviços de abastecimento e emergência. Este acesso possui portão amplo sendo sua abertura entre entrada e saída de veículos, e guarita com vigilância. O acesso da Av. Norte Sul não possui guarita, somente portão de acesso para pedestres e ciclistas.

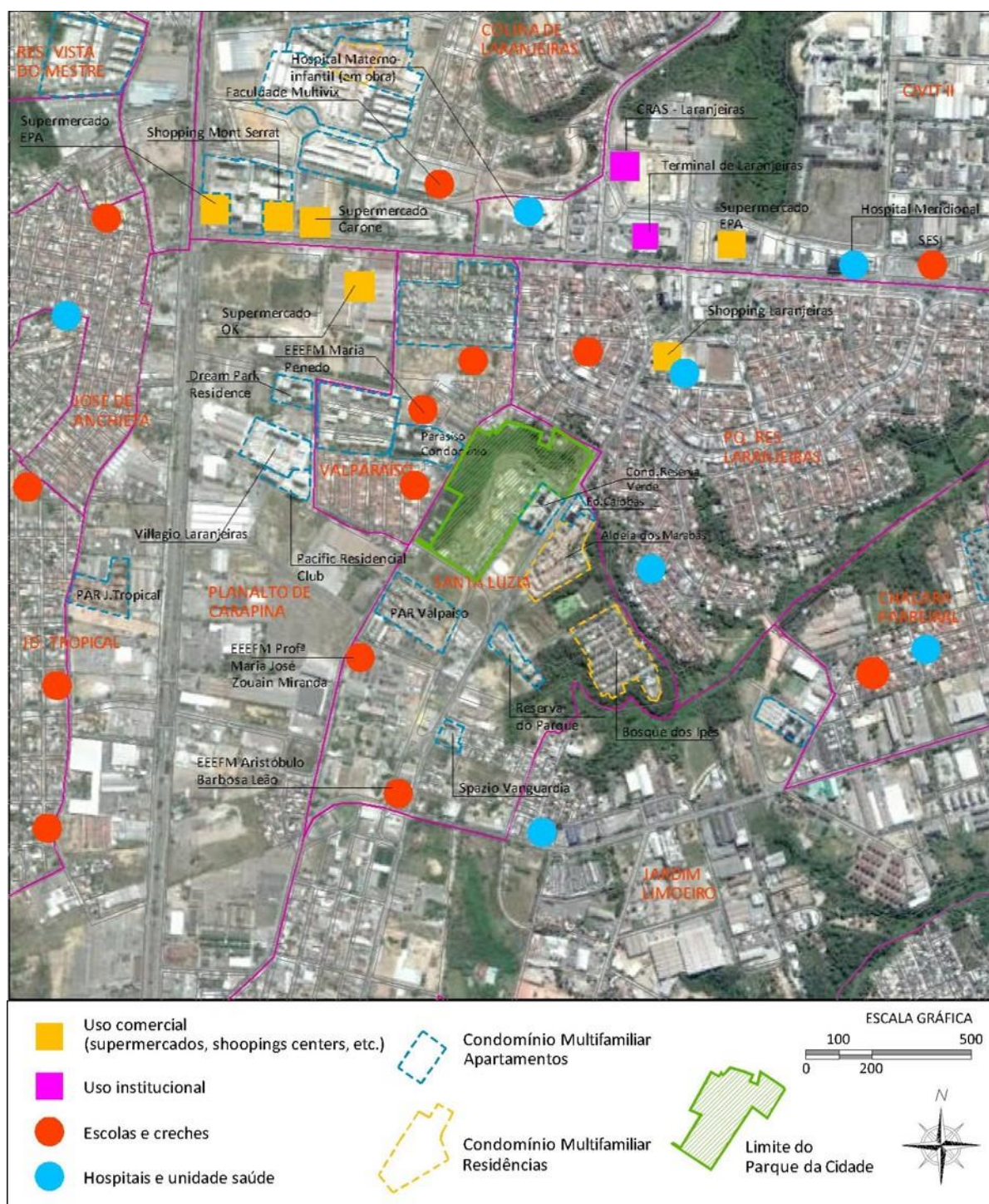
Quanto aos usos do solo, o entorno do Parque é bem diversificado: empresas de prestação de serviço e comerciais, lojas, galpões, pequenas indústrias, residências unifamiliares (na Avenida Guarapari e Rua Santos Dumont), escolas, creches e condomínios habitacionais de apartamentos, em maior número, e de casas geminadas, terrenos vazios (desocupados), dentre outros (figura 64). Além das atividades comerciais e de serviços presentes principalmente nos bairros de Laranjeiras, Valparaíso, Santa Luzia e Planalto de Carapina destacam-se também

como reflexo do crescimento imobiliário no Município e principalmente na Região de Laranjeiras⁷², o surgimento de um número significativo de condomínios habitacionais, de casas e apartamentos na última década, de padrão baixo médio a médio, como os Condomínios: Aldeia dos Marabás, Reserva do Parque, Spazio Vanguardia, Bosque dos Ipês e Reserva Verde, este situado ao lado do Parque, localizado no bairro Santa Luzia; Paradiso Condomínio Clube, em Valparaíso; Dream Park, Pacífico Residencial Clube e Villagio Laranjeiras, em Planalto de Carapina.

Outros usos de serviços e institucionais são as escolas estaduais e municipais, em especial as escolas EEEM Maria Penedo, em Valparaíso; EEEM Maria José Zouain de Miranda, em Santa Luzia; Escola Estadual Aristóbulo Barbosa Leão, funcionando provisoriamente na divisa entre bairros Santa Luzia e Jardim Limoeiro; além de creches públicas e particulares, e outros equipamentos como o Terminal de Laranjeiras, shoppings centers, supermercados, hospitais, empresas de prestação de serviços e pequenas indústrias distribuindo-se em áreas vizinhas, como pode ser visualizado na figura 65.

⁷² A Região Administrativa de Laranjeiras compreende os bairros Santa Luzia, Jardim Limoeiro, Valparaíso, Colina de Laranjeiras e Morada de Laranjeiras (SERRA, 2016).

Figura 65 - Imagem aérea Parque da Cidade (mancha na cor verde), condomínios habitacionais e pontos de referência.



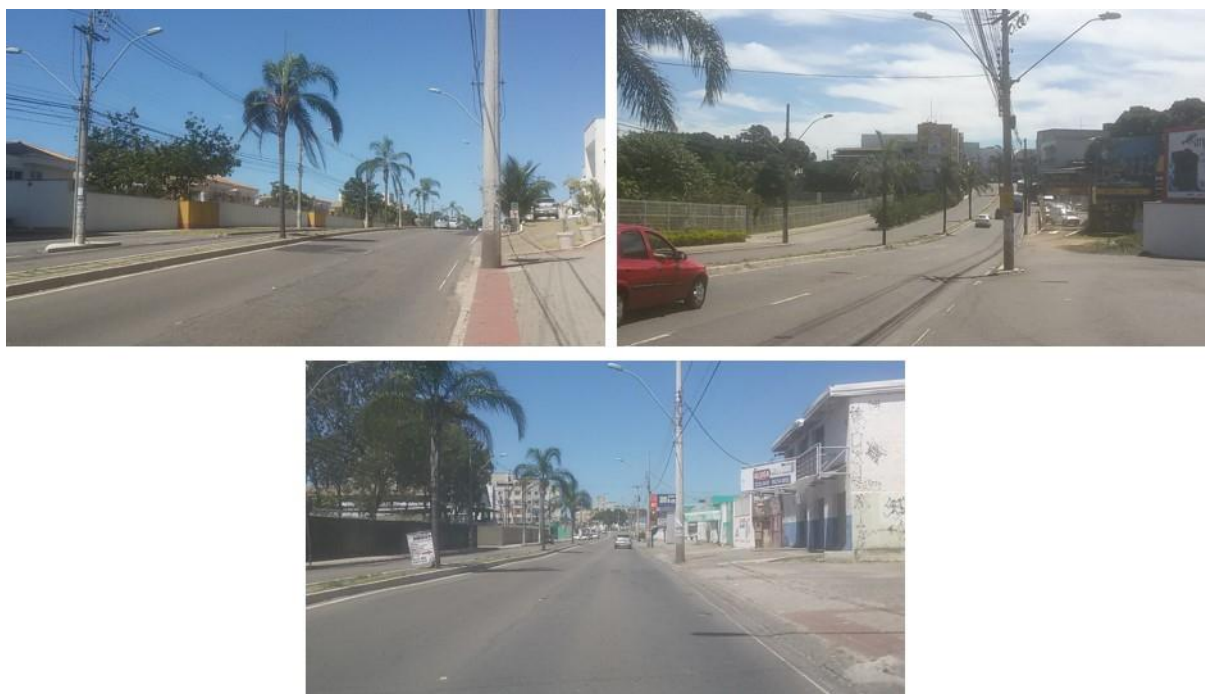
Fonte: Modificação sobre Google Earth, 2016.

4.2.1.2 Percepção do pesquisador sobre o entorno

Apesar da diversidade de usos no entorno, a maioria das vias que fazem limite com o Parque como a Avenida Norte Sul, a Rua Anchieta e a Rua Santos Dumont não são convidativas aos transeuntes que por elas caminham. A Avenida Norte-Sul, em

função da sua característica de fluxo intenso, das ocupações que se estabeleceram ao longo da mesma: condomínios com seus extensos muros e empresas comerciais e de serviços, da ausência de arborização e da pouca circulação de pessoas, torna o ambiente inóspito, sem vida e consequentemente, inseguro (figura 66).

Figura 66 - Avenida Norte – Sul, próximo ao Parque (posição A, B e C no mapa da figura 64).



Fonte: Autora, 2017.

Na Av. Norte-Sul, a existência de um cruzamento com semáforo possibilita o acesso ao Parque pela Rua Anchieta; existem travessias de pedestres na avenida e pontos de ônibus locados em ambos os sentidos (figura 67).

Figura 67 - Cruzamento entre a Av. Norte Sul e a Rua Anchieta (posição D no mapa da figura 64).



Fonte: Autora, 2017.

A calçada junto à Rua Anchieta é bem generosa, contudo há vários trechos sem pavimentação, a presença de terrenos desocupados e a ausência de arborização

torna o ambiente bastante árido. Apesar disso, a vista do Mestre Álvaro deste local impressiona os transeuntes (figura 68).

Figura 68 - Rua Anchieta que interliga a Av. Norte-Sul à Av. Guarapari, por onde se dá o acesso principal do Parque (posição E no mapa da figura 64).



Fonte: Autora, 2017.

Parte da Rua Santos Dumont, criada após reestruturações viárias no local, possui, do lado oposto do Parque, terrenos com características de fundos (sem aberturas), além de áreas desocupadas e a presença de edificação abandonada, configurando ao local pouca apazilidade e insegurança ao transitá-lo, principalmente a pé (figura 69).

Figura 69 - Rua Santos Dumont (posição F e G no mapa da figura 64)



Fonte: da Autora, 2016.

A via mais agradável ao pedestre é a Avenida Guarapari (figura 70), que mantém características de via local com pontos comerciais, de serviços e algumas residências em lotes menores. Trecho do Parque que faz divisa com esta via encontra-se desocupado e visualmente é bloqueado pelas árvores existentes nesta área; existe a previsão de ampliar o Parque nesta área.

Figura 70 - Avenida Guarapari, em Valparaíso (posição H e I no mapa da figura 64).



Fonte: Autora, 2016.

Sendo assim, apesar da centralidade do Parque no Município e da facilidade de se chegar ao mesmo pela proximidade com via arterial, o percurso de pedestres no entorno do Parque é pouco convidativo, e a pouca disponibilidade de entradas (que apesar de projetadas não foram viabilizadas) contribui para o desconforto dos usuários em função das grandes distâncias a serem percorridas. Estes aspectos aliado às características do projeto (estacionamento e acesso de veículos amplos) acabam por priorizar o acesso de carros ao Parque em detrimento dos pedestres.

Com relação ao estacionamento, quando comparado com outros parques de Vitória, o Parque da Cidade se assemelha aos exemplares contemporâneos como o da Pedra da Cebola e Horto de Maruípe⁷³, e contrasta com parques europeus da mesma época (décadas de 1980 a 2000), como o *Parc Andre Citroen* e *Parc de la Villete*, em Paris. No caso dos parques europeus, favorecidos por uma cultura a favor dos pedestres e da eliminação dos carros nas ruas dos centros urbanos, e um sistema de transporte público eficiente, a circulação de pedestres é priorizada. Diferentemente dos parques brasileiros, eles prescindem de bolsões de estacionamento.

4.2.2 Estrutura física (equipamentos/ instalações/ vegetação) e gestão (segurança/ atividades)

O Parque da Cidade possui 115.180 m² de área, sendo 35% (40,3 mil m²) desta área é ocupada pela Área de Preservação Ambiental (foto X da figura 71), além de

⁷³ Originalmente um viveiro de plantas do Município de Vitória desde 1938 a 1977, este parque incorporou um estacionamento na sua lateral durante uma reforma realizada em 2008, após sua inauguração em 1995 (DINIZ; MONTEIRO; PECINI, 2008).

áreas ainda desocupadas destinadas a intervenções viárias previstas e ocupações futuras (foto V da figura 71).

O Parque da Cidade é um parque de característica mista, pois é considerado um parque de recreação/ contemplativo-recreativo tendo em vista a variedade de equipamentos/ instalações destinadas a atividades diversas (contemplativas, recreativas e esportivas), e além disso em função da APA e atividades destinadas à educação ambiental é caracterizado também como espaço de conservação. Seus equipamentos e instalações estão descritos abaixo, podendo ser visualizados nas fotos da figura 71.

- Guarita de acesso (foto A) e estacionamento (foto B): o estacionamento é amplo, mas com pouco sombreamento e possui piso em bloco de concreto. A edificação da guarita possui dois pavimentos, sendo a vigilância realizada no pavimento superior. Neste acesso (sob a guarita), há um portal de estrutura metálica marcando a entrada do Parque;

- Alameda principal (foto J): geralmente é utilizada para passeio e também para a prática do skate e patins, já que esta prática é proibida na pista de caminhada. Seu piso é em asfalto;

- Pista de Caminhada (foto C): são duas pistas, situadas lado a lado, com piso em asfalto. No projeto, uma delas era para ser uma ciclovia, porém ambas são utilizadas para caminhada/ corrida, sendo permitido o uso compartilhado de bicicletas. Possui marcação de distância junto ao meio-fio.

- Pista de skate (foto E), localizada mais afastada dos outros equipamentos, possui rampas curvas ou retilíneas de alturas diferenciadas em concreto. Seu acesso é realizado pela pista de caminhada, e possui pouca integração com o restante do Parque;

- Setor institucional da Defesa Civil (foto D), são quatro pequenas edificações, duas reservadas aos ambientes institucionais deste setor, uma é de sanitários e a outra compreende uma copa. Estas edificações eram os quiosques previstos no projeto, como já mencionado.

- Playground (foto F), possui brinquedos de madeira (balanços, trepa-trepa, gangorra e casinha com escorregador), seu piso é de areia e está lateralmente à alameda

principal, próximo ao estacionamento e ao anfiteatro. Contempla também bancos nos seus limites, e algumas poucas árvores nestes locais.

- Anfiteatro (foto G), é de concreto e possui um palco também. O anfiteatro é rodeado com vegetação densa e de porte médio a alto dificultando a visualização e acesso ao mesmo;

- Área esportiva (foto H), possui 02 quadras poliesportivas, 01 campo de futebol e 01 quadra de tênis, além do módulo de apoio ao exercício (foto I). Neste módulo existem vestiários, um depósito para material de ginástica e a sala dos professores de educação física. As arquibancadas são relativamente elevadas, dificultando a circulação e visualização de toda a área. É uma área bem árida, já que não possui nenhuma vegetação;

- Áreas de estar com bancos, mesas e pergolado (foto J), são três ambientes destinados a esta finalidade localizados ao longo da alameda principal, próximos ao playground, à lanchonete e à academia infantil. Somente um possui cobertura (pergolado com trepadeiras), os demais não possuem cobertura artificial ou natural. Os bancos e mesas são em concreto pintado. Sua vegetação compreende trepadeiras, arbustos de porte médio a alto e palmeiras.

- Lanchonete (foto L); possui uma cobertura e um espaço destinado à colocação de mesas e cadeiras;

- Academia infantil (foto M); os aparelhos são de ferro pintados e o piso é de areia. Existe na entrada identificação visual alertando o uso por crianças de até 12 anos;

- Área de eventos (foto N), esta área é delimitada por canteiros com vegetação arbustiva de porte médio a alto e muitas palmeiras. O piso encontra-se danificado em alguns trechos em função, provavelmente por estruturas montadas em eventos (palco, árvore de natal, dentre outros);

- Oficina de artesanato (foto O), esta edificação tem o mesmo padrão da lanchonete. Destinada, até o ano de 2016, à confecção e divulgação de artigos feitos com material reciclável, atualmente encontra-se fechada. Sob a cobertura desta edificação acontecem as aulas de ginástica;

- Academia de ginástica (foto P) e academia de uso controlado (foto Q). Os aparelhos da academia são de ferro pintado e são do mesmo padrão dos utilizados nas praças e demais áreas livres do Município. Existe também, uma academia com aparelhos de musculação (com peso), cercada e ao ar livre. Seu uso é condicionado à presença de orientadores físicos;
- Edifício administrativo (foto R); possui salas administrativas, depósito e dependências de serviço, abriga também uma sala adaptada com espelhos e barras onde aconteciam aulas de balé oferecidas em anos passados. No seu entorno a vegetação essencialmente arbustiva e bastante diversificada se destaca no Parque;
- Viveiro, bromeliário e Sala Verde (figura S), situados próximos à Administração, fazem parte do Espaço Botânico do Parque. Aos fundos destes equipamentos, algumas árvores bastante frondosas são muito procuradas por suas sombras;
- Setor institucional da Guarda de Trânsito (foto U), funcionando em parte da edificação destinada a abrigar o Centro de Educação Ambiental, como já informado. A outra parte desta edificação apresenta-se ainda inacabada internamente. Próximo à esta edificação, encontra-se o acesso secundário do Parque (foto T) realizado por uma abertura junto à Av. Norte-Sul, atualmente fechada.

Quanto à vegetação do Parque, a parte mais arborizada concentra-se na Área de Preservação Permanente situada em seu interior (foto X da figura 71), sendo que na parte funcional do Parque as árvores são escassas e distribuídas pontualmente, além do seu porte reduzido. Deve-se atentar para o fato de que as espécies ainda serem relativamente novas, dado o pouco tempo de construção deste parque, não atingindo ainda porte suficiente para permitir sombreamento adequado. Contudo, comparando a vegetação existente (principalmente a arbórea) com o paisagismo proposto no projeto original, verifica-se notadamente uma discrepância entre projeto e execução, dada a redução da arborização prevista. A vegetação proposta no paisagismo do projeto original, foi substancialmente reduzida na segunda versão modificada do projeto (ver seção 4.2.3), e mais ainda na execução da obra.

São poucos os espaços bem sombreados. Apesar disto, a vegetação é exuberante e bonita, composta basicamente de vegetação arbustiva, e muitas palmeiras e forração geralmente de grama (figura 72), encontrando-se bem cuidada.

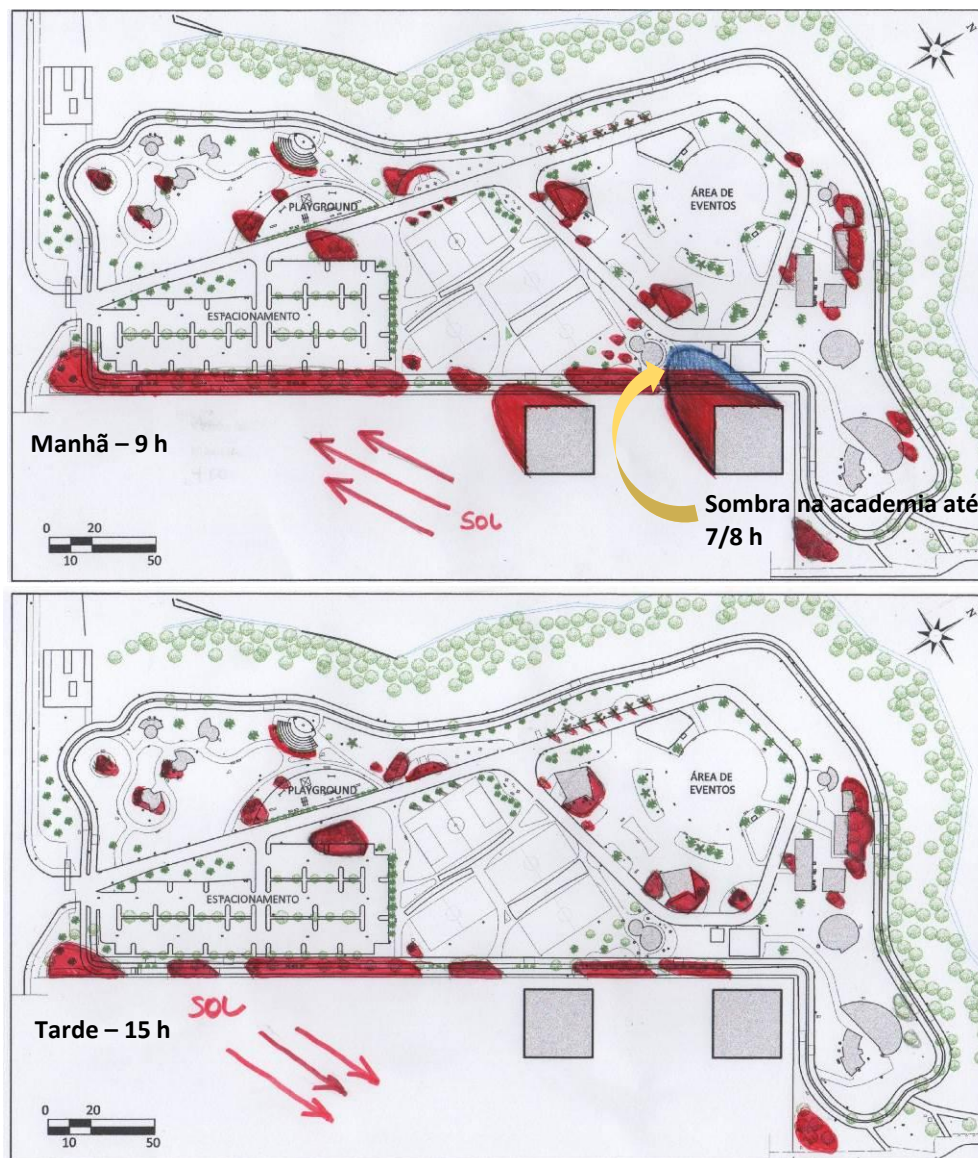
Figura 72 - Fotos da vegetação do Parque.



Fonte: Autora, 2017.

Os mapas da figura 73 elaborados com base em observações no local, permite identificar os espaços sombreados no período da manhã, por volta de 9:00 h e à tarde às 15:00 horas.

Figura 73 – Mapa do Parque com indicação do sombreamento em uma manhã (por volta das 9 h) e à tarde (por volta das 15 h), em um dia do mês de maio / 2017.



Fonte: Elaborado pela autora sobre base em Autocad fornecida pela PMS.

Percebe-se, também, que a ausência de árvores nas áreas mais necessitadas de sombra como ambientes de estar, sob bancos e mesas, fazem com que cada cantinho sob sombra disponível seja utilizado para esta finalidade (ver figuras 74 e 75). A aplicação inadequada da vegetação, com relação à seleção de espécies e locação das mesmas também é constatada em alguns locais do Parque, se configurando como barreiras tanto físicas quanto visuais, e dificultando a interligação entre os ambientes e a circulação de pedestres, como pode ser visualizado nas figuras 76 e 77.

Figura 74 – Parte do degrau do anfiteatro livre de vegetação muito utilizado como assento em função da sombra, ao lado o playground.



Fonte: Autora, 2017.

Figura 75 – Mesas e bancos ao sol na área de estar, próximo à lanchonete.



Fonte: Autora, 2017.

Figura 76 - Circulação lateral às quadras de esporte onde pode ser visualizado uma vegetação densa sem possibilidade de acesso ao estacionamento situado ao lado deste.



Fonte: Autora, 2017.

Figura 77 – Canteiros do estacionamento, onde pode ser visto diversas espécies, inclusive arbustivas que obstruem a visão e dificultam a passagem.



Fonte: Autora, 2017.

A manutenção e conservação geral do parque é relativamente boa, entretanto alguns equipamentos e instalações necessitam de reparos mais frequentes em função do desgaste maior de uso como quadras, aparelhos de ginástica e brinquedos (figura 78). O Parque apresenta uma boa quantidade e distribuição de iluminação. Nos últimos anos as lâmpadas foram substituídas por uma solução mais eficiente (de Led), o que melhorou bastante a qualidade deste serviço. O que parece se configurar como um problema neste quesito é a demora no acendimento das lâmpadas e necessidade pontual de manutenção, observado nas visitas e relatado por alguns usuários.

Figura 78 – Equipamentos e instalações danificados, necessitando de reparos (muretas das quadras e bancos).



Fonte: Autora, 2017.

Quanto à sinalização e comunicação visual, o Parque recebeu nos últimos anos placas orientativas, normativas e de identificação de espécies como ilustradas na figura 79. Algumas necessitando de reparos e/ ou substituição. Observa-se que não existe uma padronização das mesmas, o projeto de comunicação visual previsto no projeto idealizado em consonância com o conceito de projeto não foi executado.

Figura 79 - Comunicação visual e placas de identificação de espécies presentes no Parque.



Fonte: Autora, 2017.

Quanto à segurança do Parque, nos anos anteriores (2015 e 2016) foram noticiados diversos atos ilícitos (assaltos, roubos de celulares e inclusive, estupros) nas mídias locais sobre o assunto (CHAGAS, 2016; ALMEIDA, 2016). Foi também relatado em junho de 2016⁷⁴ problemas com vandalismo e roubos de celulares; à época foi feita uma ação ostensiva com a Polícia Militar no Parque. Diante dos problemas de insegurança e de dificuldades orçamentárias/ operacionais, decidiu-se pelo fechamento temporário do portão de acesso pela Av. Norte-Sul, conforme relatado em entrevista com o administrador. Este acesso era utilizado como rota de fuga de bandidos que por ali entravam para se esconder quando assaltavam alguém nas imediações ou por ali fugiam ao praticarem roubos no Parque, situação favorecida pela falta de vigilância no local.

Atualmente, o serviço de vigilância do Parque é realizado por empresa terceirizada de vigilância patrimonial efetiva no local e rondas pela Guarda Municipal, como informado pela Secretaria de Meio Ambiente⁷⁵. Não foi relatado a frequência destas rondas, nem a quantidade de vigias. Porém, durante as observações de uso foram observados poucos vigias (um a dois na portaria), que de tempos em tempos fazem rondas de bicicleta pelo Parque.

Tendo sido apresentado levantamento dos dados do Parque da Cidade, abordando assuntos como projeto, transformações sofridas ao longo do tempo, intervenções e projetos previstos, e descrição do seu entorno imediato e a situação atual do Parque. No próximo capítulo é realizada a análise dos resultados alcançados com a pesquisa de campo.

⁷⁴ Informação concedida em entrevista com o administrador do Parque, em 26/06/2016.

⁷⁵ Por meio de questionário respondido pela diretora do Departamento de Recursos Naturais/ SEMMA/ PMS, em 29/05/2017.

CAPÍTULO 5. ANÁLISE DOS RESULTADOS DE CAMPO

Os resultados coletados em campo são apresentados e analisados neste capítulo, com seções específicas para cada uma das técnicas utilizadas: observações e mapas comportamentais, e entrevistas individuais e em grupo. As respostas às perguntas do roteiro são analisadas utilizando tabelas e gráficos para ajudar na visualização de relações com outras perguntas. São então estabelecidas discussões entre os dados levantados e as teorias elencadas pela literatura. Na seção 5.2, são detalhados em itens separados temas que apresentam relação com um ou mais questões das entrevistas com os usuários. Estes subitens são: 1) Motivos de uso e atração; 2) Palavras-chave e Preferências; 3) Avaliação e demandas; 4) Usos passados x presentes e percepção de mudanças; 5) Usos institucionais e percepção de segurança; 6) Sentimentos e sensações; e 7) Usos de outros ELPs do Município.

5.1 Observações e mapas comportamentais

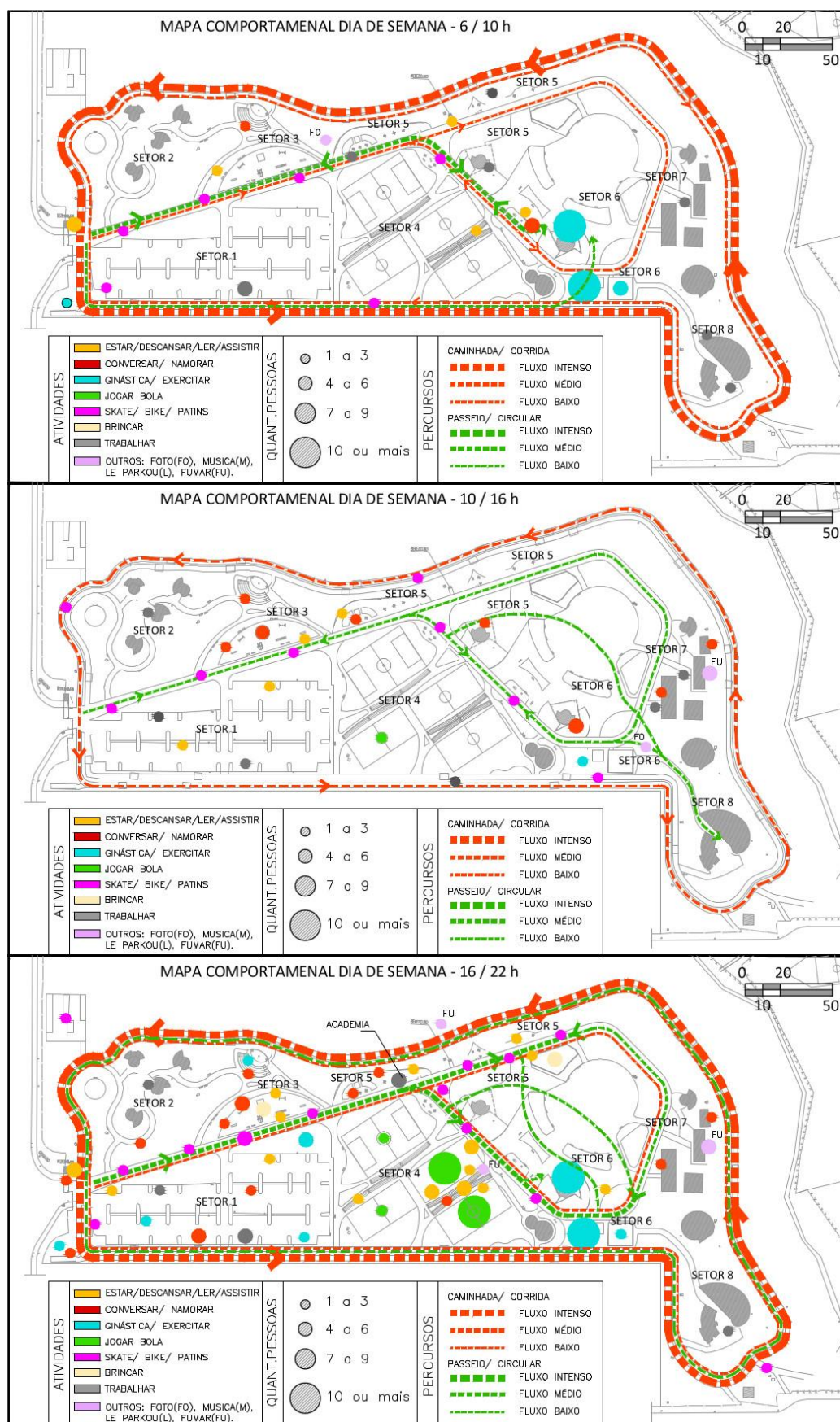
Com relação ao uso, de um modo geral, verifica-se que o Parque da Cidade não é frequentado o tempo inteiro, embora seja bem utilizado em alguns horários específicos. Seu maior uso ocorre na parte da noite e o menor no período da tarde. As observações permitiram identificar utilizações diferenciadas para cada dia e horário e por isso os mapas comportamentais gerados foram sumarizados em mapas síntese de 3 períodos: 6 às 10 h; 10 às 16 h; e 16 às 22 h.

Em dias de semana (ver mapas da figura 80), principalmente durante o início da manhã (1º. mapa da figura 80) prevalecem as práticas de atividade física, com destaque para o uso da pista de caminhada/ corrida (ver figura 81), bastante concorrida tanto por homens quanto por mulheres, na maioria adultos, e poucos idosos (estes, na maior parte homens). As duas pistas existentes no Parque⁷⁶, situadas lado a lado, são utilizadas para esta finalidade; porém o maior uso ocorre na pista situada mais externamente ao Parque, percorrida geralmente no sentido anti-horário. A alameda principal também é utilizada para caminhada e corrida por alguns poucos usuários.

⁷⁶ Como já comentado na seção 4.2.2, as pistas existentes foram projetadas para ser uma, pista de caminhada e a outra, ciclovia; porém ambas são utilizadas tanto por pedestres como ciclistas, não sendo destinado uso exclusivo para bicicleta. No local existe placa informando a proibição de uso das pistas para skate e patins.

Além da pista, o uso dos aparelhos da academia (figura 82); e da área coberta da edificação destinada à oficina de artesanato e seus arredores (setor 6), pelos alunos das aulas de ginástica (figura 83 e 84) também costuma atrair muitas pessoas. Os frequentadores das aulas são na maioria mulheres adultas. Neste período é comum o deslocamento das alunas, principalmente pela alameda principal, a pé ou de bicicleta. Muitas alunas também costumam conversar com colegas em bancos próximos desta área, enquanto aguardam o início das aulas ou ao final das mesmas.

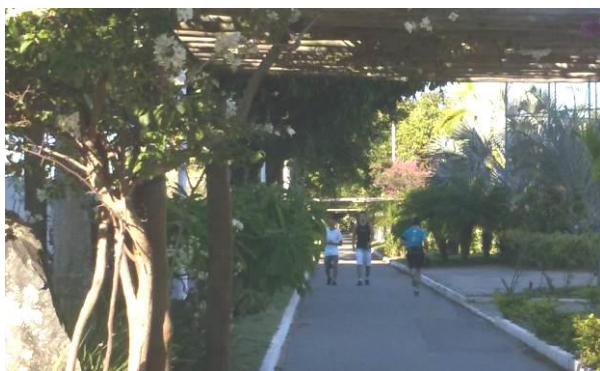
Figura 80 - Mapas de dia de semana, nos horários das 6 às 10 h, 10 às 16 h e 16 às 22 h.



Fonte: Modificação sobre base em Autocad fornecido pela PMS.

O restante do Parque é pouco utilizado para outras atividades durante este período, com exceção da maior movimentação dos funcionários do Parque e dos setores institucionais ali instalados, principalmente dos guardas de trânsito que costumam se reunir no estacionamento onde suas viaturas ficam estacionadas. Esse uso matutino voltado para o esporte prolonga-se até por volta das 9 horas da manhã, quando a partir daí a movimentação começa a reduzir bastante.

Figura 81 - Pessoas caminhando e correndo na pista interna, em um dia de semana de manhã.



Fonte: Autora, maio/ 2016.

Figura 82 - Usuários se exercitando na academia de ginástica, em uma manhã de dia de semana.



Fonte: Autora, março/ 2017.

Figura 83 - Aula de ginástica em uma manhã de dia de semana.



Fonte: Autora, março/ 2017.

Figura 84 - Ocupação de uma das pistas com aula de ginástica.



Fonte: Autora, março/ 2017.

Entre 10 horas da manhã e 16 horas da tarde (2º. Mapa da figura 80), foi observada a baixa utilização do Parque como pode ser visualizado no segundo mapa da figura 1. As ocupações ao longo destes 3 intervalos (10-12 h, 12-14 h e 14-16 h) são dispersas e em menor número de usuários, resumindo-se às atividades de: estar, contemplar e descansar; conversar e/ ou namorar. Estas atividades ocorrem,

geralmente em 5 setores distintos: 1) no setor 1, nos bancos sob as árvores, no degrau sombreado do anfiteatro e mesmo em um dos brinquedos coberto do playground (usualmente ocupado por jovens estudantes); 2) setor 5, na área de estar próximo aos pergolados e área coberta da lanchonete; 3) setor 6, nos gramados sombreados junto à oficina de artesanato; 4) setor 1, nas áreas sombreadas (ocupadas geralmente por funcionários de empresas aguardando e/ou descansando no Parque); e 5) no setor 6, nas áreas sombreadas e mais reservadas atrás dos viveiros de plantas (geralmente utilizadas para namorar ou fumar escondido).

Observa-se que os locais onde estas atividades de permanência se desenvolvem estão associados à presença da sombra por se tratar do horário mais crítico de sol. O uso da alameda para passeios por algumas pessoas, a pé ou de bicicleta, também acontece em menor grau; entretanto foi observado deslocamentos aos setores institucionais do Parque por funcionários destes setores e munícipes em busca de serviços ligados a estes setores.

No período da tarde, o Parque é frequentado por alunos das escolas próximas ao saírem da escola, principalmente da EEEFM Aristóbulo Barbosa Leão⁷⁷, quando provavelmente são liberados mais cedo ou mesmo “matando aula”. Uma maior movimentação deste público inicia-se por volta das 15 às 16 horas. A baixa movimentação no Parque característica deste intervalo acaba gerando uma maior sensação de insegurança nos usuários, como explicitado na fala de uma das entrevistadas, uma senhora idosa que costuma caminhar todos os dias no Parque:

[...] venho por volta das 7 ou 8 horas da manhã, não venho mais tarde por que eu tenho medo [...] depois das nove ou dez é bem perigoso, fica bem deserto [...] não tem movimento (ENT.29, Grupo 2 – At. Física).

O pouco uso observado neste período é distribuído entre funcionários dos setores institucionais, munícipes, jogadores de tênis e estudantes que prevalecem sobre os demais, no início da tarde.

O período que apresentou maior quantidade de usuários e maior variedade de atividades é o compreendido entre as 16 horas e às 22 horas, conforme

⁷⁷ Esta escola está funcionando temporariamente em Jardim Limoeiro, na esquina da Rodovia ES – 010 e Av. Norte Sul (à 750 metros do Parque da Cidade), tendo em vista a reforma da sua unidade situada em Parque Residencial Laranjeiras.

representado no 3º. mapa da figura 80. Os usuários deste horário são: jovens estudantes, jogadores das quadras, praticantes de atividade física, crianças brincando nos brinquedos ou andando de patins, skate ou bicicleta, e famílias e amigos passeando. Os estudantes frequentam o Parque geralmente em grupos, para bater papo, divertirem-se, namorar e alguns, ainda, para “fumar escondido”, permanecendo até o início da noite. Estes preferem os locais com bancos localizados no setor 3 (inclusive utilizam os próprios brinquedos de forma inadequada em função da faixa etária e do modo incorreto de uso); e também, as áreas de estar do setor 5 ou locais mais reservados como o pergolado do setor 1 e área atrás dos viveiros de plantas, no setor 7 ou mesmo alguns locais perto da mata, geralmente quando procuram mais privacidade. Costumam também utilizar a alameda principal para passeios. Foram observados também alguns casais, predominando os jovens, em lugares mais afastados/ reservados.

Outra ocupação típica deste período são os jogos com bola nas quadras (ver figura 85) que se estendem até tarde da noite, sendo muito disputados por, na maioria, jovens do gênero masculino; muitos destes jovens vêm ao Parque de bicicleta deixando-as encostadas no alambrado das quadras, o que evidencia a falta de bicicletário nas proximidades. Foram observados muitos garotos também assistindo nas arquibancadas e internamente às quadras (junto às muretas), aguardando para revezar com outros jogadores. Esta atividade é bem representativa neste período, com maior intensidade no período noturno.

A caminhada, a corrida e a ginástica são outras atividades esportivas que se destacam neste período. A movimentação na pista de caminhada se inicia por volta das 17 horas, estendendo-se até às 20 horas quando sua utilização reduz bastante.

Avaliando-se as médias de usuários por setor⁷⁸ nos dias de semana observados para esta atividade (tabela 4), tem-se que no intervalo de 16-18 h, 18-20 h e 20-22 h respectivamente, 22, 64 e 17 pessoas foram registradas caminhando ou correndo nos 10 minutos observados. Durante a manhã, têm-se uma média de 52 pessoas, no intervalo de 6-8 horas e 13 pessoas, no intervalo de 8- 10 horas. Portanto, os horários que mais se destacam para a caminhada/ corrida são de manhã cedo (6-8

⁷⁸ Ver explicação no item 3.3.2 (Capítulo 3).

h) e início da noite (18-20 h). À noite, prevalecem os adultos homens (cerca de 65% a mais que as mulheres), e alguns idosos, também na maioria homens, estes vêm ao Parque com maior incidência no intervalo de 16-18 horas; ao contrário da manhã, onde há um equilíbrio de uso entre homens e mulheres. Verificou-se, também, uma maior ocorrência da atividade corrida no período noturno, ao invés da manhã.

Tabela 4 - Média de usuários por setor na pista de caminhada, nos horários da manhã, final da tarde e noite⁷⁹.

Média de usuários por setor - 2a. ETAPA						
Terça-feira	T	Quarta-feira	T	Quinta-feira	T	Média
06:00 às 08:00	59	06:00 às 08:00	50	06:00 às 08:00	46	52
08:00 às 10:00	15	08:00 às 10:00	8	08:00 às 10:00	15	13
16:00 às 18:00	22	16:00 às 18:00	-	16:00 às 18:00	23	22
18:00 às 20:00	-	18:00 às 20:00	67	18:00 às 20:00	61	64
20:00 às 22:00	-	20:00 às 22:00	18	20:00 às 22:00	17	17

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Além da caminhada, a prática de ginástica nos aparelhos da academia (ver figura 86), inclusive na de uso controlado, e durante a aula de ginástica que acontece agora somente no horário das 18 horas⁸⁰, junto à edificação existente no setor 6, atrai muitas pessoas a este local.

Figura 85 - Garotos jogando bola em uma das quadras, à noite de um dia de semana



Fonte: Autora, abril/ 2016.

Figura 86 - Uso da academia de ginástica, à noite em um dia de semana.



Fonte: Autora, abril/ 2016.

⁷⁹ Os demais horários (10-12 h, 12 – 14 h e 14 – 16 h) não apresentam quantitativos significativos de usuários (em torno de 1 ou 2 usuários) quando comparados com os de 6-8 h, 8 -10 h, 16-18 h, 18-20 h e 20-22 h.

⁸⁰ Desde o início do ano, as aulas de ginástica do período noturno que antes eram ofertadas em dois horários, passaram no início do ano de 2017 a acontecer somente em um horário (às 18 horas).

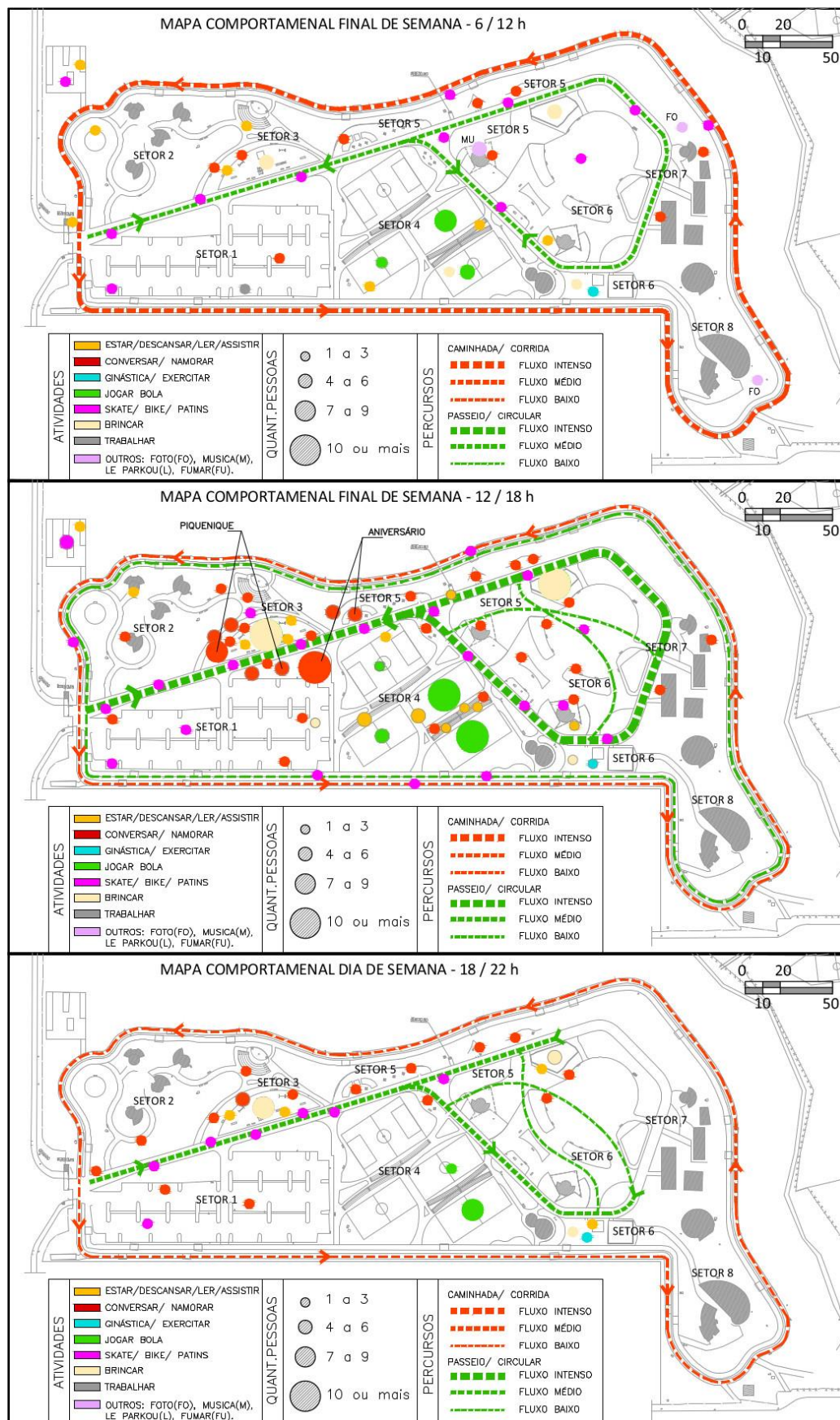
A academia de uso controlado é fechada por volta das 19 horas, quando os professores finalizam seus trabalhos, impossibilitando seu uso a partir deste horário; contudo observou-se que alguns costumam pular a cerca para utilizar os aparelhos de musculação, mesmo sem a orientação do profissional, que é obrigatória.

Outros usuários frequentes do Parque referem-se a grupos de esportistas que caminham, correm, fazem ginástica juntos, coordenados por orientadores físicos, que utilizam os espaços do Parque para aulas, geralmente à noite. A utilização do Parque para divulgação dos seus serviços por *personal trainners* e academias foi registrado nos dias observados no período noturno, ocupando a área de estar do setor 5, junto à alameda principal. De forma similar, a quadra de tênis frequentemente é utilizada para a prática de aulas, além de torneios organizados pelos professores, alunos e demais jogadores realizados no final de semana, como já observado.

As atividades de lazer também são representativas neste período (16-22 horas). O playground e a academia infantil são utilizados pelas crianças na presença dos seus pais ou responsáveis que costumam sentar em bancos próximos destas áreas ou acompanhá-las nos brinquedos, em momentos de lazer depois do trabalho. Além destes equipamentos, as áreas de estar ao longo da alameda principal e a própria alameda é também utilizada para passeios e para andar de bicicleta, patins e skate pelas crianças e jovens, também. Essa movimentação típica do lazer ativo e contemplativo tem início ao final da tarde, prolongando-se até a noite, por volta das 19/ 20 horas. Praticamente quase todos os ambientes do parque são bem frequentados, com exceção dos setores 7 e 8, mais afastados e de difícil visibilidade de outros locais do Parque, o que provavelmente faz com que sejam evitados, principalmente nos horários mais avançados da noite.

Nos finais de semana, o Parque apresenta uma utilização bastante diversa com relação ao dia de semana: predominam pais com filhos, famílias, pessoas geralmente em grupos ou casais em atividades contemplativas ou recreativas (principalmente à tarde e noite), ao invés do uso cotidiano do esporte (caminhada, corrida e ginástica), com exceção dos jogos com bola bastante evidentes também, como pode ser visualizado no mapa da figura 87.

Figura 87 - Mapas síntese de final de semana, nos turnos da manhã, tarde e noite.



Fonte: Modificação sobre base em Autocad fornecida pela PMS.

Com exceção do período matutino (ver 1º. mapa da figura 87), quando ainda se dá a prática do esporte (caminhada, corrida e/ ou ginástica) de forma um pouco mais intensa que os demais horários do dia; o passeio e a conversa em família, casais ou amigos, as brincadeiras de crianças no playground (setor 3, ver figura 88) e na academia infantil (setor 5), as reuniões em grupos (ver figura 89) e o uso da alameda principal para andar de skate, patins e bicicleta tanto por crianças quanto por adultos são atividades frequentes em todos os turnos observados. O uso do parque para eventos de menor porte, ensaios, apresentações e/ ou encontros organizados por grupos específicos (escolas, igrejas, academias) como pode ser visualizado nas figuras 90, 91 e 92, são muito comuns, principalmente durante as manhãs. Estes eventos, apesar de não registrados durante as observações, foram constatados em visitas realizadas durante as entrevistas.

Figura 88 - Em uma manhã de sábado, mães e seus filhos se reúnem para um piquenique sob a sombra das árvores ao lado do playground (setor 3).



Fonte: Autora, abril/ 2016

Figura 89 - Apresentação de um grupo de crianças pequenas sob a cobertura da lanchonete, que se encontrava fechada, em um domingo de manhã.



Fonte: Autora, maio/ 2017

Figura 90 - Encontro de alunos sob a sombra das árvores, após competição esportiva no Parque, em um sábado de manhã.



Fonte: Autora, março/ 2017.

Figura 91 - Encontro do grupo Bike Anjo⁸¹ com partida no Parque da Cidade, em um domingo de manhã.



Fonte: junho/ 2017.

Figura 92 - Saída do grupo Bike Anjo para o passeio ciclístico nas ruas do bairro.



Fonte: junho/ 2017.

De maneira oposta ao mesmo período em dias de semana, a tarde de final de semana (ver 2º. mapa da figura 87) é o período mais frequentado do Parque e com maior variedade de atividades, quando foram observados diversos pais e responsáveis levando as crianças para brincar no playground e na academia infantil (ver figura 93), dispostos nos arredores destas áreas ora vigiando seus filhos ora conversando com suas esposas, familiares ou amigos. As áreas gramadas ou pavimentadas, mas sombreadas (principalmente próximo do playground, nos setores

⁸¹ O grupo Bike Anjo é uma rede de ciclistas apaixonados pela bicicleta que promove, mobiliza e ajuda pessoas a começarem a utilizar este veículo nas cidades. Criado em 2010, na cidade de São Paulo e presente, está presente atualmente em 250 cidades brasileiras e cinco países (Austrália, Estados Unidos, Equador, França e Portugal). No Espírito Santo está nas cidades de Serra, Vitória e Vila Velha. O encontro registrado no dia 11/06/2017 foi a comemoração de 1 ano do Bike Anjo no Município da Serra, incluindo dentro das programações um passeio ciclístico no entorno do Parque da Cidade com os ciclistas que aprenderem a pedalar no dia do evento. Disponível em: < <http://www.serra.es.gov.br/site/publicacao/voluntarios-ensinam-a-andar-de-bicicleta-no-parque-da-cidade>>; < <http://bikeanjo.org/>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

3 e 5), são ocupadas por grupos de pessoas conversando (ver figura 94), fazendo piqueniques (figura 95), tocando música e cantando (figura 96), além de aniversários ao ar livre (figura 97), muito comuns durante as tardes dos finais de semana. Notou-se uma maior incidência de aniversários realizados no Parque durante a segunda etapa de campo. Diante da conjuntura social e econômica atual, percebe-se uma maior tendência em buscar nos espaços públicos soluções diferenciadas e mais baratas para este tipo de atividade, corroborando o evidenciado por Macedo e Haddad (2015) ao enfatizar que geralmente os parques brasileiros oferecem as únicas oportunidades de recreação para famílias com recursos limitados.

Figura 93 - Crianças no playground em uma tarde de domingo.



Fonte: Autora, março/ 2017.

Figura 94 - Grupo de adolescentes conversando e jogando cartas, ao lado do playground (setor 3).



Fonte: Autora, março/ 2017.

Figura 95 - Piquenique sobre gramado protegido do sol, no setor 6.



Fonte: Autora, abril/ 2016.

Figura 96 - Jovens tocando música e cantando sobre gramado do setor 5.



Fonte: Autora, jun. /2017.

Figura 97 - Comemoração de aniversário infantil sob pergolado do setor 5.



Fonte: Autora, março/ 2017.

A alameda principal é bastante utilizada por crianças e jovens para andar de patins, bicicleta ou skate enquanto seus pais passeiam na mesma ou permanecem sentados nos ambientes de estar (figura 98). A pista de skate (no setor 2) também é utilizada, mas com menos intensidade que a alameda (figura 99).

Figura 98 - Uso da alameda por crianças e adolescentes andarem de patins e bicicleta.



Fonte: Autora, março/ 2017.

Figura 99 - Utilização da pista por skatista adulto e crianças ao fundo brincando.



Fonte: Autora, março/ 2017.

Os jogos com bola nas quadras, principalmente para jogar futebol ou basquete, são muito requisitados. Os jogadores de tênis são menos numerosos, entretanto contribuem para a ocupação quase que diária da quadra, mas ocorre sem variação. O campo de futebol é o menos usado das quadras. Outra atividade identificada no Parque é a utilização dos seus espaços para fotografias profissionais de crianças, grávidas, noivas, dentre outros, que costuma ocorrer tanto nos finais de semana como em dias de semana.

As áreas esportivas, como academia e pista de caminhada, apresentam uma baixa utilização para o esporte, sendo também apropriadas no caso da pista para passeios, e da academia, por crianças e adolescentes como opções de brincadeiras (ver figura 100).

Figura 100 - Poucos se exercitando na academia; enquanto crianças e adolescentes brincam nos aparelhos, em um sábado à tarde.



Fonte: Autora, abril/ 2016.

À noite, o movimento no Parque é representativo, embora com menos intensidade do que o observado no período vespertino. As atividades observadas neste período compreendem as observadas na parte da tarde, mas com menor número de usuários. São frequentes as brincadeiras no playground (figura 101) e na academia infantil (figura 102), conversas com familiares e amigos em bancos dispostos próximos a estes dois equipamentos e nos ambientes de estar distribuídos ao longo da alameda principal, setor 5 (figura 103).

Os jogos com bola continuam, mas com menos jogadores e pessoas assistindo (figura 104), entretanto ainda bem representativos. A alameda principal continua sendo bastante utilizada para passear, andar de skate e patins, por crianças, jovens e adultos, mas com menor intensidade; evitando-se o trecho compreendido no setor 7, como já comentado devido à baixa visibilidade do entorno, em função da vegetação ao redor da área de eventos que obstrui a visão, e falta de atrativos neste local. Sobre este item, Cooper Marcus e Francis (1990) destacam a importância de se evitar áreas escondidas das vistas ou isoladas, pois podem ser utilizadas por casais ou mesmo atos questionáveis e ilegais, como verificado neste Parque, onde as imediações do edifício administrativo e dos viveiros situados neste setor, são utilizadas frequentemente para “fumar escondido” e namoros. As práticas esportivas

(caminhada, corrida e ginástica) são escassas neste período, como ocorre também na parte da tarde.

Figura 101 - Movimentação no playground (setor 3), em um sábado de noite.



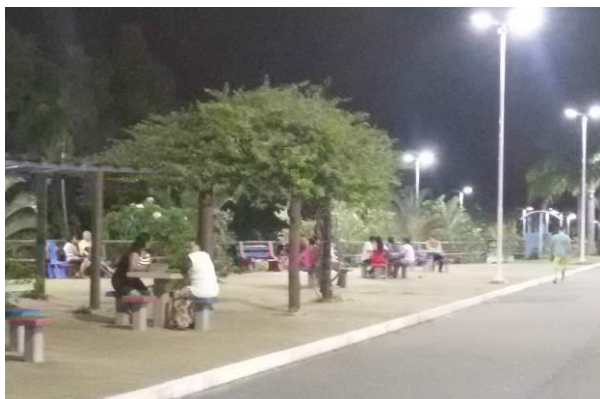
Fonte: Autora, abril/ 2017.

Figura 102 - Crianças na Academia Infantil (setor 5), em um sábado à noite.



Fonte: Autora, abril/ 2017.

Figura 103 - Ocupação da área de estar situada no setor 5, em um sábado de noite.



Fonte: Autora, abril/ 2017.

Figura 104 - Jovens jogando futebol em uma das quadras, em um sábado de noite.



Fonte: Autora, abril/ 2017.

Com relação à quantidade de usuários observados na 2ª. etapa de campo com relação ao mapeamento realizado na investigação exploratória (1ª. etapa), observou-se uma diminuição da quantidade de frequentadores do Parque, principalmente em horários específicos do dia.

Analisando as matrizes de atividades elaboradas nas duas etapas⁸² (tabelas 5 e 6) ⁸³ foi verificado uma redução de, em média 20 a 40%, do número de usuários

⁸² A matriz de atividades elaborada na 1ª. etapa considerou todos os horários de um dia de semana (segunda de manhã, quarta à tarde e terça à noite) e outro, de final de semana (sábado o dia inteiro). Já na 2ª. etapa, apesar de contar com mais períodos de observação, para a confecção da matriz, ⁸³

realizadas praticamente na mesma época do ano⁸⁴, não havendo, deste modo, diferenças de luminosidade ao final do dia (nos entardeceres) nos períodos observados que poderiam afetar os horários de uso da pista, possivelmente indica haver outros fatores responsáveis pela alteração de uso no Parque. Esta pode ter sido influenciada pelos seguintes fatos: a crise de insegurança⁸⁵ ocorrida no mês anterior ao período das observações de uso, o surto de febre amarela no Estado⁸⁶ de forma mais grave nos meses de fevereiro, março e abril; e também possivelmente por ações ocorridas no próprio parque como a extinção de alguns serviços⁸⁷ (já comentado na seção 4.1.3), e a eliminação de um dos seus acessos ao Parque, dificultando o acesso para quem vem de Laranjeiras e regiões próximas à esta abertura⁸⁸.

⁸⁴ A 1ª. etapa foi realizada entre os meses de abril e maio de 2016; e a 2ª. etapa, no mês de março de 2017. Os mapas síntese elaborados nesta etapa podem ser visualizados no APÊNDICE J e L.

⁸⁵ A crise de insegurança iniciou-se no dia 04/02/2017, com a paralisação dos policiais militares no Estado do Espírito Santo, provocando uma sequência de assaltos, roubos, saques e homicídios; e diante deste fato, o fechamento de diversos estabelecimentos comerciais, equipamentos públicos, instituições de ensino e a interrupção de serviços rodoviários, dentre outros. Essa situação gerou o caos e o medo nas pessoas de saírem às ruas, tendo sido finalizada somente no dia 25 de fevereiro de 2017 (A ORIGEM DO CAOS, 2017; BORGES, 2017; CRISE NO ES, 2017).

⁸⁶ O surto de febre amarela iniciou-se no Estado do Espírito Santo desde o início do ano, primeiramente nos municípios localizados na área rural. Em 08.03.2017, a OMS decretou que todo o Estado era área de risco (OMS CONSIDERA TODO O ES, 2017).

Em 26 de fevereiro, a prefeitura decretou o fechamento de 3 parques, o Jardim Botânico e duas sedes de APAs (a do Mestre Álvaro e da Lago Jacuném, serão fechados por confirmação da morte de macacos no Município da Serra (SERRA ES, 2017).

⁸⁷ Desde o início do ano, aulas de futsal para crianças e de tênis, e as oficinas de artesanato foram canceladas no Parque, além da aula de ginástica das 19 horas.

⁸⁸ Do acesso secundário (da Av. Norte- Sul) à entrada principal, na Rua Anchieta, são 500 metros de distância.

Tabela 7 - Média de usuários registrados por setor para a atividade Caminhada/ corrida, durante a 1ª. e 2ª. etapa de campo.

DIA DE SEMANA	ETAPA 1		ETAPA 2	
	Seg, ter e qua	T	Quinta-feira	T
	06:00 às 08:00	68	06:00 às 08:00	46
	08:00 às 10:00	21	08:00 às 10:00	15
	10:00 às 12:00	3	10:00 às 12:00	2
	12:00 às 14:00	0	12:00 às 14:00	0
	14:00 às 16:00	3	14:00 às 16:00	1
	16:00 às 18:00	6	16:00 às 18:00	23
	18:00 às 20:00	83	18:00 às 20:00	61
FINAL DE SEMANA	20:00 às 22:00	33	20:00 às 22:00	17
	Sábado	T	Domingo	T
	06:00 às 08:00	26	06:00 às 08:00	11
	08:00 às 10:00	12	08:00 às 10:00	14
	10:00 às 12:00	6	10:00 às 12:00	9
	12:00 às 14:00	0	12:00 às 14:00	0
	14:00 às 16:00	1	14:00 às 16:00	0
	16:00 às 18:00	13	16:00 às 18:00	16
	18:00 às 20:00	12	18:00 às 20:00	8
	20:00 às 22:00	2	20:00 às 22:00	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Durante os períodos observados, não foi verificado nenhuma visitação aos viveiros de planta e bromeliário (setor 7). Entretanto, o administrador do Parque relata em entrevista que estes espaços são bastante utilizados pelos alunos das escolas e por participantes dos projetos sociais por meio de agendamento. No dia a dia, estes equipamentos ficam fechados e são abertos somente quando há a procura pelo serviço por motivo de segurança.

Analisando de forma geral as matrizes de atividades (APÊNDICE I), observou-se que o Parque da Cidade é mais frequentado por pessoas do gênero masculino (61%, sendo mulheres 39%), e mais por adultos (60%) que qualquer outro grupo etário. Diversas pesquisas, tanto internacionais (COHEN et al., 2010; MCKENZIE et al., 2006; KACZYNSKI; POTWAKA; SAELENS, 2008) quanto nacionais (HINO et al. 2010; PARRA et al., 2010), indicam a predominância do gênero masculino e da faixa etária de adultos dentre os usuários de parques. Hino et al. (2010), ao analisarem parques curitibanos, identificaram dados semelhantes ao encontrados nesta pesquisa: 63 % a mais de homens que mulheres. Embora o número de homens seja maior que o de mulheres em todas as áreas dos 8 parques observados em Los Angeles, Cohen et al. (2007) constataram que nas pistas e trilhas de caminhada essa evidência não se confirmava: o uso era equilibrado entre homens e mulheres, e com maior incidência no período da manhã, seguido da noite e da tarde, ao contrário das demais atividades. No Parque da Cidade, o uso da pista é maior à noite, ao

invés do dia; seguido das manhãs (principalmente nas primeiras horas do dia), e das tardes (horários finais deste turno). Deve-se levar em conta as diferenças climáticas entre estes países.

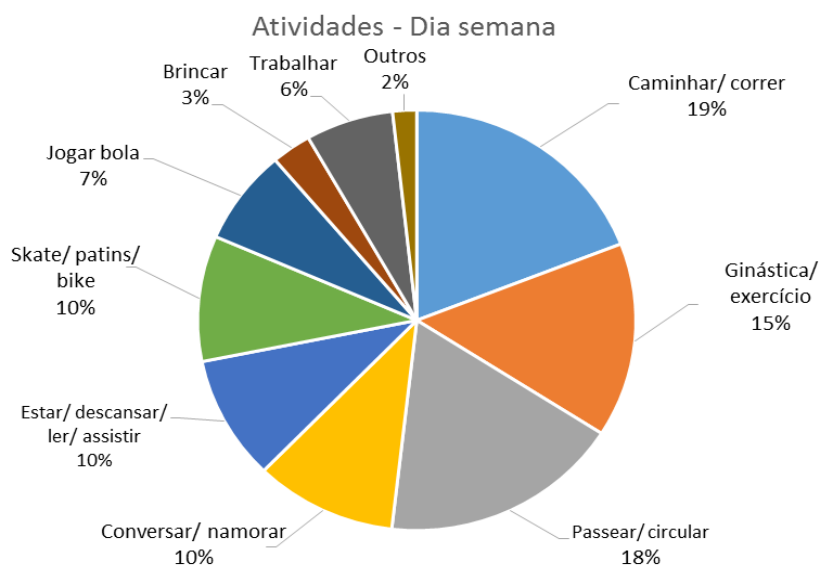
Avaliando-se especificamente a atividade caminhada/ corrida, o padrão de distribuição por gênero identificado para esta atividade (62% de homens) se repete para as demais atividades; no entanto diferenças de gênero são verificadas durante os períodos do dia da semana. Equilíbrio entre gêneros como os constatados por Cohen et al. (2007) acontece no início da manhã; enquanto à noite, os homens prevalecem.

No geral, todas as atividades são desempenhadas mais por homens do que mulheres, com exceção da ginástica/ exercício físico (65% a mais de mulheres), e principalmente no dia de semana, provavelmente impactado pelas aulas desempenhadas quase que exclusivamente por mulheres. Outra atividade onde a predominância do gênero masculino não se repete é a conversação, influenciado pelo uso destacado desta atividade entre as mulheres nos finais de semana; e as brincadeiras nos brinquedos desempenhadas por 58% de meninas. Os homens se sobressaem bastante com relação às mulheres nas atividades esportivas relacionadas com jogos com bola (95%), destacando-se a prevalência da faixa etária jovem; e na prática do skate, patins e bicicleta. Nesta atividade específica verificou-se uma maior representatividade de crianças durante os finais de semana equiparando-se com o número de jovens e adultos, diferente do observado em dia de semana.

Com relação às atividades mais praticadas, diferenças de usos nos dias observados foram encontradas. Em dia de semana, sobressai a caminhada/ corrida (com 19% de usuários) como representado nos mapas comportamentais, seguido do passeio/ circular (18%), também bem representativo; da ginástica/ exercícios (15%); conversas/ namoros e andar de skate/ patins ou bicicleta; estar/ descansar/ ler e assistir; jogar bola e trabalhar, este correspondendo aos funcionários registrado nos mapas; brincar e outras atividades diversas como fotografar, tocar música, fumar, praticar *le parkou*), como pode ser visualizado no gráfico da figura 105. Já nos finais de semana, as atividades predominantes (ver gráfico da figura 106) são, na sequência: passear/ circular (25%); conversar/ namorar (23%); skate/ patins/

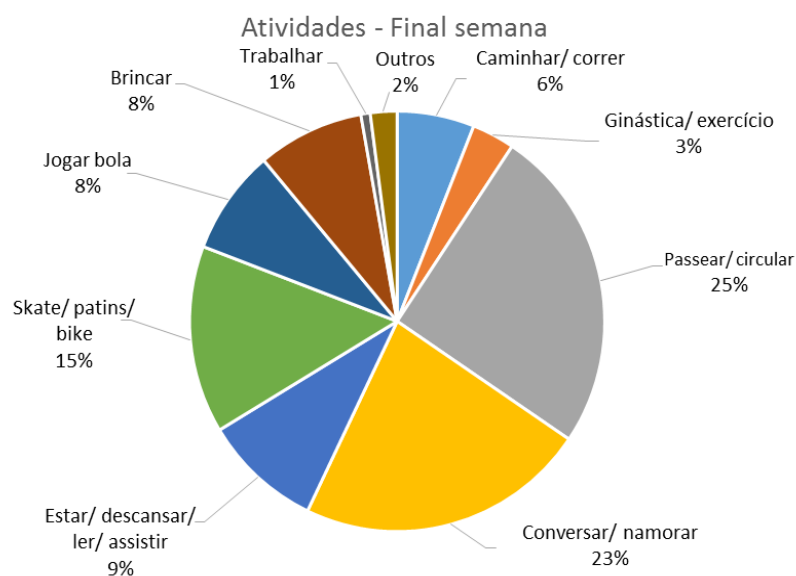
bicicleta (14%); estar/ descansar/ ler/ assistir; brincar e jogar bola; caminhar/ correr; e os demais com menor representatividade (ginástica, outros, trabalhar).

Figura 105 - Gráfico de distribuição de atividades praticadas, em dia de semana.



Fonte: Elaborada pela autora, 2017.

Figura 106 - Gráfico de distribuição de atividades praticadas, em final de semana.



Fonte: Elaborada pela autora, 2017.

No geral, avaliando-se ambos os dias observados, verifica-se que as atividades relacionadas ao lazer contemplativo (passear, estar e conversar) correspondem a 50% do uso do Parque; enquanto o esporte (caminhar, exercício, jogar bola), com

30% e o lazer ativo (brincar, skate, patins, bicicleta) representa 19%, dentre outros menos significativos⁸⁹.

Portanto, a análise de uso do Parque confirmou a representatividade das atividades esportivas no Parque da Cidade durante os dias de semana, alinhado com diversos estudos recentes (nacionais e internacionais), nos quais a associação recorrente entre uso de parques e prática de atividade física é frequente (COHEN et al., 2009; COHEN et al., 2007; FLOYD et al., 2011; PARRA et al., 2010; MCCORMACK et al., 2010; BARAN et al., 2012; PETROSKI et al., 2009; BEDIMO-RUNG; MOWEN; COHEN, 2005; EVENSON et al., 2016). Em especial, a atividade caminhada destaca-se pela grande quantidade de usuários desempenhando-a, confirmando o enfatizado por Malta (2009) sobre esta ser a prática de atividade física preferida tanto por homens quanto por mulheres realizada no tempo de lazer da população brasileira. Reed et al. (2008) citado por McCormack et al. (2010) indicam que parques com locais para caminhada e trilhas são utilizados mais frequentemente que parques com instalações destinadas somente aos esportes como quadras ou campos. Contudo, apesar das pistas terem custos reduzidos em comparação com outros equipamentos (WANG et al., 2004; 2005 apud HINO et al., 2010), elas não são muito comuns nas cidades brasileiras (são mais comuns em áreas costeiras e litorâneas), sendo, desta forma, muito valorizadas em áreas internas residenciais (HINO et al., 2010). Giles-Corti et al. (2005) citado por Hino et al. (2010) destaca que a presença de pistas e trilhas para caminhada está associada com altos níveis de atividade física, assim como o maior uso de parques.

Estudos envolvendo práticas físicas e parques urbanos (BEDIMO-RUNG; MOWEN, COHEN, 2005; KACZYNSKI; POTWAKA; SAELENS, 2008) destacam relatos de frequentadores desse tipo de ambiente que já adotaram a atividade física no seu cotidiano de maneira regular. Neste sentido, Petroski et al. (2009) enfatizam que parques urbanos tem sido foco de atenção por diversos órgãos que preveem a construção e revitalização desses espaços com o intuito de promover e incentivar um estilo de vida ativo (LIBRETT et al., 2007 apud PETROSKI et al., 2009). No Brasil, um levantamento em parques públicos na zona oeste de São Paulo

⁸⁹ Vale ressaltar que na atividade passeio estão incluídos os deslocamentos, tendo em vista a dificuldade de diferenciar estas atividades (passeio/ circular) durante as observações.

identificou que 72% dos frequentadores eram ativos no lazer⁹⁰ (OLIVEIRA et al., 2008); outro estudo também em um parque da mesma cidade identificou entre seus usuários, um percentual de 90% que praticavam atividade física de forma regular (FORJAZ et al., 2002 apud OLIVEIRA et al., 2008).

Com relação a serviços e programas de atividades, Parra et al. (2010) descobriram que parques em Recife onde haviam programas de política de saúde direcionados à população, incluindo aulas de ginástica, dança, orientações nutricionais e acompanhamento médico, são mais utilizados que os que não possuem este programa; e principalmente, se apresentavam mais ativos durante as horas em que as atividades dos programas aconteciam. Situação similar pode ser vista no Parque da Cidade, onde os horários mais frequentados para atividade física coincidem com os horários das aulas de ginástica e orientação ao exercício físico. Por serem gratuitos, Parra et al. (2010) entendem que a provisão de programas locais podem ser uma abordagem efetiva para aumentar os níveis de atividade física na população, especialmente para as populações de baixa renda. Petroski et al. (2009) destacam, ao citar Bedimo-Rung, Mowen e Cohen (2005) e Kruger et al. (2007), que programas de educação e realização de atividade física em parques podem aumentar os níveis de atividade física nas pessoas como já reportado em outros estudos.

Por outro lado, outras pesquisas evidenciam resultados diversos ao identificarem a predominância de atividades passivas. Cohen et al. (2007) identificam como atividade mais comum nos parques de Los Angeles analisados, o piquenique; constatação similar é encontrada por Veitch et al. (2015) em parques metropolitanos na Austrália, e por Floyd et al. (2008) na Flórida.

No Parque da Cidade, as atividades destinadas a passeios (conversação, piqueniques, contemplação e passeio) associadas às atividades típicas de lazer (skate, bicicleta, patins, brincadeiras) se destacam em quantidade, variedade e perfil de usuários (adultos, jovens e crianças), em determinados dias e horários (predominantemente às tardes de final de semana e finais de tardes às noites de dias de semana). Sobre a importância destas atividades, Custódio et al. (2011, p.

⁹⁰ Ou seja, praticavam 150 minutos de atividade física leve a moderada semanalmente, ou 60 minutos de atividade intensa (OLIVEIRA et al., 2008).

11) enfatizam, ao analisar diversos parques urbanos brasileiros, que: “[...] programas diversificados incluindo passeio e contemplação são importantes motes para o uso dos parques”.

O Parque da Cidade apresenta uso similar ao de outros parques, como evidenciado na comparação com a literatura citada acima. Vale destacar que a prevalência das atividades passivas não ocorre o tempo inteiro, outras atividades consideradas ativas (esporte e recreação) são bastante significativas em dias e horários específicos.

5.2 Entrevistas

Nas entrevistas realizadas com usuários foi possível identificar cinco grupos de usuários do Parque da Cidade definidos principalmente em função dos tipos de atividades desempenhadas, do dia de uso e da faixa etária dos entrevistados. São eles: 1) o Grupo dos Estudantes; 2) o Grupo da Atividade Física; 3) o Grupo da Atividade Passiva; 4) o Grupo Polifuncional; e 5) o Grupo da Bola/ Skate⁹¹. Os grupos surgem ao se buscar categorias, padrões e tendências comuns como parte da análise qualitativa. A identificação desses grupos deu suporte ao processo de análise das diversas temáticas envolvidas.

O grupo dos Estudantes compreende aqueles que vêm ao Parque com o intuito principal de conversar e/ ou encontrar com pessoas para namoro, “bate-papo” entre amigos e passeios realizados em grupos ou casais. São jovens estudantes, a maioria (4 dos 5 integrantes) proveniente das instituições de ensino próximas, que vem ao Parque quando são liberados mais cedo do horário habitual ou mesmo para “matar aula”, geralmente no período da tarde dos dias de semana. A relação destes usuários com o Parque está atrelada à proximidade da escola, já que muitos deles moram longe do Parque. A frequência de uso é variada; os alunos da escola Aristóbulo Barbosa Leão vêm com mais regularidade, provavelmente em função da proximidade com o Parque; e os demais, de forma esporádica ou menos frequente, utilizam o Parque como ponto de encontro para conversas e namoros atraídos pelas

⁹¹ Dois entrevistados não se incluem em nenhum destes grupos: um motorista de van que descansa no Parque enquanto aguarda seus clientes e um casal aparentemente instável emocionalmente que apresentou uma conversação não coerente com as perguntas.

características do espaço (beleza, tranquilidade), sua condição pública (acessível) e, ao mesmo tempo, pelo fato de ser mais reservado garantindo maior privacidade.

O segundo grupo, o da Atividade física, é composto por aqueles que frequentam o Parque para praticarem atividade física, especificamente a caminhada, corrida e/ ou ginástica, esta última desempenhada nos aparelhos da academia e durante as aulas. Como atividades complementares, alguns relatam vir também para conversar com outras pessoas e contemplar a paisagem. Além do esporte, são atraídos pelo contato com outras pessoas. As alunas da ginástica relatam, inclusive, que estabeleceram um vínculo de amizade que extrapola os limites do Parque, pois combinam passeios, visitas e saídas. Outros costumam apreciar a natureza, ao caminhar, em função da proximidade da mata e dos animais existentes, ou em momentos de descanso e relaxamento, sentados em bancos próximos aos equipamentos esportivos. A maioria deste grupo é de adultos com mais de 45 anos (6 dos 8 integrantes) que tem como preferência de uso, os dias de semana. Este dado é corroborado pela literatura que identifica pessoas de meia-idade como as que mais percebem positivamente o parque como ambiente agradável para atividade física e usufruem deste local para a prática de exercícios (PETROSKI et al., 2009; TINSLEY, TINSLEY & CROSKEYS, 2002; OLIVEIRA et al., 2008). Este grupo é também o que apresenta maior frequência de uso dentre os demais grupos, e geralmente mora nas proximidades do Parque. Entretanto, percebe-se que a distância para alguns poucos entrevistados que moram um pouco mais afastados do Parque, não se configura como impedimento ao uso frequente quando sua finalidade é a prática do exercício.

Os integrantes do terceiro grupo, o da Atividade Passiva, costumam desempenhar as seguintes atividades: levar crianças para brincar nos brinquedos ou para andar de bicicleta ou patins no Parque; passear com a família; conversar entre familiares e/ ou amigos; fazer piqueniques; contemplar a natureza em momentos de relaxamento e lazer, usos geralmente associados às atividades de características passivas (não ativas). Tem também aqueles que buscam no ambiente a tranquilidade e a calma para ler que, muitas vezes, não encontram nos seus lares, ou simplesmente preferem realizar esta atividade em um ambiente aberto na presença da natureza. Prevaecem usuários com idade entre 30 a 44 anos (6 integrantes dos 11 deste

grupo, sendo 3 com idade entre 30 e 39 anos), geralmente vêm de bairros mais distantes do Parque e com menor regularidade de uso que todos os outros grupos. A característica marcante deste grupo, que se destaca dos demais, é a preferência pelos finais de semana. Estes usuários usam o Parque da Cidade como parque metropolitano. Bertram et al. (2017), ao avaliar diferenças de uso em parques entre finais de semana e dias de semana, identificaram que socializar, ou seja, passar tempo com famílias e amigos, é uma motivação mais importante para as pessoas visitarem parques urbanos nos finais de semana que durante a semana; e a distância nestes casos não é impedimento de uso. Geralmente, as pessoas estão mais dispostas a percorrer maiores distâncias nestes dias.

O quarto grupo refere-se ao identificado como Polifuncional, pois utilizam o Parque para mais de uma finalidade: fazer atividade física, geralmente caminhada, corrida e/ou ginástica em dias de semana; e curtir momentos de lazer com filhos, família ou amigos, geralmente nos finais de semana, quando costumam levar crianças para brincar, passear com a família e amigos, fazer piqueniques ou andar de skate, bicicleta ou jogar bola geralmente na companhia deles. São adultos jovens, a maioria na faixa etária dos 30 a 44 anos (6 dos 8 integrantes deste grupo, sendo cinco destes com idade entre 30 a 40 anos), com filhos e moram nas proximidades do Parque.

O último grupo (o da Bola/ Skate) é composto daqueles que utilizam o Parque para o desempenho de atividades específicas, geralmente em grupos, como jogar bola nas quadras, ou em duplas ou grupos menores, andar de skate/ patins e bicicleta. Estes usuários são na maioria jovens, e vem ao Parque, exclusivamente para praticarem estas atividades, permanecendo bastante tempo. Tanto os Estudantes (grupo 1) como os usuários desse grupo são na maioria, jovens, ainda em formação escolar. Nas quadras, as modalidades esportivas mais praticadas são o futebol, o basquete e o vôlei nesta ordem, sendo utilizadas tanto em dias de semana (geralmente durante as noites), como finais de semana (tardes e noites), confirmando o evidenciado nos mapas comportamentais. Durante a semana, é comum o uso das quadras por grupos de amigos, do trabalho, vizinhos, da igreja, dentre outros que costumam jogar regularmente toda semana, em horários previamente combinados, pós-

agendamento das quadras⁹². Outros também informam terem se conhecido nas quadras, gerando uma relação de amizade vinculada à prática do esporte. A origem dos entrevistados é bem diversificada, eles vêm tanto de bairros próximos do Parque como de bairros mais distantes, inclusive além de 5 km de distância. Constatou-se neste grupo, a existência de características semelhantes entre usuários das mesmas práticas/ modalidades de esporte e lazer que poderiam se configurar como subgrupos. De acordo com o local de origem destes entrevistados, foi constatado que os que vem ao Parque para andar de skate/ patins ou bicicleta são provenientes geralmente, de bairros com nível socioeconômico superior aos demais deste grupo; característica semelhante é também evidenciada pelos tenistas. Contudo, a faixa etária dos tenistas difere: são adultos jovens e também mais velhos.

5.2.1 Motivos de uso e atração ao espaço

Analisando o que atrai os entrevistados ao Parque e os motivos mencionados para frequentar o Parque (questão 2 do roteiro da entrevista, ver APÊNDICE F), observou-se respostas similares em cada um dos grupos, relacionados à sua atividade/ uso:

- (1) Dos Estudantes - enaltecem o contato com as pessoas: *“venho pra me divertir com as amigas”* (ENT.1); *“os amigos para conversar”* (ENT.14); e as características do ambiente *“ambiente agradável, ventilado e espaçoso”* (ENT.6), *“o ambiente é bom”* (ENT.7) e ainda, a presença da natureza *“o verde”*.
- (2) Da At. Física - as motivações e elementos de atração relacionam-se com a busca pela saúde: *“primeiramente, a busca pela saúde”* (ENT.32), *“o esporte me atrai”* (ENT.3), outros enaltecem os equipamentos/ instalações do Parque: *“estrutura é boa”* (ENT.27); *“espaço para caminhadas”* (ENT.12); outros conciliam a prática física com o ambiente natural que traz sensações de paz, relaxamento e reflexão: *“lugar onde tem ar puro para fazer caminhada”* (ENT.29), *“a natureza, os animais que eu vejo caminhando, um momento meu”* (ENT.31); *“o silêncio, a gente sente assim uma paz interior, sai da*

⁹² Durante a semana, o uso das quadras de esporte depende de agendamento feito na própria administração, ficando o controle de uso a ser realizado pelos próprios usuários. Nos finais de semana, o uso das quadras é livre.

agitação da cidade”(ENT.28); *“venho para dar uma relaxada, uma higienização da mente”* (ENT.4); e além do esporte, a importância da amizade estabelecida nas aulas de ginástica: *“estar com o grupo”* (ENT.32).

Sobre os benefícios da atividade física praticada em ambiente aberto em contato com a natureza, Krenichyn (2006) evidencia a potencialidade destes ambientes que, além de oferecerem cenários agradáveis, podem também proporcionar sensação de fuga e desafio, encorajando atividade física e restauração mental.

(3) Da At. Passiva - enaltecem a tranquilidade para trazer seus filhos ou a leitura de forma prazerosa: *“Por que aqui é um lugar ao qual a gente consegue assim ter uma calma, uma paz, as crianças brincando, tem esporte, lazer, você encontra pais, você vê o verde também. Consegue ter uma certa tranquilidade, faz amizade com as pessoas, interage com as crianças* (ENT.13); *“O que me atraiu é justamente essa tranquilidade, por que eu gosto de ler e lá onde eu “tô” morando agora, que fica aqui pertinho na outra rua, tem muita criança no condomínio e faz muito barulho, aí eu não consigo ler, então eu venho pra cá pra ler”* (ENT.5); a estrutura do parque: *“Espaço para crianças brincar e segurança [...] tenho mais tranquilidade de deixar elas brincando aqui vigiando a distância”* (ENT.26); *“[...] o contato com a natureza e a estrutura dele, e principalmente porque tenho filhos e trago bastante as crianças* (ENT.34); e a presença da natureza: *“Por causa das plantas e do ambiente”* (ENT.35); *“O que eu mais aprecio aqui são as árvores [...] num parque como esse você tem liberdade, é um local que o ar é relativamente puro”* (ENT.24), também são destacados por este grupo.

(4) Polifuncional - valorizam a sua localização e as instalações recreacionais, especialmente os playgrounds: *“a localização do Parque e a diversidade do play”* (ENT.8); *“espaço para atividades ao ar livre”* (ENT.16); a tranquilidade do ambiente: *“Tranquilidade para trazer os meus filhos”* (ENT.11), a integração familiar: *“comunhão com a família”* (ENT.23); a prática do esporte conciliado com outras atividades: *“Possibilidade de caminhar e vir com pessoal da igreja”* (ENT.21), *“Trazer a criança para brincar mas também caminhar”* (ENT.10); a proximidade, a segurança, o porte do parque e a sua diversidade: *“Fazer exercício ao ar livre com segurança e próximo de casa [...]*

a gente fica muito confinado” (ENT.30); *“Ambiente aberto, grande e com várias opções”* (ENT.33).

- (5) Bola/ skate – estes destacam como principal motivação de uso do Parque a presença dos equipamentos esportivos e a possibilidade de interação social: *“Venho por causa da quadra”* (ENT.36); *“O basquete, adoro jogar”* (ENT.GR.2); *“Jogar, mas também os amigos”* (ENT.GR.4).

A quadra revelou-se como importante espaço de lazer e interação social, tornando-se um atrativo significativo, o que corrobora o estudo de Oliveira (2006), segundo o qual o esporte é um dos fatores que mais atrai jovens para a utilização dos espaços públicos.

5.2.2 Palavras- chave e preferências

Com relação à questão 1 do roteiro da entrevista (ver APÊNDICE 6), que trata da evocação de palavras que remetem ao Parque, as respostas mencionadas foram agrupadas nas seguintes categorias: 1) lazer/ diversão, 2) esporte/ saúde, 3) natureza, 4) escape/ terapia, 5) ambiente tranquilo/ agradável e 6) segurança e 7) pessoas.

A categoria LAZER/ DIVERSÃO refere-se ao conjunto de palavras que fazem associação com o lazer, as mais citadas foram o próprio lazer e outras como diversão, *“aqui é legal* (ENT.6, Grupo 1 - Estudantes)” e alegria. Na categoria ESPORTE/ SAÚDE, constam expressões que remetem à prática de atividade física, às suas modalidades esportivas e os benefícios advindos com o exercício (saúde, bem-estar). A categoria NATUREZA compreende palavras que remetem principalmente à vegetação (verde, área verde, a própria expressão natureza, muito utilizada ao ser referir à vegetação), aos animais e outras relacionadas ao meio-ambiente e sua conservação (ecologia). A categoria ESCAPE/ TERAPIA aborda as sensações proporcionadas ao frequentar espaços abertos em contato com a natureza como higiene mental, terapia e sensação de liberdade. A categoria AMBIENTE TRANQUILO/ AGRADÁVEL é vinculada às percepções e sentimentos proporcionados ao vivenciar o espaço relacionados à calma, tranquilidade, paz, sossego e agradabilidade. Dentro da categoria SEGURANÇA as palavras citadas foram espaço seguro e segurança. E a categoria PESSOAS/ FAMÍLIA compreende

as expressões: contato com pessoas, conversa, amigos, família, que envolvem as relações sociais.

As que mais se destacaram no Parque da Cidade foram as categorias: LAZER/ DIVERSÃO com 21 palavras relacionadas a este item; seguidas do ESPORTE/ SAÚDE (com 15 menções a esta categoria); NATUREZA (14); AMBIENTE TRANQUILO E AGRADÁVEL (13); PESSOAS (10), SEGURANÇA (6) e ESCAPE/ TERAPIA (5), como pode ser visto na tabela 8⁹³.

Tabela 8 - Tabela de Categorias das palavras-chave (ALP), por grupos de usuários.

Categoria Palavras-chave (ALP)	GRUPOS USUÁRIOS					TOTAL
	GRUPO 1 (05) ESTUD.	GRUPO 2 (08) AT. FÍSICA	GRUPO 3 (10) AT. PASSIVA	GRUPO 4 (08) POLIFUN- CIONAL	GRUPO 5 (02)* BOLA/ SKATE	
LAZER/ DIVERSÃO	2	3	5	7	4	21
ESPORTE/ SAÚDE	0	10	1	3	1	15
NATUREZA	3	5	3	3	0	14
ESCAPE/ TERAPIA	0	2	1	2	0	5
AMB. TRANQ/ AGRAD.	2	0	10	1	0	13
SEGURANÇA	0	1	2	2	1	6
PESSOAS/ FAMÍLIA	5	1	1	3	0	10
* Do grupo 5 (Bola/ Skate) constam somente as entrevistas individuais.						

Fonte: Autora, 2017.

Dentre as preferências (questão 5 do roteiro da entrevista) evidenciadas pelos entrevistados (individualmente ou em grupo), o contato com a natureza destaca-se (27 citações); em seguida, a tranquilidade do espaço (elencada por 20 pessoas); o contato com outras pessoas (14 citações); a proximidade de suas casas (12) e a pista de caminhada (11), dentre outros (ver tabela 9)⁹⁴.

⁹³ Para esta questão, os entrevistados podiam mencionar até três palavras. Todas as palavras eram incluídas nas categorias e contabilizadas para cada grupo, mesmo que o entrevistado mencionasse duas ou mais palavras da mesma categoria. Na figura estão destacados na cor vermelha as categorias que mais se destacaram para cada grupo de usuário, e na cor azul a categoria predominante considerando todos os entrevistados.

⁹⁴ Para esta questão de múltipla escolha, até três palavras podiam ser mencionadas. Em vermelho consta a preferência que mais se destaca entre os entrevistados de cada grupo, e em azul a preferência mais valorizada por todos.

Tabela 9 - Tabela com as preferências dos entrevistados, divididas por grupos de usuários.

PREFERÊNCIAS	GRUPOS USUÁRIOS					
	GRUPO 1 (05) ESTUD.	GRUPO 2 (08) AT. FÍSICA	GRUPO 3 (10) AT. PASSIVA	GRUPO 4 (08) POLIFUN- CIONAL	GRUPO 5 (08)* BOLA/ SKATE	TOTAL
Natureza	4	5	9	5	4	27
Bonito/ Bem cuidado	2	1	3	0	1	7
Contato Pessoas	5	2	1	1	5	14
Tranquilidade	3	2	9	4	2	20
Proximidade	0	4	2	3	3	12
Pista Caminhada	0	4	2	5	0	11
Quadras Esporte	1	0	0	0	6	7
Academia	0	2	0	1	0	3
Pista Skate	1	0	0	1	0	2
Playground	0	0	3	2	0	5
Alameda principal	0	0	0	0	1	1
Aulas/ Serviços	0	2	0	1	0	3
Outros	0	0	0	0	0	0
* Para esta questão, todas as entrevistas desse grupo foram consideradas (6 em grupo e 2 individuais).						

Fonte: Autora, 2017.

Ao cruzar as informações sobre as preferências relatadas pelos entrevistados e as categorias de palavras-chave citadas (ALP), analisando cada grupo de usuários identificados, chegou-se à seguinte conclusão: o **contato com a natureza** foi a preferência mais citada por todos os grupos, com exceção do grupo dos Estudantes e do Grupo da Bola/ skate, apesar deste item ser bem representativo dentre as preferências elencadas por estes grupos. O grupo 1 (dos Estudantes) enfatizou, além do contato com a natureza (mencionado por 4 dos 5 integrantes), o **contato com outras PESSOAS** (mencionado por todos deste grupo), tanto nas preferências como nas categorias das palavras chave mencionadas, já que este grupo tem como atividade principal a conversa e/ ou encontro. A **proximidade de casa** (enfatizada por 4 entrevistados dos 8) é outra preferência valorizada pelo grupo 2 (da At. Física), além do contato com a natureza (destacada por 5 pessoas), permitindo desempenharem as suas atividades esportivas com mais frequência; assim como a presença da **pista de caminhada** (mencionada por 4 dos 8), equipamento muito utilizado por quem pratica exercício físico no Parque, como evidenciado nos mapas. O grupo 4 (Polifuncional) destacou a pista de caminhada (na mesma intensidade que a natureza, ambos mencionados por 5 pessoas), já que todos deste grupo utilizam este equipamento. A tranquilidade do Parque é também mencionada, na

mesma intensidade que a natureza, pelo grupo 3 (grupo da At. Passiva, 5 deste grupo evidenciaram estes dois itens); e destacada pelo grupo 4 (Polifuncional), depois da natureza e da pista de caminhada. Estes dois grupos (3 e 4) tem como característica comum o desempenho de atividades relacionadas a levar crianças para brincar e passear com família, evidenciando-se uma característica muito valorizada por quem realiza estas atividades (a tranquilidade do espaço). Para o grupo 3 (da At. Passiva), inclusive, a **tranquilidade (AMBIENTE TRANQUILO/AGRADÁVEL)** foi a categoria das palavras-chave mais enfatizada. O grupo 5 (da Bola/ skate) valoriza a **presença do equipamento** (as quadras, mencionadas por 6 das 7 entrevistas) e o **contato com as pessoas** (5 citações), e na sequência o contato com a natureza (4). A preferência pelo equipamento quadra de esporte neste grupo com integrantes de diversas modalidades esportivas/ recreativas como jogadores, skatistas, ciclistas, usuários de patins, pode ter sido influenciada pela seleção da amostra que contemplou mais jogadores de bola.

Diante dos resultados acima relatados, verifica-se que o contato com a natureza é muito valorizado pelos diferentes perfis de usuários, exercendo forte poder de atração ao Parque, seja para praticarem atividade física em ambiente aberto em contato com o verde, proporcionando bem-estar físico e mental; seja para curtirem momentos de lazer ao brincar, passear, reunir-se em grupo; para este último grupo de atividades realizado geralmente na companhia de filhos, família e amigos, a tranquilidade do ambiente indica ser fundamental. A grande incidência das preferências - contato com a natureza e tranquilidade - mencionadas juntas⁹⁵ (citadas por 16 das 36 entrevistas realizadas) parece indicar uma associação entre o elemento natureza e a sensação de paz e tranquilidade despertada por ela. As características positivas associadas ao contato com a natureza encontram-se alinhadas com a literatura especializada que aborda as propriedades benéficas e restauradoras dos ambientes naturais (KORPELA et al., 2010; RYAN et al., 2010) e com as razões pelas quais as pessoas frequentam os espaços livres de lazer: contato com a natureza e com outras pessoas (COOPER-MARCUS; FRANCIS, 1990).

⁹⁵ Sobre a questão 5 do roteiro da entrevista com usuário (APÊNDICE F) referente às preferências no Parque (de múltipla escolha), era solicitado até três respostas.

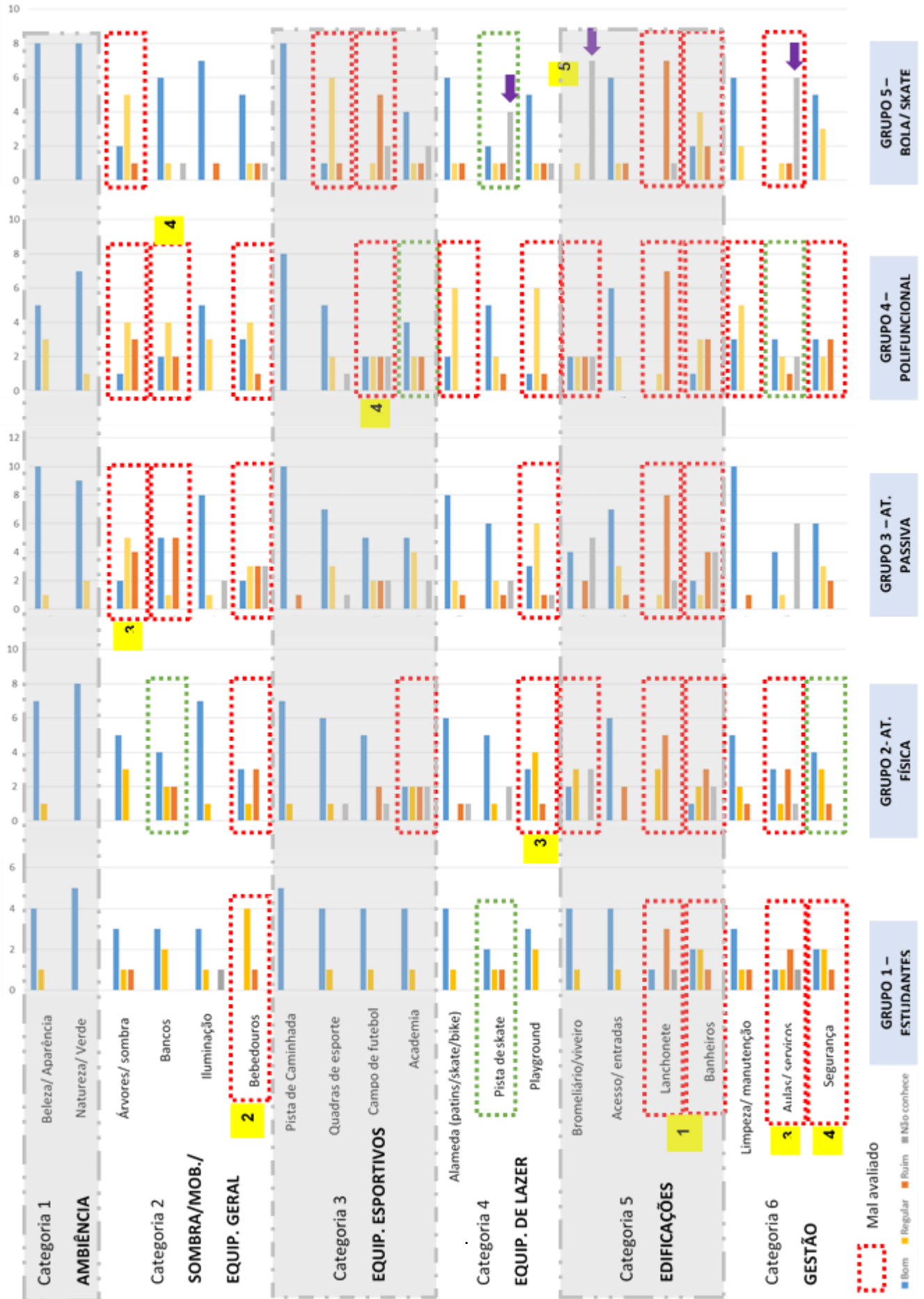
5.2.3 Avaliação e Demandas

Com relação à avaliação do Parque, ela foi dividida nas seguintes categorias: 1) AMBIÊNCIA (Beleza/ Aparência; Natureza/ verde); 2) SOMBRA/ MOBILIÁRIO/ EQUIPAMENTOS GERAL (Árvore/ sombra; Bancos; Iluminação; Bebedouros); 3) EQUIPAMENTOS DE ESPORTE (Pista de caminhada; Quadras de esporte; Campo de futebol; Academia de ginástica); 4) EQUIPAMENTOS DE LAZER (Alameda principal; Pista de skate; Playground; Viveiros de plantas); 5) EDIFICAÇÕES (Acesso/ entradas; Lanchonete, Banheiros); e 6) GESTÃO (Limpeza/ manutenção; Aulas/ Serviços oferecidos; Segurança).

No gráfico (figura 107), estão identificadas as avaliações negativas (demarcadas com um retângulo tracejado na cor vermelha), definidas quando o número de avaliações regulares e ruins ultrapassam as boas; e as avaliações regulares (demarcadas com um retângulo tracejado verde), definidas quando o número de avaliações regulares e ruins for a mesma quantidade de avaliações boas. As marcações com quadrados amarelos na figura 107 auxiliam no entendimento das análises efetuadas ilustradas em gráfico, que serão vistas mais à frente.

Analisando o gráfico da figura 107, os grupos que melhor avaliam o Parque comparativamente aos demais, são na sequência: o Grupo 1 (dos Estudantes), e em seguida o Grupo 3 (da At. Passiva) e o Grupo 5 (da Bola/ Skate). E os que pior avaliam o Parque são os Grupo 4 (Polifuncional), seguido do grupo 2 (da At. Física).

Figura 107 – Gráfico de Avaliação do Parque por grupos de usuários e categorias.



Fonte: Autora, 2017.

Os usuários dos grupos 1 (dos Estudantes) e 3 (da At. Passiva) são aqueles que vem com menos frequência ao espaço analisado, podendo estar menos atentos aos detalhes que os usuários frequentes e mais habituados dos outros grupos possam estar. Outro ponto comum entre os três grupos que melhor avaliam o Parque (dos Estudantes, da At. Passiva e da Bola/ Skate), que pode ter relação com o nível de exigência dos usuários, é o nível de escolaridade dos entrevistados destes grupos que, no geral, é menor que o dos grupos da At. Física e Polifuncional (pior avaliação). Além disso, de uma forma geral, os bairros de moradia dos integrantes destes três grupos apresentam nível socioeconômico⁹⁶ inferior aos entrevistados dos grupos que avaliaram pior o parque (o grupo Polifuncional e o da At. Física), podendo haver uma relação direta entre nível socioeconômico, escolaridade e grau de exigência das pessoas.

A Ambiência é a categoria mais bem avaliada, por todos os grupos, com destaque para o item Natureza/ verde, 100% bem avaliado por todos os entrevistados do Grupo dos Estudantes, At. Física e do Grupo da Bola/ Skate. As categorias mais criticadas são: a das EDIFICAÇÕES, na qual dois dos seus três itens (a Lanchonete e os Banheiros) são mal avaliados por todos os grupos (ver marcação 1 da figura 107), e em seguida a categoria SOMBRA/ MOBILIÁRIO/ EQUIPAMENTOS GERAIS, e na sequência a dos EQUIPAMENTOS DE LAZER e GESTÃO.

As reclamações sobre a lanchonete recaem sobre o fato de estar sempre fechada e ter qualidade ruim de serviço; inclusive, vários entrevistados não sabiam da sua existência. Ao confrontar os dados das avaliações com as demandas por melhoria (tabela 10) sobre este item, essa queixa não se confirma diante das poucas manifestações por parte dos entrevistados. Entretanto, quando questionados sobre o que falta no Parque (tabela 11) muitos mencionaram serviços relacionadas à alimentação como feiras, barracas, sorveterias, cafés e inclusive, lanchonetes, como se este elemento não existisse, o que evidencia a carência do serviço prestado. De uma forma geral todos os grupos identificaram esta demanda, com destaque para o grupo da At. Passiva, que frequenta o parque em momentos de lazer nos finais de semana, permanecendo mais tempo que os demais.

⁹⁶ Para este dado consultar ANEXO A – Rendimento dos bairros. Fonte: IBGE (2010).

Tabela 10 - Tabela com as demandas por melhoria, divididas por grupos de usuários.

DEMANDAS A MELHORAR	GRUPOS USUÁRIOS					TOTAL
	GRUPO 1 (05) ESTUD.	GRUPO 2 (08) AT. FISICA	GRUPO 3 (10) AT. PASSIVA	GRUPO 4 (08) POLIFUN- CIONAL	GRUPO 5 (08)* BOLA/ SKATE	
Plantas		1	2	1		4
Árvore/Sombra	2		5	2	1	10
Academia		3		2		5
Quadra		2			4	6
Campo futebol					5	5
Pista skate	1				1	2
Playground	1		2	1		4
Sinalização			1	1		2
Bebedouro					1	1
Banheiros		1	1	1		3
Oficina artesanato				1		1
Lanchonete		1	4		2	7
Manutenção	1	1	2	2		6
Iluminação				1	1	2
Eventos	1		1		1	3
Segurança	2	3	5	5	1	16

Fonte: Autora, 2017.

Tabela 11 - Tabela com as demandas a realizar, por grupos de usuários.

DEMANDAS A REALIZAR	GRUPOS USUÁRIOS					TOTAL
	GRUPO 1 (05) ESTUD.	GRUPO 2 (08) AT. FISICA	GRUPO 3 (10) AT. PASSIVA	GRUPO 4 (08) POLIFUN- CIONAL	GRUPO 5 (08)* BOLA/ SKATE	
Água/ lago	1		2			3
Animais/ minizoo			2	1		3
Árvores frutíferas		1	1			2
Cobertura at. Fisica/ quadra		2		1	2	5
Ciclovía	1	1	1	1		4
Banca/livraria/bibliot			3	1		4
Aluguel mat. Lazer	1		1			2
Posto inform. Turismo				1		1
Posto policial			1		1	2
Posto médico		1	2			3
Rádio comunitária					1	1
Local p/ patins					1	1
Feiras, barracas comida, serv. Alimentação	1	3	4	2	2	12
Serviços comunitários	1			2		3
Aulas esporte crianças		1		1	1	3
Trilhas, caminhada ecologica, ofic.		2	1			3
Apresent teatro/ dança/ programas infantis			3	2		5
Palestras/ cursos		1		1		2

PROGRAMAÇÃO DE
ATIVIDADES = 15

Fonte: Autora, 2017.

Sobre os banheiros, também mal avaliados por todos os grupos, as queixas recaem sobre a falta de manutenção, localização ruim e ausência de comunicação visual, pois alguns ficam fechados e as pessoas não sabem ao certo qual funciona e onde se localizam. Os banheiros foram apontados como demanda por melhorias somente por três grupos (da At. Física, At. Passiva e Polifuncional); entretanto os outros dois grupos (dos Estudantes e Bola/skate), assim como os demais, avaliou negativamente este item (ver figura 107 e tabela 10).

Quatro grupos avaliaram mal o item Bebedouro (ver marcação 2, na figura 107); e três, os itens Árvore/ sombra, o Playground e as Aulas/ serviços oferecidos (ver marcação 3, na figura 107). Outros itens como Bancos, Campo de futebol e Segurança foram avaliados negativamente por dois grupos (ver marcação 4, na figura 107). A avaliação negativa do bebedouro é feita pelos grupos 1, 2, 3 e 4 (respectivamente, grupo dos Estudantes, da At. Física, da At. Passiva e Polifuncional); entretanto foi indicado como demanda por melhoria por somente um entrevistado de um dos grupos que o avaliaram mal (ver tabela 10). Mesmo com as baixas verbalizações sobre demandas quanto a este item, vários comentários surgiram quando da sua avaliação, referente à quantidade insuficiente, necessidade de manutenção e limpeza e mal posicionamento dos mesmos, como demonstrado nos relatos dos entrevistados:

Tem pouca quantidade (ENT.23; grupo 4 - Polifuncional);

Falta água gelada (ENT. 24; grupo 3 – At. Passiva);

Vive quebrado (ENT.4, grupo 2 – At. física);

[...] precisa limpar com mais frequência (ENT.30; grupo 4 - Polifuncional);

Deveria ter mais perto do parquinho das crianças porque fica longe delas (ENT. 25; grupo 3 – At. Passiva);

Sobre o posicionamento dos bebedouros Burjato (2006, apud ARAÚJO; CASER, 2012); Cooper Marcus e Francis (1990) e Mascaró (2008) recomendam a locação destes equipamentos/ mobiliários próximos às áreas esportivas e plays e escolher os que atendem a crianças, cadeirantes e cachorros.

Os grupos que avaliaram mal tanto a Sombra como os Bancos (o grupo 3, da At. Passiva e o grupo 4, Polifuncional) apresentam em comum atividades desempenhadas nos finais de semana, relacionadas ao uso do playground (levar

crianças para brincar), vigiá-las e conversar com outras pessoas ou familiares, sentados nos bancos próximos ao playground e em ambientes de estar dispostos ao longo dos setores 3 e 5, ao longo da alameda principal onde as crianças também andam de bicicleta ou patins e perto da academia infantil visualizado no mapa comportamental da figura 87. Os usuários destes grupos (principalmente do grupo 3, da At. Passiva) também costumam fazer piqueniques próximo destas áreas, as crianças brincam ao alcance da visão dos pais e responsáveis, geralmente sob as poucas sombras disponíveis nestes locais. A Sombra foi também mal avaliada pelo grupo da Bola/ skate (grupo 5) que utilizam, geralmente, as quadras, o campo, a pista de skate e a alameda principal, áreas deficientes de proteção solar.

A sombra é também o segundo item mais mencionado como demanda por melhoria no Parque (ver tabela 10) por todos os grupos, com exceção do grupo da At Física. Sobre a sombra, a maioria dos entrevistados do grupo da At. Física utiliza a pista para caminhar e/ ou correr, não havendo muitas expectativas de que todo este equipamento seja arborizado. Além disto, o horário mais utilizado para a prática desta atividade segundo os entrevistados, e confirmado nos mapas, é o início da manhã, quando a temperatura ainda está mais agradável no sol. Quanto ao grupo Bola/ skate, apesar deste ter avaliado mal a sombra, somente um entrevistado deste grupo identificou este item como necessidade de melhoria; no geral, suas queixas se concentraram na falta de manutenção dos equipamentos/ instalações que eles utilizam.

Apesar da natureza e do verde serem muito apreciados no Parque, as árvores e sombras foram definidas como escassas. Entretanto, deve-se atentar para o fato das espécies ainda serem novas e não terem tido tempo suficiente para crescer e proporcionar sombra adequada. Mas o que se percebe diante dos relatos, é que, além de serem poucas e novas, as árvores foram mal posicionadas com relação aos ambientes de estar e assentos existentes:

[...] precisava de mais plantio de árvores, é muito árido aqui por que o nosso clima é tropical, tem pouca árvore de sombra, as árvores que tem são palmeiras [...] às vezes eu deixo de vir, quando atraso um pouquinho, por que eu não aguento o sol quente, muito calor. Acho que às vezes se tivesse mais, próximo da pista de caminhada também... no parquinho também não tem árvore (ENT.30, grupo 4 - Polifuncional)

As árvores estão afastadas das pessoas [...] O Parque da Vale pode ir em qualquer horário que não tem problema. Aqui é muito sol (ENT.17, grupo 3 - At. Passiva);

Sobre a quantidade de sombra, autores como Whyte (2004) e Mascaró (2008) recomendam áreas mínimas de sombreamento, respectivamente, 50% e 66% (2/3) da área do parque. No Parque da Cidade, este percentual é de aproximadamente 35%, ou seja, inferior ao mínimo recomendado. Além disso, boa parte da área sombreada está localizada na Área de Preservação Ambiental. Excluindo-se a área ambiental, o percentual de sombreamento no Parque é bem menor, inferior à 10%.

Sobre sombras e bancos:

[...] precisava ter abrigo nos bancos (ENT.07; grupo 1 - Estudantes);

Eu cacei um lugar para sentar, ler e não achei sombra. Tem bastante árvore, mas precisava de áreas com sombra [...] debaixo de uma árvore, por exemplo, ali a pessoa quer sentar, mas ela tem que sentar no chão pra aproveitar uma sombra [...] (ENT.23, grupo 4 - Polifuncional);

Mascaró (2008) recomenda a locação de bancos tanto em passagens de grande fluxo quanto em ambientes que possam ser apreciados, preferencialmente na sombra. O que não acontece no Parque da Cidade: cerca de 80 % dos bancos existentes (44 ao todo) estão localizados ao sol, e apenas 3 mesas com bancos para jogos das 12 disponíveis encontram-se sombreadas (somente no período da tarde), o restante fica ao sol.

Sobre sombras e playgrounds:

Na área de brinquedos pras crianças não tem, a gente tem que vir só na parte da tarde por que o sol vai embora; de manhã cedo tem sol aqui, então você pode vir aqui que não tem ninguém brincando por causa do sol. Tem muito em um canto e no outro canto, não tem (ENT.13; grupo 3 - At. Passiva);

Uma hora dessa tá sol e ninguém pode ir nos brinquedos, nem aqui (nos aparelhos de ginástica) (ENT.21; grupo 4 - Polifuncional);

Além da maior parte dos bancos situados no limite do playground estarem ao sol, os brinquedos também não têm nenhum sombreamento, prejudicando o uso deste equipamento (principalmente nos horários mais ensolarados). O único brinquedo com telhado acaba sendo mais utilizado nos horários mais quentes, tanto na sua parte inferior (sob o seu piso) pelas crianças menores ao brincarem na areia quanto por estudantes, na sua parte superior (coberta), ao descansarem e em conversas em grupo.

O Playground foi mal avaliado pelos grupos 3 e 4 (da At. Passiva e Polifuncional) que praticam atividades em comum relacionadas ao uso deste equipamento: levar crianças para brincar, e pelo grupo 2 (da At. Física). As manifestações negativas por parte deste grupo (da At. Física) quanto ao playground são similares aos comentários gerais dos outros grupos e mesmo não utilizando o equipamento, estes entrevistados são frequentadores antigos do Parque (vem há mais de três anos), e, portanto, parecem ter um conhecimento mais aprofundado dos ambientes/equipamentos por estarem mais habituados em frequentá-lo, ou já terem desempenhado esta função anteriormente (ao levarem seus filhos ou netos). Verificando as demandas por melhorias para este item, tem-se que pelo menos um entrevistado de cada um dos três grupos (Estudantes, da At. Passiva e Polifuncional) identificou esta demanda (tabela 10), inclusive pelo grupo que o avaliou positivamente (o grupo dos Estudantes). Estes, muitas vezes, acabam utilizando os brinquedos inadequadamente em função da faixa etária e do modo incorreto de uso (em pé nos balanços). As reclamações sobre este item recaem sobre sua dimensão reduzida, quantidade insuficiente, falta de manutenção, pouca diversidade de brinquedos existentes e a ausência de brinquedos mais interessantes e divertidos, conforme relatos:

[...] é pequeno para o tamanho do parque (ENT.31, grupo 2 – At. Física);

[...] tem pouca quantidade (ENT.32, grupo 2 – At. Física);

Tem poucos brinquedos no playground e aqueles de ferro ali (se refere à academia infantil) são perigosos! (ENT.21, grupo 4 - Polifuncional);

Falta sombra e tem pouca opção de brinquedo, o de ferro ali o meu filho adora! (ENT.30, grupo 4 - Polifuncional);

[...] a casinha tem greta no piso, e é perigosa, não tem proteção (se refere ao guarda-corpo pouco eficiente); *[...] antes tinha um tão legal ali, acho que piorou neste aspecto* (ENT.36, grupo 5 – Bola/ Skate);

Falta manutenção nos brinquedos das crianças para evitar riscos de se machucarem, falta manutenção nos balanços. Embaixo do escorregador tem uma pedra lá, às vezes a criança descontrola, cai e bate a cabeça. Falta mais cuidado e manutenção (ENT.13, grupo 3 – At. Passiva);

Quanto às aulas e serviços, apesar da avaliação negativa deste item por três grupos (dos Estudantes, da At. Física e da Bola/ skate), houve poucos comentários por parte dos entrevistados destes grupos. Foi constatado neste item que grande parte dos entrevistados desconhece os serviços oferecidos. Mesmo com as poucas manifestações, a grande quantidade de demandas a realizar sobre este item

(eventos/ atividades/ programações), confirmam a deficiência dos serviços prestados à comunidade. Estas demandas (tabela 10 e 11) manifestadas por todos os cinco grupos, principalmente pelo grupo 2, da At. Física, referem-se à necessidade de: eventos mais frequentes, aulas para as crianças, programas de educação ambiental com orientação pedagógica, caminhada ecológica, oficina de sucata, cursos e palestras escolinhas de futebol, dentre outros. Este mesmo grupo (da At. Física) também avaliou mal o Bromeliário/ viveiro de plantas, assim como o grupo Polifuncional. A maioria das reclamações destes grupos recaem sobre o fato dele não ficar aberto para visitação. Apesar disto, as manifestações das alunas das aulas de ginástica são bastante positivas: *“Os professores daqui são excelentes [...] as aulas acabam sendo uma terapia para a gente!”* (ENT.GR.1). Entretanto o que se verifica é a ineficiência da prestação do serviço com relação à pouca oferta de aulas e serviços, e variedade de program  es no Parque.

Sobre os bancos, as reclamações dos dois grupos que avaliaram mal este item se referem à quantidade insuficiente, desconforto e posicionamento no sol:

São poucos, ruins e desconfortáveis (ENT.33, grupo 4 – Polifuncional);

São desconfortáveis (ENT.19, grupo 3 – At. Passiva);

São poucos (ENT.19, grupo 3 – At. Passiva);

[...] Falta sombra perto dos bancos, por que os pais ficam ali no sol “assando”, as crianças brincando e tem que ficar perto, no sol. Não tem sombra (ENT.25, grupo 3 – At. Passiva).

[...] são bons, mas faltam locais com eles cobertos (ENT. 23, grupo 4 – Polifuncional);

Este mesmo item foi criticado pelos mesmos grupos que também avaliaram mal a sombra (3, da At. Passiva e 4, Polifuncional), e que tem em comum atividades relacionadas ao uso do playground e da academia infantil, além dos ambientes de estar ao longo da alameda para levá-las para brincar e passear, conversar e reunir-se com família ou amigos.

Além da categoria Ambiência, outra também bem avaliada é a dos EQUIPAMENTOS ESPORTIVOS, sendo que a pista de caminhada é o item mais bem avaliado desta categoria. Dentre os equipamentos esportivos, a academia de ginástica, as quadras e o campo de futebol apresentam avaliações negativas. A academia de ginástica, mal avaliada pelo grupo da At. Física (grupo 2), é confirmada

como demanda por melhoria por 3 dos 8 entrevistados deste grupo que reclamaram da falta de manutenção dos aparelhos, e por outros 2 dos 8 do grupo Polifuncional (grupo 4), que também costumam praticar atividade física neste local. Outras manifestações sobre a academia compreendem à: “[...] *não tem informação de como utiliza* (ENT.10, grupo 4 - Polifuncional); [...] *falta acompanhamento do profissional* (ENT.32, grupo 2 – At. Física); [...] *a cercada ali (se refere à de musculação) está sempre fechada* (ENT.13, grupo 3 – At. Passiva).

O campo de futebol recebe avaliações negativas dos grupos da Bola/ Skate e Polifuncional; e aparece como demanda muito destacada pelo grupo Bola/ skate. As reclamações sobre o campo de futebol são sobre a irregularidade do piso acumulando água quando chove e a ausência de grama. Estes dois grupos (o da At. Física e Polifuncional) identificaram a necessidade de área coberta para a prática de exercícios tanto para ampliar o uso dos aparelhos de ginástica em outros horários mais quentes do dia, quanto para possibilitar a realização das aulas de ginástica em dias de chuva, dado que o espaço coberto onde geralmente acontecem as aulas é pequeno e não comporta todos os alunos. A necessidade de cobertura nas quadras foi também evidenciada pelos que jogam, mas conforme seus relatos, eles estão mais preocupados com a chuva por impossibilitar o uso do equipamento: “O problema não é o sol, mas quando chove não dá pra jogar!” (ENT. GR.3, grupo 5 – Bola/ skate).

As quadras foram mal avaliadas somente por quem costuma utilizar o equipamento, o grupo 5 (da Bola/ skate), e é também o elemento preferido deste grupo. O que parece contraditório, contudo apreende-se que quem mais utiliza geralmente é o que mais conhece as deficiências do equipamento, podendo criticá-lo mais. As reclamações referentes às quadras são unânimes neste grupo: piso esburacado e desnivelado, que acumula água quando chove; e a necessidade de separar os esportes, evitando-se assim que a tabela de basquete e as traves sejam danificadas pelos jogadores ao serem deslocadas. Em função da pouca representativa da amostra de skatistas neste grupo (da Bola/ skate)⁹⁷ e objetivando identificar se o equipamento pista de skate era bem avaliado por quem o utiliza, viu-se como

⁹⁷ Somente 2 entrevistas, dentre as 7 realizadas com este grupo, foram feitas com skatistas. As outras foram realizadas com jogadores das quadras e do campo de futebol.

necessário interrogar outros skatistas. Os comentários sobre a pista foram muito semelhantes entre os skatistas: o piso é ruim (esburacado), necessidade de manutenção e ausência de variedades, contrariando o evidenciado nas avaliações deste grupo que a consideram regular. Os entrevistados que andam de patins reclamaram também do pouco espaço, já que na pista de caminhada o uso para esta prática é proibido, e na alameda tem que se tomar cuidado com os pedestres:

Aqui tem muito espaço para as pessoas caminharem: lá embaixo (se referia à pista de caminhada) e aqui em cima (a alameda) também. Então a gente (que anda de patins) tem que ficar desviando das pessoas quando tá cheio, e não pode brincar direito (ENT.GR.6, grupo 5 – Bola/ skate);

No geral, com algumas exceções, os usuários deste grupo conhecem bem os equipamentos e subespaços que utilizam, e muito pouco ou de maneira superficial o restante do Parque, como mostra o gráfico da figura 107 (marcação 5). O fato de somente eles encontrarem problemas nas quadras (equipamentos que eles mais utilizam) evidencia a necessidade de consulta aos diversos tipos de usuários durante a elaboração do projeto.

Os que jogam tênis são mais velhos e um pouco mais críticos nas avaliações com relação aos demais integrantes do grupo. Apesar das constantes reclamações sobre a quadra (piso ruim e falta de controle de uso), valorizam a sua presença tendo em vista a pouca disponibilidade desta no Município⁹⁸. Um dos entrevistados informou preferir a do Parque da Cidade em função do espaço ser mais agradável, já que a outra pista (situada em Laranjeiras) é muito perto da rua, dos carros e barulho:

De vez em quando vou na pracinha de Laranjeiras por causa da quadra, quando aqui tá cheio e estou com muita vontade de jogar. O piso é melhor que o daqui, mas lá é muito perto da rua [...] é muito barulhento, passa carro perto. O tênis é um esporte que requer concentração (ENT.GR. 6, grupo 5 – Bola/ skate).

A segurança foi avaliada negativamente pelos grupos 1 (dos Estudantes) e 4 (Polifuncional) e aparece como demanda mencionada por todos os grupos com exceção do grupo 5 (da Bola/ Skate). As avaliações regulares e ruins deste item pelo grupo 2 (da At. Física) se equiparam com a quantidade de avaliações positivas, tornando este item, no geral, regular por este grupo. Pode-se considerar que o grupo

⁹⁸ Existem somente duas pistas de tênis no Município da Serra, uma no Parque da Cidade e outra em uma praça localizada no bairro Laranjeiras.

dos Estudantes frequenta o Parque em horários com baixa movimentação de usuários, o que provavelmente interfere na sua percepção de segurança. O grupo da At. Passiva (grupo 3) frequenta o Parque preferencialmente nos finais de semana, quando se dá uma maior movimentação de pessoas principalmente no período da tarde, o que provavelmente poderia gerar uma maior sensação de segurança, como exemplificado na fala de uma das entrevistadas:

Fico aqui por causa das pessoas, mas dependendo do horário é complicado. Se não tivesse essas pessoas aqui... Apesar de tudo, gosto daqui, é tranquilo e tem muita criança (ENT.GR.5, grupo 5 – Bola/ Skate)

Contudo, mesmo com a maior movimentação de pessoas no final de semana o que poderia corroborar na maior sensação de segurança, a ausência de vigilância ou escassez da mesma pode afetar o uso do Parque, principalmente em determinados horários:

A gente vem mais no final de semana, e por exemplo até agora não vi nenhum segurança aqui ainda. A guarda (de trânsito) fica mais durante a semana e, também, lá no estacionamento (ENT.35; grupo 3 – At. Passiva);

Se tivesse segurança a gente podia ficar até mais tarde (ENT.34, grupo da At. Passiva).

Apesar de ter sido avaliada negativamente por somente dois grupos, a segurança é a principal demanda identificada pelos entrevistados (16 mencionaram), seguido da necessidade de sombra (10 entrevistados), ver tabela 10. Diversas pesquisas ressaltam a importância da segurança no uso de parques, e a associação positiva da percepção de segurança como indicativa de uso de parques (COOPER MARCUS; FRANCIS, 1990; BEDIMO-RUNG; MOWEN; COHEN, 2005; MCCORMACK et al., 2010).

Outras demandas referem-se à melhoria dos seguintes itens: academia, playground, quadras, banheiros, serviços de manutenção, lanchonete, cuidado com as plantas (citados por 5 pessoas ou grupos cada item), dentre outras menos representativas (ver tabela 10).

Sobre o que falta neste parque (tabela 11), a maioria destacou a necessidade de programações de atividades diversas de esporte, lazer e cultura, incluindo apresentações teatrais, infantis nos fins de semana e atividades como aulas de balé, futsal para as crianças em dias de semana, além de atividades pedagógicas direcionadas à educação ambiental (caminhadas ecológicas, oficina de sucata e

outros), evidenciados, majoritariamente, pelos grupos 4 (Polifuncional), seguidos dos grupos 2 (At. Física) e 3 (At. Passiva); além da necessidade de serviços de alimentação como feiras, pracinha, sorveterias, cafés e lanchonetes destacado por todos os grupos frente à carência do serviço prestado com a lanchonete existente confirmado pela má avaliação deste item por todos os grupos, principalmente pelos grupos 3 (da At. Passiva) e 2 (da At. Física).

A carência de atividades no Parque é também evidenciada por uma das lideranças comunitárias:

Aqui poderia ter shows, trazer bandas da nossa terra, gente daqui [...] podia ter um viveiro de pássaros, pequenos animais, para as crianças conhecerem. Você não tem lazer aqui, não tem o que fazer aqui dentro. Ou você corre ou não faz nada, ou fica vigiando seu filho (ENT.LID.1);

Ainda sobre atividades e programações, outra liderança ressalta a importância de ações educativas e esportivas no Parque para jovens e crianças que poderiam beneficiar a população e potencializar o uso do Parque:

É interessante, que se façam mais ações, principalmente no campo educacional. O povo carece muito de informação e educação, porque normalmente só cedem para o “cara” que vem fazer algo aqui. O parque poderia ser um agente para promover ações de integração das associações, entre igrejas, enfim tem que trazer o povo para cá, trazer projetos sociais, as ONGs (que são voluntárias), aproveitar para fazer Olimpíadas entre escolas, aproveitar a estrutura do Parque (ENT.LID.2).

Em 1990, a promoção e o incentivo de atividades como concertos, shows e eventos no Bryant Park, situado em Nova York, como forma de atrair uma maior variedade de usuários possível, foram significativas para o aumento de uso e redução da insegurança no local (FRANCIS, 2001).

Outras sugestões de elementos/ equipamentos/ eventos mencionados por uma menor quantidade de entrevistados, referem-se, na sequência a: área coberta para a prática de atividade física ou cobertura da quadra de esportes, sugeridos pelos grupos 2 (da At. Física), 5 (Bola/ Skate) e 4 (Polifuncional); banca, livraria ou biblioteca (grupos 3 e 4); ciclovia (todos menos o grupo 5, da Bola/skate); lago e animais (minizoo); posto de atendimento médico (grupos 2 e 3); dentre outros pouco representativos, sendo que os quatro últimos itens, com exceção da ciclovia, foram sugeridos majoritariamente pelo grupo 3 (da At. Passiva). A ciclovia, apesar de

prevista originalmente no Parque, acabou sendo destinada à caminhada também. Sobre este item, os entrevistados evidenciam a falta deste elemento:

Com esse auge de bicicletas, nós não temos uma pista de bicicleta e não pode andar aqui. Acho que fica carente desta atividade, se tivesse uma pista (exclusiva) para andar de bicicleta dá mais segurança. Tem muito condomínio aqui, as pessoas ficam muito presas e um lugar para andar de bicicleta seria bom (ENT.32, grupo 2 – At. Física);

[...] os guardas não deixam usar skate, patins e bicicleta na pista de caminhada, só naquela parte reta (se refere à alameda). Eu acho besteira, podia misturar os usos, fica segregando: só quem caminha, quem anda de skate. Tem duas pistas, uma interna e uma externa, podia separar as pistas, a interna para patins, skate e bicicleta, e a externa para caminhada (ENT.30, grupo 4 - Polifuncional).

Observa-se que, no geral, as poucas verbalizações sobre demandas por melhorias (tabela 10) quando comparadas às avaliações e comentários sobre as deficiências de cada item do Parque, parece indicar que houve problemas na elaboração dos roteiros das entrevistas. Ocorre que as duas questões sobre demandas (questões 5.1 e 5.2, ver roteiro APÊNDICE F) foram aplicadas anteriormente à avaliação dos itens do Parque, ou seja, antes das pessoas começarem a pensar mais detalhadamente em cada elemento, quando torna-se mais fácil identificar problemáticas não visualizadas quando se pensa no geral.

5.2.4 Origem dos entrevistados e suas relações

Analisando o mapa de distribuição da origem dos entrevistados⁹⁹ por grupo de usuários (figura 108), tem-se que a maior parte dos usuários vem de locais mais próximos ao parque, no raio de 1 km; e pouquíssimas pessoas vem de locais mais distantes, principalmente há uma distância maior que 5 km do Parque. As pessoas que vão no final de semana, correspondendo ao grupo 3 (da At. Passiva) (em amarelo) acabam utilizando o Parque como característica de parque metropolitano. Ao contrário dos presentes no raio de 1 km, que vão ao Parque com mais frequência em função da proximidade do mesmo. Os entrevistados situados mais próximos do parque (em azul e verde no mapa) pertencentes aos grupos 2 (da At. Física) e 4 (Polifuncional), tem em comum a prática da atividade física desempenhada preferencialmente nos dias de semana, corroborando com o evidenciado pela literatura sobre a relação entre atividade física, proximidade e frequência de uso

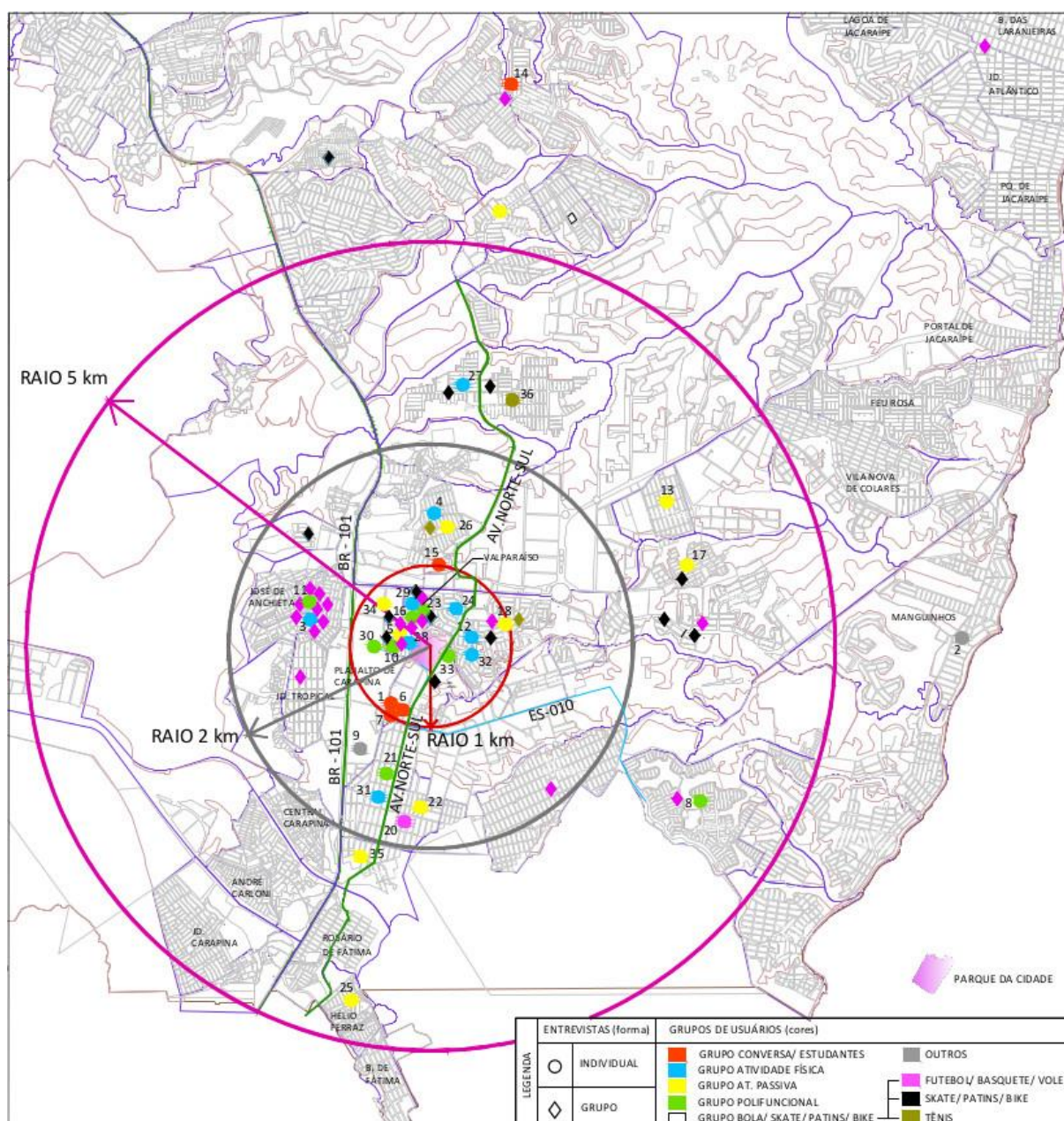
⁹⁹ A origem dos entrevistados pode ser o bairro de moradia ou onde trabalham, quando estes vêm ao Parque deste local.

(COHEN et al., 2007; MCCORMACK et al., 2010¹⁰⁰). Além disso, indicadores relacionados a maior nível de escolaridade foram associados com maior uso de parques (FERMINO et al., 2015) e com aumento da atividade física (MALTA et. al, 2009); e maior renda com elevados níveis de atividade física em comunidades (KACZYNSKI; HENDERSON, 2007; 2008 apud FERMINO et al., 2015), como ocorre nos grupos 2 e 4 (da At. Física e Polifuncional, grupos de maior escolaridade e cujos integrantes são provenientes de bairros com maior renda¹⁰¹). O aumento da atividade física durante o lazer da população entre pessoas de maior escolaridade é destacado por He e Baker (2005, apud MALTA, 2009), como expressão da desigualdade no acesso a espaços físicos e na disponibilidade de tempo livre para a prática de atividade física.

¹⁰⁰ Um estudo em 8 parques da Cidade de Los Angeles, utilizando observações sistemáticas de uso e entrevistas com usuários e moradores do entorno, conduzida por Cohen et al. (2007) indicou haver uma associação positiva entre idade, gênero e distância com o uso de parques e a frequência da atividade física. A proximidade também é enfatizada por McCormack et al. (2010), como característica importante para encorajar o uso de parques, além de outros atributos como segurança, estética, amenidades (instalações) e manutenção.

¹⁰¹ Ver rendimentos por bairros (ANEXO A).

Figura 108 - Mapa da Serra com origem dos entrevistados identificados por grupos de usuários.



Fonte: Modificado sobre base cartográfica disponibilizada pelo GEO/ SEPLAE/ PMS.

Ainda sobre o mapa, tem-se que poucos usuários moradores estão localizados além da BR -101, o que parece indicar que esta via funciona como elemento segregador em função das suas características (porte e velocidade intensa). Nas imediações do Parque, a Avenida Norte-Sul também parece desempenhar este papel, visto que muitos dos entrevistados num raio de 1 km situam-se do mesmo lado do Parque (à oeste desta via). Contudo, deve-se levar em consideração que o bairro Valparaíso, local onde estão localizados muitos dos entrevistados nesta área de abrangência, possui densidade demográfica elevada quando comparado com a porção leste da

Avenida Norte- Sul correspondente ao bairro Santa Luzia e Jardim Limoeiro. Nestes bairros, a presença de vazios não edificadas (áreas ambientais, a maior parte fundos de vales) e de maior número de condomínios fechados, que, no geral, são equipadas com áreas de lazer próprias podem ter interferido na pouca quantidade de usuários distribuídos além da Avenida Norte- Sul. Ou seja, o menor número de usuários pode ser resultado do “fechamento dos condomínios” prevendo-se que estes com suas academias de ginástica, playgrounds e quadras acabam sendo mais utilizados em função de facilidade e comodidade de acesso e das condições de uso.

Sobre o meio de transporte utilizado para chegar ao Parque, 11 de 36 pessoas vão somente de carro; outras 11, vão a pé; 9 mencionaram ir de carro, mas também algumas vezes a pé (5 dentre estes 9), bicicleta ou a pé, e outros meios (moto, skate) são menos representativos. As entrevistas em grupo foram desconsideradas desta análise em função do tamanho do grupo e da diversidade das respostas, entretanto verificou-se que no Grupo Bola/ skate muitos que utilizam as quadras e moram mais perto informaram ir a pé ou de bicicleta (todos os entrevistados de José de Anchieta deste grupo informaram ir de bicicleta).

Dentre os que vão a pé ou utilizam outros meios de transporte, 6 pessoas moram no bairro Valparaíso; outros 3 vêm da Escola ABL; 2, de Laranjeiras; outros de Santa Luzia; Planalto de Carapina, Jardim Limoeiro, São Diogo e José de Anchieta (1 pessoa cada). Todos vêm de um raio de 1 km do Parque, com exceção dos bairros São Diogo e José de Anchieta. Os entrevistados de Laranjeiras, informam vir também de carro, quando não estão dispostos a caminhar longas distâncias ou vem acompanhados. Outra entrevistada de Laranjeiras só utiliza a sua bicicleta como meio de transporte em virtude de dificuldades de acesso:

Só venho de bicicleta. Por que apesar de morar aqui perto, como fechou ali (se refere ao portão da Av. Norte-Sul), tenho que dar a volta. Antes, vinha a pé por que era só atravessar a pista, agora, até dar essa volta [...] Por aqui, não venho (se refere à Avenida Norte-Sul), então eu venho por Valparaíso, é mais tranquilo [...] Algumas pessoas deixaram de vir, também (ENT.32, grupo 2 – da At. Física).

A líder comunitária do bairro Laranjeiras relatou que os moradores do bairro foram muito prejudicados com o fechamento do portão da Av. Norte Sul: “O que a gente gostaria é que eles abrissem o portão [...], mas também não adianta abrir, se não tiver segurança”. Os moradores, segundo a entrevistada, também solicitam a

melhoria das condições das calçadas da Avenida Norte Sul que dão acesso ao Parque, atualmente apresentando vários problemas de acessibilidade (largura insuficiente, declividade acentuada, dentre outros).

Os entrevistados que vem a pé ao Parque desempenham diversas atividades, fazendo parte de todos os grupos de usuários. Assim, a maior incidência de pessoas que vão ao Parque a pé a partir da porção oeste/ noroeste do Parque (mais especificamente do bairro Valparaíso), além dos alunos da ABL, parece indicar que as condições de acessibilidade e ambiência nestes locais são mais favoráveis.

5.2.5 Uso passado x presente e percepção de mudanças

Com relação ao tempo de uso do Parque, os grupos que frequentam o parque há menos tempo são o grupo dos Estudantes, na maioria jovens que vem há menos de 1 ano; no grupo 3 (da At. Passiva), a maioria frequenta o parque há menos de 3 anos; enquanto todos do grupo 2 (da At. Física) e a maioria dos integrantes do grupo 4 (Polifuncional) frequentam o parque há mais de 3 anos, alguns desde a inauguração. No geral, estes usuários que vem ao Parque há mais tempo, são o que vem também com mais regularidade, moram mais perto e tem em comum o fato de ambos os grupos utilizarem o parque para a prática de atividade física, corroborando com a literatura (ver página 231).

Dentre todos entrevistados que vem ao Parque há mais de 3 anos (22 num total de 36 entrevistados), 9 passaram a vir mais vezes nos últimos 3 anos, 6 pessoas informaram vir com a mesma frequência e outros 7, passaram a vir menos. A maior parte dos que passaram a vir mais ao Parque e todos os que vem com a mesma intensidade fazem parte dos grupos 2 (da At. Física) e 4 (Polifuncional); e os que passaram a vir menos vezes, no geral, fazem parte do grupo 3 (da At Passiva), que vem menos e moram mais longe.

As justificativas apresentadas pelos entrevistados que passaram a vir mais vezes referem-se, na maior parte, a motivos pessoais ligados à busca pela melhoria da saúde, mudança de moradia para local mais próximo, filhos crescendo precisam de espaço para brincar, passou a ter mais tempo livre. Um dos entrevistados afirmou sua maior frequência atual em função de mudanças ocorridas no Parque, com a

instalação da nova academia com aparelhos para musculação e com o crescimento das árvores o que tornou o ambiente mais agradável:

Na realidade foi uma mudança no parque, criaram isso aqui e ali, muito bom, aquela academia ali [...]e outra coisa as árvores cresceram muito, quando isso aqui começou não tinha essas coisas assim não, dá mais sombra, mais ar puro, bem mais agradável, por que o ambiente se torna extremamente agradável e mais bonito (ENT.27, grupo 2 – da At. Física);

Quando o entrevistado não mencionava nenhum motivo em especial pelo fato de passar a vir com mais ou menos frequência buscou-se analisar as suas respostas sobre as mudanças ocorridas nos últimos anos no Parque. De uma forma geral, a maior parte destas pessoas relatou mudanças tanto boas - a criação da academia de musculação, mais segurança com a presença dos guardas de trânsito e mais cuidado e manutenção com o parque, quanto ruins, relacionadas com a piora da segurança: “*Antes tinha mais vigia [...]*”, a manutenção ruim, a extinção do lago, a demolição da portaria de acesso pela Rua Santos Dumont que atendia à população de Laranjeiras e a piora dos serviços prestados no Parque (extinção de aulas).

Analisando as entrevistas, não foi encontrada relação direta entre maior utilização do Parque e percepção de mudanças com as ações de Revitalização promovidas no Parque. A hipótese inicial de que essas ações são vistas pelos usuários como responsáveis pelas pessoas passarem a vir mais ao Parque, não se confirma, dado os motivos pessoais relatados e a percepção de mudanças variadas tanto boas como ruins. As iniciativas promovidas pela municipalidade podem ter impactando no uso, contudo estas não foram percebidas pelos usuários.

5.2.6 Usos institucionais e percepção de segurança

Com relação à questão 4.3 (roteiro da entrevista, APÊNDICE F) que aborda a opinião do usuário sobre a instalação de usos institucionais no Parque – Guarda de Trânsito e Defesa Civil, a maioria dos entrevistados (25 dos 36) considera como positivo esses usos nas dependências do Parque. Alguns indicam como aspecto positivo a melhora da segurança conforme relatos abaixo:

Importante por que é mais um meio de você se sentir um pouco mais seguro, só o fato deles estarem presente, passando, já inibe qualquer atividade ilícita na região (ENT. 26, grupo 3 – At. Passiva);

[...] aqui havia muito roubo de celulares. Melhorou depois que a guarda passou a ficar aqui, não que eles estejam vigiando nada, mas acabam inibindo (ENT. 24, grupo 3 – At. Passiva);

Muito bom, melhorou a segurança (ENT. 28, grupo 2 – At. Física).

Outros indicam simplesmente o uso das edificações, pois antes permaneciam em desuso:

Bom, pelo menos mais alguma coisa para ocupar o espaço que estava sendo inútil (se refere às edificações desocupadas) (ENT. 12; grupo 2 – At. Física).

Poucos entrevistados indicaram não fazer diferença (7 dos 36) ou consideraram ruim (3) a instalação dos usos institucionais, indicando problemas advindos dos veículos da Guarda de Trânsito – motos e automóveis:

[...] tem algumas pessoas que vem de moto e passam aqui por cima, acho que eles não entendem a realidade que isso aqui é para uma atividade física, uma atividade de lazer, muita gente sobe de moto aqui (na pista de caminhada) [...] de qualquer forma, eu acho que não condiz com o ambiente [...] (ENT. 27, grupo 2 – At. Física).

[...] ocupam muita vaga (ENT. 11, Gr. 4 - Polifuncional);

Outros duvidam da sua eficácia para melhorar a segurança:

Não traz segurança (ENT.23; grupo 4 – Polifuncional; ENT.36, grupo 5 – Bola/ Skate);

Enquanto outros não acham adequado manter os veículos no Parque:

[...] eu não acho que a base dela (da guarda de trânsito) tinha que ser aqui dentro [...] deveria ter aqui somente, umas duas pessoas de trânsito para fiscalizar a entrada e saída de veículos (ENT. 08, grupo 4 - Polifuncional).

A maioria destes entrevistados que consideram a instalação da guarda ruim ou não fazer diferença são dos grupos 3 (da At. Passiva) e 4 (Polifuncional). O grupo Bola/ skate também demonstrou indiferença quanto à presença da Guarda, quando questionados. Estes grupos têm em comum o fato de frequentarem o Parque preferencialmente nos finais de semana.

O que se apreende por meio dos relatos é que os funcionários da Guarda de Trânsito Municipal, mesmo que não diretamente responsáveis pela segurança das pessoas, pelo simples fato de estarem presentes - seja no estacionamento onde geralmente se concentram antes de partirem ou chegarem em suas viaturas, seja no deslocamento à sua base - acaba inibindo pessoas mal-intencionadas, e gerando nos usuários uma maior percepção de segurança. Mesmo os estudantes tendo avaliado a segurança ruim, eles frequentam o Parque no turno vespertino que é quando o parque está mais vazio. Isso pode ser justificado pelo fato de andarem

geralmente em grupo e dessa forma, o que pode fazer com que se sintam um pouco mais seguros. Ao mesmo tempo, a presença deles também parece influenciar a percepção de insegurança de outros usuários neste período, já que estes são geralmente associados à criminalidade e atos ilícitos:

De vez em quando a gente vê umas cenas incorretas, os moleques estavam fumando maconha na frente de todo mundo outro dia, chamei a atenção mesmo... (ENT. 4; grupo 2 – At. Física);

Aqui, tem o pessoal da (nome da escola), que fuma maconha direto (ENT. GR. 5; grupo Bola/ skate).

Em entrevista, a administração do Parque relatou que o fechamento do portão da Av. Norte-Sul, desde meados do ano passado, contribuiu para a redução do número de assaltos e outros atos ilícitos, já que esta passagem era utilizada como rota de fuga pelos assaltantes. Assim, a sensação de maior segurança indicada pelos entrevistados como sendo em função da presença da Guarda de Trânsito pode ter sofrido influência do fechamento do portão e decréscimo das ocorrências de furto, como evidenciado no relato de um usuário antigo do parque:

Olha eu não sei se foi a Guarda ou porque fecharam o portão lá debaixo, também no ano passado. Mas acho que deu uma melhorada (ENT. GR. 7, grupo Bola/ Skate)

Contudo, mesmo que a presença da Guarda contribua para uma maior sensação de segurança conforme relatos e aprovação de cerca de 70% dos entrevistados, ou o fechamento do portão tenha contribuído para o aumento da percepção de segurança, é unânime a percepção de insuficiência no quantitativo de vigilantes do Parque:

O vigia fica sentado lá na frente, na portaria e não vê o que acontece, antigamente ficava um na portaria e outro fazendo ronda (ENT. 32, grupo 2 – At. Física);

[...] tinha que ter mais segurança (vigilantes) aqui. À noite tem muito lugar perigoso, se tivesse, a gente podia ficar até mais tarde (ENT. 35, grupo 3 – At. Passiva);

Acho que devia ter mais ronda, até mesmo para inibir os adolescentes de subir nos equipamentos que não são adequados para a sua idade e danificar os brinquedos que nossos filhos utilizam (ENT. 26, grupo 3 – At. Passiva);

Mesmo com a guarda (de trânsito) você ainda se sente vulnerável [...] ela entra e sai, e a segurança (o vigilante) fica apenas na portaria (ENT. 23, grupo 4 – Polifuncional)

Visando conhecer a preferência dos usuários quanto aos tipos de usos instalados no Parque foi perguntado o que achavam das edificações que atualmente abrigam os usos institucionais funcionarem com café, floricultura, banca de revista e Centro de Educação Ambiental, como originalmente previstas no Parque (questão 4.4 do roteiro da entrevista). Apesar da aprovação de praticamente 70% dos entrevistados quanto aos usos institucionais, um percentual maior (89%, 32 de 36) de entrevistados viu como positivo a instalação dos usos do projeto. As justificativas apresentadas estão relacionadas com mais oportunidade de lazer e atividades, e principalmente porque impactaria na maior movimentação do Parque:

Daria mais movimento ao parque (ENT.8, grupo Polifuncional);

Teria mais oportunidade de atividade para quem vem passear, e não só malhar! (ENT.4 – grupo At. Física)

Teria mais atrativo no Parque, gera mais movimento (ENT.16, grupo Polifuncional)

Poderia vir a noite com crianças, pois atrairia mais pessoas e daria mais segurança (ENT.34; grupo At. Passiva).

Os outros 4 entrevistados têm opiniões diversas: um acha ruim e prefere do jeito que está, outros três preferem outros tipos de usos como lanchonetes e serviços comunitários à população, como alguns relatos:

Está bom assim, usos suficientes (ENT.13, grupo At. Passiva);

Acho que esses usos não funcionariam, não tem demanda (ENT.30, grupo Polifuncional).

5.2.7 Sentimentos e Sensações

Compreendendo que o ambiente pode estimular diversos sentimentos nos usuários, perguntou-se o que eles sentem quando estão no Parque, se sentem diferença de quando entram e saem em termos de bem-estar físico, cansaço, se ficam mais animados (questão 6 do roteiro APÊNDICE F). Inúmeros sentimentos foram mencionados, e a expressiva maioria expressou-se com sentimentos positivos, com exceção de um entrevistado que informou não sentir diferença de quando entra e sai; e outro que alegou sentir-se bem dependendo da sua experiência no Parque relacionada com a escassez de sombra e ausência de serviços:

Depende, isso é subjetivo: se você vem pra cá com intuito de leitura [...] se você consegue um lugar agradável, com sombra, você sai melhor, revitalizado. Mas se não consegue, só no sol, se não tem um lugar pra sentar, não tem uma praça de alimentação ali, fechada e tudo mais, você vai sair insatisfeito... (ENT.22, grupo 3 – At. Passiva);

As expressões positivas mais mencionadas foram: bem, leve, relaxado, revigorado, “Com a cabeça arejada” (ENT.19, grupo At. Passiva), “Reponho as energias” (ENT.30, grupo Polifuncional); desestressado, calmo, dentre outros similares; justificados algumas vezes pela presença da natureza e ambiente familiar. Outros destacam, além da prática física e seus benefícios, o convívio social estabelecido no Parque:

Gratidão pela oportunidade de ter um espaço aberto deste em contato com a natureza, agradecida pelas aulas, são gratuitas, além disso você faz um círculo de amizade! (ENT.31, grupo At. Física);

Depois que eu chego aqui e se eu não estou num dia bom, melhora muito. O exercício, a endorfina dá um suporte, o peso de cada ano vem mesmo. O exercício melhora muito. Isso aqui é um hiato, te dá uma pausa para continuar o dia. A amizade que a gente tem aqui, a gente passeia muito, programa caminhadas, trilhas....(ENT.32; grupo At. Física).

Krenichyn (2004) ao citar Henderson & Allen (1991) e Samdahl & Jekubovich (1997) enfatiza que atividades de lazer são mais significativas quando permitem oportunidades de interação social e sentimentos de conexão. Além disso, Krenichyn (2004) também destaca que pesquisas sobre a influência do ambiente na atividade física devem incluir cuidadosamente oportunidades de interação social. As trocas sociais permitidas pelo convívio entre pessoas verificados entre os jovens durante os jogos, alunas da ginástica, pais com seus filhos, estudantes e outros usuários, confirmam a literatura (OLIVEIRA; MASCARÓ, 2007; COOPER MARCUS; FRANCIS 1990).

5.2.8 Usos de outros espaços livres de lazer

Quando questionados sobre a utilização de outros espaços abertos de lazer, a maioria dos entrevistados (30 dos 36 entrevistados individualmente) informa não frequentar as praças do seu bairro ou de outro local mais próximo. A insegurança foi apontada como uma das principais causas para a não utilização destes espaços (14 dentre os 36 a mencionaram), como explicitado na fala de uma das integrantes do grupo de alunas:

Não frequento, por causa da insegurança. Hoje em dia mal dá para criança sair na rua final de semana com celular. Quem dera se a praça fosse toda arrumadinha, sentar e bater papo. Igual essa praça atrás do Extrabom, é ponto de “nóia”. Aqui você não tem isso, pode até ter final de semana.... nos cantos, mas não é a mesma coisa. Você não pode nem sentar na porta de casa mais (ENT. GR.1, grupo 2 – At. Física).

Outros motivos mencionados referem-se aos equipamentos ruins, pouca sombra, deficiência na manutenção, ausência de praças próximo das suas residências, falta de tempo e de costume, e outros como: *“Aqui é mais perto”* (ENT.16, grupo 4 - Polifuncional) e *“Tenho tudo aqui”* (no Parque da Cidade) (ENT.27, grupo 2 – At. Física). No geral, as praças do Município sofrem com pouca manutenção e são alvo frequente de vandalismos, sendo consideradas, muitas vezes, locais inseguros pelos próprios moradores do entorno e demais usuários, comprometendo seu uso cotidiano:

No meu bairro não tem muitas, e algumas praças são muito perigosas. Prefiro deixar as crianças brincarem no condomínio (ENT.26; grupo At. Passiva).

Os poucos que informaram frequentarem praças, geralmente, são atraídos por algum elemento que despertam o seu interesse e de sua família: feirinha à noite, pista de skate, encontrar com amigos e quadras de esporte. Daí apreende-se que também na Serra, as atividades comerciais funcionam como agregadores, conforme encontrado na literatura (WHYTE, 2004; ALEX, 2011; GEHL, 2013); assim como os equipamentos esportivos pois contribuem para a diversidade de usos e de usuários nos espaços públicos (JACOBS, 2009; COOPER MARCUS; FRANCIS, 1990; GEHL, 2013). Em praças de Nova York, Whyte (2004) identificou uma correlação entre animação social em praças e a presença de carrinhos de comida. Segundo Gehl (2013), os equipamentos e instalações para jogos e muitos diferentes tipos de academia esportivas, pistas de caminhada e de skate, parques temáticos promovem uma vida urbana saudável e agregam valor às cidades.

Quanto à utilização de outros parques, 19 de 36 entrevistados costumam frequentá-los ou já foram algumas vezes, ao contrário dos 17 que só frequentam o Parque da Cidade. Os parques visitados mais citados foram Parque Pedra da Cebola, em Mata da Praia e o Parque da Vale, em Jardim Camburi, e outros menos mencionados como Parque da Fazendinha, Parque Moscoso, Gruta da Onça, Praça dos Namorados, Calçadão da Praia de Camburi e outros. O que os atrai ao primeiro é a presença dos animais (patos, galinhas e pavões), da natureza, ser seguro, ter bastante espaço livre: *“É maior que o Parque da Cidade e tem animais”* (ENT.7,

grupo 1 - Estudantes)¹⁰²; “[...] *mais uma opção para passear*” (ENT.23, grupo 4 - Polifuncional). O Parque da Vale foi destacado em função da beleza, do verde, do cuidado com a manutenção e principalmente, pela variedade dos brinquedos, sombra farta no playground e programação de atividades e eventos frequentes, características evidenciadas por alguns dos integrantes do grupo da At. Passiva.

Um dos 3 entrevistados que justifica a visita a outros parques em função da segurança destaca a necessidade de melhoria desse item no Parque da Cidade e considera a presença da Guarda de Trânsito ruim já que não traz nenhuma segurança. O mesmo menciona a segurança como palavra-chave e diz: “*Teoricamente, temos aqui né*” (ENT.11, grupo 4 - Polifuncional).

A maioria dos que informaram não frequentarem outros parques, justificam que o Parque da Cidade é mais perto e atende suas necessidades. Outros motivos relatados foram: falta de tempo e oportunidade. Alguns valorizam a qualidade do espaço: “*Não achei parque melhor que esse*” (ENT.11); e outros a presença do equipamento esportivo (pista): “*Eu prefiro aqui, venho para caminhar somente*” (ENT.29, grupo 2 – At. Física).

Esta comparação com outros ELPs tem a função de evidenciar aspectos não mencionados no decorrer da entrevista. O conhecimento dos motivos de uso e não uso de outros espaços apontados contribuiu na identificação dos aspectos positivos e negativos do Parque da Cidade e corroborou para evidenciar o seu uso como parque de bairro.

Assim, após a análise do parque quanto a usos, motivos, preferências, avaliações, demandas, percepções de mudanças, sensações vivenciadas, dentre outras comentadas neste capítulo, passa-se para o próximo capítulo, que traz as considerações finais e perspectiva de continuidade de pesquisas futuras.

¹⁰² Apesar do Parque da Cidade ser maior (115 mil m²) que o da Pedra da Cebola (com 100 mil m²), uma parte considerável do seu terreno é ocupado pela Área de Preservação Ambiental, o que dá a impressão de ser menor.

CAPÍTULO 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel do parque contemporâneo é justamente o de desempenhar diversas funções, ou seja, mesclar usos e atividades variadas, que contemple não só equipamentos e instalações destinadas ao esporte, ao uso recreativo, mas também inclua em suas pautas programas educativos, culturais e lúdicos, diversificando os usuários e ampliando os horários de uso, e contribuindo, desta forma, para a vitalidade urbana. O parque enquanto espaço verde de lazer nas cidades, cada vez mais densas e ocupadas, torna-se um elemento indispensável à medida que contribui para o bem-estar, a saúde física, mental e social dos indivíduos, e consequentemente na melhoria da qualidade de vida da população.

Neste capítulo de finalização, cabe voltar ao início e registrar a motivação principal que instigou essa pesquisa: a inquietação em torno do uso x desuso dos espaços públicos nas cidades. Ao me deparar com um parque na cidade de Serra/ ES, na minha visão, aparentemente “sem vida”, me surpreendi inicialmente com a vitalidade deste espaço o que levou à busca por melhor compreendê-lo.

Entender como o Parque da Cidade vem sendo utilizado, quais as atividades desenvolvidas, quem são seus usuários, quais os seus espaços mais frequentados e quais os horários mais utilizados passou a fazer parte dos objetivos desta pesquisa. Contudo, percebeu-se que a “voz” dos seus frequentadores precisava ser considerada. O conhecimento das preferências, expectativas, demandas, sensações e percepções envolvidas na interação entre eles e o ambiente é fundamental para o entendimento mútuo de como este espaço é apropriado e é percebido por quem o usufrui.

Assim, foi traçado como objetivo desta dissertação compreender o papel do parque urbano contemporâneo através de um estudo de caso – o Parque da Cidade, e para tal, em primeiro lugar, realizou-se uma revisão da literatura trazendo à discussão teorias e conceitos defendidos pelos autores sobre as temáticas: espaços livres públicos, parques urbanos, e usos e desusos.

Sobre os espaços públicos abordou-se seus conceitos e tipologias; sobre parques urbanos, uma abordagem mais ampla compreendeu a origem e evolução histórica dos parques internacionais e nacionais, os parques contemporâneos, seus conceitos

e tipologias, um breve panorama dos parques do Estado do Espírito Santo (da sua capital); e finalmente quanto aos usos e desusos dos ELPs e mais especificamente dos parques urbanos, foram trazidos à luz das discussões fases de declínio de uso e renascimento, fatos identificados no histórico de parques como potenciais influenciadores de uso, além de questões relacionadas à diretrizes de projeto que visavam reverter este quadro de desuso.

O uso ou desuso de um determinado espaço está diretamente relacionado com o contexto socioeconômico daquele lugar e época na história, a qualidade do espaço, o atendimento das necessidades dos potenciais usuários, ou seja, uma série de fatores condicionam a sua utilização. A revisão da literatura permitiu identificar momentos de declínio de uso e de renascimento dos ELPs, e mais especificamente dos parques urbanos, assim como fatos ao longo da história de parques que afetaram seu uso e recomendações de projetos formulados a partir do desuso destes espaços. O conhecimento destas questões trouxe importantes contribuições para o entendimento da situação de uso do parque urbano em geral.

O contexto local em que o Parque está inserido foi abordado num segundo momento. Em etapa inicial, foi realizada uma contextualização histórica, econômica e social do desenvolvimento do Espírito Santo e do Município da Serra e posteriormente, uma caracterização física, ambiental e dos ELPs do Município da Serra até se chegar ao Parque da Cidade, abordando aspectos relacionados à sua localização e características física-urbanísticas do contexto urbano em que está inserido.

Em um terceiro momento, foram apresentados os procedimentos metodológicos utilizados na coleta de dados em campo e análise dos mesmos. Em seguida (em quarto momento), foi realizado o levantamento dos dados do Parque quanto ao histórico de transformações desde a sua concepção até os dias atuais, a caracterização do seu entorno imediato, uma descrição da sua estrutura física e aspectos operacionais; e finalmente, em um quinto momento, a análise dos resultados de campo foi efetuada, compreendendo o entendimento de uso do Parque e as percepções dos usuários.

A análise de uso do Parque demonstrou uma vitalidade e intensidade de uso que não acontece o tempo inteiro, mas em dias e horários específicos. Em dias de semana, o esporte (caminhada, corrida, ginástica e jogos com bola) se destaca ocorrendo com maior intensidade de manhã e aos finais de tarde/ noite, neste período outros usos como brincadeiras no playground, skate e patins na alameda e passeios também se desenvolvem em conjunto com atividades esportivas. Nos finais de semana há maior variedade de atividades (passeios, conversação, brincadeiras, jogos com bola, skate/ patins, piqueniques), com maior intensidade de uso durante as tardes, e o esporte ainda presente acontece com menor intensidade. O período da tarde de dia de semana é o que apresentou baixo uso em comparação com os demais, o que pode ser justificado pela menor disponibilidade das pessoas em função do horário e/ ou maior incidência solar tendo em vista a carência de sombra no Parque (inferior a 10 % da sua área útil, muito aquém do que a literatura identifica como ideal).

Quanto ao perfil dos usuários, alguns pontos merecem destaque: os homens prevalecem em muitas atividades no Parque, principalmente nas práticas esportivas (com exceção da ginástica realizada durante a semana), e as mulheres se destacam na conversação (particularmente nos finais de semana). A faixa etária predominante é de adultos, contudo os jovens se sobressaíram nas quadras. Diferenças de gênero e de faixa etária puderam ser identificadas nos mapeamentos, contudo merecem uma investigação mais detalhada em pesquisas futuras, ao relacionar variáveis (idade, gênero, atividade), por exemplo.

Retomando os questionamentos iniciais da pesquisa, este parque demonstrou assumir múltiplos papéis e finalidades, atendendo a diferentes perfis de usuários. É um espaço destinado ao esporte para aqueles que só o utilizam para esta finalidade; mas também, para outros, é um espaço que agrega ambas finalidades: fazem exercício e em outras ocasiões, curtem momentos de lazer com família, amigos e filhos, estes dois tipos de usuários, no geral, se beneficiam da proximidade do Parque, permitindo utilizá-lo com maior frequência. É também um espaço de uso exclusivo para o lazer para alguns, sendo utilizado tanto em atitudes contemplativas (contemplar, descansar, conversar) quanto recreativas (brincar, skate, patins); e

além disso é um espaço destinado a encontros entre amigos (grupos da escola, da música, da igreja) ou casais.

Se configura como um parque de bairro pois atrai pessoas das redondezas que o utilizam seja para praticar atividade física, antes ou depois do trabalho, seja para levar crianças para brincar ou andar de patins/ bicicleta ao fim do dia ou final de semana, em atitudes cotidianas (do dia a dia), que o fazem em função da proximidade de suas casas, assumindo por vezes papéis similares ao das praças. O Parque também desempenha funções características de parques metropolitanos ao atrair um público mais distante que usufrui do espaço em momentos de lazer nos finais de semana, geralmente com família, amigos, grupos específicos, dentre outros. Destacando-se também como atividades desempenhadas nestes dias os piqueniques e recentemente, de forma mais evidente, os aniversários realizados no Parque, talvez em função da conjuntura socioeconômica atual, valendo-se de opções mais econômicas para festividades e entretenimento.

Além da convivência observada nos passeios em família e amigos, conversações, pais e filhos nos finais de semana, piqueniques e outros, essa interação social acontece em outras situações. O parque desempenha um forte poder de coesão social identificado entre diferentes grupos de usuários e faixas etárias: jovens e adultos que jogam bola nas quadras que em função do esporte e da amizade se encontram regularmente (grupos da igreja, do trabalho, vizinhos, ou que se conheceram jogando e se organizaram para jogar de forma frequente, vindo de diversas localidades, algumas mais distantes); estudantes durante os passeios, bate-papo e namoros pós-aulas; e alunas das aulas de ginástica em função do vínculo de amizade que se estendeu além Parque.

O contato com a natureza e a tranquilidade do espaço são os elementos mais valorizados nas entrevistas, responsáveis pela atratividade do espaço. O contato com as pessoas e a proximidade do Parque também se mostraram relevantes. Além disso, a presença dos equipamentos esportivos, em especial a pista de caminhada, muito valorizada, contribui por reforçar a intensidade de uso do Parque. Salienta-se a importância deste equipamento tendo em vista a sua carência no Município da Serra.

Embora a natureza/ presença do verde tenha um papel de destaque no Parque, sendo o item mais valorizado pelos entrevistados, problemas identificados relacionados à locação inadequada, definições de espécies e composições paisagísticas que dificultam a integração tanto física quanto visual dos ambientes merecem atenção. Além disso, a falta de sombra (também bastante evidenciada nas entrevistas), mostrou-se como um dos aspectos negativos no Parque. Sobre esta questão, a divergência presente entre o que foi projetado e o que foi executado denuncia falhas na quantidade e locação das espécies, ressaltando-se aí a importância do respeito ao projeto e valorização do paisagismo neste tipo de ambiente.

Destaca-se a insatisfação generalizada com as edificações de apoio e a carência de serviços que poderiam potencializar o uso, ampliando os horários de frequência e proporcionando a melhora da qualidade do lazer à população, como serviços de alimentação e programação de atividades diversas, demandas muito destacadas pelos entrevistados. O que demonstra que só a estrutura física não é suficiente para o bom uso de um parque: programas e ações que envolvam as comunidades propiciando atividades diversas são enriquecedoras e devem ser consideradas nestes espaços.

A segurança no Parque se mostrou como um dos aspectos mais desfavoráveis que merecem atenção nas políticas públicas. Entretanto, foi percebido que este não chega a ser um impedimento de uso já que mesmo se sentindo inseguros em função da deficiência efetiva da vigilância, outros fatores como maior movimentação de usuários em determinados horários, estar em grupos, ou mesmo a presença da guarda de trânsito, parecem contribuir para que os usuários se sintam um pouco menos inseguros, tendo em vista que a tranquilidade do espaço foi bastante evidenciada nas entrevistas. Talvez, também, a maior insegurança presente nos demais espaços públicos do Município, a qualidade destes espaços e a pouca atenção dada a eles (manutenção, limpeza, reparos) contribua para que o Parque comparativamente aos demais espaços, seja a melhor escolha.

A presença dos usos institucionais, especialmente da Guarda de Trânsito, recentemente instalados no Parque foi vista como positiva pela maioria dos entrevistados, sendo associada à maior percepção de segurança. Entretanto, outros

fatores (como exemplo, o fechamento de um dos acessos utilizado como rota de fuga), podem ter colaborado para a redução efetiva de ocorrências no Parque, interferindo na percepção dos usuários. Este fato sinaliza a necessidade de uma investigação mais detalhada sobre esta questão, indicando possíveis estudos a serem conduzidos nesta área, valendo-se de dados quantitativos como registro de ocorrências e delitos.

Sobre a possibilidade de viabilizar os usos previstos no projeto (café, floricultura, centro de educação ambiental e livraria), a prevalência das respostas a favor destes usos sobre os institucionais denota a preferência por atividades de suporte ao lazer, cultura e educação, conciliados com as características e funções de um parque.

Analizando as entrevistas, não foi encontrada associação entre maior utilização do Parque e percepção de mudanças com as ações de Revitalização (usos institucionais, eventos e incremento na manutenção) promovidas no Parque. A hipótese inicial de que essas ações seriam vistas pelos usuários como incentivadoras de maior uso, não se confirma, dado os motivos pessoais relatados e a percepção de mudanças variadas tanto boas como ruins. As iniciativas promovidas pela municipalidade podem ter impactando no uso, contudo estas não foram percebidas pelos usuários.

É importante destacar que o maior uso do Parque, identificado durante a pesquisa exploratória (ocorrida em 2016) em contraponto ao período de março/ 2017, muito provavelmente foi afetada pela crise de insegurança e surto de febre-amarela no Estado do Espírito Santo.

A integração das técnicas (observações e entrevistas) e métodos (quantitativo e qualitativo) utilizados foi fundamental para o processo de entendimento do uso e percepção. O encantamento e as descobertas propiciadas nas investigações das relações ambiente–comportamento foram enriquecedoras no processo de aprendizado, e amadurecimento enquanto pesquisadora e arquiteta que trabalha na PMS, além de ex-moradora do município e usuária de espaços públicos.

A análise no Parque da Cidade identificou problemáticas, demandas e carências que podem dar embasamento a projetos futuros de requalificação do espaço e a novos

espaços de lazer no Município, salientando-se aí a importância da inserção da população nas discussões de planejamento e projeto desses espaços.

Esta pesquisa permitiu também uma maior compreensão dos significados e dos diversos papéis que os parques desempenham em uma cidade: entendimento este importante para o desenvolvimento de uma política de planejamento urbano que considere intervenções sustentáveis nos ELPs, com foco nas necessidades dos usuários.

Outra possível contribuição desta pesquisa está relacionada à gestão dos espaços livres públicos. Torna-se cada vez mais comum a gestão de parques públicos por meio de concessões através de parcerias público privadas (PPPs). Dois exemplos de espaços públicos de sucesso que adotaram as PPPs, já comentados nesta dissertação, são o Bryant Park, em Nova York e a Praça Victor Civita, em São Paulo, que através da viabilização de atividades diversas como shows, eventos musicais e artísticos, atividades físicas regulares, dentre outros, incrementam o uso de diferentes perfis de usuários, trazendo maior dinamismo a estes espaços. Neste sentido, esta dissertação, ao tratar do uso e percepção dos frequentadores do Parque da Cidade, suas demandas e as deficiências no espaço, pode servir como instrumento para embasar monitoramento, controle e fiscalização dos serviços ofertados por eventual parceria, nos moldes dos parques citados, para a gestão do Parque da Cidade.

A Serra, com a sua grande extensão e potencial natural propício ao lazer e esporte, não dispõe de muitos espaços estruturados, acessíveis ao público e qualificados que estimulem essas atividades. Os parques enquanto lugares de uso comum podem propiciar múltiplas funções e daí a importância de se conhecer e qualificar o Parque da Cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEX, S. **Projeto da Praça**: convívio e exclusão no espaço público. 2. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

ALMEIDA, G. Frequentadores reclamam de assaltos no Parque da Cidade. **Tempo Novo**, Serra, p.14, 1-8 abr. 2016.

ALVES, M. R. da S.; LOPES; W. G. R.; SOUSA, G. de B. Apropriação pelos usuários de espaços públicos em bairros da zona sul da cidade de Teresina/ PI. 2004. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL, 7., 2004, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://143.107.16.5/depprojeto/gdpa/enepea/1/026b.pdf>>. Acesso em: 22 mai. 2016.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. **Usos e abusos dos estudos de caso**. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez. 2006.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

ANDRADE, L. T., JAYME, J. G., ALMEIDA, R. C. Espaços públicos: novas sociabilidades, novos controles. **Cadernos Metrópole**. São Paulo, v. 21, n. 1, 2009, p. 131-153.

ARAÚJO, J. G.; CASER, K. Diretrizes de Projeto para Parques de Vitória – E.S. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL, 11., 2012, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2012.

ARENDT, J. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

A ORIGEM DO CAOS no Espírito Santo. **Pragmatismo político**, 07 fev. 2017. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/02/origem-caos-espirito-santo.html>>. Acesso em: 12 mai. 2017.

BAHIANA, J. R. et al. Espaços Livres, Forma Urbana e Transformação da Paisagem Análise Tipo-Morfológica em Vargem Grande, Rio de Janeiro/ RJ. In: **X Colóquio QUAPÁ-SEL**, 2015, Brasília, DF. Anais do X Colóquio QUAPÁ-SEL. São Paulo: FAU USP, 2015. v. 1. p. 1-39.

BARAN, P. K. et al. Park Use Among Youth and Adults: Examination of Individual, Social, and Urban Form Factors. **Environment and Behavior** XX (X) 1-33. North Carolina State University, Raleigh. 2012.

BARBOSA, P. I. G. **Centralidade Embrionária**. O bairro Laranjeiras como uma das cristalizações do processo de Descentralização Comercial da Metrópole Capixaba. 2009. 212 f. Monografia (Graduação em Geografia) – Departamento de Geografia,

Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

BARROS, L. X. **Espaço público, entorno e usuário**. A qualidade da relação observada no Parque da Luz, em Florianópolis. 234f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

BASSO, J. M. **Investigação de fatores que afetam o desempenho e a apropriação de espaços abertos públicos**: o caso de Campo Grande – MS. 2001. 227f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 3.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

BEDIMO-RUNG, A. L.; MOWEN, A. J.; COHEN, D. A. The Significance of Parks to Physical Activity and Public Health. **American Journal of Preventive Medicine**, v. 28, n. 2S2, 2005, p. 159-167.

BERTRAM C. et al. Di Differences in the recreational value of urban parks between weekdays and weekends: A discrete choice analysis. **Landscape and Urban Planning**, v. 159, mar. 2017, p. 5–14.

BITTENCOURT, G. A. de M. **História geral e econômica do Espírito Santo**: Do engenho colonial ao complexo fabril – portuário. Vitória: Multiplicidade, 2006.

BORGES, C. J. **História da Serra**. 3. ed. Serra: Editora CTC, 2009.

BORGES, J. Exército começa a atuar no ES após dia de caos, violência e medo. **Gazeta on line**, Vitória, 06 fev. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2017/02/exercito-comeca-atuar-no-es-apos-dia-de-caos-violencia-e-medo.html>>. Acesso em: 12 mai. 2017.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>.

CAMPOS JÚNIOR, C. T. de. **Espaço Urbano, Habitação e Uso do Solo - Diagnóstico**. Planejamento Estratégico Agenda 21 – 2007/2027. Prefeitura Municipal da Serra, 2008.

CARNEIRO, A. R. S.; MESQUITA, L. de B. **Espaços Livres do Recife**. Recife: Prefeitura da cidade do Recife/ Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

CARR, S.; FRANCIS, M.; RIVLIN, L. G.; STONE, A. M. **Public Space**. New York: Cambridge University Press, 1992.

CARVALHO, M. S. de. **Os parques naturais municipais da ilha de Vitória (es) no contexto das áreas verdes urbanas**: um olhar biogeográfico pelo viés da ecologia da paisagem. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação de Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

CAVALCANTE (Org), S.; ELALI, G. A. (Org). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

CAVALCANTI, I. B. Espaços Livres do Recife: espaços Informais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL, 5., 2000. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: FAU/ UFRJ, 2000.

CAVALHEIRO, F.; DEL PICCHIA, P.C.D. Áreas verdes: conceitos, objetivos e diretrizes para o planejamento. In: CONGRESSO BRASILEIRO SOBRE ARBORIZAÇÃO URBANA E 4º ENCONTRO NACIONAL SOBRE ARBORIZAÇÃO URBANA, 1., 1992, Vitória. **Anais eletrônicos...** Disponível em: < http://www.labs.ufpr.br/site/wp-content/uploads/2014/07/cavalheiro_anaisdecongressos_cbau_1992.pdf>. Acesso em: 5 mai. 2016.

CHAGAS, R. Terceira vítima reconhece suspeito de estupro em parque na Serra, ES. **Gazeta online**, Vitória, 16 abr. 2015. Disponível em: < <http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2015/04/terceira-vitima-reconhece-suspeito-de-estupro-em-parque-na-serra-es.html>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

CHIESURA, A. The role of urban parks for the sustainable city. **Landscape and Urban Planning**, 68, p. 129-138, 2004.

COHEN, D. A. et al. Contribution of Public Parks to Physical Activity. **American Journal of Public Health**, v. 97, n. 3, 2007, p. 509-514.

COHEN, D. A. et al. Parks and physical activity: Why are some parks used more than others? **Preventive Medicine**, v. 50, 2010, p. 9-12.

COOPER-MARCUS, C.; FRANCIS, C. **People Places**: design guidelines for urban open space. New York: Van Nostrand Reinhold, 1990.

CRANZ, G. Changing roles of urban parks: from pleasure garden to open space. **SPUR** newsletter calendar, report 386, June 2000. Disponível em: <<http://www.spur.org/publications/urbanist.../changing-roles-urban-parks>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

CRESWELL, J. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRISE NO ES chega ao 6º dia com população evitando sair às ruas. **Exame.com**, 09 fev. 2017. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/crise-no-es-chega-ao-6o-dia-com-populacao-evitando-sair-as-ruas/>>. Acesso em: 12 mai. 2017.

CUSTÓDIO, V. et al. Espaços públicos nas cidades brasileiras. **Revista Geográfica de América Central**. Costa Rica, Número Especial EGAL, p. 1-31, set. 2011.

DAEMON, B. C. **Província do Espírito Santo**: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística. 2. ed. Vitória: Secretaria de Estado da Cultura, Arquivo Público Estadual, 2010.

DINIZ, S.; MONTEIRO, M.; PECINI, L. Academia popular e Centro de Vivência no Horto de Maruípe. **Vitória on line**, Prefeitura de Vitória. 30 abr. 2008. Disponível em:

<<http://legado.vitoria.es.gov.br/diario/2008/0430/Oshorto.asp>>. Acesso em: 17 out. 2017.

ELALI, G. A. A área das relações pessoa-ambiente e algumas das suas contribuições para a APO. In: ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 12., 2008, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://projedata.grupoprojetar.ufrn.br/dspace/bitstream/123456789/891/1/Artigo%20XII%20ENTAC%202008_ELALI_Gleice.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2016.

ELALI, G. A. **Avaliação pós-ocupação e responsabilidade social:** uma relação a ser (re) discutida. *Gestão & Tecnologia de Projetos*, v. 5. N. 2, p. 3-17, 2010.

ELALI, G. A. Psicologia e Arquitetura: em busca do locus interdisciplinar. **Estudos da Psicologia**, Natal, v. 2, n. 2, p. 349- 362, 1997.

ELALI, G. A. Relações entre comportamento humano e ambiências: uma reflexão com base na Psicologia Ambiental. In: **Colóquio Internacional Ambiências compartilhadas:** cultura, corpo e linguagem / Ambiences em partage: culture, corps et language, 2009, Rio de Janeiro, RJ. *Anais do Colóquio Internacional Ambiências Compartilhadas*. Rio de Janeiro: ProArq - UFRJ, 2009. v. 1. p. 1-17.

ELALI, G. A. Uma contribuição da Psicologia ambiental à discussão dos aspectos comportamentais na Avaliação Pós-ocupação. **Pós-Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU/ USP**, v. 20, p. 158-169, 2006.

ESCADA, M. I. S. **Utilização de técnicas de sensoriamento remoto para o planejamento de espaços livres urbanos de uso coletivo.** 1992. 122f. Dissertação (Mestrado em Sensoriamento Remoto) – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, Secretaria de Ciência e Tecnologia, São José dos Campos, 1992.

EVENSON, K. R. et al. Park characteristics, use, and physical activity: a review of studies using SOPARC (System for Observing Play and Recreation in Communities). **Preventive Medicine**, n. 86, 2016, p. 153-166.

FERMINO, R. et al. Who are the users of Urban Parks? A Study with adults from Curitiba, Brazil. **Journal of Physical Activity and Health**, v. 12, n. 1, 2015, p. 58-67.

FERNANDES, A. C. T. D. **Metodologias de Avaliação da Qualidade dos Espaços Públicos.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura Paisagística) – Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2012.

FIOROTTI, A. **Indústria, conjuntos habitacionais e assentamentos precários:** o distrito de Carapina, Município da Serra (ES) de 1966 a 1995. 2014. 213f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-graduação de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

FLOYD, M. F. et al. Park-Based Physical Activity Among Children and Adolescents. **American Journal of Preventive Medicine**, v. 41, n. 3, 2011, p. 258-265.

FONTES, N.; SHIMBO, I. Análise de indicadores para gestão e planejamento de espaços livres públicos de lazer: município de Jaboticabal. In: ENCONTRO

NACIONAL DA ANPUR, 10., 2003, Belo Horizonte. Anais eletrônicos... Disponível em:
<<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/viewFile/2558/2500>>. Acesso em: 02 set. 2016.

FORSYTH, A.; MUSACCHIO, L. R. **Designing small parks**: a manual for addressing social and ecological concerns. New York: John Wiley & Sons, 2005.

FRANCIS, M. **A case study method for landscape architecture**. Landscape Journal, v. 20, n. 1, 2001, p. 15-29.

FRANCIS, M. **Urban Open Space**: designing for user needs. Washington: Island Press/ Landscape Architectural Foundation, 2003.

FREIRE, A. L. O.; SARTÓRIO, F. D. V. Urbanização e Lazer: aspectos do processo histórico da criação de espaços públicos em Vitória (ES). **Geografares**, jan.-jul. 2015, p. 42-57.

GARVIN, A. **Public parks**: the key to livable communities. New York/ London: W.W. Norton & Company, 2011.

GEHL, J. **Cidade para Pessoas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. **Life between buildings**: using public space. Washington: Island Press, 2011.

GEHL, J.; GEMZOE, L. **Novos espaços urbanos**. Barcelona: Editora Gustavo Gilli S.A., 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. 6ª edição. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, P. C. da C. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GOLD, S. Nonuse of Neighborhood parks. **American Institute of Planners Journal**, v.38, issue 6, 1972, p. 369-378.

GOLICNIK, R.; THOMPSON C.W. Emerging relationships between design and use of urban parks spaces. **Landscape and Urban Planning**, n. 94, p. 38-53, 2010.

GONÇALVES, T. M. **A dinâmica do espaço urbano**: um estudo sobre o bairro Parque Residencial Laranjeiras, Serra – ES. 2007. 102 f. Monografia (Graduação em Geografia) – Departamento de Geografia, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

_____. **Novas estratégias da produção imobiliária na Grande Vitória**: um estudo sobre as recentes transformações do espaço urbano de Serra - ES. 2010. 177 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

GROAT, L.; WANG, D. **Architectural Research Methods**. 2nd. ed. Hoboken: John Wiley & Sons, 2013.

GUERALDI, A. C. F.; LUTZ, P. Novas perspectivas para o espaço público em São Paulo – movimentos sociais, poder público e transformações recentes. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DO ESPAÇO PÚBLICO, 11., 2015, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.pucrs.br/eventos/espacospublicos/downloads/180_C.pdf>. Acesso em: 20 set. 2016.

GÜNTHER, H. Como elaborar um questionário. **Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais**, n. 1. Brasília, DF: UNB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2003. Disponível em: < <http://www.psi-ambiental.net/XTextos/01Questionario.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

GÜNTHER, H.; ELALI, G. A.; PINHEIRO, J. Q. A abordagem multimétodos em Estudos Pessoa-Ambiente: características, definições e implicações. **Série: Textos de Psicologia Ambiental**, n. 23. Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2004. Disponível em: <<http://www.psi-ambiental.net/XTextos/20MultiMetodo.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

HARDING, S. Towards a Renaissance in Urban Parks. **Cultural Trends**, v.9, n. 35, p. 1-20, 1999.

HIJIOKA, A. et al. Espaços livres e espacialidades da esfera de vida pública: uma proposição conceitual para o estudo de sistemas de espaços livres urbanos no país. **Paisagem Ambiente: ensaios**. São Paulo, n. 23 - p. 116 – 123, 2007.

HINO, A. A. F. et al. Using Observational Methods to Evaluate Public Open Spaces and Physical Activity in Brazil. **Journal of Physical Activity and Health**, v. 7, n. 2, 2010, p. 146-154.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

LIBERALINO, C. C. **Praça: Lugar de Lazer**. Relações entre características ambientais e comportamentais na Praça Kalina Maia – Natal RN. 2011. 131f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

KACZYNSKI, A. T.; POTWARKA, L. R.; SAELENS, B. E. Association of Park Size, Distance, and Features with physical activity in neighborhood parks. **American Journal of Public Health**, v. 98, n. 8, p. 1451-1456, 2008.

KRENICHYN, K. 'The only place to go and be in the city': women talk about exercise, being outdoors, and the meanings of a large urban park. **Health & Place**, v. 12, p. 631- 643, 2006.

KRENICHYN, K. Women and physical activity in an urban park: Enrichment and support through an ethic of care. **Journal of Environmental Psychology**, v. 24, p. 117-130, 2004.

KORPELA, K. M. et al. Favorite green, waterside and urban environments, restorative experiences and perceived health in Finland. **Health Promotion International**, v. 25, n. 2, p. 200-209, 2010.

LERNER, J. **Contribuições ao Desenvolvimento Sustentável do Município de Serra**. Relatório 4 – Parte 01. Curitiba, 2010. Disponibilizado pela Prefeitura Municipal da Serra.

LOW, S. M.; TAPLIN, D.; SCHELD, S. **Rethinking Urban Parks: Public Space and Cultural Diversity**. Austin: The University of Texas Press, 2005.

MACEDO, J.; HADDAD, M. A. Equitable distribution of open space: Using spatial analysis to evaluate urban parks in Curitiba, Brazil. **Environment and Planning B: Urban Analytics and City Science**, v. 43, n. 6, 2015, p. 1096 – 1117.

MACEDO, S. S. Espaços livres. **Paisagem Ambiente: ensaios**, São Paulo, n.7, p. 15-56, jun. 1995

_____. **Paisagismo brasileiro na virada do século: 1990-2010**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

_____. **Quadro do paisagismo no Brasil: 1783-2000**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

MACEDO, S. S.; SAKATA, F. G. **Parques urbanos no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

MACCORMACK, G. R. et al. Characteristics of urban parks associated with park use and physical activity: a review of qualitative research. **Health & Place**, n.16, 2010, p. 712-726.

MCKENZIE, T. L. et al. System for Observing Play and Recreation in Communities (SOPARC): Reliability and Feasibility Measures. **Journal Physicology Act Health**, v. 3, n.1, p. 208-222.

MAGNOLI, M. M. Espaço livre: objeto de trabalho. **Paisagem Ambiente: ensaios**, São Paulo, n.21, p. 175-198, 2006.

_____. O parque no desenho urbano. **Paisagem Ambiente: ensaios**, São Paulo, n.21, p. 199-213, 2006.

MALTA, D. C. et al. Padrão de atividade física em adultos brasileiros: resultados de um inquérito por entrevistas telefônicas, 2006. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 18, p. 7-16, 2009.

MARINS, P. C. G. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: NOVAES, F. (Coord.), SEVCENKO, N. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1998. v. 3, p. 131-214.

MASCARÓ, J. L. (Org.). **Infra-estrutura da Paisagem**. Porto Alegre: Masquatro Editora, 2008.

MEKARI, D. Um parque educador para São Paulo. **Portal do Aprendiz**, 30 jun. 2016. Disponível em: <<http://portal.aprendiz.uol.com.br/2016/06/30/um-parque-educador-para-sao-paulo/>>. Acesso em: 02 dez. 2016.

MENDONÇA, E. M. S. Apropriações dos espaços públicos: alguns conceitos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p. 296-306, ago. 2007.

MIRANDA, M. M. S. **O papel dos parques urbanos no sistema de espaços livres de Porto Alegre/ RS: uso, forma e apropriação**. 2014. 425f. Tese (Doutorado em Ciências em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Rio de Janeiro, 2014.

MUNIZ, M. I. P. **Parque Moscoso**: documento de vida. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1985.

OLIVEIRA, D. S. **Acessibilidade e interação social**: comportamento social em face de problemas de mobilidade no Parque Ecológico da Pampulha. 2013. 192f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

OLIVEIRA, G. F. de. Risco Cardiovascular de usuários ativos, insuficientemente ativos e inativos de parques públicos. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, v.10, n.2, p. 170-175, 2008.

OLIVEIRA, J. T. de. **História do Estado do Espírito Santo**. 3. Ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Secretaria de Estado do Espírito Santo, 2008.

OLIVEIRA, L. A.; MASCARÓ, J. J. Análise da qualidade de vida urbana sob a ótica dos espaços públicos de lazer. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 59-69, abr./jun. 2007.

OMS CONSIDERA TODO O ES como área de risco para febre amarela. **Gazeta online**, Vitória, 08 mar. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/espirito-santo/noticia/2017/03/oms-considera-todo-o-es-como-area-de-risco-para-febre-amarela.html>>. Acesso: 12 mai. 2017.

PANZINI, F. **Projetar a natureza**: arquitetura da paisagem e dos jardins desde as origens até a época contemporânea. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2013.

PARQUE DO JACARÉ NA SERRA. **Tribuna**, Vitória, 10 out. 2008. Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20161003_aj16195_bairro_novohorizonte_serra.pdf>. Acesso: 10 out. 2017.

PARQUE URBANO. Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <www.ambiente.sp.gov.br/ambiente/parques-e-unidades-de-conservacao/parque-urbano>. Acesso em: 2 jun. 2016.

PARRA, D. C. et al. Assessing Physical Activity in Public Parks in Brazil Using Systematic Observation. **American Journal of Public Health**, v. 100, n. 8, p. 1420-1426, aug. 2010.

PERIM, P. C. **Esporte e Cultura na Serra - Diagnóstico**. Agenda do Futuro 2012 – 2032. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 2012.

PETROSKI, E. L. et al. Estágios de Mudança de comportamento e percepção positiva do ambiente para atividade física em usuários de parque urbano. **Motricidade**. Fundação Técnica e Desportiva do Desporto. v. 5 (2), p. 17-31. 2009.

PPS – Project for Public Spaces. **How to Turn a Place Around: a handbook to creating successful public spaces**. New York: PPS Inc. 2005.

QUEIROZ, V. M. **Acessibilidade para pessoas com deficiência visual**: uma análise de parques urbanos. 2014. 446f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

REIS, A. T. da L.; LAY, M. C. D. **Avaliação da qualidade de projetos**: uma abordagem perceptiva e cognitiva. *Ambiente Construído*, Porto Alegre, v. 6, n. 3, p. 21-34, jul./set., 2006.

RHEINGANTZ, P. et al. **Observando a qualidade do lugar**: procedimentos para avaliação pós- ocupação. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pós-Graduação em Arquitetura, 2009.

RHEINGANTZ P. A.; PEDRO, R. M. L. R. A atuação do observador-pesquisador na avaliação habitacional. In: VILLA, S. B. (Org.); ORNSTEIN, S. W. (Org.). **Qualidade ambiental na habitação**: avaliação pós-ocupação. São Paulo: Oficina de Textos, 2013, v. 1, p. 53-74.

RITCHER, E. M. **Percepção Ambiental do Parque urbano integrado Elso Pilau, Município de Giruá – RS**. 2008. 1021f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação da Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

ROBBA, F.; MACEDO, S. S. **Praças brasileiras**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

RYAN, R. M. et al. Vitalizing effects of being outdoors and in nature. **Journal of Environmental Psychology**, v. 30, n. 2, p. 159-168, 2010.

SAKATA, F. G. O PARQUE URBANO BRASILEIRO DO SÉCULO XXI. **Periódico Técnico e Científico Cidades Verdes**, [S.l.], v. 3, n. 7, ago. 2015. Disponível em: <https://www.amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/cidades_verdes/article/view/973>. Acesso em: 03 Mar. 2017.

SANTANA, T. C. **Uma reflexão sobre a vitalidade urbana das praças de Natal/RN**. 2015. 305 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

SCALISE, W. Parques urbanos: evolução, projeto, funções e uso. **Assentamentos Humanos**, Marília, v. 4, n. 1, p. 17 – 24, 2002. Disponível em: <http://www.unimar.br/feat/assent_humano4/parques.htm>. Acesso em: 02 jun. 2016.

SCHLEE, M. B. et al. Sistemas de espaços livres nas cidades brasileiras – um debate conceitual. **Paisagem Ambiente: ensaios**, São Paulo, n. 26, p. 225-247, 2009.

SCOCUGLIA, J. B. C. O Parc de La Tête d'Or: patrimônio, referência espacial e lugar de sociabilidade. **Arquitextos**, São Paulo, ano 10, n. 113.03, Vitruvius, out. 2009. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10,113/20>>. Acesso em: 02 jul. 2016.

SEGAWA, H. **Ao amor do público**: jardins no Brasil. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, 1996.

SERPA, A. Parque público e valorização imobiliária nas cidades contemporâneas: tendências recentes na França e no Brasil. In: X ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR: ENCRUZILHADAS DO PLANEJAMENTO – REPENSANDO TEORIAS E PRÁTICAS. 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ANPUR/UFMG, 2003.

SHERER, P. M. **The benefits of parks: why America needs more city parks and open space**. The Trust for Public Land. White Paper (2006). Disponível em: http://www.eastshorepark.org/benefits_of_parks%20tpl.pdf Acessado em 25 mai. 2016.

SERRA, Prefeitura Municipal da. **Agenda Serra 21**: plano estratégico da Cidade 2007 - 2027. Serra: Prefeitura Municipal da Serra, 2008. 167 p.

_____. **Lei 3.820, atualizada pela Lei 4.459/2016, de 11 de janeiro de 2012**. Dispõe sobre a organização do espaço territorial do Município da Serra, conforme determina o disposto no art. 182, da constituição federal, e os arts. 39 40, 41, 42 do estatuto da cidade - lei nº 10.257, de 2001. Serra, 2012. Disponível em: <<http://legis.serra.es.gov.br/normas/images/leis/html/L38202012.html>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

_____. **Lei n. 4.140, de 27 de janeiro de 2014**. Dispõe sobre a criação do Conselho Gestor do Parque da Cidade, conforme estabelece a Lei Municipal n. 3.943, de 12 de setembro de 2012. Serra, 2014. Disponível em <<http://legis.serra.es.gov.br/normas/images/leis/html/L41402014.html>>. Acesso em 12 dez. 2016.

_____. Secretaria de Planejamento Estratégico. **Agenda do Futuro 2012 - 2032**. 2.ed. Serra: Prefeitura Municipal da Serra, 2012. 232 p.

_____. SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. **Plano de Desenvolvimento do Município da Serra**. Serra: Prefeitura Municipal da Serra, [201?].

_____. **Serra em Números 2016**. Anuário Municipal de Dados. 6. Ed. Serra: Prefeitura Municipal da Serra, 2016 (em fase de pré-publicação).

SERRA ES, fecha parques após morte de macacos por febre amarela. **Gazeta online**, Vitória, 26 fev. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/espirito-santo/noticia/2017/02/serra-es-fecha-parques-apos-morte-de-macacos-por-febre-amarela.html>>. Acesso em: 02 mai. 2017

SERRA inaugura Árvore de Natal. **Tribuna on line**. Vitória, 13 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.tribunaonline.com.br/serra-inaugura-arvore-de-natal/>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

SHOWS para inaugurar Árvore de Natal gigante na Serra. **TEMPO NOVO**, Vitória, 10 nov. 2015. Disponível em: < <https://www.portaltenponovo.com.br/arvore-de-natal-de-45-m-a-partir-desta-quinta-12-no-parque-da-cidade/>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

SILVA, E. A. R. da. **Interação social e envelhecimento ativo**: um estudo em duas praças de Natal/ RN. 2014. 290f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

SILVA, G. C.; LOPES, W. G. R.; LOPES, J. B. Aspectos relacionados ao uso e apropriação de praças em áreas centrais de cidades: transformações e permanências. **Revista Ra'ega**, Curitiba, n.18, p.59-78, 2009.

_____. Evolução, mudança de usos e apropriação de espaços públicos em áreas centrais. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, n.11, p. 197-212, jul./set. 2011.

SILVA, J. B.; PASQUALETTO, A. O caminho dos parques urbanos brasileiros: da origem ao século XXI. **Estudos**, Goiânia, v. 40, n. 3, p. 287-298, jun./ago. 2013.

SIQUEIRA, M. da P. S. **Industrialização e embobrecimento urbano**: o caso da Grande Vitória, 1950 – 1980. 2 ed. Vitória: Grafitusa, 2010.

SOMMER, Robert; SOMMER, Barbara. **A practical guide to behavioral research: Tools and Techniques**. 5nd ed. New York: Oxford University Press, Inc., 2002.

TEIXEIRA, E. C. **Meio Ambiente, Humanização da Cidade e Saneamento – Diagnóstico**. Planejamento Estratégico Agenda 21 – 2007/ 2027. Prefeitura Municipal da Serra, 2008.

TEIXEIRA, R. S. **Análise da apropriação pelos usuários de parques urbanos**: estudo de casos na Bacia da Pampulha - Belo Horizonte, MG. 2007. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Florestal) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Florestal, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2007.

TINSLEY, H. E. A.; TINSLEY, D. J.; CROSKEYS, C. E. Park Usage, Social Milieu, and Psychosocial Benefits of Park Use Reported by Older Urban Park Users from Four Ethnic Groups. **Leisure Sciences**, v. 24, p. 199-218, 2002.

TRINDADE, M. L. R. D. Avaliação pós-ocupação do Parque Jardim dos Namorados, Salvador / BA. 2007. 196f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental Urbana, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

VEITCH, J. et al. How active are people in metropolitan parks? An observational study of park visitation in Australia. **BMC Public Health**, v. 15, 610, 2015.

VIEGAS, C. C. L.; SILVA, E. A. R. da; ELALI, G. A. Um Oásis Urbano: Dois Estudos das Interações Pessoa-Ambiente na Praça Kalina Maia, Natal/ RN. **Psico**, v. 45, n. 3, p. 305-315, jul./ set. 2014.

VIEIRA, I. Um parque cultural. s.d. Disponível em: < http://www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/decio-tozzi_/parque-villalobos/237>. Acesso em: 02 set. 2016.

VILLA, S. B.; ORNSTEIN, S. W. Avaliação do Comportamento dos Usuários no Espaço Habitacional: métodos e reflexões. In: ENTAC 2006 - XI **ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO**, 2006, Florianópolis. ENTAC 2006 - A Construção do Futuro, 2006. p. 1397-1407.

VILLA, S. B. (Org.); ORNSTEIN, S. W. (Org.). Qualidade ambiental na habitação. Avaliação Pós-Ocupação. São Paulo: Oficina de Textos, 2013. v. 1. 400p.

VITÓRIA, Prefeitura Municipal de. Estado do Espírito Santo. **Parques da Cidade**. Cadernos Meio Ambiente, v.3, Vitória: Secretaria Municipal do Meio Ambiente, 1999. Ou parques da cidade.

WHYTE, W. H. **The social life of small urban spaces**. New York: Project for Public Spaces, 2004.

YIN, R. K. Estudo de caso – planejamento e métodos. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ZANOTELLI, C. L. et al. A explosão dos condomínios fechados na Região Metropolitana da Grande Vitória. **Geo-UERJ**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 23, p. 619-655, 2. sem. 2012. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

ZEISEL, John. **Inquiry by design**. Environment/ Behavior/Neuroscience in architecture, interiors, landscape and planning. Nova York: W. W. Norton & Company, 2006.

ANEXOS

ANEXO A –

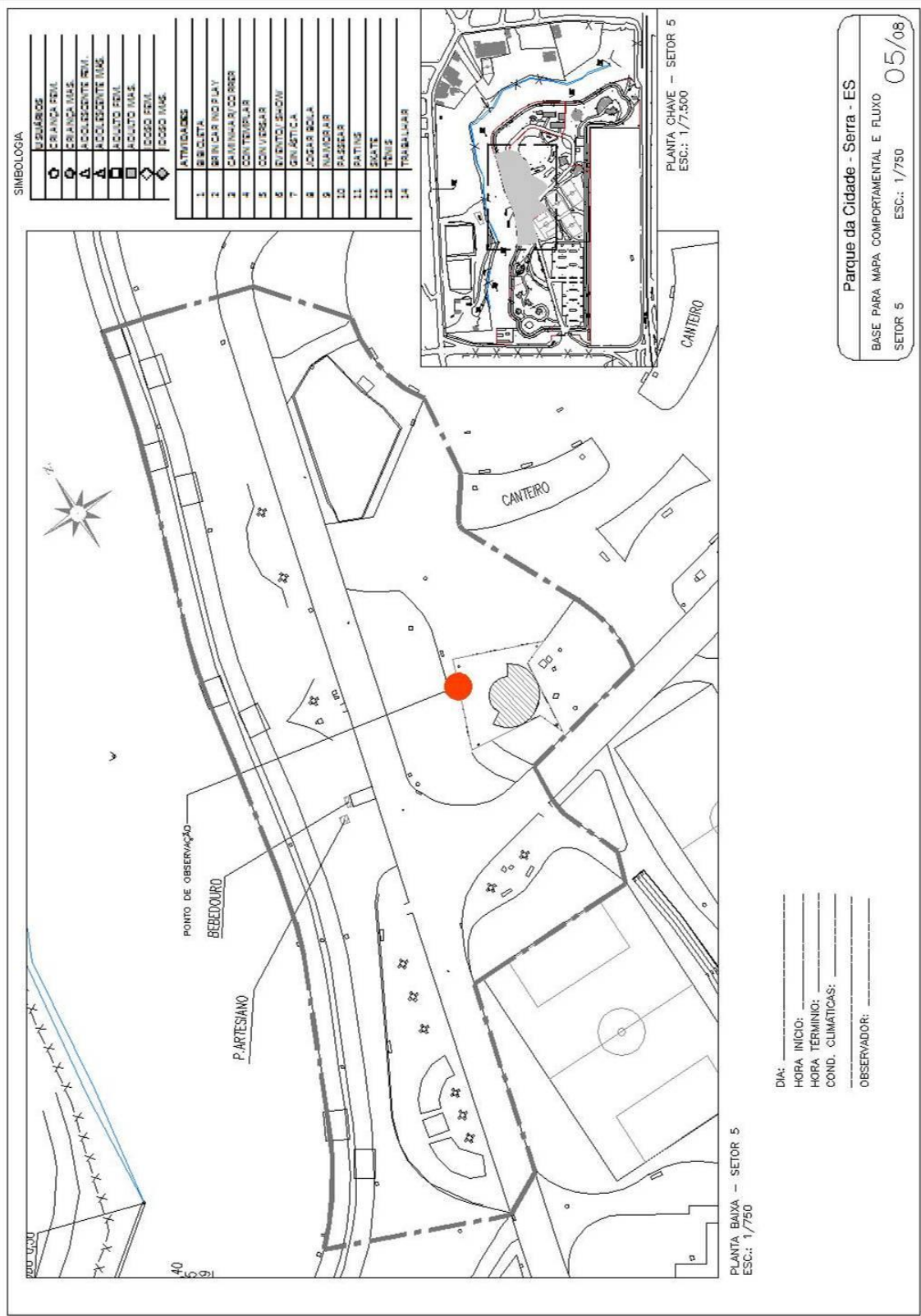
Rendimento por bairros.

Rendimentos por Bairros			José de Anchieta III	949	791,2
Município e Bairros	Variável		Lagoa Jacaraípe	839	876,0
	PESSOAS (1)	REND. MÉDIO MENSAL (2)	Laranjeiras Velha	2.764	1.158,7
Serra	219.042	1.106,1	Manguinhos	821	3.112,2
Alterozas	891	1.145,0	Manoel Plaza	1.784	1.453,9
André Carlone	3.787	1.191,8	Marbela	156	1.786,8
Bairro das Laranjeiras	7.167	1.107,0	Maringá	1.255	942,2
Bairro de Fátima	2.255	1.890,7	Mata da Serra	1.394	1.615,9
Bairro Novo	241	1.568,7	Morada de Laranjeiras	3.354	2.154,0
Balneário de Carapebus	2.114	974,4	Nossa Senhora da Conceição	807	918,4
Barcelona	7.423	1.338,6	Nova Almeida Centro	197	1.367,7
Barro Branco	473	958,4	Nova Carapina I	4.941	827,9
Belvedere	368	620,2	Nova Carapina II	3.733	805,1
Bicanga	883	1.527,1	Nova Zelândia	507	802,9
Boa Vista (Carapina)	1.464	937,4	Novo Horizonte	7.364	819,8
Boa Vista (Nova Almeida)	761	890,4	Novo Porto Canoa	2.489	898,8
Caçaroca	761	1.459,9	Ourimar	100	1.240,1
Camará	288	900,6	Parque das Gaivotas	1.739	777,7
Campinho da Serra I	616	740,9	Parque Jacaraípe	1.925	1.765,3
Campinho da Serra II	612	731,8	Parque Nova Fé	398	1.198,6
Cantinho do Céu	2.067	682,5	Parque Residencial Laranjeiras	5.004	1.976,4
Carapina Grande	6.172	999,4	Parque Residencial Mestre Álvaro	926	942,7
Cascata	1.624	724,9	Parque Residencial Nova Almeida	114	726,8
Castelândia	702	1.735,2	Parque Residencial Tubarão	1.750	864,5
Central Carapina	3.004	711,5	Pitanga	927	1.000,4
Centro da Serra	1.192	975,7	Planalto Carapina	1.575	1.137,3
Centro Industrial do Município	31	909,0	Planalto Serrano	6.935	686,2
Chácara Parreiral	546	1.667,3	Planície da Serra	402	1.451,5
Cidade Continental	5.819	1.202,3	Portal de Jacaraípe	568	1.595,3
Cidade Nova da Serra	229	569,9	Porto Canoa	1.692	1.390,0
Cidade Pomar	2.550	793,6	Praia de Capuaba	378	1.043,5
Civt I	8	725,0	Praia de Carapebus	2.926	991,0
Civt II	57	2.103,1	Praiamar	958	875,0
Colina da Serra	676	769,5	Reis Magos	425	1.559,0
Cond. Ecológico Parque da Lagoa	14	570,7	Residencial Jacaraípe	2.077	897,8
Conjunto Carapina I	1.365	1.650,4	Rosário de Fátima	974	1.331,5
Conjunto Jacaraípe	1.885	1.652,1	Santa Luzia	1.758	2.334,8
Costa Dourada	635	785,0	Santo Antônio	1.041	776,8
Costabela	511	1.361,0	São Diogo I	1.878	1.986,4
Diamantina	764	718,7	São Diogo II	498	1.772,8
Divinópolis	1.143	645,6	São Domingos	715	926,0
Eldorado	4.371	1.056,8	São Francisco	1.169	1.443,5
Enseada de Jacaraípe	598	1.094,1	São Geraldo	991	897,5
Estância Monazítica	1.050	2.212,2	São João	1.203	972,4
Eurico Sales	873	1.876,6	São Judas Tadeu	1.056	1.195,0
Feu Rosa	10.378	847,5	São Lourenço	432	1.139,1
Guaraciaba	1.230	1.398,8	São Marcos	2.882	826,5
Hélio Ferraz	1.759	1.452,8	São Patrício	673	1.263,9
Jardim Atlântico	1.781	1.771,8	São Pedro	400	1.066,3
Jardim Bela Vista	1.979	823,4	Serra Centro	1.110	1.513,1
Jardim Carapina	6.839	722,7	Serra Dourada I	2.235	1.078,6
Jardim da Serra	405	945,1	Serra Dourada II	3.594	1.051,3
Jardim Guanabara	518	960,2	Serra Dourada III	2.904	1.022,2
Jardim Limoeiro	4.048	1.302,1	Serramar	1.515	997,8
Jardim Primavera	181	1.056,2	Sítio Irema	231	1.463,9
Jardim Tropical	4.337	965,6	Solar de Anchieta	595	787,2
José de Anchieta	3.765	1.175,6	Taquara I	2.466	843,1
José de Anchieta II	2.055	713,9	Taquara II	1.280	849,0
José de Anchieta III	949	791,2	Terminal Intermodal da Serra	-	-
Lagoa Jacaraípe	839	876,0	Valparaíso	3.337	2.158,5
Laranjeiras Velha	2.764	1.158,7	Vila Maria Niobe	987	1.090,1
Manguinhos	821	3.112,2	Vila Nova de Colares	8.465	709,1
Manoel Plaza	1.784	1.453,9	Vista da Serra I	3.519	812,0
Marbela	156	1.786,8	Vista da Serra II	1.879	812,3
Maringá	1.255	942,2	1 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, com rendimento (Pessoas)		
Mata da Serra	1.394	1.615,9	2 - Valor do rendimento nominal médio mensal das pessoas de 10 anos ou mais de idade, com rendimento (Reais)		
Morada de Laranjeiras	3.354	2.154,0	Nota:		
Nossa Senhora da Conceição	807	918,4	1 - Dados do Universo.		
			Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2010		

APÊNDICES

APÊNDICE A –

Exemplo de Mapa comportamental por setor.



APÊNDICE B –

Questionário aplicado com usuário



Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU

QUESTIONÁRIO APLICADO COM ENTREVISTA AOS USUÁRIOS DO PARQUE DA CIDADE

Este questionário faz parte de dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFES, que investiga os usos e preferências dos usuários do Parque da Cidade, e para tal gostaria de contar com sua participação. Informo que as informações prestadas permanecerão no anonimato. Agradeço desde já sua colaboração. Qualquer informação falar com Daniela de Paula, e-mail: dpaula.vit@gmail.com

Entrevistado n.: Data: Dia: Horário:

1) Quantas vezes você costuma vir ao Parque?

- () 1 vez por semana () 2 a 3 vezes por semana
 () 4 a 6 vezes por semana () diariamente
 () mensalmente. Quantas vezes:
 () outro. Especificar:

1.1) Você é um frequentador:

- () de final de semana () de dia de semana
 () ambos

1.2) Que horário você costuma vir ao Parque?

- () manhã () tarde () noite

1.3) Quanto tempo, em média, você fica no parque?

- () < de 1 hora () de 1 a 2 horas () > de 2 horas

2) Qual(is) atividade(s) você pratica no parque?

- () 1. Esporte: jogar bola, ginástica, correr, caminhada.
 () 2. Lazer: skate, patins, bicicleta, brincar.
 () 3. Passeio: conversar, contemplar, passear.
 () 4. Outro. Especificar:

3) Há quanto tempo você frequenta o parque?

- () < 1 ano () de 1 a 3 anos () 4 anos ou mais

3.1) Sendo um frequentador mais antigo, você passou a vir ao parque com mais frequência nos últimos 3 anos?

- () sim
 () não, continuo vindo com a mesma frequência.
 () não, passei a vir menos ao parque.

3.2) Caso afirmativo, indique os motivos (em ordem de prioridade, numere de 1 a 6) pelos quais você passou a frequentar mais o parque?

- () Por ser um espaço seguro
 () Pela diversidade de opções de lazer e esporte
 () Ambiente agradável, bonito e bem cuidado
 () Contato com a natureza
 () Ações recentes da administração pública em incorporar novos usos (institucionais, lanchonete, eventos) a espaços desocupados
 () Outro. Qual:

3.3) O que você acha de setores da Secretaria de Defesa Social da Prefeitura da Serra instalados dentro do parque?

- () Bom () Ruim () Não faz diferença

Porque?

3.4) O que você acha dos espaços hoje ocupados por esses setores da prefeitura, funcionarem com os usos a que foram destinados originalmente como café, revistaria, floricultura e Centro de Educação Ambiental?

- () Bom () Ruim () Não faz diferença

Porque?

3.5) Do que você mais gosta no Parque?**3.6) Na sua opinião, o que você acha que pode ser melhorado? E o que falta no Parque?**

M:

F:

4) Você frequenta a praça do seu bairro ou outro espaço aberto de lazer na Serra?

- () sim () não

4.1) Caso afirmativo, com que frequência você costuma ir a esses locais?

- () diário () semanal () esporadicamente

() outro. Especifique:

4.2) Caso negativo, qual(is) o(s) motivo(s) de não frequentá-los?

- () insegurança () faltam bancos, equipamentos de lazer, quadra e outros

- () pouca sombra () pouca iluminação

() outro. Qual?

Perfil do usuário:

Gênero: () Masculino () Feminino

Bairro de residência:

Faixa etária:

- () 15 a 17 anos () 18 a 29 anos () 30 a 44 anos

- () 45 a 59 anos () ≥ 60 anos

Escolaridade:

- () fundamental incompleto () fundamental

- () médio incompleto () médio

- () superior incompleto () superior

- () pós-graduação

Profissão:

APÊNDICE C –

Roteiro da entrevista aplicada com o Administrador do Parque



Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU/ UFES

ROTEIRO DE ENTREVISTA AO ADMINISTRADOR DO PARQUE DA CIDADE – SERRA – ES

Esta entrevista faz parte da dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFES, que investiga os usos e as percepções dos usuários sobre o Parque da Cidade, e para tal gostaria de contar com sua participação. Agradeço sua colaboração. Qualquer informação falar com Daniela de Paula, e-mail: dpaula.vit@gmail.com / (27) 98123.8981.

Data:	Dia:	Horário:	Local:
Nome Completo:			
Cargo/atividade:			
Profissão: Idade:			

- 1) Quantos funcionários trabalham no parque? Quais são suas funções?
- 2) Existe vigilância constante no parque? Como esta é realizada?
- 3) São constatados casos de vandalismo, assalto ou outro ato ilícito no parque?
- 4) Quais os problemas com relação à infraestrutura do parque – edificações, equipamentos e outros? O que não funciona bem?
- 5) Quantas pessoas frequentam o parque em média atualmente (por dia)? É realizado esse levantamento e/ ou aferição? De que forma? Desde que ano é possível obter esses dados?
- 6) Que atividades acontecem atualmente no parque (aulas/ oficinas/ eventos)?
- 7) Que ações referentes à educação ambiental são desempenhadas no parque? Você acha que essas atividades deveriam ser mais valorizadas?
- 8) Todas as atividades são mantidas com recursos públicos? Ou são provenientes de outras fontes: iniciativa privada, sociedade civil ou voluntariado?
- 9) Como são realizados os eventos? É feito um agendamento prévio? Que tipo de evento é permitido?
- 10) Na sua opinião, você acha que houve um aumento de utilização do parque da Cidade nos últimos 3 ou 4 anos? O que provocou esta mudança?
- 11) Na sua avaliação, a instalação de usos institucionais foi bom para o Parque? Porque?
- 12) O que você acha que o Parque representa para o Município da Serra?

APÊNDICE D –

Modelo de Questionário aplicado com o Gestor Público



Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU/ UFES

QUESTIONÁRIO A SER APLICADO AO GESTOR PÚBLICO

PARQUE DA CIDADE – SERRA – ES

Esta entrevista faz parte da dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFES, que investiga os usos e as percepções dos usuários sobre o Parque da Cidade, e para tal gostaria de contar com sua participação. Agradeço sua colaboração. Qualquer informação falar com Daniela de Paula, e-mail: dpaula.vit@gmail.com / (27) 98123.8981

Data:	Dia:	Horário:	Local:
Nome Completo:			
Cargo/atividade:			
Profissão:			
Idade:			

- 1) Quantos parques o Município da Serra possui?
- 2) Quais as competências e responsabilidades da Secretaria Municipal de Meio Ambiente com os parques do Município? E especificamente com o Parque da Cidade, existe alguma particularidade na sua gestão?
- 3) Existe um Conselho do Parque da Cidade? Como este funciona, quem são seus representantes, qual a periodicidade das reuniões e suas atribuições?
- 4) O administrador do Parque da Cidade me relatou que ele realiza uma aferição estimada do número de visitantes do Parque, de tempos em tempos. Existe algum outro dado, levantamento e/ou estimativa realizada com esta finalidade? Se existe, quais são e como são realizados? Desde que ano é possível obter esses dados?
- 5) Você tem conhecimento de como se deu o processo de construção deste Parque e o que motivou sua construção? Em que ano foi construído? Foi uma demanda da comunidade, da administração, ou de outro segmento? Caso não tenha esta informação você pode me indicar um técnico mais antigo da sua secretaria que possa contribuir com estas questões?
- 6) Quais alterações físicas ocorreram no Parque ao longo do tempo, desde sua construção (demolições, retiradas, construções, etc.)? Estas foram motivadas pelo que? Caso não tenha esta informação você pode me indicar um técnico mais antigo da sua secretaria que possa contribuir com estas questões?
- 7) Com relação à infraestrutura do Parque, atualmente existe alguma edificação ou equipamento projetado que não é muito utilizado, não funciona bem ou está sem uso? Por quê?
- 8) Existe a previsão de planos ou projetos futuros a serem implantados no Parque da Cidade? Quais são?



- 9) E no seu entorno, você tem conhecimento de alguma interferência (viária, fundiária, etc.) prevista que poderia afetar o Parque?
- 10) Com relação aos serviços prestados que foram licitados? Quais são? Atendem bem? Existe a previsão de novas licitações ou de parcerias com setor privado e demais segmentos para oferta de novos serviços?
- 11) Com relação aos serviços oferecidos à comunidade como aulas (ginástica, tênis, orientação ao exercício, etc) e outras atividades diversas (artesanato), como são viabilizados (por contrato, voluntariado, funcionários da própria prefeitura, etc.)?
- 12) Com relação ao programa de Educação Ambiental no Parque, como funciona e que tipos de serviços são oferecidos? As instalações são adequadas para o funcionamento deste serviço?
- 13) O Parque está localizado parcialmente em uma Área de Preservação Ambiental que compreende o Córrego Laranjeiras. Quais as características dessa área e quais as medidas de proteção ambiental para a mesma? Estão previstas ações de recuperação ambiental para o córrego e mata? Você acha que esta área poderia ser melhor explorada pelo Parque com algum uso ou atividade compatível com as suas restrições legais e ações especialmente destinadas ao Programa de Educação Ambiental ou outras? Qual (is)?
- 14) Com relação ao serviço de vigilância do Parque, como é realizado? Existe previsão de melhoria?
- 15) Na sua opinião, você acha que houve um aumento de utilização do Parque nos últimos 3 anos (desde meados de 2013), com relação ao que era antes? Caso afirmativo, o que você acha que provocou esta mudança?
- 16) Há pouco tempo foram instalados alguns setores da Prefeitura da Serra (Secretaria de Defesa Civil e Guarda Municipal de Trânsito) no Parque. Como se deu esta demanda, o que motivou este fato? Você acha que a instalação desses usos institucionais foi bom para o Parque? Por quê?
- 17) O que você acha que o Parque da Cidade representa para o Município da Serra?

MUITO OBRIGADA PELAS INFORMAÇÕES!

APÊNDICE E –

Roteiro da entrevista aplicada com o Representante da Comunidade



Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU/ UFES

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O REPRESENTANTE DA COMUNIDADE

PARQUE DA CIDADE – SERRA – ES

Esta entrevista faz parte da dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFES, que investiga os usos e as percepções dos usuários sobre o Parque da Cidade, e para tal gostaria de contar com sua participação. Informo que as informações prestadas serão **gravadas** e permanecerão no **anonimato**. Agradeço desde já sua colaboração. Qualquer informação falar com Daniela de Paula, e-mail: dpaula.vit@gmail.com

Data: Dia: Horário: Local:
 Nome Completo:
 Cargo/atividade:
 Profissão: Idade:

1ª. parte – Perguntas:

- 1) Você faz parte do conselho do Parque da Cidade? Qual o seu papel neste conselho?
- 2) Como se dá a relação dos moradores do bairro com o Parque da Cidade? Eles procuram o parque mais para que? Quais as atividades desenvolvidas por eles, vão com muita frequência, qual o perfil dos usuários (são mais idosos, mulheres, crianças)? Tem algum grupo específico que frequenta (skatistas, esportistas), você tem conhecimento disto? Eles gostam do espaço? Quais as principais demandas relatadas?
- 3) Com relação aos serviços ofertados (as aulas, orientação ao exercício físico, oficinas artesanato, futsal, programa de educação ambiental), você os considera bons, regulares ou ruins? Por quê? E o que você acha que possa ser melhorado quanto a este item?
- 4) Com relação ao programa de Educação Ambiental, você tem conhecimento deste e como funciona? A sua comunidade participa, as escolas do seu bairro já programaram visitas lá? Qual sua opinião sobre o mesmo? Está bom assim ou poderia ser melhorado, como?
- 5) Com relação à segurança, como você avalia esse item?
- 6) Com relação ao conforto, você acha que o Parque é bem arborizado, tem bancos suficientes, cobertura para proteger do sol? E com relação aos banheiros e bebedouros são adequados?
- 7) Na sua opinião, você acha as pessoas passaram a frequentar mais o Parque nos últimos 4 anos (desde meados de 2013) com relação ao período anterior? Porque? O que você acha que provocou esta mudança?
- 8) Você acha que a instalação de usos institucionais (Secretaria de Defesa Civil e Guarda Municipal de Trânsito) foi bom para o Parque? Por quê?



- 9) E se essas edificações onde foram instalados os setores da prefeitura passassem a funcionar com outros usos voltados para suporte às atividades de lazer como sorveterias, aluguel de equipamentos e acessórios de lazer ou usos que estavam previstos no projeto original do parque como revistaria, café, floricultura e um Centro de Educação Ambiental com auditório e área de exposição? Você acha que seria bom? Ou preferiria outros usos? Quais?
- 10) E no seu bairro, existem outros espaços livres para o lazer da população? Quais? E que estado (de conservação) se encontram? Quais são os equipamentos disponíveis nos mesmos? Os moradores os utilizam frequentemente ou são subutilizados? Caso sejam pouco utilizados, você pode me relatar o que precisa ser melhorado nestes espaços ou o que eles precisam ter para que se tornem mais atrativos à população do bairro?
- 11) Quais as suas expectativas e da comunidade para com o Parque da Cidade?
- 12) Você acha que faltam mais parques no Município da Serra?
- 13) O que você acha que o Parque representa para a Serra?

1ª. parte – Perguntas: Walkthrough

Em cada ambiente perguntar:

- O que você considera importante neste ambiente?
- O que funciona e o que não funciona?
- O que deve ser mantido como está e que dever ser melhorado ou alterado?
- O que você acha que falta aqui?
- Mais alguma coisa sobre este espaço a acrescentar?

MUITO OBRIGADA!

APÊNDICE F – Roteiro da entrevista com usuário

ROTEIRO DA ENTREVISTA ESTRUTURA COM USUÁRIO

Esta entrevista é parte de uma pesquisa de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo que investiga os usos e percepções dos usuários do Parque da Cidade, e para tal gostaria de contar com sua participação. A entrevista será gravada e você não será identificado nesta pesquisa. Agradeço desde já sua colaboração. Qualquer informação falar com Daniela de Paula, e-mail: dpaula.vit@gmail.com.
Cel.: (27) 98123.8981

ENTREVISTA N.º: _____	DIA: _____	DATA: _____	HORÁRIO: _____	OBS.: _____
-----------------------	------------	-------------	----------------	-------------

1) Quando você pensa no Parque da Cidade quais são as primeiras palavras que lhe vem à cabeça (até três)?

I. _____

II. _____

III. _____

2) O que te atrai a este lugar? O que te motiva vir aqui?

3) Quantas vezes você costuma vir ao Parque?

() 1 vez por semana

() 2 a 3 vezes por semana

() 4 a 6 vezes por semana

() todo dia

() mensalmente. Quantas vezes: _____

() outro. Especificar: _____

3.1) Você é um frequentador de:

() final de semana () dia de semana () ambos

3.2) Qual horário você costuma vir ao Parque?

() início da manhã

() meio/final da manhã

() início da tarde

() meio/final da tarde

() noite (a partir das 18 horas)

3.3) Quanto tempo, em média, você fica no Parque?

() menos de 1 hora () de 1 a 2 horas () mais de 2 horas

3.4) Ao vir ao parque, de que local você costuma vir?

() de casa.

() do trabalho. Onde? _____

() da escola. Onde? _____

() outro. Qual? _____

3.5) Geralmente, você utiliza que meio de transporte para vir ao parque?

() ônibus () carro () bicicleta () a pé

() outro. Qual: _____

3.6) O que você costuma fazer aqui (máx. 3)?

() jogar bola

() fazer ginástica

() caminhar ou correr

() andar de skate/patins/patinete

() andar de bicicleta

() trazer os filhos para brincar

() encontrar e/ou conversar com pessoas

() sentar e/ou contemplar a paisagem

() passear com família/amigos/filhos

() outras. Quais? _____

4) Há quanto tempo você frequenta o parque?

() já menos de 01 ano

() já entre 2 e 3 anos

() já mais de 3 anos

4.1) (somente para os que responderam opção c) Você passou a vir com mais frequência ao parque, nos últimos 03 anos?

() sim

() não, continuo vindo com a mesma frequência

() não, passei a vir menos ao parque.

4.2) Você acha que nos últimos 03 anos houve mudanças no Parque? Mudou para melhor ou pior? Elas fizeram com que você viesse mais ou menos? Ou você passou a vir mais ou menos por motivos pessoais (trabalho, casa, companhia)?

4.3) O que você acha da Guarda de Trânsito e da Defesa Civil funcionarem dentro do Parque?

() Bom () Ruim () não faz diferença

Por que? _____

4.4) Os lugares onde estes setores funcionam eram para ser uma floricultura, uma banca de revista, um café e um Centro de Educação Ambiental com auditório. O que você acha dessas edificações voltarem com estes usos?

() Bom

() Ruim, prefiro do jeito que está (usos institucionais)

() Ruim, prefiro outros usos.

() Não faz diferença

Por que? _____

Quais outros usos você acha interessante ter?

5) Do que você mais gosta no parque (até três itens)?

() natureza/verde

() espaço bonito e bem cuidado

() contato com outras pessoas/gosto de ver gente

() tranquilidade/calma

() por ser próximo de casa

() pista caminhada

() quadras de esporte

() academia

() espaços para andar de skate, patins, patinete, etc.

() playground

() serviços oferecidos (aulas, educação ambiental, eventos)

() outro. Qual? _____

5.1) O que você acha que pode ser melhorado no Parque, em termos de equipamentos, conforto, árvores, segurança, serviços oferecidos e outros?

5.2) O que você acha que não tem neste Parque, que seria interessante ter?

5.3) Sobre os itens presentes no Parque, qual a sua opinião?

Itens	Bom	Regular	Ruim
Acesso/entradas			
Beleza/Aparência			
Natureza/verde			
Árvore/Sombra			
Bancos/local para sentar			
Pista de caminhada			
Quadras de esporte			
Campo de futebol			
Esp. p/ patins, skate, bike			
Pista de skate			
Academia ginástica			
Bromeliário/viveiro plantas			
Playground			
Iluminação			
Bebedouros			
Banheiros			
Lanchonete			
Limpeza/Manutenção			
Aulas/serviços oferecidos			
Segurança			

6) Como você se sente quando vem ao Parque? Você vê alguma diferença de quando entra e sai do Parque, em termos de cansaço, bem-estar físico, fica mais animado, etc.?

7) Você frequenta a praça do seu bairro ou de outro local?
() Sim. Qua (is)?

Com que frequência você vai a estes lugares?

- () diário
- () semanal
- () mensal
- () periódico
- () outro. Qual?

O que te atrai à esta(s) praça(s)?

() Não.

Qual (is) o (s) motivo (s) de não frequentá-los?

- () insegurança
- () equipamentos ruins: bancos, quadra, brinquedos
- () pouca sombra
- () iluminação insuficiente
- () outro. Qual (is)?

7.1) Você frequenta outros parques, não só do Município da Serra?

() sim. Qual (is)?

O que te atrai à este(s) parque(s)?

() não. Porque?

Perfil do usuário

Idade: _____ Gênero: () Masc. () Femin.

Escolaridade: _____

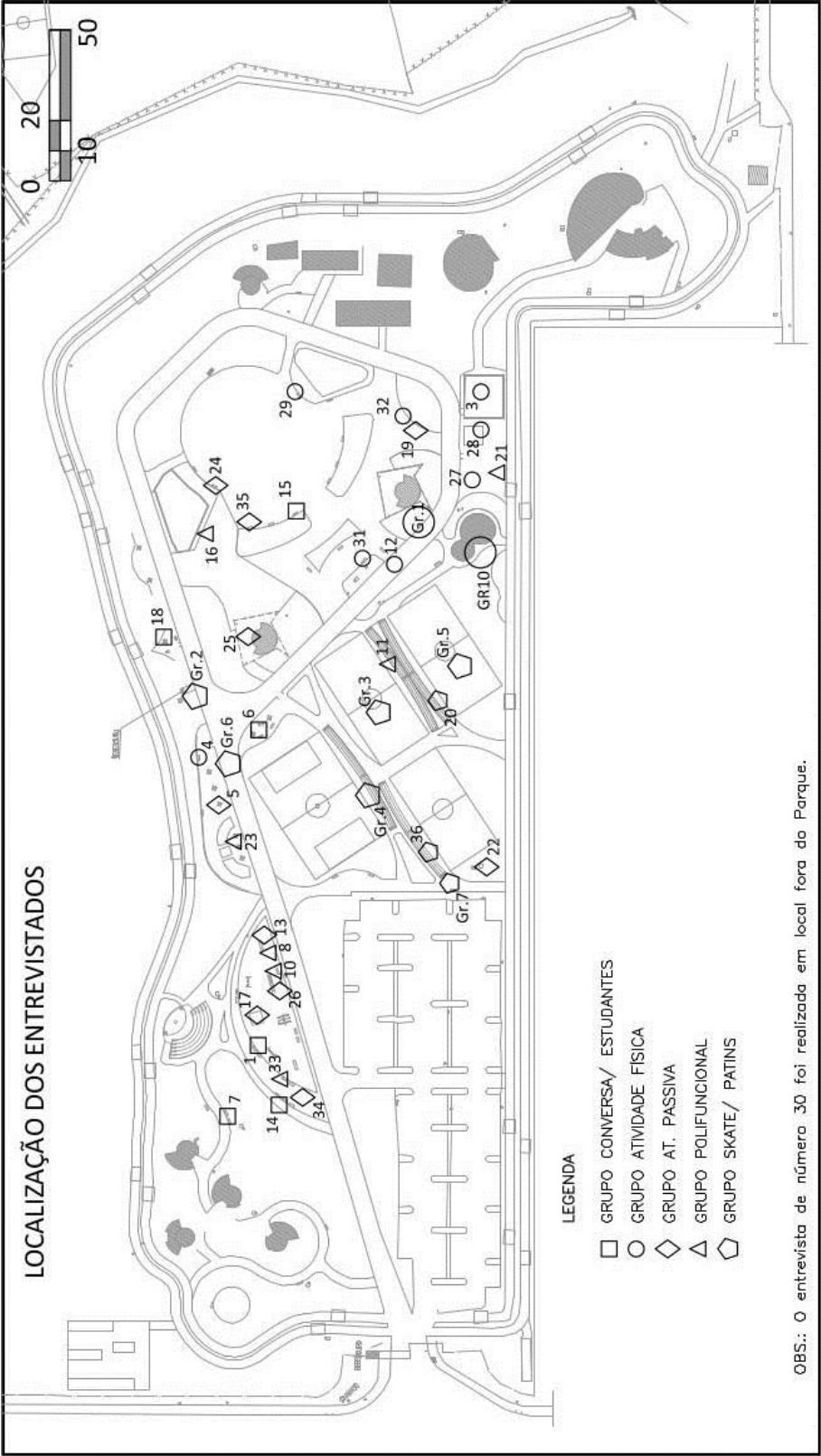
Profissão: _____

Local de moradia: _____

MUITO OBRIGADA PELA SUA PARTICIPAÇÃO!

APÊNDICE G -

Mapa com localização dos entrevistados



APÊNDICE H -



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
Centro de Artes
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Sr.(a) _____ foi convidado (a) a participar da pesquisa de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo intitulada "USOS E DESUSOS DE PARQUES URBANOS CONTEMPORÂNEOS: ESTUDO DE CASO PARQUE DA CIDADE – SERRA – ES", sob a responsabilidade da arquiteta e aluna DANIELA DE PAULA.

Esta pesquisa se fundamenta na importância dos espaços livres públicos, e em especial dos parques urbanos, para o bem-estar físico e mental dos indivíduos, socialização e promoção do lazer à população, além dos inúmeros benefícios ambientais. Os estudos sobre os diversos aspectos dos espaços livres como conforto, segurança, morfologia, etc., e principalmente das relações ambiente – comportamento contribuem para o maior entendimento, e consequente melhoria desses espaços.

O objetivo desta pesquisa é compreender o papel do parque urbano contemporâneo utilizando como estudo de caso o Parque da Cidade, situado no Município da Serra, Estado do Espírito Santo. Pretende-se com este estudo, identificar a situação atual de uso do Parque da Cidade e a compreensão da percepção dos seus usuários sobre o mesmo. Além da revisão bibliográfica sobre o tema, a pesquisa utiliza técnicas e procedimentos variados como mapas comportamentais, entrevistas com pessoas específicas ligadas ao Parque e entrevistas com usuários.

Sua participação acontecerá por meio de entrevistas realizadas com pessoas presentes no Parque (**usuários**), selecionadas de forma aleatória. As perguntas das entrevistas referem-se à frequência e regularidade de uso, atividades desenvolvidas, investigação de uso passado, percepções de mudança, preferências, expectativas e demandas, sensações despertadas e significados atribuídos ao espaço. As entrevistas serão gravadas para facilitar o registro das respostas do tipo abertas e terão a duração aproximada de 15 a 30 minutos.

Os riscos e danos gerados com a pesquisa são de grau mínimo compreendendo a possibilidade de gerar possíveis acanhamentos durante a entrevista e expectativas com a execução de reforma e melhorias no Parque. Para evitar ou amenizar tais situações será esclarecido previamente o direito ao anonimato (permitindo que se sintam mais à vontade em participar) e a garantia em deixar de participar da pesquisa, a qualquer tempo. É importante também esclarecer aos participantes que esta pesquisa visa o estabelecimento de análises e reflexões, não contemplando nenhum tipo de proposta de intervenção física ou viabilização de melhoria no ambiente estudado.

Os resultados desta pesquisa, além de contribuir com estudos sobre o tema, podem embasar projetos futuros de requalificação do Parque e auxiliar no planejamento de novos espaços de lazer para a cidade. Além disso, o contato com pesquisa de pós-graduação e a oportunidade de



discutir e analisar o parque, contribuindo para a auto-reflexão e conscientização, empoderando o entrevistado a respeito de seus direitos à cidade e espaços urbanos de qualidade configuram-se como benefícios diretos aos participantes desta pesquisa.

A sua participação será concedida uma única vez, não sendo necessário nenhum tipo de acompanhamento e assistência por parte do pesquisador. O(A) Sr.(a) não é obrigado(a) a participar da pesquisa, podendo deixar de participar da mesma em qualquer momento de sua execução, sem que haja penalidades ou prejuízos decorrentes de sua recusa. Caso decida retirar seu consentimento, o(a) Sr.(a) não será mais contatado(a) pela pesquisadora. Sua identidade não será revelada durante todas as fases da pesquisa, inclusive após sua publicação. Pela sua participação, você não receberá qualquer valor em dinheiro e terá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da entrevista não serão de sua responsabilidade. Serão tomadas todas as medidas cabíveis para evitar e/ou amenizar, ao máximo, os possíveis danos já relatados. Ainda assim, será garantida indenização ao participante desta pesquisa em caso de eventual dano, conforme preconiza a resolução 466/2012.

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa ou para relatar algum problema, o(a) Sr.(a) pode contatar a pesquisadora DANIELA DE PAULA no telefone (27) 98123.8981 ou e-mail: dpaula.vit@gmail.com. O Sr. (a) também pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo (CEP/UFES) através do telefone (27) 3145-9820, e-mail: cep.ufes@gmail.com ou correio: Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, UFES/Campus Goiabeiras. Prédio Administrativo do Centro de Ciências Humanas e Naturais. Campus Universitário de Goiabeiras, Av. Fernando Ferrari, s/n, Vitória - ES, CEP: 29060-970. O Comitê de Ética em Pesquisa da UFES tem a função de analisar projetos de pesquisa visando à proteção dos participantes dentro de padrões éticos nacionais e internacionais, e deve ser contatado no caso de denúncias e/ou intercorrências na pesquisa.

Declaro que fui verbalmente informado e esclarecido sobre o presente documento, entendendo todos os termos acima expostos, e que voluntariamente aceito participar deste estudo. Também declaro ter recebido uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de igual teor, assinada pela pesquisadora principal ou o seu representante, rubricada em todas as páginas.

Serra, ____ de _____ de _____.

Participante da Pesquisa/ Representante Legal

Na qualidade de pesquisadora responsável pela pesquisa "USOS E DESUSOS DE PARQUES URBANOS CONTEMPORÂNEOS: ESTUDO DE CASO PARQUE DA CIDADE – SERRA – ES", eu, DANIELA DE PAULA, declaro ter cumprido as exigências do (s) item (s) IV.3, da Resolução CNS 466/12, a qual estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Daniela de Paula

APÊNDICE I – Matrizes de Atividades

Matriz da 2ª. etapa da campo

Matriz para a Atividade
caminhada

[illegible]

	Caminhar/correr		
Dia de semana	Sexo		
	M	F	T
06:00 às 08:00	24	26	50
08:00 às 10:00	5	4	8
10:00 às 12:00	1		1
12:00 às 14:00			0
14:00 às 16:00	1		1
16:00 às 18:00	15	9	23
18:00 às 20:00	39	23	61
20:00 às 22:00	11	6	17

	Caminhar/correr		
Final de semana	Sexo		
	M	F	T
06:00 às 08:00	7	4	11
08:00 às 10:00	11	3	14
10:00 às 12:00	7	2	9
12:00 às 14:00			0
14:00 às 16:00	1		1
16:00 às 18:00	11	4	15
18:00 às 20:00	5	2	8
20:00 às 22:00	1		1

Matriz da 1ª. etapa da campo

Matriz para a Atividade
caminhada

[illegible]

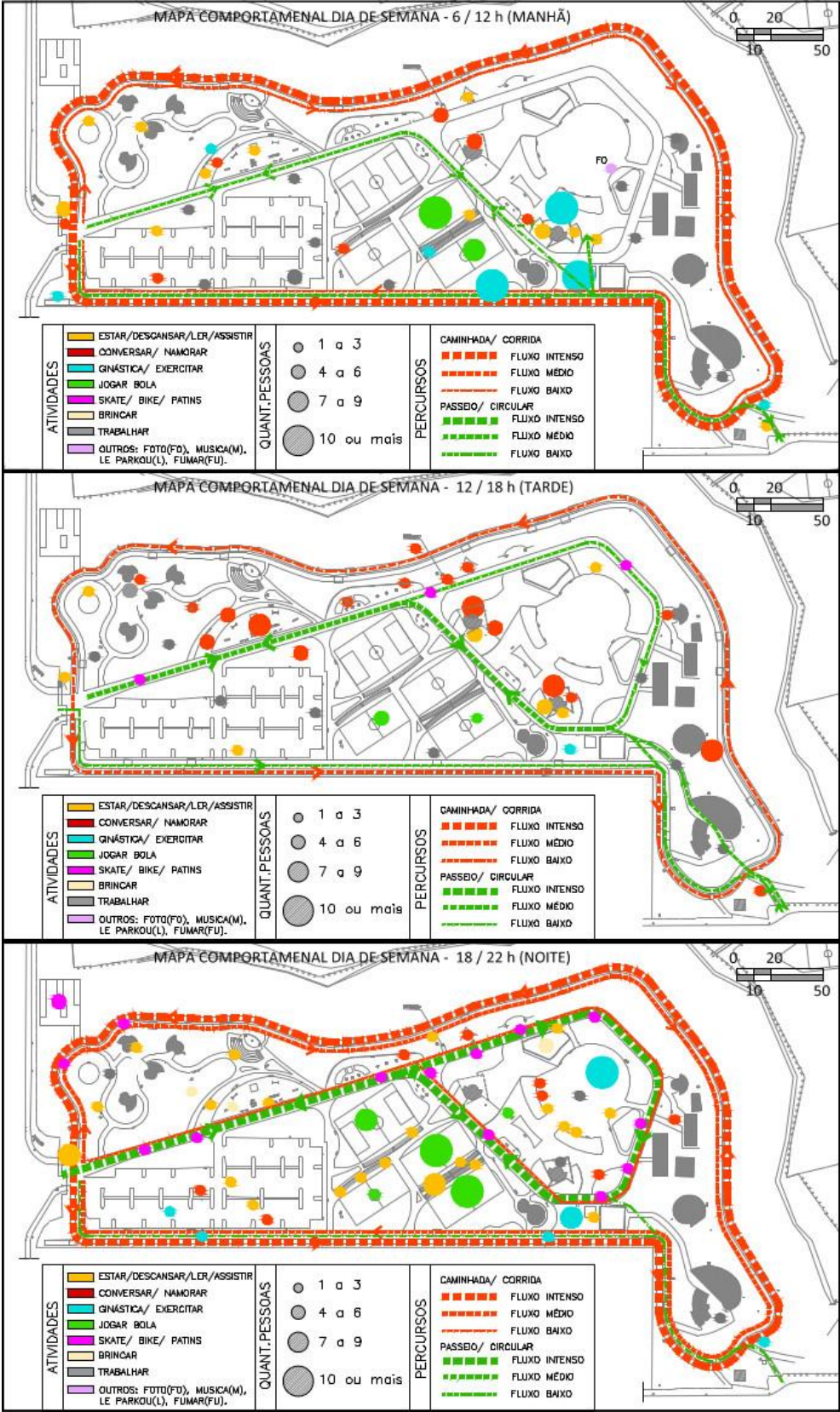
	Caminhar/correr		
Dia semana	Sexo		
	M	F	T
06:00 às 08:00	32	36	68
08:00 às 10:00	12	9	21
10:00 às 12:00	2	1	3
12:00 às 14:00	0	0	0
14:00 às 16:00	1	2	3
16:00 às 18:00	4	3	6
18:00 às 20:00	46	37	83
20:00 às 22:00	18	15	33

	Caminhar/correr		
Dia semana	Sexo		
	M	F	T
06:00 às 08:00	14	11	26
08:00 às 10:00	7	4	12
10:00 às 12:00	3	4	6
12:00 às 14:00	0	0	0
14:00 às 16:00	1	0	1
16:00 às 18:00	8	5	13
18:00 às 20:00	9	4	12
20:00 às 22:00	1	1	2

Considerar valores da caminhada/ corrida, na tabela específica em função do cálculo da média de usuários por setor, explicado na seção 3.3.2.

APÊNDICE J –

Mapas comportamentais de dia de semana - Etapa exploratória



APÊNDICE L -

Mapas comportamentais de final de semana - Etapa exploratória

